

**Instituto Politécnico de Portalegre**

**Escola Superior de Educação e Ciências Sociais**

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

**As Associações Desportivas e Artísticas Como Espaços  
Promotores do Desenvolvimento e Inclusão de  
Crianças e Jovens em Risco. Um Campo de  
Intervenção para o Serviço Social.**

Dissertação de Mestrado

Orientador:

João Emílio Alves

Mestranda:

Francisca Vieira

Portalegre

2022

**Instituto Politécnico de Portalegre**

**Escola Superior de Educação e Ciências Sociais**

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

**As Associações Desportivas e Artísticas Como Espaços  
Promotores do Desenvolvimento e Inclusão de  
Crianças e Jovens em Risco. Um Campo de  
Intervenção para o Serviço Social.**

Dissertação de Mestrado

Orientador:

João Emílio Alves

Mestranda:

Francisca Vieira

Portalegre

2022

**Instituto Politécnico de Portalegre**

**Escola Superior de Educação e Ciências Sociais**

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

**As Associações Desportivas e Artísticas Como Espaços  
Promotores do Desenvolvimento e Inclusão de  
Crianças e Jovens em Risco. Um Campo de  
Intervenção para o Serviço Social.**

Dissertação de Mestrado

**Constituição do Júri:**

**Presidente:** Professora Doutora Luísa Maria Serrano de Carvalho

**Arguente:** Professor Doutor António Geraldo Manso Calha

**Orientador:** Professor Doutor João Emílio Alves

Portalegre

2022

## Dedicatória

Esta dissertação de mestrado é dedicada primeiramente aos meus pais, Verónica Figueiredo e Fernando Vieira. Se cheguei até aqui foi graças aos esforços que fizeram ao longo destes anos de estudo, ao apoio que sempre me deram, estando sempre disponíveis para me dar colo, uma palavra amiga ou um incentivo a dar mais de mim, bem como à educação com a qual me criaram e tornaram na pessoa que sou hoje e, conseqüentemente, responsáveis por ter escolhido este caminho. Espero deixar-vos sempre orgulhosos dos meus passos.

É ainda dedicada ao meu noivo, que ganhou esse título enquanto desenvolvia a presente tese, e que foi o meu suporte e maior incentivador à conclusão deste trabalho. Sem a tua paciência e apoio não teria sido possível. Que continuemos sempre a ser o maior apoio um do outro e que enquanto um precisar de se dedicar a algo, que o outro esteja sempre lá para o ajudar.

Por fim, dedico ao meu avô João que partiu por culpa da Covid-19, na segunda grande vaga em janeiro de 2021, quando ia iniciar o desenvolvimento da presente tese. Foi graças a ti que ganhei forças para me dedicar a este estudo e por isso, esta é para ti. Onde quer que estejas, espero que estejas orgulhoso de mim.

“Não se deve ir atrás de objetivos fáceis, é preciso procurar o que só pode ser alcançado através dos maiores esforços.”

Albert Einstein

## Agradecimentos

Aos meus pais, a quem dediquei esta dissertação de mestrado, a minha eterna gratidão por tudo aquilo que fizeram para me permitir chegar onde cheguei, por me terem dado sempre asas para voar e nunca me prenderem com medo que voasse alto demais. Obrigada por me ensinarem a ir sempre mais além, obrigada por tudo.

Ao meu noivo, por todas as horas que “nos roubei” para me dedicar a este trabalho, pelas mudanças de humor, pela frustração, stress e cansaço próprio do desenvolvimento de um trabalho desta dimensão, obrigada por teres permanecido sempre a meu lado, compreendendo todo este processo e incentivando para não desistir, até “puxando as orelhas” quando a preguiça teimava em aparecer. Obrigada por todo o amor que me tens dado, por todos os jantares e lanches que fizeste para eu me dedicar única e exclusivamente à tese, obrigada por tudo.

Obrigada às minhas estrelas que me deram forças para seguir em frente e para me agarrar com toda a força a este trabalho, em particular àquela que perdi no caminho.

Agradeço ainda a todos os que participaram neste estudo, obrigada pelo vosso tempo, dedicação e disponibilidade.

Por fim, obrigada ao meu Orientador, Professor Doutor João Emílio Alves, fonte de conhecimento e sabedoria, sempre disponível, prestável e incentivando a que nunca desistisse, apesar de todas as adversidades que apareceram.

A todos, a minha eterna gratidão!

## Resumo

O presente trabalho pretende estudar o impacto e a influência que as associações desportivas e/ou artísticas têm na vida de crianças e jovens, particularmente daquelas que se encontram em situação de risco, e se a inserção do serviço social nesta área poderá melhorar a situação vivida por estas famílias.

Para isso, optámos por dois tipos de metodologia. Na qualitativa, o instrumento de recolha de dados selecionado foi a entrevista semi-diretiva, tendo sido entrevistados 10 pessoas das principais áreas deste estudo, nomeadamente 3 assistentes sociais, 3 professores, 2 dirigentes e 2 treinadores, estes quatro últimos pertencentes às associações que aceitaram participar no estudo e enviar o inquérito por questionário online às famílias que integram a associação. O território em estudo localiza-se na vila de Salvaterra de Magos, Santarém, Portugal.

Este inquérito por questionário foi o segundo instrumento de recolha de dados selecionado, neste caso uma metodologia quantitativa. As duas associações que aceitaram participar foram a Associação Grupo de Dança Dream Dancing e o Clube de Trampolins de Salvaterra.

Com este estudo foi possível confirmar a importância do desporto e das artes na vida das crianças e jovens que as praticam, bem como o impacto que têm no seu desenvolvimento biopsicossocial. Além disso, comprovou-se também a importância da inserção do serviço social nesta área que ainda pouco ou nada está desenvolvida, e que seria fundamental a sua inserção neste campo, para bem das crianças, jovens e também das associações e da própria sociedade.

**Palavras-chave:** serviço social; desporto; artes; crianças; jovens; associações.

## Abstract

The present work aims to study the impact and influence that sports and/or artistic associations have on the lives of children and young people, particularly those at risk, and whether the insertion of social work in this area can improve the situation experienced by these families.

For this, we opted for two types of methodology. In the qualitative, the data collection instrument selected was the semi-directive interview, having been interviewed 10 people from the main areas of this study, namely 3 social workers, 3 teachers, 2 managers and 2 coaches, the latter four belonging to the associations that agreed to participate in the study and send the survey by online questionnaire to the families that are part of the association. The territory under study is located in the village of Salvaterra de Magos, Santarém, Portugal.

This questionnaire survey was the second data collection instrument selected, in this case a quantitative methodology. The two associations that agreed to participate were the Dream Dancing Group Association and the Salvaterra Trampoline Club.

With this study it was possible to confirm the importance of sport and the arts in the lives of children and young people who practice them, as well as the impact they have on their biopsychosocial development. In addition, it was also proven the importance of the insertion of social work in this area that is still little or nothing developed, and that it would be fundamental to insert it in this field, for the good of children, young people and also of associations and society itself.

**Keywords:** social work; sport; arts; children; young people; associations.

## Índice

Glossário de Siglas .....	11
Introdução.....	12
Capítulo I – Enquadramento Teórico .....	13
1. O Desporto e as Artes Performativas.....	13
1.1.Caracterização e Enquadramento Legal.....	13
1.2.As Associações desportivas e culturais.....	15
1.3.Perspetivas internacionais .....	17
1.4.Benefícios em crianças e jovens .....	19
1.5.Desporto e Artes Performativas enquanto fenómeno social .....	23
1.6.Educação informal .....	25
2. Crianças e jovens em risco.....	28
2.1.Processos de Socialização – Família, amigos e escola .....	28
2.2.Fatores de risco, proteção e processo de resiliência.....	33
2.3.Formação de jovens atletas – O papel das associações desportivas e culturais na vida de crianças e jovens.....	38
3. A Sociedade e o Serviço Social .....	44
3.1.Exclusão Social e Pobreza .....	44
3.2.O papel do Estado .....	49
3.3.A Economia Social e Solidária e o Desenvolvimento Local .....	52
3.4.A Responsabilidade Social das Associações .....	58
3.5.O desporto e as artes performativas como campo de intervenção para o Serviço Social.....	60
Capítulo II – Metodologia de Investigação .....	67
Capítulo III – Análise dos Resultados e Discussão .....	70

Categoria 1 – Caracterização sociodemográfica.....	70
Categoria 2 – Caracterização da vossa experiência como integrantes da(s) associação/associações .....	79
Categoria 3 – Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem.....	82
Categoria 4 – Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da(s) modalidades .....	88
Categoria 5 – Compreender a ligação entre a prática da(s) modalidade(s) e a escola .....	92
Categoria 6 – Compreender a vossa perspetiva sobre a introdução do Serviço Social nas associações .....	97
Categoria 7 – Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem.....	109
Categoria 8 – Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da(s) modalidade(s) .....	114
Categoria 9 – Compreender a ligação entre a prática da(s) modalidade(s) e a escola .....	116
Categoria 10 – Conhecer a perspetiva sobre o futuro ligado ao desporto, às artes e à vida saudável.....	118
Categoria 11 – Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do Serviço Social nas associações .....	119
Capítulo IV – Conclusão .....	123
Referências Bibliográficas.....	128
Bibliografia .....	128
Legislação .....	130
Webgrafia.....	130
Anexos .....	132
Anexo 1 – Quadro 1 – Questões e objetivos na entrevista aos dirigentes e treinadores .....	132

Anexo 2 – Quadro 2 – Questões e objetivos na entrevista às assistentes sociais	134
.....	
Anexo 3 – Quadro 3 – Questões e objetivos na entrevista aos professores.....	136
Anexo 4 – Quadro 4 – Questões e objetivos no inquérito por questionário familiar	138
.....	
Anexo 5 – Pedido de colaboração às associações.....	143
Anexo 6 – Pedido de colaboração às instituições.....	144
6.1. Câmara Municipal – Gabinete de Ação Social.....	144
6.2. Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Salvaterra de Magos	145
.....	
Anexo 7 – Pedido de colaboração aos professores.....	146
Anexo 8 – Entrevista a assistente social M.....	147
Anexo 9 – Entrevista a assistente social A.....	152
Anexo 10 – Entrevista a assistente social S.....	156
Anexo 11 – Entrevista a professor A.....	163
Anexo 12 – Entrevista a professora MA.....	170
Anexo 13 – Entrevista a professora ML.....	176
Anexo 14 – Entrevista a treinador C.....	184
Anexo 15 – Entrevista a treinadora B.....	191
Anexo 16 – Entrevista a dirigente MV.....	198
Anexo 17 – Entrevista a dirigente MS.....	205

## Glossário de Siglas

- AGDDD – Associação Grupo de Dança Dream Dancing
- AIESS – Associação Internacional de Escolas de Serviço Social
- CNPCJR – Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco
- CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens
- CRP – Constituição da República Portuguesa
- CTS – Clube de Trampolins de Salvaterra
- DGARTES – Direção-Geral das Artes
- DGS – Direção-Geral de Saúde
- FIAS – Federação Internacional de Assistentes Sociais
- IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude
- OMS – Organização Mundial de Saúde
- UE – União Europeia
- UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

## Introdução

A presente dissertação de mestrado tem como tema a análise do impacto e influência que as associações desportivas/artísticas têm na vida de crianças e jovens em risco, e de que forma a inserção do serviço social neste campo de atuação poderá ser uma forma de prevenção do risco e de promoção e proteção de crianças e jovens.

Como estratégia metodológica optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa de base qualitativa, centrada na realização de 10 entrevistas a técnicos qualificados que trabalham nas áreas de maior destaque nesta área, e paralelamente, com recurso à metodologia quantitativa, mediante a aplicação de um questionário dirigido a 22 famílias pertencentes às duas associações que aceitaram participar na presente investigação: a Associação Grupo de Dança Dream Dancing (AGDDD) e o Clube de Trampolins de Salvaterra (CTS), sendo a zona em estudo o município de Salvaterra de Magos.

O presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, no primeiro encontra-se o enquadramento teórico, onde é apresentada a revisão de literatura sobre os principais conceitos relacionados com a temática: o desporto e as artes performativas, as crianças e jovens em risco e a sociedade e o serviço social. O segundo capítulo versa sobre a metodologia de investigação, incluindo a identificação dos instrumentos de recolha de dados.

No terceiro capítulo são apresentados e analisados os dados recolhidos. Por fim, no quarto capítulo, apresentam-se as principais conclusões do presente trabalho. Posteriormente, apresentam-se as referências bibliográficas utilizadas no estudo empírico do primeiro capítulo e por último os anexos onde se encontram o pedido de colaboração às associações, às instituições, e aos professores entrevistados, bem como os guiões de entrevista dirigidos a cada entrevistado.

## Capítulo I – Enquadramento Teórico

### 1. O Desporto e as Artes Performativas

#### 1.1. Caracterização e Enquadramento Legal

A Direção-Geral de Saúde (DGS), distingue os conceitos de atividade física, exercício físico e desporto da seguinte forma:

“(…) atividade física, contempla qualquer movimento realizado pela musculatura esquelética do corpo (os principais músculos), que resulte num dispêndio energético acima dos valores de repouso. Exercício físico compreende toda a prática consciente de atividade física, realizada com um objetivo específico (ex. melhorar a saúde) e bem delineada no tempo, com ou sem prescrição. É geralmente uma prática planeada. O termo desporto associa-se ao jogo e à competição, correspondendo ao sistema organizado de movimentos e técnicas corporais executados no contexto de atividades competitivas regulamentadas” (DGS, s.d.).

O desporto está presente na Constituição da República Portuguesa (CRP) através do artigo 79º, no qual podemos ler que

“1. Todos têm direito à cultura física e ao desporto.; 2. Incumbe ao Estado, em colaboração com as escolas e as associações e coletividades desportivas, promover, estimular, orientar e apoiar a prática e a difusão da cultura física e do desporto, bem como prevenir a violência no desporto.”.

Dentro da vasta legislação existente na área do desporto, salienta-se a Lei nº5/2007 de 16 de janeiro – Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto que rege esta área no nosso país, tendo diversa legislação complementar. Importa também referir a existência do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), que é um instituto público integrado na administração indireta do Estado, dotado de autonomia administrativa e financeira e de património próprio, criado pelo Decreto-Lei nº98/2011 de 21 de setembro. O IPDJ tem como missão a execução de uma política integrada e descentralizada para as áreas do desporto e da juventude, em estreita colaboração com entes públicos e privados,

designadamente com organismos desportivos, associações juvenis, estudantis e autarquias locais.

No que respeita às artes performativas, estas podem ser definidas como o conjunto de preceitos para o estudo e prática da representação/dramatização em diversas áreas como a dança, teatro, música, cinema, circo, entre outras. Estas encontram-se presentes no artigo 42º da CRP – Liberdade de criação cultural “1. É livre a criação intelectual, artística e científica.; 2. Esta liberdade compreende o direito à invenção, produção e divulgação da obra científica, literária ou artística, incluindo a proteção legal dos direitos de autor”.

No artigo 78º da CRP, respeitante à fruição e criação cultural, podemos ler no seu nº2 que, incumbe ao Estado, em colaboração com todos os agentes culturais: “b) Apoiar as iniciativas que estimulem a criação individual e coletiva, nas suas múltiplas formas e expressões, e uma maior circulação das obras e dos bens culturais de qualidade”.

Salienta-se nesta área a Direção-Geral das Artes (DGARTES), aprovada através da Lei Orgânica da DGARTES – Decreto Regulamentar nº35/2012 de 27 de março. A DGARTES é um organismo do Ministério da Cultura da República Portuguesa, que tem por missão a coordenação e execução de políticas de apoio às artes em Portugal, cuja prioridade é a de promover e qualificar a criação artística, e também garantir a universalidade do seu usufruto.

Tanto o desporto como as artes encontram-se interligados no artigo 64º da CRP cujo tema é a saúde, podendo ler-se na alínea b) do seu nº2, que o direito à proteção da saúde é realizado “b) Pela criação de condições económicas, sociais, culturais e ambientais que garantam, designadamente, (...) pela promoção da cultura física e desportiva, escolar e popular (...).”.

Temos ainda a nível internacional a Carta Internacional de Educação Física e do Desporto da UNESCO (1978) e o Código da Ética Desportiva (1992, revisto em 2001).

Apesar da vasta legislação existente no âmbito do desporto e das artes, em Portugal a realidade é que estas duas áreas não têm ainda o protagonismo e a valorização que deveriam ter, sendo vistos sempre como um hobby e sem a importância que merecem, para bem da cultura e melhoria da qualidade de vida da nossa sociedade, como veremos nos pontos seguintes.

## 1.2. As Associações desportivas e culturais

As associações têm a denominação legal de “Entidades de Utilidade Pública”, no entanto, não existe um modelo de gestão baseado nesta Responsabilidade Social, estando os serviços e apoios que estas instituições prestam maioritariamente desarticulados. Inclusive, os códigos de ética nem sempre são cumpridos por não serem vinculativos e, conseqüentemente, a utilidade pública que estas associações deveriam legalmente desempenhar, fica muitas vezes esquecida. Esta situação é preocupante tendo em conta que as crianças e jovens que fazem parte destas instituições, além da escola e da família, passam grande parte do seu tempo nas mesmas e onde aprenderão importantes competências, habilidades e ferramentas que levarão para o resto da sua vida, como veremos ao longo deste estudo (Lourenço, 2015, p.8).

Diz-nos o artigo 73º da CRP, no seu nº3, que o Estado deve promover a “(...) democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com (...) as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio (...)”.

De um ponto de vista económico e político, o associativismo insere-se na problemática teórico conceptual do Terceiro Setor, ou setor privado não lucrativo. Bárbara Neves (2015, p.6) enumera cinco atributos próprios destas instituições, nomeadamente, o facto de terem de ser formalmente constituídas, realizar uma gestão própria, não ter fins lucrativos e não distribuir lucros pelos dirigentes, devendo o seu quadro de trabalhadores ser, em parte, composto por voluntários.

As associações desportivas e culturais possuem uma grande importância no seio da sociedade, tendo em conta que são grupos cujos seus membros partilham gostos, perspetivas comuns na defesa de determinados valores e interesses de grupos particulares, desempenhando funções de afirmação de classes particulares, identitária, de formação, entre outras. Como refere José Lourenço (2015):

“O associativismo é, também no desporto, um aspeto fundamental, sobretudo na criação de organizações desportivas ou clubes, nestes casos os objetivos da união passam por alcançar resultados desportivos, a promoção da atividade física e, muito presente nos dias de hoje, o lucro financeiro.” (Lourenço, 2015, p.20).

Pertencer a um clube/associação, segundo o mesmo autor, é:

“(...) parte da vivência de cada um dos seus membros e a conjugação dos interesses pessoais, das capacidades e estilos comportamentais (...) e das circunstâncias, organização e estrutura do clube (...) desenvolvem uma prática social com formas de trabalho, valorização coletiva, formação de grupos e cooperação, que dão especificidade a este tipo particular de organizações desportivas.” (Lourenço, 2015, p.20).

A importância das associações deve-se ainda ao facto de estarem inseridas em determinada comunidade, em determinado município, atribuindo responsabilidade a essa autarquia de apoiar a associação pois, apesar de não estarem inseridos todos os conterrâneos, a verdade é que nessas associações costumam estar não só as “gentes da terra” como de outras localidades ao redor. Aqui não há apenas o dever do Estado, mas também o dever local de apoiar estas associações que muitas vezes fazem muito, com o pouco que lhes é facultado.

Deveria ser atribuído um maior prestígio e valorização às associações por fazerem parte da cultura da sua terra, por desenvolverem diferentes competências entre os seus membros e por darem vida à sua localidade. Muitas vezes, são estas associações que fazem a aldeia ter alguma dinâmica, principalmente em localidades mais isoladas.

Numa visão mais cultural, diz-nos Diogo Canudo (2017, p.11), que o papel de inúmeras companhias artísticas/associações vocacionadas para as artes ou ainda profissionais isolados, como professores e técnicos especializados, é fundamental e indispensável para uma aposta contínua na aplicação da arte a indivíduos socialmente desfavorecidos, tratando-se assim de uma discriminação positiva, fazendo corresponder diferentes necessidades a diferentes grupos.

O teatro, por exemplo, diz-nos Inês Tavares (2016, p.38), pode ser considerado como um mecanismo com múltiplas facetas, podendo ser um recurso com as mais variadas utilizações, promovendo o estímulo da reprodução social através de questões simbólicas não materializáveis, sendo que o teatro feito em associações pode promover um pensamento coletivo e uma identificação local e regional, partindo de determinadas temáticas.

### 1.3. Perspetivas internacionais

A preocupação sobre a prática desportiva no âmbito da prática de uma vida saudável é generalizada, havendo recomendações de diversas organizações mundiais como da Organização Mundial de Saúde (OMS), reforçando novamente os benefícios da prática desportiva, referindo que:

“Está provado que a prática regular de atividade física contribui para a prevenção e tratamento das doenças crónicas não transmissíveis tais como doença cardíaca, acidente vascular cerebral, diabetes, cancro da mama e cancro do cólon. Também ajuda a prevenir a hipertensão, excesso de peso e obesidade e contribui para a saúde mental, melhoria da qualidade de vida e bem-estar” (OMS, 2018, p.2).

Temos ainda, por exemplo, o Secretário-Geral do Conselho da União Europeia, em 2019, num documento de reflexão cujo assunto era “Aumentar a participação de crianças e jovens no desporto na Europa do século XXI”. Além de referir a importância da prática desportiva e dos seus benefícios a nível individual e social, acrescenta também que o interesse por ela está a diminuir na União Europeia (UE). Assim, aponta como principais fatores explicativos a concorrência do “mercado do lazer”, onde aborda as evoluções tecnológicas que incentivam ao sedentarismo, no qual crianças e jovens passam o seu tempo livre e de lazer em casa “presas” às tecnologias, os custos da prática desportiva que deveriam ter mais acesso a financiamento público, a comercialização do desporto, onde o foco é gerar receitas quando deveria ser a prática dessa atividade desportiva, e por fim as atitudes e o perfil das atuais gerações de crianças e jovens, sugerindo que se procure, de certa forma, modernizar o desporto e adaptá-lo à nova realidade e às novas gerações.

Temos também o Relatório Nacional sobre a Implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, em que um dos seus objetivos é garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades, onde consta o Programa Nacional de Saúde Escolar, no qual é abordada a alimentação saudável e a atividade física e desportiva, bem como o Programa Cuida-te e o Observatório Nacional da Atividade Física, Aptidão Física e Desporto que tem como missão “(...) identificar a prática desportiva da população portuguesa, o seu comportamento sedentário e aptidão física, incluindo fatores pessoais, sociais, físicos e ambientais, ao longo dos anos”

(Relatório Nacional sobre a Implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, 2017, p.23).

Ainda de acordo com o objetivo de garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e de promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, é referida uma vez mais a prática desportiva através do Programa de Desporto Escolar e das Unidades de Apoio ao Alto Rendimento nas Escolas com o objetivo de “(...) conciliar sucesso escolar e sucesso desportivo” (Relatório Nacional sobre a Implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, 2017, p.28).

Nesta linha de argumentação, importa referir o estudo de Daniel Virella e Nuno Lynce, cujo trabalho de investigação foi efetuado no Brasil, no qual defendem a importância do desporto no desenvolvimento global de crianças e jovens.

Na perspetiva das artes, inúmeros autores internacionais defendem a necessidade de valorização das mesmas. Por exemplo, encontramos diversas referências na obra de Diogo Canudo (2017), como o Department of Education and Science (1985, p.17) que defende que a área da criatividade é importante por estar relacionada com:

“a capacidade de responder emocionalmente e intelectualmente à experiência sensorial; à consciência dos graus de qualidade; e à apreciação da beleza e da aptidão para a finalidade. Envolve a exploração e compreensão dos sentimentos e os processos de fazer, compor e inventar” (cit in Canudo, 2017, p.10).

Kinder e Walkin (1998, p.50 cit in Canudo, 2017, p.10) defendem que a introdução de práticas artísticas pode gerar inúmeros efeitos positivos, através do desenvolvimento de relações pessoais positivas com um adulto, permitindo modelar valores sociais, bem como a chance de alcançar sucesso académico e profissional, de apreciar atividades de lazer que proporcionam uma sensação de prazer, realização pessoal e autoestima.

Nesta mesma linha, Guoping Zhao (2014, p.247, cit in Canudo, 2017, pp.10 e 11) destaca que o paradigma está a mudar e que se comprovou que as artes possibilitam experiências únicas, como nenhuma outra, sendo benéficas para a vida académica e pessoal e permitindo uma maior liberdade para a autoexpressão, para a comunicação, para a transmissão de perspetivas de natureza pessoal, ajudar estudantes com problemas emocionais, prevenir problemas de saúde mental e de exclusão social. A troca de

experiências e aprendizagens consequentes destas atividades são necessárias para articular as práticas artísticas com o desenvolvimento individual, permitindo o progresso para uma sociedade mais justa e igualitária, onde a discussão de ideias e troca de experiências é a génese de uma sociedade desenvolvida (Canudo, 2017, p.12).

Ainda o Arts Council England (2003, p.3, cit in Canudo, 2017, p.10), acrescenta que o envolvimento com as artes, pode ter efeitos transformadores na vida das pessoas, seja a nível individual, como a nível do bairro, da comunidade, das regiões, do país e, com perspetiva no futuro, para as gerações vindouras.

#### 1.4. Benefícios em crianças e jovens

Antes de abordar os diversos benefícios do desporto e das artes em crianças e jovens, precisamos compreender o conceito de saúde na sua dimensão global. A OMS, (2006) reforça a importância de promover o corpo, a mente e as relações interpessoais na sua definição de saúde, verificando assim que não é possível falar de saúde sem falar de saúde mental: “(...) um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (OMS, 2006). Assim, os seus determinantes, segundo a DGS, são “(...) os fatores pessoais, sociais, económicos e ambientais que influenciam a saúde, determinando o estado de saúde dos indivíduos e das populações. São múltiplos e interagem uns com os outros” (DGS, s.d.).

Também o conceito de qualidade de vida se torna relevante por estar diretamente relacionado aos conceitos anteriormente referidos, reforçando novamente a importância dos fatores físicos, psicológicos e sociais da vida de um indivíduo, sem esquecer a sua interligação e complexidade. Como refere a DGS:

“(...) uma perceção individual da posição na vida, no contexto do sistema cultural e de valores em que as pessoas vivem e relacionada com os seus objetivos, expectativas, normas e preocupações. É um conceito amplo, subjetivo, que inclui de forma complexa a saúde física da pessoa, o seu estado psicológico, o nível de independência, as relações sociais, as crenças e convicções pessoais e a sua relação com os aspetos importantes do meio ambiente” (DGS, s.d.).

Já em 2001, a OMS reconhecia que o conceito de saúde abrange vários níveis como o “bem-estar subjetivo, a autoeficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a autorrealização do potencial intelectual e emocional da

pessoa” (OMS, 2001, pp. 31 e 32). A questão social também é referida pela OMS (2016, cit in Organização das Nações Unidas – Brasil, 2016) ao defender que, para a promoção da saúde mental, é fundamental um ambiente respeitador e protetor dos direitos civis básicos, políticos, culturais e socioeconómicos.

Segundo a mesma, existem diversas questões sociais que colocam em risco a saúde mental dos indivíduos, como rápidas mudanças sociais, condições de trabalho precárias e stressantes, discriminação de género, exclusão social, estilos de vida não saudáveis, várias formas de violência, violação dos direitos humanos, entre outras. As pessoas que sofrem de perturbações mentais, em virtude da sua vulnerabilidade psicológica e da situação de desvantagem social em que muitas vezes se encontram, tornam-se muitas vezes vítimas dessas questões sociais.

A “saúde social”, segundo a OMS, está relacionada com a capacidade de o indivíduo interagir com os outros e conseguir prosperar em ambientes sociais. Além da capacidade de interagir com a sociedade, também é necessário ter em consideração os benefícios que essas interações trazem para o bem-estar da pessoa. Posto isto, podemos admitir que os benefícios devem englobar o indivíduo de forma biopsicossocial, ou seja, ao nível psicológico, físico e social.

Tanto no desporto como nas artes, os participantes encontram-se a fazer algo que gostam, logo aí já existe uma predisposição positiva para o seu envolvimento na atividade. Promove uma melhoria da sua condição física, da sua coordenação motora, da agilidade, velocidade, resistência, flexibilidade, força, tendo consequências a nível psicológico, relaxando a mente. Permite-lhe conhecer melhor o seu corpo e a sua mente, desenvolver habilidades e competências, e ainda as suas capacidades físico-motoras, sócio-afetivas e perceto-cognitivas.

A nível físico podemos salientar ainda a prevenção/diminuição de excesso de peso, obesidade e inúmeras outras patologias relacionadas com o peso, a prevenção de ocorrência de doenças cardiovasculares e de diabetes, situações que colocam em risco a vida das pessoas. A melhoria da atividade física potencializa outros aspetos como a melhoria do rendimento escolar, dos níveis de concentração, dos comportamentos hiperativos, o controlo da agressividade, estimula a autoimagem, a autoestima, o autocontrolo, a confiança, a energia, a coesão e cooperação, melhora as competências e a eficiência, contribui para a formação de valores, atitudes e para o desenvolvimento da

personalidade, reduz a ansiedade, o stress, a depressão (Vanine, 2009, online, cit in Caldeira, 2011, p.28).

Partimos assim para a dimensão cognitiva, onde podemos ainda acrescentar a melhoria da atenção, a memorização de orientações, da motivação/interesse, promovendo o bom desenvolvimento intelectual da criança/jovem e conseqüentemente uma maior capacidade de ter sucesso nas atividades que desenvolve, como refere Boz (2006) “a capacidade sócio-afetiva estimula as relações interpessoais, a cooperação e o respeito, cultivando valores e regras morais do contexto sociocultural do aluno” (cit in Caldeira, 2011, p.31).

Englobando ainda aspetos como a ética e espírito desportivo, a cooperação/entajuda, a modéstia, a sinceridade, a autonomia, o respeito pelos outros, a facilidade no estabelecimento de relações e a tolerância à frustração, o estímulo da resiliência onde aprende a lidar com regras, a planear atividades, a realizar cálculos, a cumprir horários, a desenvolver relações, a sentir-se bem ao realizar tarefas, a aprender a ganhar e a perder, lidar com situações críticas desenvolvendo capacidades para lidar com mudanças em situações de jogo/espetáculo.

Normalmente são exigidas determinadas regras aos atletas como a necessidade de cumprimento de prazos e desafios, a resolução de problemas, a necessidade de saber comunicar e a habilidade de comunicar, aprender a lidar com sucessos e com fracassos, bem como com *feedback*, a formulação de objetivos, o trabalho em equipa, características fundamentais a utilizar no dia-a-dia.

Muitas vezes os atletas conseguem ter melhores resultados pelo facto de estarem física e psicologicamente melhores e mais disponíveis para aprender, tendo ainda o objetivo de ter um bom rendimento escolar para não prejudicar a sua prática desportiva, criando-se aqui uma “aliança” entre o desporto e a escola. Inclusive, a melhoria da condição física cria uma maior predisposição para o estudo, melhora a concentração e a capacidade de aprendizagem, o que influencia positivamente o sucesso escolar.

A prática desportiva envolve também inúmeras aprendizagens sociais e de valores que algumas crianças não desenvolvem em casa ou na escola, até porque a sua disponibilidade para as aprender é maior por estarem num ambiente que os faz sentir bem, aprendizagens essas que elas por vezes nem se apercebem que adquiriram e ficam de certa forma inconscientes. Como referem Virella e Lynce: “Igualmente importante é o papel

de catalisador da integração social e de aprendizagem de atitudes e comportamentos que o desporto proporciona à criança e ao jovem, facilitando a passagem do círculo da família para o âmbito da sociedade” (Virella e Lynce, 1996, p. 599).

Muitos são os estudos que nos comprovam os inúmeros benefícios do desporto na infância, benefícios esses que estarão presentes ao longo da sua vida adulta, daí a relevância do incentivo à prática desportiva desde cedo, como nos dizem os mesmos autores:

“O incentivo à prática na infância é de especial importância, quer pelos benefícios diretos que pode proporcionar à criança, quer pelo potencial papel protetor que pode desempenhar na idade adulta. (...) o hábito da manutenção da boa condição física pode e deve ser instituído na criança. É assim mais fácil combater a vida potencialmente sedentária das décadas seguintes (...)” (Virella e Lynce, 1996, p. 599).

Caldeira (2011, p.31) diz-nos ainda que “(...) tanto o autoconceito como a autoimagem vão influenciar a forma como os indivíduos se motivam, persistem, adquirem e atingem o que pretendem em muitas áreas das suas vidas”, demonstrando que todas as competências que vão adquirindo ao longo da vida nas associações que fazem parte, sejam desportivas e/ou culturais (entendam-se, artísticas), produzem efeitos e consequências que os vai acompanhar ao longo da sua vida adulta.

A prática desportiva, principalmente, deve ser feita de forma equilibrada, adaptada à idade e desenvolvimento da criança/jovem, estado clínico e eventuais limitações patológicas, modalidade desejada e empenho pretendido. Os problemas surgem quando existe, por exemplo, uma “(...) má preparação física, o não cumprimento de regras higiénico didáticas e a prática de modalidades inadequadas à criança” (Virella e Lynce, 1996, p.600). Não obstante, as práticas artísticas devem também ter em consideração estes aspetos, pois devem-se adequar à idade e maturidade da criança/jovem.

A vertente da competição também não deve ser desvalorizada, pois como Virella e Lynce referem: “(...) têm um valor educativo nos planos técnico, tático, psicológico e sociológico. O pedagogo, os pais e o médico devem considerá-las como um meio e não como um fim” (Virella e Lynce, 1996, p.601).

### 1.5. Desporto e Artes Performativas enquanto fenómeno social

Os vínculos socioculturais, bem como a importância que o desporto e as artes assumem, por vezes de forma despercebida, na sociedade, tornam-nas em instituições sociais capazes de influenciar e serem influenciadas pelos diversos contextos que interagem na nossa sociedade, sejam eles económico, social, político ou cultural.

“O fenómeno social em que o desporto se tornou, reflete-se nas rotinas quotidianas de diversos grupos “podendo considerar-se como um espelho de outras instituições e processos sociais, influenciados pelas diferentes culturas” (Sousa, 2012)” (Lourenço, 2015, p.4). tendo em conta as características da nossa sociedade, o desporto destaca-se neste aspeto porque a própria sociedade atribui uma maior relevância do que às artes. Culturalmente, o desporto está mais instalado no seio da nossa sociedade, é algo mais natural. Podemos observar este facto, como por exemplo, é típico os pais colocarem os filhos num desporto de equipa, mas é raro colocarem-nos no clube de teatro da terra, nos cafés é fácil criar uma discussão sobre o Campeonato Português de Futebol, mas não é assim tão fácil falarem da Tournée da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

A própria comunicação social não facilita o trabalho das artes penetrarem na sociedade, dando tanto destaque ao futebol (até porque outros desportos continuam a não ter grande importância), podendo falar de uma forma mais equitativa de diversos desportos e não apenas quando vencemos nesses desportos a nível internacional, bem como das diversas artes praticadas em Portugal que, inclusive, são de grande valor e não são mais premiadas e distinguidas porque não são faladas e, conseqüentemente, não são vistas, seja no cinema, na dança, no teatro, na música, entre outras.

Ainda assim, o desporto, na sua globalidade, tende a funcionar mais como instrumento de identidade e aproximação do que de divisão social, mesmo quando a importância atribuída às diferentes modalidades varie de cultura para cultura, e de ser comum atribuir algumas modalidades específicas a determinadas classes sociais. Assim, o desporto enquanto fenómeno produto da sociedade, tendo obtido alguma autonomia e dinâmica própria, constitui um campo social próprio, um sistema de instituições e agentes direta e indiretamente ligados à existência de atividades e espetáculos desportivos, com poder e influência económica, social e/ou política (Lourenço, 2015, p.3).

Seguindo o pensamento de Bourdieu (1988, cit in Lourenço, 2015, p.4), o sistema que compõe o campo social do desporto, inclui as instituições privadas e/ou públicas, que

defendem os interesses e regulam/governam as práticas dos participantes dos diversos desportos, os produtores/vendedores de equipamentos desportivos, os serviços necessários à prática dos mesmos, onde se inserem os sistemas de treino e educação desportiva, bem como os sistemas de distribuição ligados ao desporto. Nos dias de hoje é impossível não acrescentar ainda o mercado de trabalho dos desportistas profissionais (onde mais uma vez existem inúmeras discrepâncias entre os diferentes desportos), e ainda a mediatização e globalização do desporto, bem como o sistema de comercialização e venda do desporto enquanto espetáculo.

Desta forma, enquanto a sociedade extremamente normativa e reguladora, marcada pelos fortes condicionalismos e rotinas diárias, obrigando os indivíduos a controlarem os seus estados emocionais para nela conseguirem viver e inserirem-se, o desporto contrabalança ao apresentar-se como um espaço que permite a “liberalização dos estados de autocontrolo, libertando o individuo dos seus estados emocionais diários e quebrando as rotinas diárias num clima de excitação agradável e procura do prazer” (Elias, 1992, cit in Lourenço, 2015, p.4).

“O ser humano tem necessidade de espaços e momentos para desenvolver as suas múltiplas virtudes, onde a liberdade se converte em aptidão, e lentamente vai amadurecendo a sua forma de pensar e agir, recodifica valores, retrocede e deixa de se situar de forma relativa, a qualquer sistema. Esta evidência fundamenta-se, como uma das necessidades básicas associadas ao ser humano.” (Piteira, 2019, p.25).

Assim, o desporto permite que a pessoa relaxe, que se liberte das preocupações do seu dia-a-dia e conseqüentemente melhore não só a sua condição física, mas também psicológica e social, como anteriormente abordado. Elias, segundo Lourenço (2015, p.4), introduz ainda a expressão “desportivização”, caracterizando-a como a transformação da atividade física em sistemas com uma maior organização e desenvolvimento.

No campo das artes, existem algumas características semelhantes, podemos por exemplo, comparar o futebol no desporto com a música nas artes, uma cantora considerada famosa em Portugal, não recebe o mesmo numa tournée que uma bailarina numa Companhia de Bailado, a vida “cor-de-rosa” de um cantor famoso tem um destaque na comunicação social muito maior que um filme português que vai estrear brevemente. Por conseguinte, conseguimos ver novamente os sistemas abordados por Bourdieu, adaptados ao mundo das artes, bem como a questão da variação da importância dada a

determinadas artes (ou estilos dentro de um tipo de arte) conforme a cultura e a classe social.

De qualquer forma, as artes permitem igualmente um espaço de libertação para o indivíduo, que descarrega as suas energias, relaxa, parte para um “mundo diferente e só seu”, podendo assim desligar da sua rotina quotidiana e desanuviar o corpo e a mente, tal como no desporto. A dança, por exemplo, permite unir o desporto com as artes, além da sua grande componente física, com um treino bastante rígido e exigente, a dança não deixa de ser uma arte por toda a envolvência que acarreta e toda a sua dinâmica própria.

“A dança é conceituada como uma atividade lúdica e artística, sendo também uma forma de comunicação praticada com o corpo que, quando realizada em grupos, pode auxiliar na expressão de emoções, exercitar a memória e a coordenação motora. Refere-se ao comportamento humano de reproduzir sequências de movimentos com um determinado ritmo” (Guimarães et al, 2012, cit in Diaz, Gurgel & Reppold, 2015, p.31).

“Ao contrário de uma visão histórica ingénua de que a dança não passa de “uns passinhos” a mais ou a menos na vida das pessoas, hoje não podemos mais ignorar o papel social, cultural e político do corpo na nossa sociedade” (Marques, 2003, p.26, cit in Camargo & Finck, 2010, p.65).

## 1.6. Educação informal

A perspetiva aqui abordada é exterior à escola, as crianças e jovens passam a maior parte do seu dia nela e precisam que estas atividades, desportivas e artísticas, sejam livres, com a devida responsabilidade e comprometimento, mas não como uma obrigação, pois esse peso vai provavelmente afastá-los e não é isso que se pretende.

“(…) as crianças e adolescentes devem beneficiar de todos os fatores que promovam o seu crescimento e desenvolvimento, designadamente modelos, exemplos, estratégias para o desenvolvimento de comportamentos assertivos, descoberta de talentos, aprendizagem de regras e de relacionamento interpessoal empático e tolerante” (Leandro et al., 2003, cit in Piteira, 2019, p.27).

A UNESCO (Delors, 1996, cit in Piteira, 2019, p. 27), reconhece as potencialidades da educação destacando competências que formam os Quatro Pilares fundamentais da Educação, sendo elas a competência pessoal, cognitiva, produtiva e

social. Quando articuladas entre si, promovem o desenvolvimento do indivíduo de forma harmoniosa, com maior capacidade crítica e autonomia, capazes de fazer recuar certos níveis de pobreza e de combater determinadas exclusões.

A educação informal, constitui-se como uma prática pedagógica que se aprende na “escola da vida”, através de processos de partilha de experiências, especialmente em espaços e ações coletivas no dia-a-dia. “No fundo, educar não é mais do que socializar, inculcar regras morais e conhecimento indispensáveis ao viver em sociedade” (Piteira, 2019, p.28).

Existe uma forte relação entre a frequência de atividades extracurriculares e o desempenho escolar, uma vez que estas atividades capacitam os seus praticantes com ferramentas como a criatividade, o espírito crítico, a disciplina, a lidar e cumprir com regras, horários, o gosto de desenvolver tarefas, atributos estes que potenciam a melhoria do desempenho escolar.

“(…) é permitido que os jovens olhem e pensem sobre eles próprios e o ambiente que os envolve, e não tanto que o façam através das regras que uma escola costuma ter ou até mesmo das matérias organizadas de cada disciplina. O cinema tem de ser visto não como um meio, mas sim como um processo de mediação.” (Canudo, 2017, p.14).

A frequência deste tipo de atividades pode consubstanciar a escola num veículo potenciador da descoberta de outras áreas com as quais os alunos ainda não se tinham relacionado, sendo assim um potenciador da sua permanência e da exploração de interesses e conhecimentos anteriormente encobertos (Tavares, 2016, p.40).

“(…) os espaços de tempos livres lúdico-pedagógicos, surgem na sociedade como complemento da oferta limitada das escolas, resultando numa estratégia parental de investimento no futuro, para compensar o currículo único e promoverem nos seus educandos, a autoestima, o seu desenvolvimento motor, musical e intelectual. (...) tendo em conta os seus interesses e necessidades (...) orientado para o levantamento de carências e para os ganhos e perdas que certas atividades podem trazer, intrinsecamente vinculada a padrões culturais, à educação, às possibilidades que a comunidade oferece e pelas próprias condições económicas da família, onde a criança se insere” (Gomez, 1998; Machado, 2000; Pereira & Neto, 1999, cit in Piteira, 2019, p.25).

“(…) existe uma forte relação entre a frequência de atividades extracurriculares e o desempenho escolar (…) estas atividades podem capacitar os alunos de um conjunto de ferramentas como a criatividade ou o espírito crítico, atributos que potenciam o melhor desempenho escolar. (…) A frequência destas atividades pode consubstanciar a escola num veículo potenciador da descoberta de outras áreas com as quais os alunos ainda não tinham tido relação e, nesse sentido, ser um potenciador tanto da sua permanência como da exploração de interesse e conhecimento anteriormente encoberto” (Tavares, 2016, pp.39 e 40).

Podemos assim considerar estas atividades de tempos livres como forma de educação complementar, informal, um espaço libertador de tensões, stress, e promotor de equilíbrio, estabilidade, num quotidiano marcado pela presença escolar. Estas atividades constituem assim um recurso que proporciona a aquisição de competências sociais e pessoais, oferecendo uma referência de apoio, refletindo-se posteriormente como uma mais-valia para a sua vida, sendo um meio influente que ajuda os seus praticantes a “filtrar” o mundo social, contribuindo enquanto estratégia de promoção da sua autonomia social, capacitando e diligenciando na resolução dos seus problemas próprios de forma consciente. Em suma, contribui para o processo saudável de transformação para a vida adulta (Piteira, 2019, p.27).

“A criança ou adolescente frequentadora de projetos de educação não formal, com carácter lúdico-pedagógico, de cariz cultural, ambiental, desportiva, criativa, social etc., aciona os mecanismos comunicativos entre os seus pares, utilizam ferramentas que lhes permitem ter acesso a outras informações à luz de perspetivas transformadoras e provam da oportunidade de desenvolverem o seu conhecimento, saberes e competências pessoais, sociais e morais” (Carvalho, 2018, cit in Piteira, 2019, p.29).

“Para estes atletas jovens, as instituições desportivas, seguidamente à família e escola, são os espaços onde estes passam maior parte do seu tempo, desta forma estas apresentam-se como um meio de educação informal extremamente importante” (Lourenço, 2015, p.22).

Assim, estas atividades são ainda uma forma de prevenção do risco, permitindo ocupar o tempo livre, no qual muitas crianças e jovens poderiam deambular pelas ruas, sujeitas a todos os perigos e tentações que nela de encontram, passando a ocupar o seu tempo com atividades produtivas e enriquecedoras, que o fazem crescer e desenvolver em vez de o levar para caminhos desviantes.

## 2. Crianças e jovens em risco

### 2.1. Processos de Socialização – Família, amigos e escola

A sociedade atual vive uma crise de valores familiares e sociais, traduzindo-se conseqüentemente na educação dos jovens e na formação da sua estrutura emocional e psíquica. A socialização dos jovens é assegurada por diversos contextos, destacando-se a família, os amigos e a escola (Pereira, 2011, p.1).

Sendo o ser humano um ser biopsicossocial, além das componentes física e psicológica, devem ser paralelamente estimuladas as competências sociais da criança. Desde que nasce que o ser humano interage com diferentes pessoas e cria vínculos únicos com cada uma delas e, o tipo de vinculação, a qualidade e o desenvolvimento do mesmo, vai ter repercussões no seu desenvolvimento integral, na sua personalidade e conseqüências na sua vida adulta.

“O tipo de relação que as pessoas mais próximas da criança se relacionam com esta, vai influenciar algumas competências sócio afetivas da criança, como a autoestima. Assim, conclui-se que professores, mestres (por estarem na escola) e familiares, que fazem parte do núcleo de pessoas mais próximas destas crianças, influenciam com certeza a forma como apreendem a realidade e a reproduzem” (Caldeira, 2011, p.30).

O primeiro grupo social a interagir com a criança é a sua família, responsável por grande parte da sua personalidade. Apesar de cada indivíduo nascer com uma genética única que envolve também traços hereditários, juntamente com os fatores ambientais como os contextos em que vive e os acontecimentos vitais que o vão influenciando, com as aprendizagens que vai tendo ao longo da vida, com as atitudes e influências parentais que sofre, e ainda com o seu subconsciente, a sua personalidade vai-se moldando ao longo do tempo.

Destacamos no núcleo da família as práticas parentais, a estabilidade socioeconómica, a personalidade e saúde na sua globalidade dos progenitores, a interação e ligação sócio afetiva no seio da família, os valores, atitudes e normas de conduta que são transmitidos, que são aspetos fundamentais que influenciam o desenvolvimento físico, psíquico e social das crianças e jovens.

Assim, os pais (ou cuidadores que façam o papel de pais) têm um peso significativo na valorização ou indiferença sobre todos os sistemas de interação com os quais as crianças interagem, onde se encontram as atividades desportivas e culturais, independentemente de ser de forma recreativa ou competitiva.

Não podemos esquecer também que alguns fatores podem ser impeditivos para que os pais permitam que os seus filhos pratiquem essas atividades, como por exemplo, o estigma social relativamente à atividade que o seu filho deseja praticar, ou a situação financeira da família, pois qualquer associação desportiva ou cultural, têm custos monetários e esse fator por vezes torna-se impeditivo para a criança/jovem integrar uma dessas associações.

Outro núcleo muito importante são os amigos, onde surge também outro núcleo, a escola. Os amigos são as pessoas com quem a criança escolhe relacionar-se, com quem se identifica e partilha vários gostos e características. Estas interações são muito importantes, pois são relações sociais complexas que podem ter diferentes consequências na vida do indivíduo, colocando-lhe ao longo do tempo alguns desafios que terá de ultrapassar.

É com os amigos que os jovens têm as suas primeiras tentativas de emancipação da família, onde começam a satisfazer as suas necessidades individuais de intimidade, de um sentimento de confiança mútua entre pares, onde partilham sentimentos, identidades, interesses comuns, valores, onde se sentem inseridos e desenvolvem um sentimento de pertença. Por outro lado, podem ser também vítimas de uma pressão e frustração por não conseguirem inserir-se no grupo, ou por sofrerem algum tipo de exclusão e ter reações extremamente negativas à não-aceitação, sintomas de mal-estar, autoavaliação e sentimentos de valor pessoal negativos:“(…) por um lado, os amigos podem ser uma influência positiva, por exemplo, no desempenho académico e nos comportamentos prossociais, ou, pelo contrário, negativa, como, por exemplo, no consumo de substâncias e na violência (e.g. Simões, 2007)” (Pereira, 2011, p.9).

É na escola que as crianças e jovens passam a maior parte do seu dia-a-dia e onde acontecem essas interações sociais complexas, tanto com os amigos como com os professores e restantes elementos da comunidade escolar. Os professores têm também um papel fundamental porque são muitas vezes a única referência positiva para muitas

crianças, o sentimento de apoio por parte dos mesmos é um dos preditores mais importantes na satisfação dos estudantes com a escola.

A perceção que os professores os ajudam, apoiam, encorajam a dar opinião, são justos, escutam-nos, interessam-se pelos alunos enquanto pessoas, está relacionada com uma maior perceção de felicidade, porém, o baixo apoio social dos professores, está associado a níveis mais elevados de queixas somáticas (Pereira, 2011, p.10). Assim, a sua atitude para com os alunos pode ter consequências negativas ou positivas nas suas vidas. Como podemos ler no artigo de Wang, Pereira e Mota:

“A escola é um espaço essencial para estabelecer e desenvolver padrões de comportamento, e os programas de saúde na escola podem fornecer desde cedo às crianças o conhecimento para prevenirem e diminuírem comportamentos pouco saudáveis. O Governo, os Conselhos de Escola, os educadores ligados à saúde e os professores de educação física podem desempenhar um papel ativo no desenvolvimento de uma boa condição física das crianças ao longo do seu percurso escolar” (2006, p. 148).

Alguns aspetos do contexto escolar podem influenciar a adaptação e satisfação das crianças e jovens na escola, como a cultura da escola, a proteção física e emocional adequada, a promoção de atividades extracurriculares, a continuidade dos grupos próximos na escola. Contudo, a escola continua presa no passado e na forma escolar imposta que pode e deve ser modernizada e readaptada à sua população-alvo, interligando equitativamente a escola, a família e a comunidade em prol das suas crianças e jovens, partilhando valores, permitindo a existência de novas formas de aprendizagem e descentralizando o currículo do que é estritamente escolar, sendo dessa forma uma escola que na sua diversidade “cabem todos lá dentro”.

Os docentes podem ser as pessoas que fazem a diferença na vida dos seus alunos que têm problemas em casa, e a escola pode ser vista como o seu local de segurança e apoio, mas para isso é necessário que a escola trabalhe com as crianças e jovens, lado a lado, e não para os alunos com uma posição hierárquica e uma postura autoritária e “ditatorial”. Esta ligação privilegiada entre os professores e alunos é complexa, mas eles podem ser os únicos modelos de referência para aquela criança, e a escola pode ser o único sítio em que esta se sente em paz, por isso a sua relação tem de ser cuidada e trabalhada, e para isso têm também de saber como interagir, o que observar e como ajudar, tendo uma postura de humildade, respeito e compaixão pelo aluno e não excluindo-o e

marginalizando-o, vendo-o como um jovem insolente e mal educado sem tentar perceber o porquê da sua atitude e comportamento.

“Em suma, a literatura tem salientado que a escola, a família e os amigos podem ter um forte impacto no ajustamento do adolescente; mais particularmente, a perceção de um bom ambiente escolar, de segurança, o sentimento de pertença à escola e de ligação aos colegas e professores, o apoio e valorização dos pais pela escola, parecem ser fatores muito importantes para o sucesso escolar.” (Pereira, 2011, p.10).

Outro núcleo é a comunidade e a sociedade em que se inserem. A comunidade, por ter características que são partilhadas pelos seus diversos elementos, dispendo (ou não) de diversos serviços que podem ser usufruídos pelos seus membros e que tem a responsabilidade de proteger os seus elementos e de promover o seu desenvolvimento. Essa comunidade, com as suas pequenas particularidades, pertence a uma sociedade que tem também diferentes elementos, mas com algumas características partilhadas por todos. Ambas influenciam as crianças e jovens e, se a prática desportiva, recreativa e cultural for regular e estiver bem presente nessa comunidade/sociedade, a adesão a ela é algo muito mais natural e frequente. Diz-nos a DGS sobre este aspeto que:

“Existem muitos programas de promoção de atividade espalhados pelo país. Para que tenham impacto na população, existem alguns critérios de qualidade a considerar. Os programas devem refletir os contextos sociais e culturais em que se integram; devem envolver múltiplos agentes e parceiros (autarquias, serviços de saúde, setor privado, universidades); devem ter modelos de implementação bem definidos (“manualizados”, baseados em evidência científica, suportados teoricamente, incorporando sistemas de monitorização); e devem partir de uma sólida compreensão e adequação à população-alvo, procurando o seu envolvimento e a equidade no acesso. É ainda central a avaliação destes programas quanto ao seu custo-efetividade” (DGS, s.d).

Para fundamentar melhor esta questão temos o Modelo Ecológico de Urie Bronfenbrenner. Este modelo explicita como se processa o desenvolvimento humano em interação com os diversos sistemas com que o ser humano vai interagindo ao longo do seu crescimento:

“(…) considera que o binómio organismo-meio constitui uma complexa rede de inter-relações nas quais o desenvolvimento se processa. (...) Incide sobre

a análise do processo de adaptação mútua entre a criança em crescimento e as propriedades em mudança, ao longo do espaço de vida” (Carvalho, 2015, p.27).

Este modelo, que engloba quatro elementos (a pessoa, o processo, o contexto e o tempo), tem em consideração a criança/jovem dentro dos seus diversos sistemas (micro, meso, exo e macro), este é um sistema hierárquico onde cada sistema aglomera o anterior. No microsistema inserem-se as estruturas de acesso imediato à criança, como família, escola, significância e persistência temporal, reciprocidade, equilíbrio de poder, afetividade e gestão de expectativas.

No mesossistema encontram-se as inter-relações e processos que ocorrem num momento específico entre dois ou mais cenários (relações entre casa e emprego ou jardim de infância, ocorrendo transição ecológica). O exossistema considera as inter-relações e processos que ocorrem num momento específico entre dois ou mais cenários também, mas neste caso um deles não contém a criança, mas produz acontecimentos que terão repercussões ao nível do seu microsistema. Por fim, o macrosistema diz respeito aos marcos históricos, ao conjunto de valores e de princípios da cultura em que a criança se desenvolve e na qual o micro, o meso e o exossistema se desenvolvem, como por exemplo, a religião.

O modelo contempla também a noção de temporalidade (cronossistema), e assim, tem em consideração as mudanças que ocorrem no contexto da vida da criança, além as alterações da mesma. As transições normativas (casamento, por exemplo) e não normativas (morte precoce de um familiar, por exemplo) ocorrem neste sistema. Bronfenbrenner considera a perspetiva fenomenológica relativamente aos aspetos do ambiente que influenciam mais a pessoa, por serem os que produzem um resultado maior, em determinada situação, na pessoa. Sendo valorizada a forma como o ambiente é percecionado e experimentado, como refere Maria Irene de Carvalho (2015):

“O modelo ecológico contribui assim para uma intervenção centrada tanto no individuo, como na sua família e no ambiente, tendo por base a teoria geral dos sistemas. A utilização conjunta destes contribui para o entendimento particular e geral da dinâmica e das interações familiares” (Carvalho, 2015, p.29).

Podemos concluir que a família é vista como um sistema, sendo que os membros da mesma estão relacionados uns com os outros e têm cada um deles o seu próprio sistema que interage com muitos outros, todos em interação uns com os outros. A visão fenomenológica do modelo diz-nos também que a família está em constante contacto com

o ambiente, onde se inserem os outros sistemas, isto é, amigos, vizinhos, escola, comunidade, e por isso ele deve ser tido em conta para compreender as mudanças, a personalidade, o comportamento, as atitudes, dependendo também do aspeto temporal, visto que a situação e o contexto também variam, bem como as experiências e o que é retido/apreendido pela pessoa.

## 2.2. Fatores de risco, proteção e processo de resiliência

Para uma criança se desenvolver integralmente de forma equilibrada, precisa de ter uma família que promova esse desenvolvimento, pois a primeira fonte de educação e de criação de relacionamentos de todo o ser humano é a sua família, principalmente através dos pais, por norma de uma forma mais intensa com a mãe, mas também com outros cuidadores, inclusive, a situação de risco/perigo vem muitas vezes da própria família.

“A família é o primeiro local de aprendizagem e formação social das pessoas, sendo responsável por experiências que podem ser determinantes na trajetória de vida da criança e do adolescente. A violência intrafamiliar apresenta-se como um fator relevante no impedimento para o adequado desenvolvimento e integração social de crianças e adolescentes” (Carvalho, 2015, p.190).

Podemos utilizar a Teoria da Aprendizagem Social para compreender a importância das interações que a criança/jovem desenvolve ao longo do seu crescimento, e como elas podem constituir-se fatores de risco ou de proteção. Assim, segundo Bandura (1986) esta teoria “(...) explica o comportamento humano em termos de interação recíproca contínua entre determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais”, dizendo-nos que é possível uma pessoa aprender através de experiências vicariantes, isto é, experiências de observação de comportamentos de outras pessoas e das recompensas que estas recebem.

A aprendizagem social ocorre desde o nascimento até à morte do ser humano, através da socialização. A aprendizagem por observação ocorre pela modelação, em que a pessoa constrói uma representação mental do objeto de aprendizagem tendo em consideração o modelo observado. A probabilidade de uma pessoa realizar determinada tarefa aumenta quando esta observa modelos com os quais se identifica, como por exemplo, com características semelhantes às suas, proximidade afetiva, idade, estatuto,

género, entre outros, contribuindo para a modelagem e melhoria da autoeficácia. Esta autoeficácia trata-se da “(...) crença na própria capacidade de organizar e executar cursos de ações requeridos para produzir determinadas realizações” (Bandura, 1997), ou seja, representa a crença que a pessoa tem sobre a sua capacidade de realizar uma tarefa, sendo esta fulcral para a sua motivação.

As crenças de autoeficácia determinam não só o nível de motivação, como também o esforço empregue para alcançar determinado objetivo ou para realizar certa tarefa, e ainda o tempo que persistirá perante os obstáculos que encontre nesse processo. Quanto mais forte essa crença nas suas capacidades pessoais, maiores e mais longos serão os esforços empregues (Bandura, 1989). Inclusive, quando observa o sucesso desse modelo com o qual se identifica, influencia a eficácia que pensa ter sobre a realização dessa mesma tarefa, isto é, reforço vicariante, pelo contrário, se observar uma situação de insucesso, o sujeito tenderá a desinteressar-se/desmotivar-se para a realização da tarefa.

Assim, Bandura defende que os comportamentos são simultaneamente determinados por fatores externos, como reforços ou punições, mas também por fatores internos/pessoais. Estes últimos depreendem-se com fatores cognitivos como crenças, expectativas, autoperceções e ainda variáveis biológicas, falando assim de uma abordagem sociocognitiva. Os fatores internos e externos determinam-se uns aos outros e assim, o pensamento humano e a ação humana são produtos de uma inter-relação dinâmica entre influências pessoais (fatores internos), comportamentais e ambientes (fatores externos) (Bandura, 1986).

Desta forma, podemos concluir que, através da aprendizagem social, a experiência dos outros pode conduzir à aquisição de novos comportamentos, ou transformação dos mesmos, a partir da observação desse modelo, sendo esse processo denominado de modelação que, segundo Bandura, pode ser de forma programada ou acidental. A aprendizagem social através da observação requer a existência de quatro processos interligados, são eles a atenção, retenção ou lembrança do comportamento, reprodução motora, reforço e motivação (Bandura et al, 2008). Sem esquecer as expectativas e a noção de autoeficácia, isto é, a crença de que é capaz de executar determinada tarefa com sucesso.

Podemos neste âmbito distinguir agora os fatores de risco e os fatores de proteção, segundo Magalhães (2005) os fatores de risco são “(...) quaisquer influências que

aumentam a probabilidade de ocorrência ou de manutenção de tais situações” (Magalhães, 2005, p.45). Como referem Ribeiro e Sani (2009), estes fatores de risco podem ter origem genética ou biológica, ecológica e/ou biopsicossocial, podendo ser traços e/ou atributos próprios ou condições do meio, variando em situações, experiências, atitudes e comportamentos. Estes fatores não são preditivos de comportamentos de risco, mas aumentam a probabilidade dessas situações ocorrerem e podem diferenciar-se em individuais, familiares, escolares/pares, comunitários. Já os fatores de proteção, segundo Richman e Fraser (2001) são:

“(…) características individuais ou condições ambientais que ajudam as crianças e jovens a resistir ou então a contrabalançar os riscos aos quais estão expostas. Tais fatores atrasam, suprimem ou neutralizam os resultados negativos e podem dividir-se em três categorias: individuais, familiares e extrafamiliares. Independentemente da sua categoria, os fatores protetores exercem efeitos compensatórios e/ou amortecedores” (Rishman & Fraser, 2001, citado em Ribeiro & Sani, 2009, pp.403 e 404).

Como fatores de proteção podemos enumerar alguns aspetos como uma atitude intolerante face à violência, uma orientação social positiva, competências de gestão de stress, regulação emocional, autocontrolo, autoestima, sentimento de si saudável, expectativas positivas relativamente ao futuro, bom suporte familiar e social e uma boa relação com estes, pais com boas competências parentais, boa relação com os pares, motivação e compromisso face à escola, qualidade da mesma, coesão social, ambientes promotores de segurança e saúde, entre outros. Assim, enquanto os fatores de risco promovem a ocorrência de situações de risco/perigo que comprometam o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças e jovens, os fatores de proteção “apaziguam” esse risco, podendo até dissuadi-lo ou erradicá-lo.

Infelizmente, nem todas as crianças nascem no seio de uma família que tem uma dinâmica harmoniosa, equilibrada, vivendo por vezes num ambiente hostil, de violência, com pais por vezes portadores de perturbações mentais ou problemas cognitivos, sem uma rede de apoio, com carências económicas que dificultam o acesso a melhores cuidados de saúde, educação, alimentação, entre outros, deparando-se com entraves para a promoção do desenvolvimento das suas crianças e jovens. Apesar das adversidades da vida e dos fatores de risco a que pode ter sido sujeita, estas não têm um efeito casualístico

e não são preditores ou condicionantes do futuro dessa criança/jovem, são sim fatores de risco.

“As influências sociais – família, escola, e comunidade – podem constituir-se como fatores de oportunidade se as crianças se envolvem em relações com o seu meio envolvente que, a nível material, emocional e social, lhes proporcionam experiências compatíveis com as suas necessidades e capacidades nos vários períodos da sua vida; mas podem, contudo, tornar-se fatores de risco, se o leque de relações e evolução num dado ou por défice ou ausência das oportunidades consideradas normais e necessárias, o que resulta no empobrecimento da experiência relacional da criança/adolescente (Garbarino & Ganzel, 2000)” (Pereira, 2011, p.22).

Além da resiliência que cada ser humano possui, que lhe permite ultrapassar as dificuldades que passou e seguir a sua vida, se tiver quem cuide de si, independentemente das fragilidades que sofra, que procure estimular o seu integral desenvolvimento e incentive a seguir um bom caminho, sendo consequentemente um modelo de referência positivo, essa criança/jovem vai conseguir crescer e desenvolver-se de forma saudável e equilibrada.

Hoje em dia existem cada vez mais perigos que colocam as nossas crianças e jovens em risco/perigo, nomeadamente o facto de viverem em contextos de risco, em famílias destruídas, desfavorecidas, com diversos tipos de carências, sejam elas económicas, sociais, culturais, habitacionais, onde é frequente haver situações de violência, mau trato físico e psicológico, crime, delinquência juvenil, consumo de álcool e de estupefacientes, onde não existe uma valorização da escola, sendo frequente o abandono/absentismo escolar, onde existe muita negligência, mendicidade, exercício abusivo da autoridade, exploração de trabalho infantil, prostituição, e também os perigos das novas tecnologias e as novas problemáticas da sociedade atual. Sem esquecer que famílias com maior poder económico também têm problemas, simplesmente têm melhores formas de disfarçar, de abafar a situação e de esconder, sendo muitas vezes menos acessíveis quando se procura intervir com elas.

Estas crianças e jovens carecem de proteção por parte do Estado e das entidades competentes na área da infância e juventude (rede formal), mas também da família (nuclear e alargada), dos amigos e vizinhos (redes informais), da comunidade em que estão inseridos e da sociedade no geral. Estas condições promovem a marginalização

destas pessoas colocando-as em situação de exclusão económica, social e/ou cultural, o que só pode ser combatido pela própria sociedade, não só apoiando e procurando ajudar estas pessoas a saírem da situação problemática em que se inserem, mas também deixando de as estigmatizar e procurando formas de os (re)inserir na sociedade.

“Produzem-se situações de exclusão social porque a sociedade não oferece a todos os seus membros a possibilidade de usufruir de todos esses direitos nem de cumprir alguns deveres que lhes estão associados. O resultado é o das pessoas desfavorecidas perderem o estatuto de cidadania plena, quer dizer, se verem impedidos de participar nos padrões de vida tidos por aceitáveis na sociedade em que vivem” (Capucha, 1998, p.210 citado em Lourenço, 2010, p.24).

Estas situações obrigam a uma intervenção que procure prevenir que essas situações de risco se agravem e que levem as crianças e jovens que vivem nesses contextos a deixarem-se levar por essa forma de vida. “Prevenir não é só evitar algo, é intervir, é apostar num futuro melhor para muitas pessoas, para melhorar o bem-estar e a qualidade de vida de muitas outras” (D.J.F. Alonso, comunicação pessoal 27/10/2001, citado por CNPCJR, 2008, p.53). Como refere Jorge Ferreira: “A noção de risco tem por orientação a prevenção. Crianças em risco podem não apresentar características que permitam reconhecer o risco, porque não são ainda problemáticas, mas elas podem estar associadas a situações que podem conduzir ao risco” (Ferreira, 2009, p.41).

Podemos ainda distinguir três formas de prevenção, a primária, a secundária e a terciária, como podemos ler no Guia da Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CNPCJR):

“Em relação ao primeiro nível (...) redução do aparecimento de determinados, ou novos, problemas numa população, durante um certo período de tempo, no sentido de prevenir a sua emergência, atuando nos contextos em que podem ocorrer. A definição de prevenção secundária assenta na redução da taxa de prevalência de um determinado problema, em contextos populacionais específicos com características de risco. Relativamente à prevenção terciária, é perspectivada como sendo a redução da taxa efetiva dos impactos de uma problemática e das suas consequências em termos de desadaptação” (Caplan, 1964, citado por CNPCJR, 2008, p. 54).

Ou seja, a prevenção primária procura antecipar o problema, focando-se em grupos que ainda não apresentam qualquer problemática, tendo um carácter proativo, a prevenção secundária reporta-se à atuação atempada junto a grupos vulneráveis, por fim a prevenção terciária tem carácter de remediação, ocorrendo quando a situação problemática já está a decorrer, pretendendo evitar o seu agravamento, numa perspetiva de redução dos danos decorridos dessa situação através de uma intervenção reparadora a nível da reabilitação/tratamento.

Apesar da família contemporânea não se identificar com a típica família portuguesa, passando a uma maior situação equitativa dos papéis de ambos os progenitores nos diferentes papéis que têm de desenvolver a nível doméstico, seja a cuidar da casa seja a cuidar dos filhos, as mulheres passaram a preocupar-se com a sua carreira e já não ficam em casa “a criar os filhos e a fazer de empregada doméstica do marido”, os avós também trabalham até mais tarde e os pais não podem deixar os filhos com eles como outrora se fazia, há famílias monoparentais, com pais homossexuais, famílias reconstruídas com filhos de antigos casamentos, ou seja, com uma diversidade imensa e características muito variadas, numa sociedade onde ainda existe algum estigma quanto aos papéis dos diferentes elementos e quanto à sua abertura.

“A família é uma realidade complexa e, ao longo do desenvolvimento da humanidade, vários conceitos familiares foram emergindo. A família extensa deu lugar à família nuclear, e a outros tipos de famílias, nos quais o apoio emocional e a interação com os diversos sistemas sofrem um conjunto de influências mútuas. A evolução da humanidade condicionou e condiciona os papéis familiares de cada membro” (Carvalho, 2015, p.40).

### 2.3. Formação de jovens atletas – O papel das associações desportivas e culturais na vida de crianças e jovens

Começamos este ponto com uma frase de Teixeira Fernandes:

“A participação associativa tem um potencial estruturador e de identificação cultural, podendo ter um papel fundamental de formação e educação paralelas e complementares à família e à escola, servindo mesmo uma espécie de “função ortopédica” (Pierre Besnard), procedendo, ao mesmo tempo, à edificação de espaços públicos de vivências de uma efetiva “cidadania local”. Assim, o

associativismo é corretamente entendido como um agente fundamental de formação e de participação para o “desenvolvimento social” (Fernandes, 2001, p.299, cit in Neves, 2015, p.6).

Desta forma, as associações têm um importante papel na vida de crianças e jovens, por serem um importante espaço de aprendizagem, estimulando a sua participação, através da qual as crianças e jovens têm a oportunidade de aprofundar relações, conhecimentos, competências e vivências, contribuindo de forma comum e plural numa dimensão sociocultural e socioeducativa, para o progresso e desenvolvimento da nossa sociedade.

Muitas crianças e jovens veem as associações onde estão inseridos como uma “escapatória” à sua situação familiar, às tentações que os rodeiam no bairro em que vivem, à vida académica que muitas vezes não corre conforme idealizaram. Normalmente, é promovida de forma paralela a melhoria do rendimento académico tendo esse outro benefício também, inclusive, a melhoria da condição física cria uma maior predisposição para o estudo, melhora a concentração e a capacidade de aprendizagem, o que influencia positivamente o sucesso escolar.

“(…) as crianças e jovens nos clubes surgem como uma realidade humana e complexa que exige uma abordagem interdisciplinar, sistémica e global, tendo em conta que a criança e jovem terá sempre as suas necessidades e interesses próprios, independentemente do lugar e cultura em que se insere, importa reparar as situações de perigo em que elas se possam encontrar. Para tal é essencial que os factos sociais não sejam compreendidos de forma isolada, é necessário adotar uma conceção que tem em conta o contexto envolvente do atleta, neste caso, e todos os sistemas em que se insere, as relações que mantém com estes e os impactos no seu desenvolvimento.” (Lourenço, 2015, pp. 13 e 14)

A participação em associações, envolve inúmeras aprendizagens sociais e de valores que algumas crianças não desenvolvem em casa ou na escola e só as conseguem desenvolver verdadeiramente nesses espaços, até porque a sua disponibilidade para as aprender é maior por estarem num ambiente que as faz sentir bem, aprendizagens essas que elas por vezes nem se apercebem delas e ficam de certa forma inconscientes.

Os valores que são transmitidos, as relações que se estabelecem, as aprendizagens que desenvolvem e que são aplicáveis para outros contextos das suas vidas através da prática desportiva ou artística, têm um impacto e importância muito superior àquela que

o comum dos mortais se apercebe. Por exemplo, um grupo de crianças que se juntam na rua a jogar à bola ou a criar uma coreografia, estão a reforçar laços e valores sociais como a entreaajuda, o companheirismo, a partilha de opiniões, a um nível mais individual a sua criatividade, a sua capacidade lógica, o autocontrolo. Outro exemplo, um grupo de jovens que se juntam na associação para fazer brinquedos para oferecer às crianças desfavorecidas do bairro, estão a trabalhar a sua inclusão social. A análise desta temática deve ser muito mais aprofundada do que o simples ato de jogar à bola, dançar ou construir brinquedos.

Tanto as instituições desportivas como artísticas, têm grandes potencialidades para as crianças e jovens que estão inseridas nas mesmas, tanto a nível social como escolar, comunitário e individual, permitindo nomeadamente a aquisição de competências para a sua vida e uma melhor orientação escolar e profissional.

“(...) a participação nestes ambientes desportivos permite a todos os atletas a possibilidade de definir a sua identidade, descobrir outras competências e interesses e, aplicar alguns dos valiosos princípios e competências aprendidas durante a sua participação no desporto nos seus objetivos enquanto adultos, em áreas extradesportivas. São estes comportamento, competências e atitudes transferíveis do contexto desportivo para outros contextos (ex. família, escola, etc.) que são entendidos e conceptualizados como competências de vida.” (Danish et al., 1996; Danish & Nellen, 1997, cit in Lourenço, 2015, p.23).

Em termos formativos, como temos visto até aqui, além dos conhecimentos/atributos relativos à própria modalidade desportiva ou artística, muitas são as competências, ferramentas e habilidades adquiridas a nível pessoal seja psicológica, física ou socialmente. As associações, sejam elas de que cariz for, são uma rede de sociabilização e de transmissão de valores e aprendizagens extremamente rica. Esta formação é assim um processo globalizante, além da extrema importância das capacidades específicas inerentes a essa modalidade, é imprescindível, para que este processo seja bem sucedido, não podem ser esquecidas as outras componentes da formação como a criação de hábitos de saúde e desportivos, aquisição de valores sociais e morais como a responsabilidade, solidariedade, cooperação, entreaajuda, espírito de equipa, e a transferência de modelos de comportamento adequados (Pacheco, 2001, cit in Lourenço, 2015, p.9).

Nas artes tal como no desporto, são trabalhadas todas estas componentes extra às habilidades técnicas e práticas inerentes à modalidade, como já havia sido exposto. As atividades artísticas potenciam uma reflexão e integração mais marcada na sociedade, possibilitando aos seus praticantes um desenvolvimento particular. “Além dos projetos desportivos, outros projetos sociais com vista à diminuição do risco nos jovens socialmente desfavorecidos, têm vindo a revelar-se de extrema importância na diminuição do risco, como por exemplo, os projetos das orquestras nas escolas” (Pereira, 2011, p.66).

A dança por exemplo, assume-se como uma ferramenta de desenvolvimento pessoal, mas também grupal e comunitário, permitindo através dela partilhar as diferentes culturas existentes na própria comunidade e sociedade, integrando indivíduos com as suas características próprias, únicas, partilhadas entre diferentes membros da comunidade de pertença – “As danças não são naturais de uma etnia, mas aprendidas em sociedade” (Marques, 2003, p.41, citado em Camargo & Finck, 2010, p.68).

“(…) o ensino da dança pode, por exemplo, incluir nos seus processos artísticos, discussões, problematizações e questionamentos sobre o corpo, a dança e o convívio social que incluam as transformações corporais na adolescência, relações de género, padrões de beleza e a mídia” (Marques, 2003, p.53, citado em Camargo & Finck, 2010, p.69).

“(…) Percebe-se a influência da dança na formação sociocultural do povo (Freira, 2001). A dança como inclusão, pertencente a uma educação social, tem como objetivo ajudar a fundamentar, por meio de estratégias socioeducativas, a formação do ser humano, conscientização da sua própria identidade corporal e melhoria da qualidade de vida, diversificando pelas trocas entre família, infância, juventude, pessoas, entre outros (Capdevila; Puya, 2005) (...) A dança melhora a capacidade funcional, possibilita uma maior interação com outras pessoas e proporciona benefícios psicológicos (Gobbi et al., 2007) (...) A dança está também associada ao aumento da alegria, da autoeficácia e o autoconceito, levando o adolescente a ter uma sensação de sucesso que, por sua vez, reforça a autoimagem e a autoestima positiva (Mazo; Cardoso; Aguiar, 2006)” (Motta, Motta & Liberali, 2012, p.56).

O teatro, por exemplo, também é utilizado como forma de empoderar as populações e encontrar, de forma coletiva, respostas para os seus problemas sociais. Segundo Boal (1980, cit in Tavares, 2016, p.38), é fundamental encontrar

linguagens/formas de diálogo entre o governo e os seus cidadãos, para promover a participação dos mesmos, através da criação de novos espaços que estimulem a expressão criativa dos indivíduos. Sendo a participação uma componente essencial para a consolidação da democracia, efetivá-la implica um trabalho educativo em que a população possa refletir relativamente às relações sociais e de poder (Tavares, 2016, p.38).

“O teatro (...) é um mecanismo com múltiplas facetas, podendo ser um recurso com as mais variadas utilizações (...) enquanto atividade extracurricular pode promover o esbatimento da reprodução social por via de questões simbólicas não materializáveis (...) teatro feito em associações pode, por exemplo, ser uma via para promover um pensamento coletivo e uma identificação local e regional, a partir de determinadas temáticas. Assim, tanto o teatro como as atividades extracurriculares, podem ser explorados das mais diversas formas, tendo em vista uma transformação estrutural.” (Tavares, 2016, p.38).

O cinema, por sua vez, diz-nos Bazin (1967, p.91 cit in Canudo, 2017, p.13), que é “uma arte em que sons e imagens se juntam para produzir uma história, provocar emoções, e tem como função revelar e trazer à luz certos detalhes que os espectadores não costumam assistir”. James Tucker (2007: V, cit in Canudo, 2017, p.13), acrescenta ainda que o cinema permite “desenvolver um repertório de habilidades para perceção visual e resposta artística, facilitar Investigações sobre o Contexto Histórico, Cultural e Social; facilitar o envolvimento com o processo de criação de arte; e facilitar a Investigação Crítica e Estética”.

Desta forma, percebe-se as potencialidades do cinema, que gera novas ideias às crianças e jovens e influencia a sociedade, tal como o teatro, a dança, e todas as outras artes performativas. O cinema tornou-se um evento social, sendo que os filmes estimulam as emoções e apresentam padrões morais diferentes dos partilhados pelos adultos, sendo assim importante conceber o cinema como um processo social, cultural e educacional (Canudo, 2017, p.14).

“(…) no entender de Danielle Tavares (2014, p.15), o cinema é compreendido como uma forma de dizer alguma coisa, portanto uma linguagem que utiliza outras linguagens, como a verbal, a fotográfica, a estética, a teatral, a musical e a literária – sendo, portanto, um mecanismo de intervenção social (...) a educação pelo cinema (...) passa exatamente por fomentar a criatividade, o

sentido crítico, o conhecimento e participação cultural (...) levam a que os beneficiários se tornem pensadores críticos, exploradores confidentes, participantes informados, indivíduos expressivos, cidadãos envolvidos na sua cidade e colaboradores ativos, por exemplo (...) estão mais propensos às seguintes disposições: curiosidade, empatia, aspiração, tolerância e divertimento” (Canudo, 2017, pp. 15, 16 e 17).

Tanto as artes como o desporto, através das associações, podem assim ter um papel fundamental na vida de diversas crianças, jovens e famílias, contribuindo para a melhoria da sua qualidade de vida, através do desenvolvimento intelectual, físico e emocional dos seus associados, que adquirem conhecimento, ferramentas e habilidades que os vão acompanhar e apoiar ao longo das suas vidas.

### 3. A Sociedade e o Serviço Social

#### 3.1. Exclusão Social e Pobreza

Segundo o Relatório Conjunto sobre a Inclusão Social, podemos definir Exclusão Social como:

“um processo através do qual certos indivíduos são empurrados para a margem da sociedade e impedidos de nela participarem plenamente em virtude da sua pobreza ou da falta de competências básicas e de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, ou ainda em resultado de discriminação. Este facto distancia-os de oportunidades de emprego, rendimento e educação, bem como das redes e atividades sociais e das comunidades. Têm pouco acesso a organismos de poder e decisão e sentem-se, por esse motivo, impotentes e incapazes de assumir o controlo das decisões que afetam as suas vidas quotidianas” (Comissão das Comunidades Europeias, 2003, p.9 cit in Caldeira, 2011, p.6).

Em detrimento da Exclusão Social, encontramos a Inclusão Social, podendo defini-la, uma vez mais segundo o Relatório Conjunto sobre a Inclusão Social, como:

“um processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social acedem às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas económica, social e cultural e beneficiarem de um nível de vida e bem-estar considerando normal na sociedade em que vivem. Assegure-lhes, pois, uma participação acrescida no processo decisório que afeta as suas vidas e o acesso aos seus direitos fundamentais” (Comissão das Comunidades Europeias, 2003, p.9 cit in Caldeira, 2011, p.5).

Apesar de serem o oposto um do outro, ambos os conceitos são um processo, não é algo estático, que aconteça subitamente, obviamente passível de ser modificado e, por conseguinte, não é algo que não tenha retorno, chegando por meio de consecutivas quebras de relações sociais/afetivas, consequentes de uma trajetória marcada por diversas vulnerabilidades. Assim, a exclusão trata-se de um processo que vai empurrando a pessoa/grupo para a “margem” da sociedade, para fora dos centros relacionais e de recursos. “O afastamento do mercado de trabalho, para além do desemprego, que poderá

levar à pobreza, afeta também as relações sociais, estando aqui presentes várias vertentes da exclusão social” (Alfredo Bruto da Costa, 2001, cit in Caldeira, 2011, p.18).

Trata-se de um conjunto de vulnerabilidades e privações no acesso a bens (materiais e imateriais) produzidos socialmente. Desta forma, torna-se fundamental conhecer quais as causas dessa exclusão, desde logo pela sua origem, permitindo fazer uma intervenção mais direcionada para aquilo que é problemático e voltar a inserir esse indivíduo/grupo.

“No entender de Escorel (1999) o acumular de experiências de fragilização e rutura, conduzem os indivíduos que as sofrem, a uma condição muito peculiar: a condição de alguém que não encontra nenhum lugar social, está totalmente desvinculado ou com vínculos tão frágeis que não constituem uma unidade social de pertença. São pessoas desvinculadas no sentido material e afetivo bem como marginalizadas no nível simbólico. Neste contexto o processo de exclusão, opera pela discriminação e estigmatização e acabam “expulsos” de categorias socialmente idealizadas e aceites” (Piteira, 2019, p.6).

Podemos enumerar alguns fatores acumuláveis e potenciadores de exclusão (não sendo preditivos) como as origens familiares, nível de escolarização (baixo, nulo, deficiente), escassa ou reduzida formação profissional, falta de trabalho, trabalho precário ou sazonal, alimentação deficiente, baixos rendimentos, falta de condições de habitabilidade, estado de saúde debilitado, doenças crónicas, repetitivas ou de foro mental, falta de apoios socioeconómicos, falta de oportunidades e de acesso aos recursos, falta de acesso à cultura, ao lazer, o contexto onde reside, o facto de pertencer a uma minoria étnica, migração, solidão, falta de oportunidades, falta de justiça, intensificadores pessoais e espaciais, violência, o facto de viver em áreas geográficas remotas, falta de estatuto jurídico legal de residência, discriminação (seja por motivos religiosos, de raça ou identidade sexual), delinquência/criminalidade, entre outros. A exclusão social é algo que coloca em causa a união e coesão das sociedades.

“Segundo Seabra (2009) a escola enfatiza as desigualdades sociais ao invés de proporcionar a equidade, penalizando alunos cujas famílias são pouco escolarizadas e que desempenham profissões consideradas socialmente como subalternas, bem como alunos provenientes de bairros desfavorecidos.” (Palma, 2018, p.1).

Assim, como defende Alfredo Bruto da Costa (2010, cit in Caldeira, 2011, p.8), a exclusão social está relacionada com a sociedade e prende-se com uma questão de cidadania. Este autor enuncia ainda cinco sistemas sociais básicos, que formam o pilar-base de acesso à inclusão social, sendo eles o social (núcleos onde o indivíduo se insere como a família, amigos, vizinhos, empresa, escola, comunidade, etc.), o económico (mecanismos geradores de recursos como salários, pensões, ativos, bem como o mercado de bens e serviços e o acesso ao mesmo, e ainda o sistema de poupanças), o institucional (prestação de serviços como educação, saúde, justiça e habitação, e os direitos civis e políticos), o territorial (um território específico como bairros sociais, freguesias rurais, onde uma melhoria da qualidade de vida só pode ocorrer através de uma intervenção ao nível de todo o território) e o das referências simbólicas (perda de identidade social, autoestima, motivações, do sentimento de pertença, entre outras sensações e sentimentos interligados ao processo de exclusão).

Rogério Roque Amaro faz uma análise multidimensional (2000, Ap. Sousa, 2005, p.19, cit in Caldeira, 2011, p.8), colocando, tal como Bruto da Costa, a questão da cidadania em causa, definindo exclusão social como a falta de acesso às oportunidades oferecidas pela sociedade. O autor decompõe o conceito em diversos aspetos do quotidiano da pessoa, passando assim a citar:

“o ser (personalidade, dignidade, autoestima), o estar (redes de pertença social – família, vizinhos, sociedade), o fazer (tarefas realizadas e socialmente valorizadas – emprego remunerado ou voluntariado), o criar (capacidade de empreendedorismo e iniciativa), o saber (acesso à informação para poder refletir e tomar decisões) e o ter (rendimento, poder de compra, capacidade de estabelecer prioridades de aquisição e consumo)” (Caldeira, 2011, p.8).

Como podemos observar, estes sistemas complementam-se uns aos outros e consequentemente podem-se afetar uns aos outros, contribuindo cada vez mais para desenraizar o indivíduo/grupo, da sociedade em que está inserido, “empurrando-o para a margem da sociedade”.

Outro conceito que importa salientar nesta temática da exclusão social, é a pobreza, isto é, a situação de privação por falta de recursos, aumentando a situação de dependência de apoios alimentares e/ou monetários. A pobreza é assim uma das dimensões da exclusão, na medida em que o ser humano não consegue ter também acesso a outros sistemas da sociedade como as relações sociais, os sistemas de saúde e da

educação, entre outros, por não ter acesso a bens essenciais como alimentação, roupa, saúde, alcançados através dos seus próprios rendimentos. Desta forma, Bruto da Costa afirma que:

“Não existe “a exclusão social”, mas sim “exclusões sociais”, sendo elas: de tipo económico (pobreza – podendo levar à situação extrema de “sem-abrigo”), de tipo social (rutura de laços sociais; ex.: solidão nos idosos), de tipo cultural (ex.: rejeição de minorias étnicas), de origem patológica (causada por distúrbios mentais) e por comportamentos autodestrutivos (ex.: toxicodpendência, alcoolismo, prostituição) (cit in Caldeira, 2011, p.9).

Não obstante, pobreza e exclusão social não são sinónimos, pois enquanto a primeira está relacionada com bens materiais, a segunda está relacionada com a fragilização/rutura de laços sociais. Inclusive, não podemos esquecer ainda o facto de que, se uma pessoa pobre viver numa sociedade coletivista, em que o seu problema individual de pobreza é atenuado através da ajuda dessa mesma sociedade ou comunidade, não significa que não esteja inserida nela e conseqüentemente excluída. No entanto, se essa mesma pessoa viver numa sociedade individualista, têm mais probabilidade de se encontrar também em situação de exclusão social, pois além da questão económica, também possui uma rede de relações e laços sociais fraca.

“(…) a exclusão social é um problema estrutural e não pontual, pelo que as medidas a adotar, tanto no plano internacional, como nacional, devem ter em conta esta característica. Assim, as políticas sociais devem ser abrangentes, mas, por outro lado, adaptadas pelos agentes locais (Autarquias, Empresas e Economia Social e Solidária) de forma a responder às necessidades e capacidades da população às quais se dirigem.” (Caldeira, 2011, p.18).

Agora tocando na questão das associações desportivas e artísticas, Marques (1997, p.171, Ap. Freire, 2010, p.76 cit in Caldeira 2011, p.25) refere que a participação em algo relacionado com o desporto, é uma das formas de estar incluído na organização social dinâmica que é o subsistema do desporto, visto que este “congrega em si um potencial de inclusão social, mantém-se na moda, contraria na sua prática a desvantagem, o isolamento e o separatismo que conduzem à exclusão social”. “(…) Magalhães (2002) destaca as atividades que promovem autonomia, orientação social positiva, fontes de apoio individual ou institucional, bem como um forte e bom relacionamento com seus pares e pessoas fora da unidade familiar” (Piteira, 2019, pp. 1 e 2).

“O combate à exclusão social deverá então ser realizado através de programas de intervenção que possuam um carácter prático, objetivo e exequível, com o intuito de inclusão social passando pela formação e motivação dos indivíduos e da comunidade (Sheppard, 2006) (...) a inclusão social poderá ocorrer através da valorização das etnias, melhoria das estruturas que possibilitem novas oportunidades e, assim, obter os recursos necessários para que toda a comunidade possa participar ativamente na sociedade (Alvino-Borba & Mata-Lima, 2011).” (Palma, 2018, pp.5 e 6).

Desta forma, é importante que a inclusão social seja executada através de quatro domínios, sendo estes as políticas específicas para grupos desfavorecidos, políticas de emprego e de educação, acesso a serviços, políticas de apoio aos rendimentos e por fim, políticas de participação juvenil (Canudo, 2017, p.8). Para Robin Peace (2011, p.33, cit in Canudo, 2017, p.8) “o desejo de inclusão social pode ser interpretado, num contexto de políticas, como uma agenda para facilitar, enriquecer e reforçar a capacidade individual e de grupo para, pelo menos, três coisas: oportunidade, reciprocidade e participação”. Canudo aponta diversas medidas que possibilitam a superação da exclusão social:

“um apoio diário e cuidados prestados por um ou mais pais envolvidos; relações sustentadas com vários adultos não-membros da comunidade; um bairro onde todos sabem, protegem, escutam e se envolvem com os jovens; oportunidades para participar em clubes, equipas e organizações com capacidade de resposta; acesso a lugares públicos amigáveis; afirmação diária e encorajamento; relações intergeracionais nas quais crianças e adolescentes se ligam com adultos de várias idades; uma participação na vida comunitária concretizada através de papéis úteis e oportunidades de envolvimento; limites, valores e expectativas elevadas consistentemente articulados, modelados e reforçados; inclusão em grupos de pares motivados para alcançar e contribuir para algo; participação nas escolas, congregações, organizações de serviço à juventude e outras instituições; e oportunidades para atos de serviço frequentes a outros” (Milkman e Wanberg, 2012, p.48 cit in Canudo, 2017, p.20).

A inclusão social é percebida como resultado de uma ação positiva, tomada para alterar as circunstâncias/hábitos que levam à exclusão social, seja de um indivíduo, grupo ou comunidade (Piteira, 2019, p.10). Sem esquecer o conceito de cidadania abordado anteriormente, este diz respeito, juntamente com direitos de cidadania, a uma

determinada ordem jurídico-política de um país, onde a sua Constituição define/garante quem é cidadão, os seus deveres e direitos conforme variáveis como a idade, estado civil, condição física e mental, dívidas, entre outros. (Piteira, 2019, p.11).

“Possibilitar uma plena participação sob a tutela da cidadania, é beneficiar de igualdade de circunstâncias, no processo decisório, em todas as esferas da vida social, é usufruir de um nível de vida e bem-estar social, considerado normal, na sociedade contemporânea (Hutchby, 1998). (...) Para aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania, há que primeiro conduzir as pessoas, grupos e comunidades a *“um processo de reconhecimento e utilização de recursos e de instrumentos, em si mesmos e no seu meio envolvente”* e esse processo acaba por se traduzir num *“acréscimo de poder nos domínios psicológico, sociocultural, político e económico”*, definido por Pinto (1998, p.252 como empowerment.” (Piteira, 2019, p.12).

O empowerment tem um cariz educativo e capacitante, tendo em conta que coloca ênfase na aquisição de competências sociais e munindo-as de consciência social. É assim uma forma de dar poder para a pessoa poder ter a sua autonomia, alcançar os seus objetivos e superar os seus problemas por si mesmo, sem necessitar de terceiros. Isto é válido tanto a nível individual como grupal.

Assim, a inclusão social está intimamente ligada à cidadania e ao empowerment, pois é necessário empoderar, isto é, capacitar, o indivíduo/grupo com ferramentas, competências e habilidades para poder participar na sociedade e comunidade em que está inserido e só assim vai poder reinserir-se nestas.

### 3.2. O papel do Estado

Pertencem ao Estado inúmeros deveres e obrigações para com os seus cidadãos, seja na saúde, na cultura, na justiça, ou em qualquer outra área da vida de cada indivíduo, sendo aqui o foco as políticas no âmbito das crianças e jovens, nomeadamente na temática da cultura e do desporto. Assim, é obrigação do Estado e da sociedade contribuir para um avanço legislativo que proteja e apoie os mais vulneráveis e desprotegidos, criando também mais recursos e respostas. Como refere Jorge Ferreira:

“(...) a importância das políticas sociais para a criança, na medida em que a criança deve ser reconhecida (...) como um cidadão, que tem necessidades,

interesses e preocupações próprias. (...) o Estado tem obrigações de proteção das situações de maior carência e vulnerabilidade e os cidadãos deverão assumir uma maior responsabilidade em assegurarem por si a cobertura dos riscos através do recurso a outras formas de proteção individual ou coletiva (...)” (Ferreira, 2009, p.97).

Ao nível das políticas culturais, estas são essencialmente políticas públicas, cabendo ao Estado, por meio de diversos organismos, assegurar o apoio, financiamento, diversidade e divulgação cultural. Esta dependência face ao Estado, cria problemas relativos à independência artística ou à falta de estabilidade e de um plano a longo prazo, por culpa das mudanças contantes de governo, que estão constantemente com novas perspetivas relativamente a questões culturais: “No caso das políticas culturais, as relações sociais e a socialização têm uma ligação estreita, no quadro de um fenómeno específico, institucionalizado e intimamente conectado com a forma de perceber a cultura, com a sua conseqüente (des)valorização.” (Tavares, 2016, p.35).

Não obstante, é necessária esta ligação estreita entre o plano cultural e o plano político, para o desenvolvimento e aposta na cultura, onde deverá entrar um financiamento independente, permitindo uma menor dependência face ao Estado (Tavares, 2016, p.35). Aliás, o financiamento anual à cultura atribuído pelo Estado no seu Orçamento Anual, é mínimo e, apesar da cultura de um povo ser a sua identidade, as baixas receitas obtidas, o financiamento deficiente e desigual (um artista de TV não recebe o mesmo que um bailarino, um cantor famoso não recebe mesmo que um artista de circo, o Teatro Politeama para uma Revista à Portuguesa não recebe o mesmo que um canal de TV para um programa para encontrar o amor), enfraquecem a qualidade da cultura que é feita e aquela que é de qualidade não é devidamente explorada e divulgada, bem como os seus diferentes elementos não conseguem subsistir enquanto artistas.

Assim, a problemática estende-se além da oferta cultural, na sua diversidade, da democratização da cultura ou da função do Estado a nível financeiro na cultura, inserindo-se assim no campo dos interesses, motivações e necessidades dos indivíduos procurarem determinada obra, ou seja, na democratização da procura cultural, permitindo assim refletir relativamente ao interesse cultural e à eficácia das respetivas políticas públicas. Assim, o alargamento social no acesso à cultural é o principal fator para a transformação social e desenvolvimento de cada indivíduo (Tavares, 2016, pp.35 e 36).

Estas preocupações e problemáticas são transferíveis também para as associações desportivas, que têm também uma oportunidade de apresentarem respostas sociais que não são fornecidas pelo Estado, adequadas às limitações e objetivos da associação, providenciando alguns serviços e benefícios à sua comunidade e sociedade, que terá como consequência o aumento do envolvimento, influência e aceitação social, que levarão a um maior mediatismo e popularidade. Desta forma, é gerado um maior valor social, humano e cultural, e consequentemente, um maior valor económico, fortalecendo a imagem e marca da associação, bem como a sua articulação com outras entidades, parceiros e organismos contribuindo ainda para a angariação de mais sócios e eventuais convites para participações/demonstrações/espetáculos (Lourenço, 2015, p.16).

Existe assim no nosso país uma grande necessidade de serem criadas mais políticas de saúde e cultura direcionadas para crianças e adolescentes, investimentos sociais para uma melhoria do ambiente/espço urbano, uma valorização maior da prática desportiva e artística fora do contexto escolar e um maior apoio do Estado às pequenas associações e a projetos deste tipo. A revitalização de espaços e a inclusão de recursos já existentes como a cultura local ou os espaços recreativos onde se potencializam formas integradoras de recreação e revitalização culturais, permitem diagnosticar situações de risco e preveni-las de forma antecipada. Assim, é fundamental que se passe a ter uma ritualidade cultural que incentive e valorize o papel da arte e dos artistas na sociedade em geral, bem como aos atletas e ao papel do desporto, reconhecendo-lhes o mérito que merecem.

“O papel do Estado não pode ser descurado, limitando-se a um mero observador e financiados, diluindo as suas responsabilidades. Não pode ainda, e por outro lado ser, um bloqueador da inovação, em que a falta de autonomia de órgãos desconcentrados não facilita o seu envolvimento em estratégias de desenvolvimento de especificidade local” (Henriques, 2007, p.160, cit in Jerónimo, 2017, p.17).

O Estado deveria apostar ainda na gestão individualizada da inserção no combate à exclusão social, bem como deixar de apenas distribuir recursos para passar a prestar serviços, baseados em ajudas diferenciadas, solidárias e individualizadas, implementando estratégias reparadoras e preventivas tendo como fim a inserção social no âmbito da coesão social. As prioridades do Estado devem atender e adaptar-se à realidade atual,

sendo uma das estratégias, o reconhecimento da importância da Economia Social e Solidária, através do estabelecimento de mais e melhores parcerias (Caldeira, 2011, p.15).

Apesar de ser responsabilidade do Estado a resolução dos problemas sociais e a integração dos mais desfavorecidos, temos de reconhecer que é difícil assumir essa função preponderante, devendo assim ser a sociedade civil a assumir esse papel, com o devido apoio do Estado, sem desresponsabilizá-lo de todo. O Estado continua a ter a missão de “fomentar a sua sustentabilidade, facilitar a sua criação e apoiar a realização das suas iniciativas” (Duarte, 2016, p.8).

### 3.3. A Economia Social e Solidária e o Desenvolvimento Local

Começamos este ponto, por caracterizar a Economia Social, com apoio no estudo de Luís Duarte (2016). Esta corresponde às atividades económicas formadas pela associação entre a utilidade social e a democracia económica, associação esta complementada pelo conceito de solidariedade, na hibridação de recursos mercantis, não-mercantis e não monetários (Defourny, 2009, p.156, cit in Duarte, 2016, p. 13). Os quatro Princípios Económicos da Economia Social, são o Princípio da Reciprocidade (princípio estruturante que serve também de base à Economia Solidária), o Princípio da Domesticidade, o Princípio de Mercado e o Princípio da Redistribuição de Recursos.

O Princípio da Reciprocidade é a economia da entreatajuda, não monetária e não mercantil, funciona conforme o princípio da troca de valores, isto é, dar sem esperar receber e sem olhar ao valor de troca, em regime de voluntariado, prestando serviços a indivíduos que ficaram “de fora” do mercado de trabalho. Este princípio apresenta várias dimensões, são elas a social, cultural, afetiva, psicológica, ambiental e económica, e ainda da amizade no âmbito da entreatajuda entre amigos. O Princípio da Domesticidade, possui semelhanças com o princípio anterior, tendo em conta que também é não monetário e não mercantil, apresentando dimensões coincidentes, embora seja num âmbito mais restrito, isto é, ao familiar.

Contrariamente, o Princípio de Mercado e o da Redistribuição de Recursos, são muito diferentes. O primeiro baseia-se na economia de mercado, sendo assim monetária e mercantil, apresentando exclusivamente uma dimensão económica. O segundo trata-se da economia pública (do Estado), isto é, a economia de uma autoridade central e, embora sendo não mercantil, baseia-se numa economia monetária e apresenta a dimensão política.

Rogério Roque Amaro (cit in Duarte, 2016, p.14), aponta três falhas da Economia Social, a económica, social e democrática. Quanto à económica, trata-se da aproximação excessiva ao mercado, não permitindo distinguir-se da própria lógica de mercado, como no caso das cooperativas e mutualidades, além disso, não existe efetivamente um Projeto Económico de qualidade devido à inexistência de preocupações de rigor económico e de gestão. Depois, o Princípio da Reciprocidade nunca assumiu uma afirmação clara, tornando-se mitigado/ignorado, sem ter tido capacidade para assumir um projeto plural subordinado à Reciprocidade. Todas estas falhas fizeram com que a Economia Social nunca tivesse conseguido colocar em prática um projeto económico autónomo.

A Economia Social, pode ser considerada como uma antecessora e uma fonte de inspiração à Economia Solidária. De acordo com Rogério Roque Amaro (2000, p.13, cit in Duarte, 2016, p.15), a Economia Solidária nasce da Economia Social, “através de práticas novas ou renovadas. Através das suas práticas, tem como objetivo a democratização da economia e a promoção da ação coletiva, enquanto Projeto político” (Duarte, 2016, p.15).

De acordo com o mesmo autor, baseia-se em três princípios de organização/governança económica, sendo eles o Mercado (esfera mercantil), o Princípio da Redistribuição (esfera não mercantil) e o último o Princípio da Reciprocidade (esfera não monetária) (Duarte, 2016, p.15). Assim, a Economia Solidária, tem o intuito de fornecer uma proposta económica alternativa, possuindo atualmente um reconhecimento científico e político-institucional.

Podemos enumerar algumas semelhanças entre as duas Economias, como o facto de ambas terem por objetivo, a apresentação de propostas alternativas, enquanto resposta às falhas das outras Economias, o facto de assentarem em formas jurídicas e institucionais semelhantes e, talvez a semelhança mais importante, é o facto de terem como base o Princípio da Reciprocidade. Possuem ainda um conjunto de princípios e valores coincidentes, como a existência de um predomínio de interesse individual sob o interesse comum, o primado das pessoas sobre o capital, o facto do seu fim não ser a obtenção de lucro, atuando segundo o princípio da gestão democrática, e funcionando de forma autónoma face ao Estado. Por fim, ambas funcionam através de trabalho em regime de voluntariado e segundo iniciativas da sociedade civil (Duarte, 2016, p.19 e 20).

Depois de apontarmos as semelhanças, teremos agora de apontar as principais diferenças. Primeiramente, o contexto histórico em que nascem, enquanto a Economia Social aparece através das questões levantadas pela Revolução Industrial e pelos ideais da Revolução Francesa, século XIX, a Economia Solidária advém na transição do século XX para XXI, devido a questões oriundas da globalização, da crise do Estado Social e da problemática ambiental. Quanto à sua etiologia, enquanto a Economia Social tem como missão dar resposta às falhas sociais e políticas do mercado antes do estado social, a Economia Solidária tem causas múltiplas e muito abrangentes, através de respostas a falhas do mercado em diversas vertentes, sejam elas social, cultural, ambiental, territorial, política ou ética, mas também às próprias falhas da Economia Social no âmbito económico, social, e até democrático (Duarte, 2016, p.20).

Relativamente ao Projeto Económico, a Economia Solidária tem um projeto forte e alternativo com uma afirmação convicta do Princípio da Reciprocidade enquanto a Economia Social nunca conseguiu alcançar um projeto autónomo, encontrando-se esse mesmo princípio mitigado. Sobre o Projeto Social, na Economia Social, este é assistencialista, enquanto na Economia Solidária é emancipatório. No que toca ao Projeto Político, o Projeto de Democracia Interna foi-se desgastando na Economia Social, já na Economia Solidária esse projeto renovou-se, aliado à promoção da democracia participativa no espaço público comunitário, bem como a experiências de governação, também a nível local. A Economia é considerada uma questão acessória na Economia Social, enquanto na Solidária tem uma importância relevante, tendo em conta que promove a democratização da economia, ou solidariedade democrática, como essencial (Duarte, 2016, p.20).

Por último, temos o ponto do Projeto Económico, Social e Político, que na Economia Social se baseia na solidariedade entre as pessoas (visão antropocêntrica), enquanto na Economia Solidária, baseia-se numa visão ecocêntrica, onde abrange os seres vivos e não apenas os seres humanos, sendo o seu projeto global mais abrangente, incluindo nele as áreas da cultura, do ambiente, do território, da ética, da gestão e do conhecimento (Duarte, 2016, p.21).

A Economia Social e Solidária, assume-se progressivamente como uma economia capaz de responder face às necessidades sentidas pela sociedade civil, tratando-se assim de uma “outra economia”, com uma visão substantiva, que é orientada pelos princípios da reciprocidade, solidariedade e da democracia participativa. Na sua preocupação em

solucionar problemas sociais a nível territorial, estabelece uma interligação com o Desenvolvimento Local (Jerónimo, 2017, p.45). Assim, a intervenção da Economia Social e Solidária, pode determinar o desenvolvimento de um território, isto é o Desenvolvimento Local, através por exemplo das associações desportivas e artísticas, daí a importância que este tópico e o próximo têm para a temática desta tese.

“O Desenvolvimento Local como conceito procura dar resposta às necessidades sentidas pela comunidade (pobreza, exclusão social, sustentabilidade ambiental, etc.), partindo das contribuições da própria. Os vários atores sociais articulam entre si, considerando e analisando a especificidade do território e os seus recursos, e valorizando o contributo da população residente, para o desenvolvimento do seu território.” (Jerónimo, 2017, p.1).

Esta ligação entre o Desenvolvimento Local e a Economia Social e Solidária emerge através da sua preocupação em resolver questões sociais, surgindo como componentes fulcrais a criação de emprego, a defesa da cultura e do património (Jerónimo, 2017, p.9).

O Desenvolvimento Local, trata-se assim de um “processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo aquela o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das respostas” (Jerónimo, 2017, p.13). Diz-nos Rogério Roque Amaro que:

“O conceito de Desenvolvimento Local, como foi renovado nos últimos 30 anos, apresenta potencialidades (...) é multidimensional e, portanto, integrado; valoriza capacidades e o empowerment, facilitando a coesão social; assenta na participação; permite o multiprotagonismo, e, por isso, estimula as parcerias; visa a interdependência ambiental; é multiterritorial; promove a diversidade.” (2003, p.62, cit in Jerónimo, 2017, p.13).

Rogério Roque Amaro aponta ainda três ideias principais no qual o Desenvolvimento Local está assente: o diagnóstico das necessidades das comunidades locais deve ser feita com a participação das mesmas; os recursos e as capacidades da própria comunidade devem ser a base da resposta a essas necessidades; os problemas e soluções devem ser abordados de forma integrada, conjugando as suas várias componentes e áreas de intervenção (educação, emprego, saúde, rendimento, alimentação, cultura, entre outros) (2009a, p.109, cit in Jerónimo, 2017, p.14).

O Desenvolvimento Local é assim um tema fundamental no âmbito da luta contra os problemas sociais e na promoção da melhoria das condições de vida dos seus indivíduos, considerando a dinâmica económica e social de determinado território, no qual os diversos atores sociais trabalham para um objetivo comum. Estes atores podem ser autoridades locais, associações sociais e culturais e entidades com interesses económicos, que atuam com variadíssimas motivações e objetivos, necessitando desse tal objetivo comum que una os seus esforços.

“As relações devem ser caracterizadas pela confiança e cooperação, e mais importante que tudo, uma disposição para aprender, e para reagir à mudança inovando nas suas práticas. Um ponto fulcral é a presença de um líder, indivíduo ou grupo, que coordene estes esforços” (Zanon, 2015, pp. 339, 341, 343, 355, cit in Jerónimo, 2017, p.18).

Aqui, o Estado funciona como parceiro do Desenvolvimento Local, onde estabelece redes de solidariedade, conflito e cooperação, descentralizando o poder do Estado para o poder local, numa governança assente em parcerias e formas de associação entre organizações governamentais e não governamentais, sem descurar a importância do Estado que atua como observador e financiador.

Importa ainda falar do Desenvolvimento Comunitário que, segundo Rogério Roque Amaro, está, a partir dos anos 80, na base da formulação do conceito de Desenvolvimento Local (2009, p.111, cit in Jerónimo, 2017, p.19).

“O Desenvolvimento Comunitário caracteriza-se como uma técnica social de promoção do homem e de mobilização de recursos humanos e institucionais, mediante a participação ativa e democrática da população, no estudo, planeamento, e execução de programas ao nível de comunidades de base, destinados a melhorar o seu nível de vida” (Carmo, 2001, p.4 cit in Jerónimo, 2017, p.19).

Os grandes princípios das estratégias do Desenvolvimento Comunitário são o Princípio das necessidades sentidas, da participação, da cooperação, da autossustentação e da universalidade. O fator de destaque deste modelo de intervenção, é a adesão das populações ao processo de mudança, bem como a sua participação efetiva em todas as fases do processo de desenvolvimento (Silva, s.d. cit in Jerónimo, 2017, p.20).

Este processo, parte das necessidades sentidas pela população que, com o intuito de as colmatar, desenvolve um plano de ação/intervenção, tendo desde logo o suporte dos

interessados, ou seja, integra a comunidade no processo de desenvolvimento e gere os recursos existentes.

“O Desenvolvimento Comunitário preocupa-se com a mudança de mentalidades, que se considera fulcral para ocorrer o processo de desenvolvimento. Uma ideia imposta, sem a cooperação e aceitação por parte da comunidade, não terá resultados. É necessária capacidade crítica e ação coletiva” (Henriques, 2006, p.278 e 288, cit in Jerónimo, 2017, p.22).

Por conseguinte, a ideia base nestes processos é o envolvimento, participação e codecisão das pessoas, da comunidade, nos processos de tomada de decisão, tornando assim os elementos que a compõem, cidadãos participativos na sua sociedade.

“Conforme preconiza o Desenvolvimento Comunitário, que deu contributo ao Desenvolvimento Local, só este “trabalho com” poderá determinar verdadeiramente o sucesso de todas as iniciativas tomadas por entidades que se promovem como atores a favor do bem-estar da comunidade para o Desenvolvimento Local é necessário envolver a comunidade” (Jerónimo, 2017, p.46).

Assim, o impacto da Economia Solidária e Social, através do Desenvolvimento Local e Comunitário, através das associações desse território, permite promover o desenvolvimento dos seus cidadãos, mais especificamente das suas crianças e jovens, que passam a ter uma voz ativa, a ser escutados, a participar e a decidir, e como consequência a ganhar competências, valores, habilidades e ferramentas que lhes vão permitir estarem inseridas na sua comunidade e sociedade, pela qual vão querer lutar por passarem a sentir-se parte dela e do seu desenvolvimento. Podemos assim observar um desenvolvimento local, comunitário, mas também a nível social, cultural, e intelectual dos seus elementos integrantes.

“(…) ser um projeto que representa os seus interesses e age tendo em conta as suas preocupações e necessidades, que lhes dá voz, originou um desenvolvimento pessoal e interpessoal para todos os intervenientes. Um caminho de codecisão e envolvimento foi o necessário para combater a apatia, o desinvestimento e desinteresse da comunidade no seu território (...) é importante que as suas opiniões e propostas sejam ouvidas também a um nível macro (...)” a associação “(...) procura agir como um interlocutor e cooperar com os vários autores, dando a conhecer as necessidades sentidas por estes jovens, numa sociedade que, segundo os mesmos, não valoriza a opinião dos jovens e

desconhece as suas capacidades e contributos políticos. E políticos não de uma perspetiva partidária, mas sim de uma perspetiva do Desenvolvimento Local. Caso não haja esta valorização gera-se a revolta e descrédito no sistema político conforme revelado pelos mesmos.” (Jerónimo, 2017, pp.47 e 48).

Para rematar, é importante também não esquecer da importância de repensar as políticas públicas, no intuito de “ajudar os territórios a promover abordagens territorialmente integradas na resposta aos diversos problemas sociais, privilegiando a cooperação entre diversos atores”, e ainda repensar as “atribuições dos municípios, que (...) podem ter um papel mais ativo no Desenvolvimento Local” (Jerónimo, 2017, p.48).

### 3.4. A Responsabilidade Social das Associações

Os princípios da Responsabilidade Social, são inerentes aos pilares da Economia Social e Solidária, assim, “constituem o seu código genético e a sua atividade não é mais do que a efetivação das preocupações da inclusão, da partilha e da gestão racional dos recursos” (Duarte, 2016, p.21). Para a Economia Social e Solidária “a Responsabilidade Social é uma nova forma de efetivar, atualizar e difundir a sua missão e valores ancestrais” (Duarte, 2016, p.22).

No entanto, se tivermos um olhar crítico e refletirmos sobre os modelos de governação, os processos adotados e as suas práticas, encontramos a necessidade de aprofundar esta questão e de promover uma adoção clara de procedimentos que possibilitem a efetivação dos quatro pilares da Responsabilidade Social (atrás referido no âmbito da Economia Social), em matérias como a conciliação do trabalho com a vida pessoal, igualdade de género nos seus órgãos sociais e funcionários, formação, códigos de conduta, liderança ética, nas práticas ambientais, de reciclagem, de redução da pegada ecológica, nas opções energéticas, na educação ambiental, na sua gestão económica, nos seus processos de qualidade e de garantir a sua autonomização financeira, no impacto social que produz junto dos seus elementos integrantes, comunidade e sociedade, entre outros (Duarte, 2016, p.21).

Por conseguinte, “as entidades de Economia Social e Solidária necessitam de se aperfeiçoar no sentido de implementar políticas de Responsabilidade Social” (Duarte, 2016, p.22), melhorando assim a sua relação com os seus funcionários, colaboradores, voluntários, parceiros, entre outros, promovendo o estabelecimento de parcerias estáveis

que visem o investimento social em vez da filantropia. Assim, “a organização aprende a melhorar a sua comunicação e a avaliar os seus resultados e, principalmente, a tangibilizar a mudança que efetivamente provoca” (Duarte, 2016, p.22).

Importa para este trabalho, estudar a questão da Responsabilidade Social no âmbito do setor não lucrativo, tendo em conta que o nosso foco são as associações desportivas e artísticas, sem fins lucrativos. Neste setor, apesar deste tipo de responsabilidade estar inerente à sua génese, estas organizações devem ser críticas e analisar se estão efetivamente a implementar a Responsabilidade Social que está “no papel”.

Relativamente à importância das responsabilidades sociais e educativas dos clubes desportivos e das associações para com os seus atletas e para com a sua comunidade, também a União Europeia demonstra preocupações neste âmbito, tendo em 2001 aprovado o Tratado de Nice. Os seus artigos 1º e 12º evidenciam esta preocupação:

“1. (...) na perspetiva de salvaguarda das estruturas desportivas atuais e da manutenção da função social do desporto na União Europeia. As organizações desportivas e os Estados-Membros têm uma responsabilidade primordial na condução das questões desportivas (...) deve ter em conta (...) as funções sociais, educativas e culturais do desporto, fundamento da sua especificidade, a fim de respeitar e de promover a ética e a solidariedade necessárias à preservação da sua função social.

12. O Conselho Europeu salienta os benefícios que os jovens atletas retiram da prática desportiva e insiste na necessidade de se conceder uma atenção especial, nomeadamente por parte das organizações desportivas, à educação e à formação profissional dos jovens desportistas de alto nível, por forma a que a sua inserção profissional não seja comprometida pela sua carreira desportiva, o seu equilíbrio psicológico e laços familiares e a sua saúde, nomeadamente a prevenção contra o doping. O Conselho Europeu aprecia o contributo das associações e organizações que, no seu trabalho de formação, respondem a essas exigências e prestam assim uma contribuição social preciosa.” (Tratado de Nice, 2001, cit in Lourenço, 2015).

Os modelos de responsabilidade social estão presentes quando as instituições, adotam de forma voluntária (e não impostas pelo Governo ou outros organismos superiores) posturas, comportamentos e ações que promovem o bem-estar do seu público

interno (funcionários, professores, atletas, artistas) e externo (comunidade, parceiros). Desta forma, assumem uma maior transparência organizacional e uma ação corporativa moralmente mais equilibrada, influenciando ainda a aceitação social (Lourenço, 2015, pp.15 e 16).

Para as associações, a responsabilidade social pode servir assim como uma estratégia de valorização dos seus serviços, comprovando a qualidade dos mesmos e atribuindo-lhe um estatuto social com o qual a sua comunidade se identifica. Assim, podemos enumerar mais alguns benefícios que a influência da responsabilidade social atribui à respetiva associação, além da transparência e do “fazer moralmente correto”, temos a nível do marketing social e mediático, a nível empresarial atendendo aos patrocinadores que terão também benefícios por patrocinar associações com estas características, a nível do mercado da procura, tendo em conta que “chamará” mais participantes que veem como uma vantagem o facto de haver este suporte na estrutura da associação (Lourenço, 2015, pp.16 e 17). Incluem-se ainda outros aspetos como uma adequada elaboração de relatórios de atividades, um cuidado a nível da linguagem e da comunicação com os parceiros, a mediação do impacto, a qualidade e certificação da mesma, ligada também com às questões ambientais e económicas.

### 3.5. O desporto e as artes performativas como campo de intervenção para o Serviço Social

Em 2014 a Federação Internacional de Assistentes Sociais (FIAS) e a Associação Internacional de Escolas de Serviço Social (AIESS) adotaram a seguinte definição de serviço social:

“O serviço social é uma profissão de intervenção e uma disciplina académica que promove o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o empowerment e a promoção da Pessoa. Os princípios de justiça social, direitos humanos, responsabilidade coletiva e do respeito pela diversidade são fundamentais para o serviço social. Sustentado nas teorias do serviço social, nas ciências sociais, nas humanidades e nos conhecimentos indígenas, o serviço social relaciona as pessoas com as estruturas sociais para enfrentar os desafios da vida e melhorar o bem-estar social. Esta definição pode ser ampliada nos níveis nacional e/ou regional” (FIAS, 2014).

É logo no campo da prevenção primária que podemos observar a ligação entre o serviço social e a prática desportiva e artística, procurando-se retirar as crianças e jovens desses contextos de risco em que vivem através, por exemplo, da dança, do judo, da música. Como analisámos anteriormente, as artes e o desporto potencializam a formação de valores e a integração das crianças e jovens na sua comunidade e sociedade. Assim, enquanto projeto social, procuram incluir e formar as pessoas que praticam alguma dessas modalidades e melhoram a sua saúde na sua plenitude (a nível físico, psicológico e social), através da transmissão de valores, da partilha de experiências, de preocupações, da sua cultura, de promover a sua integração na sociedade através do exercício pleno da sua cidadania, conhecendo os seus problemas e necessidades, as suas motivações e os seus interesses, principalmente aqueles que são partilhados com os demais elementos do grupo.

“O suporte social como componente de uma estratégia de intervenção comunitária tem demonstrado ser útil na identificação dos grupos de intervenção comunitária tem demonstrado ser útil na identificação dos grupos de intervenção, podendo ser utilizada de forma coerente a nível individual e de grupos, tornando as intervenções mais específicas, reais e concretas (Ornelas,1997)” (Pereira, 2011, p.22).

As nossas crianças são o futuro da nossa sociedade e devem ser ensinadas e ajudadas desde cedo para que nada comprometa o seu desenvolvimento integral e se tornem adultos saudáveis, equilibrados e felizes. Esse ensinamento começa em casa, mas, visto que nem todas nascem numa família equilibrada e estruturada, essa aprendizagem inicia-se na escola, que pode ser a única referência positiva na vida dessas crianças e jovens e também na comunidade, daí a importância da ligação entre a família, escola e comunidade que pode criar respostas para estas situações, principalmente na ausência delas, ou melhorar as já existentes, sendo fundamental uma forte cooperação entre estes três núcleos.

Para isso deve haver uma intervenção que trabalhe as diversas esferas das suas vidas, particularmente as que carecem de ajuda. Uma intervenção que deve atender ao superior interesse da criança, mas também da sua família, devendo ser uma intervenção precoce e mínima, interdisciplinar e que procure ser eficaz e eficiente, resolvendo o problema logo na sua raiz, procurando erradicar os danos dessa situação e encaminhar a família para a sua estabilidade, paz, tranquilidade e equilíbrio. Os professores podem ter

o poder de salvar as suas vidas que, se não forem ajudadas a tempo, podem ficar comprometidas para sempre.

Desta forma, a intervenção deve ser feita a nível “emocional (afeto e estima), instrumental (bens e serviços tangíveis), informativo (acesso a informação e orientação/aconselhamento) e de avaliação (comunicação de informação e expectativas relevantes para a autoavaliação e feedback)” (Semmer, Elfering, Jacobshagen & Perrot, 2008; Wills & Shinar, 2000, cit in Pereira, 2011, p.23).

Considerando as associações desportivas e culturais a nível local/comunitário, é necessário que, para o serviço social poder atuar, consiga desenvolver com as associações e outras entidades da comunidade, parcerias comunitárias de forma a promover respostas coordenadas no âmbito dos problemas sociais identificados, que por norma são complexos, criando um espaço de participação cívica e de colaboração mútua, bem como uma estrutura aceite pelos seus elementos, construindo assim, comunidades mais saudáveis, utilizando os recursos das próprias. Estas parcerias devem ainda ser flexíveis, abrangentes e orientadas para respostas concretas que promovam a ligação com a comunidade, bem como o empowerment comunitário, são assim meios privilegiados para a implementação de programas preventivos.

“As parcerias comunitárias são, assim, um meio privilegiado para as intervenções no âmbito da prevenção primária, pois dado que estão direcionadas para a estruturação de programas orientados para níveis ou dimensões sociais múltiplos, abrangendo diferentes grupos sociais, pessoas em etapas diferenciadas do seu desenvolvimento e que desempenham uma variedade de papéis sociais (...) as parcerias comunitárias são assim um veículo privilegiado para a construção e implementação de intervenções preventivas, ao mobilizarem setores diversificados da comunidade, permitirem a troca de conhecimento e experiência e ainda fomentarem articulação e combinação de práticas e/ou serviços.” (Ornelas & Moniz, 2007 cit in Pereira, 2011, p.25).

O assistente social diferencia-se de outros profissionais neste âmbito por transformar a sua intencionalidade em ações concretas, com o fim de efetivar a mudança na vida de determinada pessoa, grupo ou comunidade. Assim, a inserção destes profissionais em associações desportivas e artísticas, permitiria o desenvolvimento de um trabalho mais profundo a nível psicológico e social, onde o profissional pode observar, escutar e diagnosticar problemas que estejam a afetar aquela criança ou jovem, pois está

capacitado para tal, ao contrário dos outros profissionais integrantes de determinada associação.

Ferramentas como o empowerment, que permite “dar poder” à pessoa para fazer as suas próprias escolhas, potenciando a sua autonomia, permitindo-lhe ter poder para aceder a recursos, bens, serviços, para tomar decisões refletidas, decidir por si e não pelo que os outros dizem. O empowerment é assim um instrumento valioso no âmbito da promoção da participação e fortalecimento em direitos individuais e coletivos, principalmente daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade.

“É visto como um processo intencional e contínuo, que quando centrado na comunidade local, abarca a reflexão crítica, a atenção e a participação, por meio do qual as pessoas a quem falta o acesso a uma parcela de recursos, possam ter maior acesso e controlo sobre eles, que quando centrado a nível individual, promovem o poder de agir da pessoa e esta ganha controlo sobre as circunstâncias da sua vida, a participação democrática na vida da comunidade e uma compreensão crítica do seu ambiente envolvente (...) visa a constituição de comunidades responsáveis e ativas, nas quais os indivíduos que as compõem adquiram maior controlo sobre as suas vidas e participem democraticamente da vida quotidiana tendo em conta as diferentes estruturas, conjunturas e práticas culturais e sociais.” (Piteira, 2019, pp. 13 e 14).

Piteira (2019, p.34) cita Carvalho (2016, p.16), referindo que o serviço social tem como propósito “fortalecer a autonomia, a cidadania da participação e de mudança nas condições de vida (...) com vista à superação de desigualdades sociais”. É uma profissão que se rege por valores como da dignidade da pessoa humana, da justiça social e da integridade, e também por princípios como a liberdade, equidade, autodeterminação da pessoa enquanto cidadão, autonomia, empowerment, individualidade, proteção e cuidado, numa perspetiva de acesso a bens, entre outros. Os assistentes sociais, capacitam e apoiam as soluções específicas de cada problemática, no âmbito da mudança social, atendendo à igualdade de oportunidades e participação social, orientando a compreensão dos diversos fenómenos, numa visão holística na promoção dos direitos dos indivíduos, grupos e comunidades (Carvalho, 2015; Ferreira, 2009, cit in Piteira, 2019, pp. 34 e 35).

“O Assistente Social, no propósito de intervir na esfera social das crianças, é orientado por uma perspetiva sistémica e holística, que visa compreender as suas necessidades sociais, a resolução dos seus problemas, estimular competências, capacitar e melhorar o sistema de bem-estar social,

norteando pelo princípio do acesso a direitos sociais (...) tem que partir de um quadro de referência, sobre os próprios que identifique: i) o direito das crianças a desempenharem um papel participativo na sociedade, como condição de cidadão, tutelado pela Convenção dos Direitos da Criança e reconhecer a sua capacidade de pensar e agir; ii) a maturidade ou seja a fase do desenvolvimento pessoal e social em que se encontram; e iii) as suas normas e valores de referência resultado das experiências tidas, na relação entre crianças e adultos.” (Piteira, 2019, p.35).

Considerando então os benefícios que o desporto e as artes trazem para a vida de crianças e jovens, em particular para aquelas que se encontram em situação de risco, e atendendo à intervenção promovida pelos assistentes sociais, é necessário que se comece a utilizar o potencial das associações deste tipo no âmbito da inclusão social, da integração e da igualdade de oportunidades, por isso mesmo seria útil a aliança entre o serviço social e o desporto e as artes performativas: “as atividades desportivas não lucrativas que contribuem para a coesão social e a inclusão social dos grupos vulneráveis podem ser consideradas como serviços sociais de interesse geral” (Livro Branco sobre o Desporto, 2007, p.8 cit in Caldeira, 2011, p.27).

Lourenço (2015) pretende no seu estudo analisar a integração do serviço social na estrutura das instituições e associações desportivas, tal como se pretende nesta tese, abordando não só as associações desportivas, mas também artísticas. Tanto o desporto como as artes tornam-se, enquanto instrumento com potencial para a intervenção social, um campo inovador na área do serviço social, e ainda uma tentativa de aperfeiçoamento dos métodos e abordagens já existentes, através da experiência que este tipo de intervenção pode permitir (Lourenço, 2015, p.5).

“(…) os contextos das instituições e clubes desportivos apresentam grandes potencialidades para a prática do Serviço Social, na medida em que poder ser campos de intervenção com especificidades muito favoráveis para o sucesso do trabalho dos assistentes sociais. (...) Tal como explorado por Marivoet (2002), no desporto encontra-se um espaço social de interação cujo desenvolvimento depende do ritmo de evolução da sociedade, produzindo e reproduzindo nos sujeitos, que nele interagem, as mesmas necessidades sociais e os mesmos valores que se experimentam noutros espaços.” (Lourenço, 2015, p.5 e 6).

Assim, o assistente social pode atuar, através de dimensões como fatores sociais e morais que afetam os alunos de determinada associação, com o intuito de apoiar a sua formação, bem como a transmissão de valores e a capacitação individual e social da

pessoa, contribuindo de forma positiva para alcançarem os resultados pretendidos a nível desportivo/artístico, mas também para um melhor desenvolvimento integral a nível biopsicossocial dos mesmos. Temos o exemplo da Associação Nacional de Futebol de Rua (ANFR) que funciona como uma “estratégia de inovação social, através da intervenção sociopedagógica e cultural com os objetivos de promover o desenvolvimento humano e a inclusão social dos cidadãos” (Estatutos da ANFR cit in Lourenço, 2015, p.9).

“A Associação utiliza os valores da modalidade para desenvolver as suas metodologias de intervenção e promove o combate à exclusão social, o diálogo intercultural, a união, a promoção de estilos de vida saudáveis e a capacitação e desenvolvimento humano (...) este tipo de ação pode também ser realizada nos clubes e associações desportivas, tornando-as em instituições de formação holística dos atletas, para o Serviço Social este é um contexto que permite atuar junto de jovens, sendo que a prática do desporto funciona como um elemento de identificação, que facilita a aproximação entre o assistente social e o jovem atleta, facilitando os processos de transmissão de valores e de formação.” (Lourenço, 2015, p.9).

Tal como abordámos anteriormente, a intervenção dentro das associações desportivas/artísticas, deve ser feito também de forma sistémica, ou seja, não se focando apenas no contexto desportivo/artístico, mas com todos os sistemas que interagem com a criança/jovem, envolvendo a sua família, amigos, escola e comunidade.

“Para que este trabalho de intervenção possa ter sucesso, é imperativo ter em conta o maior envolvimento possível com os vários contextos do jovem atleta, pois só assim o rendimento desportivo, individual e coletivo, apresentará alterações significativas durante e após a intervenção.” (Lourenço, 2015, p.14)

Assim, os contextos desportivos e artísticos, são um campo extremamente rico para investigação e intervenção, nomeadamente na formação de crianças e jovens que participem nas mesmas, nesta forma de educação informal, fortalecendo o papel do serviço social, enquanto alavanca na produção e promoção de igualdade de oportunidades, de responsabilidade individual e coletiva, da liberdade e da meritocracia (Lourenço, 2015, pp.22 e 23).

Estas áreas são um contexto privilegiado em termos de intervenção pelo facto de existirem cada vez mais crianças e jovens inseridas nas mesmas, tendo em conta que são cada vez mais valorizadas como atividades complementares ao ensino formal,

enriquecendo de diversas formas os seus praticantes, e ainda pelo facto de serem um espaço em que estas crianças e jovens passam cada vez mais tempo, considerando importante estarem envolvidos neste espaço e, conseqüentemente, o seu interesse e envolvimento vai aumentando, crescendo paralelamente a sua preocupação com o seu desempenho e competência, tornando o desporto e as artes um exemplo de competência pessoal, reforçando capacidades, transmitindo competências, habilidades e ferramentas para uma vida bem-sucedida (Lourenço, 2015, pp. 23).

## Capítulo II – Metodologia de Investigação

Com a elaboração do enquadramento teórico, formaram-se determinadas questões e hipóteses às quais se pretende responder a partir deste capítulo. Podemos enumerar como principais conceitos orientadores desta tese o desporto, as artes performativas, o serviço social e ainda o conceito de crianças e jovens em risco.

Quanto aos conceitos de desporto e das artes performativas, estes têm a dimensão lúdica ou competitiva, tendo ambas as dimensões de ambos os conceitos, componentes comuns como os valores transmitidos, a responsabilidade (mais rígida na dimensão competitiva), os recursos, a integração, a aprendizagem e o papel das associações. O conceito de serviço social, pode considerar duas dimensões como um assistente social que trabalha numa instituição parceira da associação desportiva/cultural, e uma outra dimensão onde o assistente social pertence à associação em causa. Estas duas dimensões partilham também componentes que têm diferentes pesos em cada uma dessas dimensões, tais como os recursos, a relação de proximidade com o público-alvo, a intervenção que pode executar e ainda a relação com os técnicos da associação desportiva/cultural.

Por fim, no conceito de crianças e jovens em risco temos a dimensão das próprias crianças/jovens, que abrangem componentes como as relações interpessoais, a sua personalidade, o contexto em que vive, e perspetiva de vida, encontramos também a dimensão da família, onde podemos enumerar componentes como fatores de risco, fatores de proteção, dinâmica da família, o ambiente, o contexto onde se insere, a relação com a comunidade, e podemos também considerar como uma dimensão deste conceito a situação de risco, onde surgem componentes como a exclusão social, a inclusão social, a sociedade, comunidade e Estado e ainda as instituições.

Podemos desta forma afirmar que, a grande questão de partida deste estudo centra-se em aferir se “a inserção do serviço social no desporto e nas artes performativas pode ser um campo de intervenção no âmbito da prevenção e proteção de crianças e jovens em risco”. Por conseguinte surgem hipóteses de investigação que conduzem o nosso estudo:

1. O desporto e as artes performativas são atividades inclusivas e promotoras de um desenvolvimento integrado de crianças e jovens, atuando como forma de prevenção do risco.

2. O serviço social inserido nas associações desportivas e artísticas permitem uma intervenção direta com efeitos concretos, observáveis e efetivos que não são possíveis de concretizar sem essa inserção.

Decorrente das hipóteses atrás formuladas, avançamos algumas questões de investigação específicas como mecanismos orientadores da pesquisa.

1. Qual o efetivo impacto do desporto/das artes na vida das crianças e jovens?
2. Qual a perspetiva dos profissionais nestas áreas sobre esta ligação entre o desporto/as artes e o serviço social?
3. De que forma o serviço social pode inserir-se e intervir no desporto e nas artes? Terá efetivamente um efeito real e eficaz?
4. As associações desportivas e culturais serão o local ideal para inserir o serviço social no desporto e nas artes performativas?
5. Quais os benefícios que essa intervenção poderá ter nas famílias dos associados?
6. Qual a importância e o impacto da família neste campo de atuação?
7. Esta inserção pode ter consequências indiretas positivas no âmbito escolar?
8. De que forma a comunidade/sociedade e o Estado podem contribuir neste âmbito?

Posto isto, a metodologia selecionada primeiramente foi a qualitativa, que tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenómenos do mundo social, tendo um enfoque mais indutivo, um carácter mais descritivo e em que a investigadora valoriza o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. Assim, o instrumento de recolha de dados selecionado foi a entrevista semi-diretiva, que segue um guião de forma mais livre, menos rígida, permitindo uma maior liberdade de resposta por parte do entrevistado, podendo a ordem dos itens ser alterada, possibilitando assim uma maior fluidez na interação e diálogo, permitindo assim uma maior profundidade analítica e de aprofundamento de temas considerados pertinentes.

Por forma a complementar e enriquecer o estudo com mais informação, serão ainda realizados inquéritos por questionário familiares, isto é, dirigidos aos encarregados de educação e respetivos filhos (alunos das associações selecionadas). Por conseguinte, será utilizada a metodologia quantitativa, onde, através do instrumento de recolha de dados escolhido, o referido inquérito por questionário, podemos recolher informação sobre um maior número de indivíduos, permitindo comparações precisas entre as diferentes respostas e consequentemente possibilita a generalização dos resultados da amostra à totalidade da população.

O campo de observação eleito neste estudo consistiu numa amostra não aleatória por conveniência, *snowball*, pois os indivíduos selecionados para o estudo são residentes no território correspondente ao município de Salvaterra de Magos, coincidindo com a localização da esfera profissional e residencial da investigadora e, por essa razão, facilitadora dos contactos a realizar, tendo em vista a recolha de dados empíricos para este estudo.

Foram selecionadas duas associações existentes em Salvaterra de Magos, de diferentes modalidades, nomeadamente a Associação de Dança Dream Dancing e o Clube de Trampolins de Salvaterra, onde serão entrevistados os seus dirigentes e treinadores.

Para as entrevistas semi-diretivas, foram selecionados um professor/técnico e um dirigente cada associação, três assistentes sociais (duas trabalhadoras na Câmara Municipal de Salvaterra de Magos e uma trabalhadora da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Salvaterra de Magos), e três professores (um de 2º ciclo, um de 3º ciclo e um do ensino secundário). No total foram entrevistadas 10 pessoas. Para os inquéritos por questionário, estes foram enviados para as famílias das associações participantes neste estudo, tendo sido inquiridas 22 famílias.

Em anexo podem ser encontrados os guiões de entrevista e o modelo de inquérito por questionário, contemplando as questões dirigidas aos entrevistados, bem como os respetivos objetivos presentes nos guiões de entrevista. Paralelamente, serão apresentadas as questões de cada questionário e os respetivos objetivos de cada grupo de perguntas.

## Capítulo III – Análise dos Resultados e Discussão

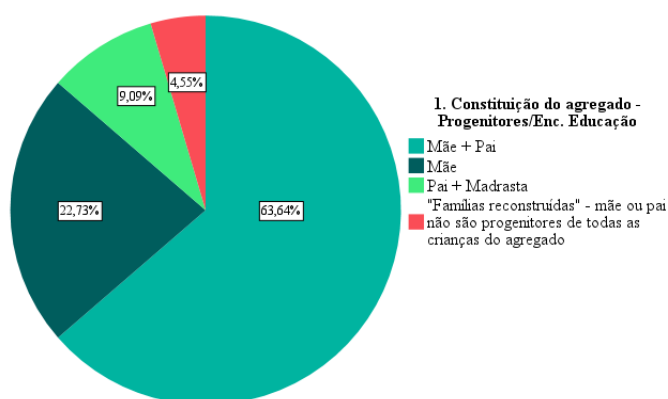
Neste capítulo será apresentada a análise dos resultados do estudo realizado através das entrevistas semi-diretivas e dos inquéritos por questionário disponibilizados online, através da plataforma Google Forms. Foram realizadas no total 10 entrevistas, nomeadamente a 3 assistentes sociais, 2 treinadores, 2 dirigentes associativos e 3 professores. Relativamente aos questionários, estes foram respondidos por 22 famílias.

Devido à situação de pandemia que se vivia durante a recolha de dados, esta não obteve a dimensão que se pretendia inicialmente. Algumas associações não estavam em condições ou disponíveis para participar no estudo por estarem a voltar a ativo depois de meses parados, outros perderam um número significativo de atletas, entre outras razões, devendo-se, assim, ter em consideração a real dimensão dos resultados apresentados.

De forma a enriquecer esta análise, decidimos examinar ambos os resultados em paralelo, dos inquéritos dos pais com as entrevistas, comparando-os e interligando com o quadro teórico concretizado no primeiro capítulo da presente tese, dividindo por categorias. Apenas a caracterização sociodemográfica será feita em separado, constituindo a dimensão de análise pela qual iremos iniciar, precisamente, a análise e discussão dos dados apurados no âmbito desta investigação.

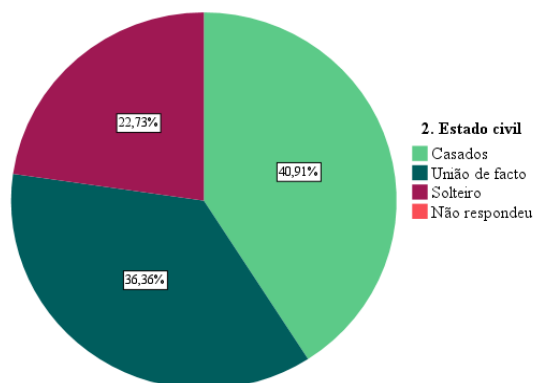
### **Categoria 1 - Caracterização sociodemográfica**

Os agregados familiares são maioritariamente constituídos por mãe e pai (14), seguindo-se 5 famílias monoparentais (mãe), contando ainda com duas famílias constituídas por pai e madrasta e uma família reconstruída, onde o pai e a mãe não são os progenitores de todas as crianças do agregado.



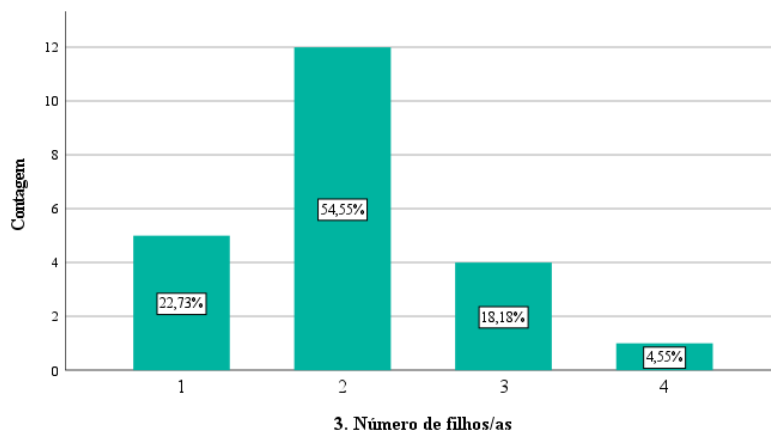
Fonte: Inquérito por questionário

Quanto ao estado civil, as 5 famílias monoparentais são solteiras e as restantes têm uma diferença pouco significativa entre casados (40,91%) e em união de facto (36,36%).

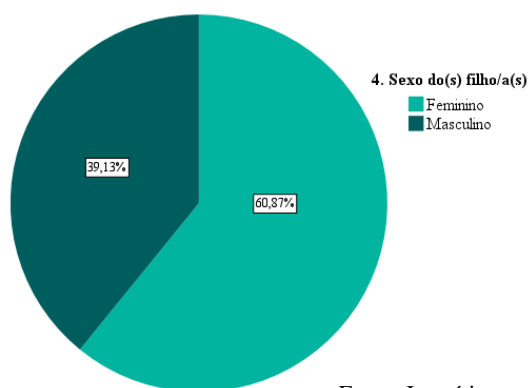


Fonte: Inquérito por questionário

Relativamente ao número de filhos, 54,5% são famílias com 2 filhos, havendo apenas 4 famílias com 3 filhos e 5 famílias com 1 filho, sendo que a maioria dos filhos é do sexo feminino.



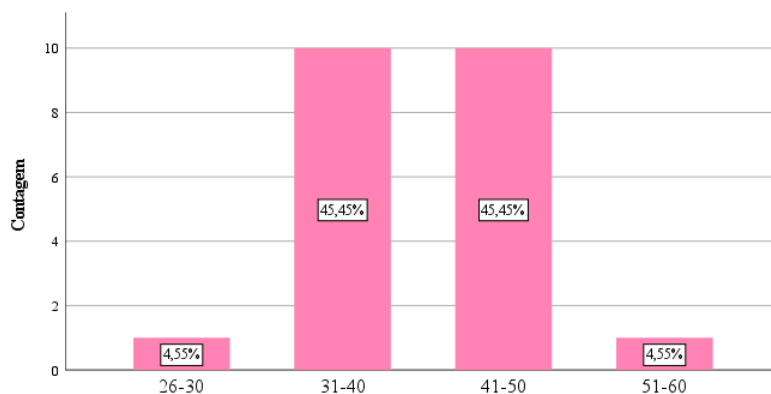
Fonte: Inquérito por questionário



Fonte: Inquérito por questionário

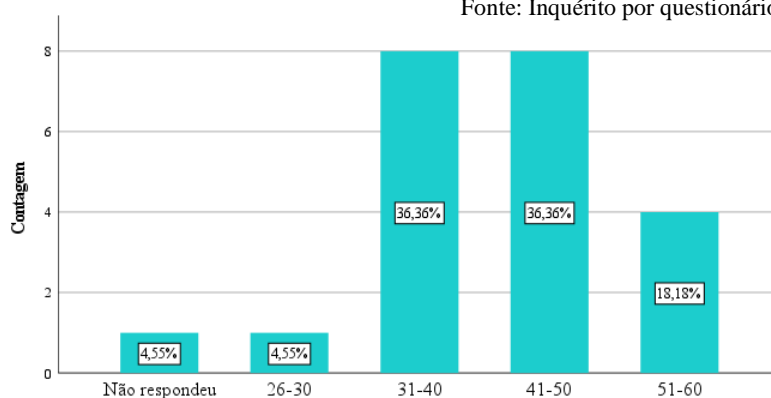
Quanto às idades, tanto a das mães como a dos pais, divide-se entre o intervalo de idades compreendida entre os 30-39 e os 40-49, relativamente aos filhos, a grande maioria

insere-se no intervalo de idades compreendido entre os 0 e os 5 anos de idade (14) e no intervalo de idades compreendido entre os 11 e os 15 anos de idade (14).



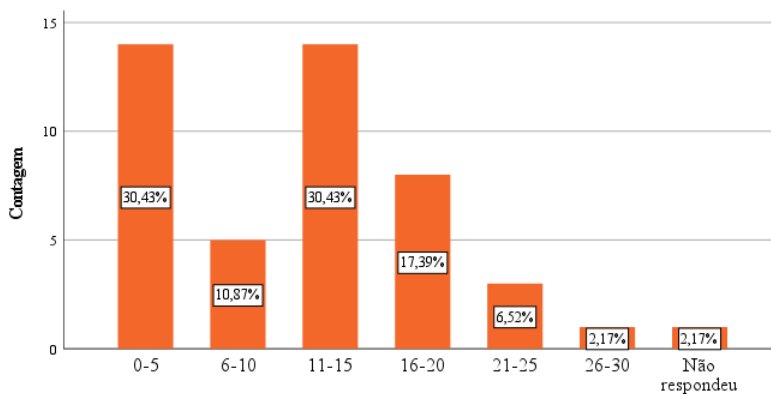
5. a) Idades de cada elemento do agregado - Mãe

Fonte: Inquérito por questionário



5. b) Idades de cada elemento do agregado - Pai

Fonte: Inquérito por questionário



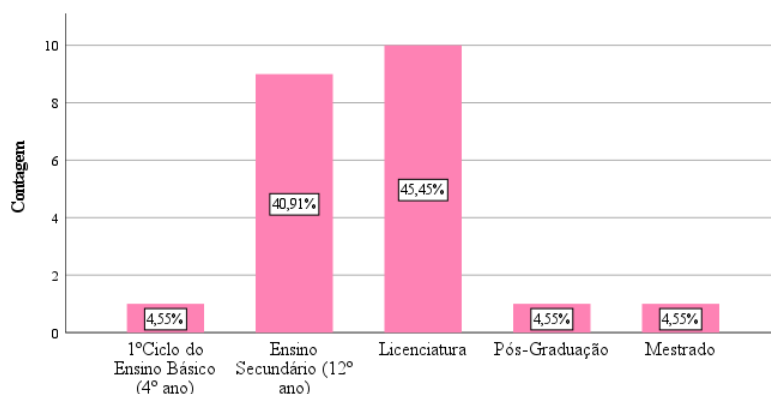
5. c) Idades de cada elemento do agregado - Filhos

Fonte: Inquérito por questionário

Relativamente ao grau de escolaridade, podemos considerar que as mães se encontram num nível médio, estando a maioria dividida entre a licenciatura (10) e o nível secundário (9), havendo apenas 1 mãe com o 1º ciclo básico concluído, 1 com pós-graduação e 1 com mestrado.

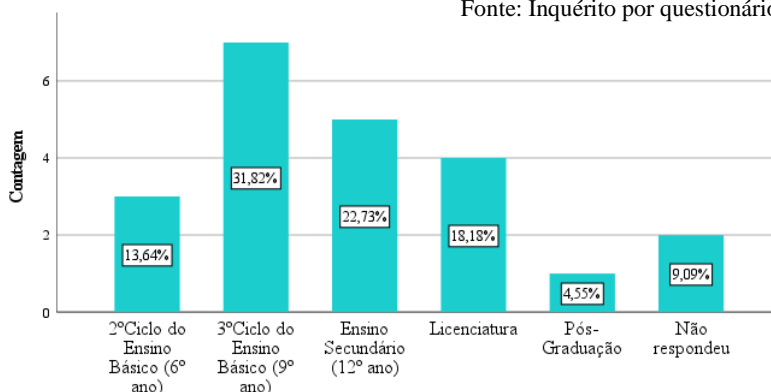
Quanto aos pais, os dados são mais equilibrados, no entanto, podemos considerar que têm um baixo nível de escolarização, uma vez que a maioria tem o 3º ciclo do ensino básico (7), seguindo-se o ensino secundário (5), apenas 4 com licenciatura, 3 com o 2º ciclo do ensino básico concluído e apenas 1 com uma pós-graduação.

Quanto aos filhos, uma vez que estão em idade escolar, os resultados surgem em conformidade com esse dado, estando a maioria em pré-escolar (31% correspondente a 14 crianças), seguindo-se o 3º ciclo do ensino básico (10), posteriormente o 2º ciclo com 9 crianças, o nível secundário com 8 jovens e por fim, o 1º ciclo com 4 crianças.



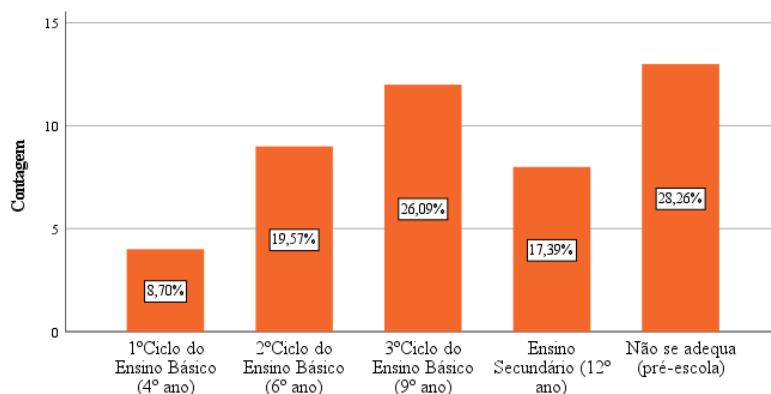
6. a) Grau de Escolaridade concluído - Mãe

Fonte: Inquérito por questionário



6. b) Grau de Escolaridade concluído - Pai

Fonte: Inquérito por questionário



6. c) Grau de Escolaridade concluído - Filhos

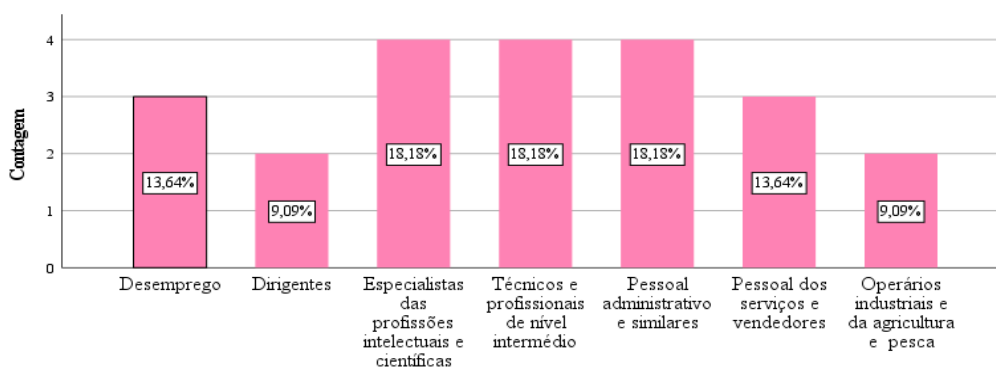
Fonte: Inquérito por questionário

Quanto às profissões, as mães dividem-se equitativamente pelas diversas categorias, estando a maioria em três grandes grupos: especialistas das atividades intelectuais e científicas (4), técnicos e profissões de nível intermédio (4) e pessoal administrativo (4).

Os pais inserem-se na grande maioria no grupo dos trabalhadores da indústria, construção e artífices (7) seguindo-se pelo pessoal administrativo (5) e pelos especialistas das atividades intelectuais e científicas (5).

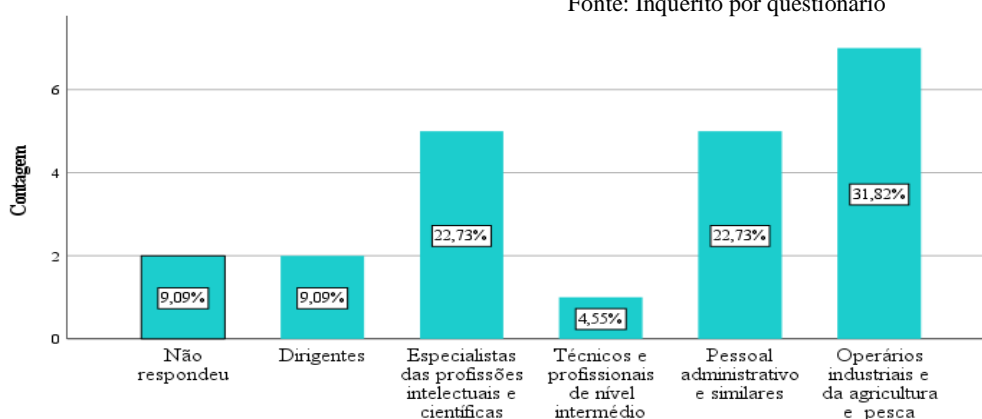
Dos inquiridos, apenas 3 mães estavam na altura do inquérito desempregadas e nenhum dos pais se encontrava à altura do inquérito em situação de desemprego.

Por conseguinte, podemos considerar que, tendo em conta que em média o grau de escolaridade das mães é médio e que o dos pais é mais baixo, os empregos correspondem à classificação do grau de escolaridade, tal como podemos observar em diversos estudos, um baixo nível de escolaridade leva empregos mais precários e pelo contrário, quanto mais alto for o nível de escolarização, maior a probabilidade de aceder a empregos melhor classificados e remunerados.



7. Profissão da Mãe/Progenitor 1/Enc. Educação 1

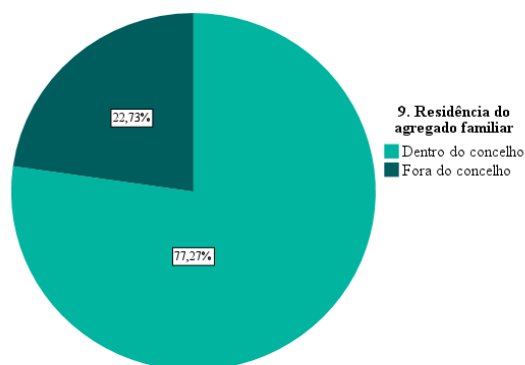
Fonte: Inquérito por questionário



8. Profissão do Pai/Progenitor 2/Enc.Educação 2

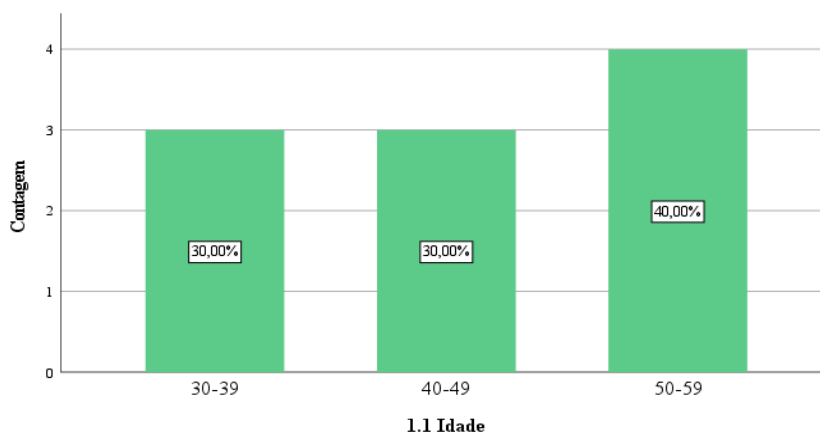
Fonte: Inquérito por questionário

Por fim, observamos que a grande maioria dos inquiridos vive dentro do concelho de Salvaterra de Magos.



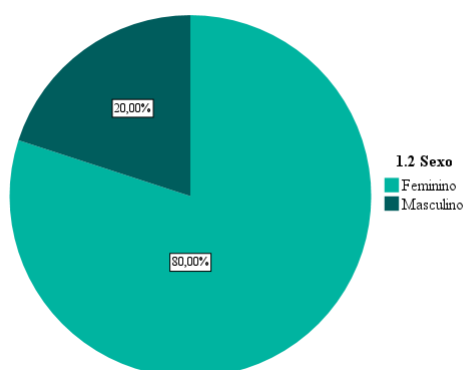
Fonte: Inquérito por questionário

Quanto à caracterização sociodemográfica dos entrevistados, as idades dividem-se por três grupos, estando a maioria no intervalo dado entre os 50 e os 59 anos de idade com 40%, com 30% contabilizam-se os intervalos de idade entre os 30 e os 39 anos de idade e também entre os 40 e os 49 anos de idade.



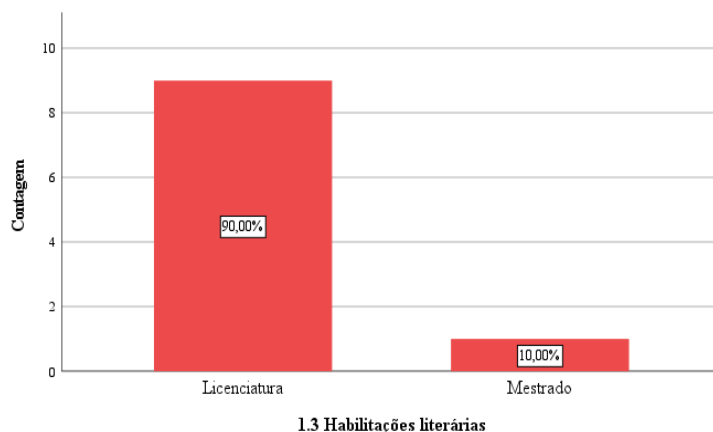
Fonte: Inquérito por questionário

80% dos entrevistados são do sexo feminino, 90% têm uma Licenciatura, havendo uma exceção de um entrevistado que tem o grau de Mestre com um Mestrado e 3 Licenciaturas.



Fonte: Inquérito por questionário

Quanto às profissões, é importante especificar a atual profissão de cada entrevistado para se compreender também o contexto das suas entrevistas, bem como os anos de experiência nas respetivas áreas e nas associações às quais pertencem, no caso dos treinadores e dos dirigentes associativos.



1.3 Habilitações literárias

Fonte: Inquérito por questionário

Dos 3 professores, um é docente de Geografia do 3º ciclo e secundário, com 28 anos de experiência, pratica ténis desde criança, de forma lúdica e competitiva. A segunda entrevistada é professora de Educação Física a várias faixas etárias, contando com 32 anos de experiência, praticou voleibol dos 10 aos 20 anos de idade e andebol durante 5/6 anos, ambos de forma lúdica e competitiva. A última professora tem 25 anos de experiência e dá aulas de Matemática e Ciências ao 2º ciclo, praticou futebol de forma lúdica e competitiva em criança.

Os treinadores entrevistados, a primeira pertence à Associação Grupo de Dança Dream Dancing (AGDDD), é licenciada em Animação Cultural e Educação Comunitária, dá aulas de dança na associação há 12 anos a idades compreendidas entre os 2 e os 18 anos de idade. O segundo treinador é mestre em Psicologia Educacional e tem 3 Licenciaturas em Administração Escolar, Educação Física e Psicologia Educacional, é Professor de Educação Física e Treinador de Ginástica de Trampolins no Clube de Trampolins de Salvaterra (CTS), no Clube de Futebol Estevesense (CFE) e na Federação de Ginástica de Portugal, contando com 34 anos de experiência na área.

Relativamente às assistentes sociais, a primeira é Chefe de Divisão na Câmara Municipal de Salvaterra de Magos e conta com 25 anos de experiência, cujo público-alvo é toda a população em situação de vulnerabilidade, desde crianças a idosos, não tendo praticado desporto na infância/juventude. Outra entrevistada pertence ao serviço de Ação Social da autarquia de Salvaterra de Magos, tem 13 anos de serviço e o público-alvo é o

mesmo da primeira entrevistada, mas, ao contrário desta, praticou ginástica rítmica, natação e trampolins, de forma lúdica e competitiva. A terceira assistente social entrevistada é (na altura da entrevista, maio de 2021), Presidente da CPCJ de Salvaterra de Magos, representante da segurança social, e secretária na CPCJ de Almeirim, sendo o seu público-alvo crianças, jovens e famílias e dançou folclore entre 12 a 14 anos de forma lúdica.

Por fim, a primeira dirigente é Técnica Certificada de Contas, com 10 anos de experiência e enquanto dirigente do CTS tem 16 anos de experiência. A outra dirigente entrevistada corresponde à Presidente da AGDDD, contando com 11 anos de experiência na área, dando aulas de dança a idades compreendidas entre os 2 e os 18 anos de idade, durante 10 anos, licenciada em Educação Física e Desporto e trabalha no momento da entrevista como técnica da CPCJ de Salvaterra e Magos.

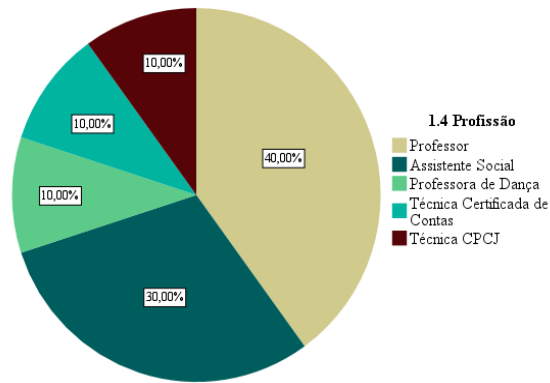
Todos os entrevistados que não estão diretamente ligados às associações desportivas (professores e assistentes sociais), foram questionados sobre a importância da prática de desporto/arte para o seu desenvolvimento e todos responderam que sim, abordando as diversas componentes seja a social, a psicológica ou a física, excluindo-se a assistente social que não praticou desporto na infância nem juventude.

*“Muitíssimo importante, porque esta modalidade permitiu um **autocontrolo** grande, o **fair play**, a questão de dependermos de nós próprios (...) da **organização**, da **autodisciplina** para podermos conciliar estudos e competições (...) fez com que conhecêssemos outras realidades, outras terras, outras gentes, outros costumes, outras perspetivas e isso contribui para a nossa formação enquanto pessoas humanas.”* Entrevista a professor A.

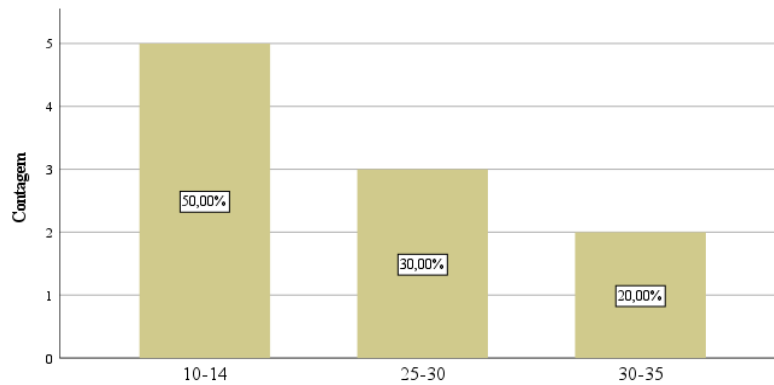
*“Sim considero que foi importante, nomeadamente no que respeita a **definir objetivos**, a **aprender a lidar com a frustração**, a **não desistir perante os obstáculos**, **assumir compromissos**, **ser assídua e pontual**.”* Entrevista a assistente social A.

*“Foi. O **convívio** com os colegas (...) fomos também ao estrangeiro o que também foi importante a **interligação** com a população emigrante portuguesa (...) apercebemo-nos da também da singularidade de cada um e das diferenças de cada um e aprendemos a conviver com isso (...) **a lidar com as diferenças!**”* Entrevista a assistente social S.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes



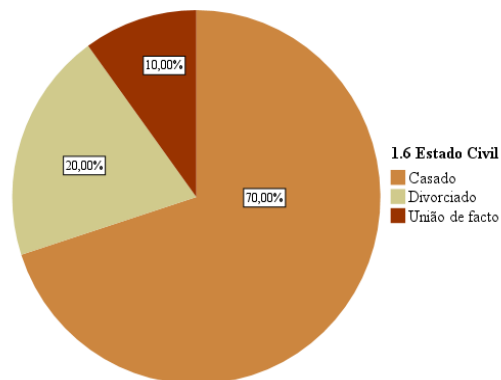
Fonte: Inquérito por questionário



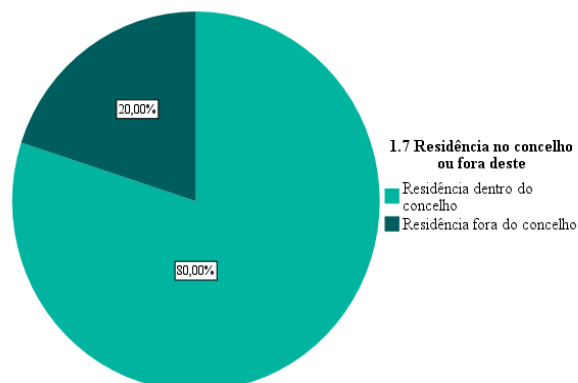
1.5 Anos de experiência profissional

Fonte: Inquérito por questionário

70% dos entrevistados são casados, 20% divorciados e 10% em união de facto, e 80% vive dentro do concelho, conhecendo bem o território em estudo.



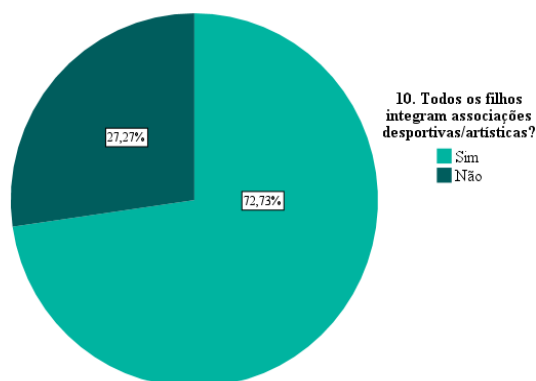
Fonte: Inquérito por questionário



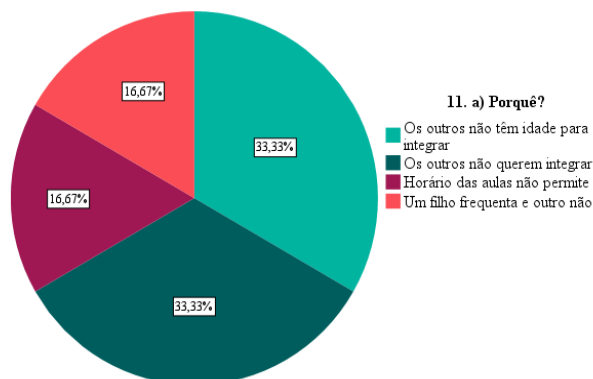
Fonte: Inquérito por questionário

## Categoria 2 - Caracterização da vossa experiência como integrantes da(s) associação/associações

Na primeira pergunta desta categoria do inquérito, 72,7% dos inquiridos, afirma que todos os filhos integram associações desportivas/artísticas, os restantes 27,3% (6) justifica a sua resposta negativa com o facto de os outros filhos não terem idade para integrar (2) ou por não quererem integrar (2), e ainda pelo facto de um filho integrar e outro não (1) e pelo horário de aulas não permitir. Salienta-se o facto de nenhuma família seleccionar como razão “impossibilidades socioeconómicas”.

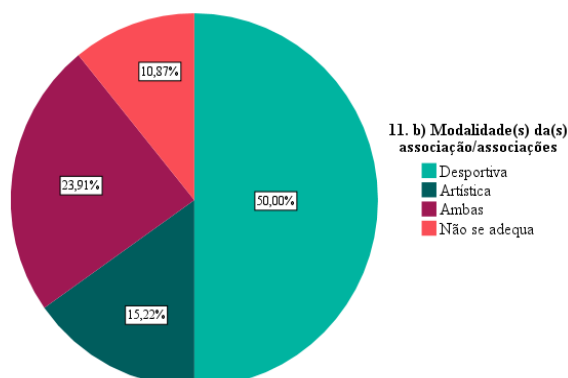


Fonte: Inquérito por questionário



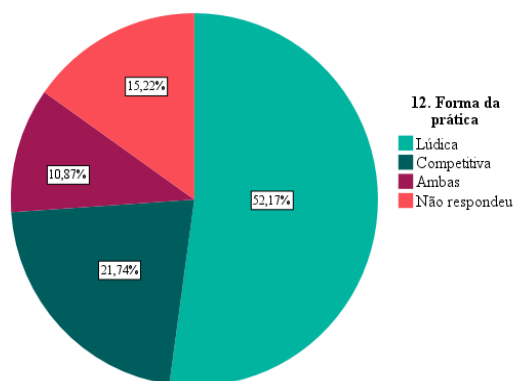
Fonte: Inquérito por questionário

Quanto à modalidade que os filhos praticam, a grande maioria integra associações desportivas (23), seguindo-se por ambas (11) e, por fim, artística (7).



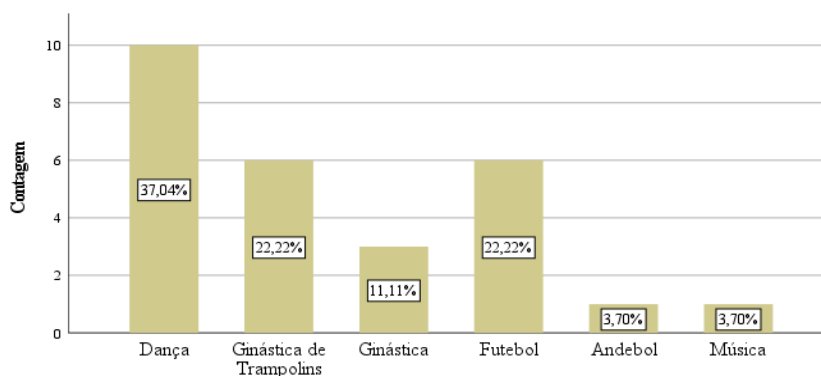
Fonte: Inquérito por questionário

Relativamente ao tipo de prática, a grande maioria pratica a respetiva modalidade de forma lúdica (24), seguindo-se a competitiva (10) e por fim 5 praticam ambas as formas.



Fonte: Inquérito por questionário

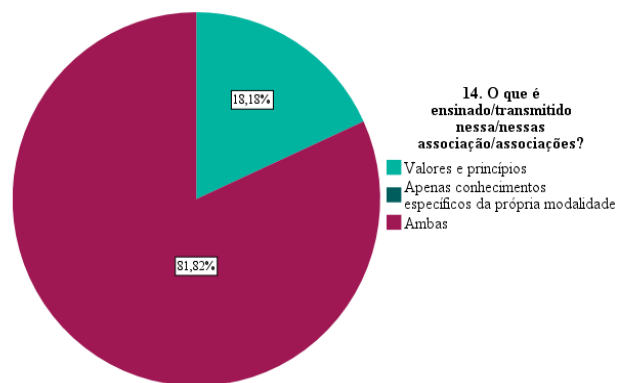
Relativamente à questão sobre o nome da associação que frequentam, as respostas foram vastas, uma vez que vários alunos participam em diferentes associações e consequentemente em diferentes modalidades, e, de forma a que seja claro qual o tipo de atividade é desenvolvido por essa associação, categorizaram-se as associações por tipo de atividade, estando a maioria dividida entre a dança (37%), seguida pela ginástica de trampolins e paralelamente o futebol, com a mesma percentagem cada uma (22%).



13. Qual o nome da associação ou das associações em que o/a(s) seu/sua(s) filho/a(s) está/estão inserido/a(s)?

Fonte: Inquérito por questionário

Quanto ao que é transmitido nas respetivas associações, a grande maioria (81,8) considera que são transmitidos tanto os conhecimentos específicos da própria modalidade como valores e princípios, reforçando a ideia de que as associações desportivas e artísticas enriquecem e fortalecem o desenvolvimento integral de crianças e jovens.



Fonte: Inquérito por questionário

Relativamente às entrevistas, esta categoria foi abordada com os treinadores e dirigentes das associações participantes. Na AGDDD, a modalidade praticada é dança, com as vertentes de Ballet, Dança Contemporânea, Hip Hop e ainda Dança Educativa e Expressão Físico-motora nas creches e jardins de infância, de forma lúdica, não fazendo competição. No CTS a modalidade praticada é ginástica de trampolins e têm a vertente lúdica e competitiva, competindo a nível nacional e internacional, representando muitas vezes a bandeira nacional em territórios estrangeiros.

Ambas as associações defendem que aquilo que é transmitido/ensinado aos seus atletas/alunos é muito mais do que a parte física da modalidade. Há muitas aprendizagens consequentes do envolvimento necessário dos praticantes na dança e nos trampolins, contribuindo para um desenvolvimento harmonioso a nível físico, psicológico e social.

“(Resposta à pergunta: 2.3 O que é ensinado/transmitido na vossa associação?) *Não só a técnica de dança, mas também questões de associativismo, formação cívica, cidadania participativa.*” Entrevista a treinadora B.

“(Resposta à pergunta: 2.3 O que é ensinado/transmitido na vossa associação?) *Então para além da parte desportiva acho que a associação tem um forte cariz familiar de entajuda (...) de companheirismo.*” Entrevista a dirigente MV.

“(Resposta à pergunta: 2.3 O que é ensinado/transmitido na vossa associação?) *Formação de base em ginástica, trampolins e formação geral em valores e em humanidade.*” Entrevista a treinador C.

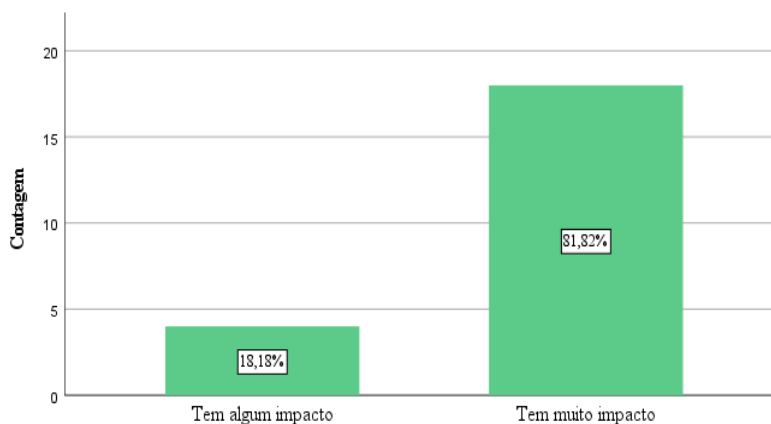
### **Categoria 3 - Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

Nesta terceira categoria, as respostas foram todas muito idênticas, identificando em cada uma delas a resposta “5-Tem muito impacto” com valores sempre superiores a 50%, reforçando uma das ideias principais deste estudo, em como a prática da atividade desportiva/artística tem um forte impacto na vida das crianças/jovens praticantes, seja a nível lúdico ou competitivo, tanto a nível físico, como psicológico, como social, e até mesmo no futuro das mesmas enquanto adultas.

As respostas dos entrevistados nesta categoria foram todas muito homogéneas e de acordo com as respostas dos inquiridos. Mais uma vez, todos os entrevistados concordam que a prática desportiva e artística tem um grande impacto na vida de uma criança ou jovem, seja a nível físico, psicológico ou social, valorizando o papel das associações na vida das crianças e jovens que nelas estão inseridas, apontando ainda alguns dos principais aspetos que desenvolvem como a sua personalidade, a questão da integração social, valores, regras, disciplina, tolerância, trabalho em equipa, compaixão pelo outro, compreensão das diferenças, respeito, organização, espírito de sacrifício, entre outros aspetos.

Desta forma, podemos verificar a primeira questão de investigação relacionada com o impacto efetivo do desporto e das artes na vida das crianças e jovens, não só apurando os diferentes impactos, mas reforçando o facto de ser extremamente importante na vida daqueles que integram estas associações.

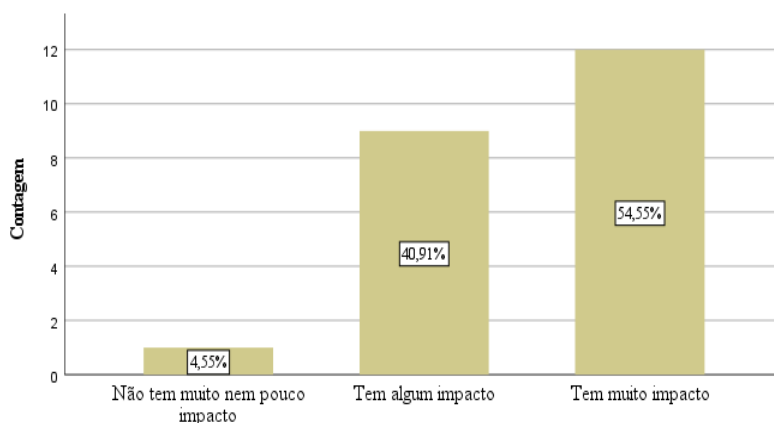
Apresentamos seguidamente os gráficos das respostas dos inquiridos desta terceira categoria, intercalando com as respostas dos entrevistados às mesmas perguntas.



15. Qual a vossa opinião relativamente ao impacto da prática das modalidades desportivas/artísticas na vida de crianças/jovens?

Fonte: Inquérito por questionário

*“A prática desportiva contribui para o desenvolvimento das competências pessoais e sociais da criança e para a promoção da sua saúde. São ainda espaços/momentos que promovem a integração e a proteção da criança/jovem. (...) complementa o desenvolvimento biopsicossocial da criança. Incute nas crianças hábitos saudáveis, valores e regras necessárias ao seu desenvolvimento pessoal e social. Tornam-se sem dúvida melhores pessoas, mais disponíveis para as interações do seu dia a dia, estes momentos que dão prazer à criança podem converter-se em momentos de enriquecimento da sua personalidade.”* Entrevista a assistente social M.



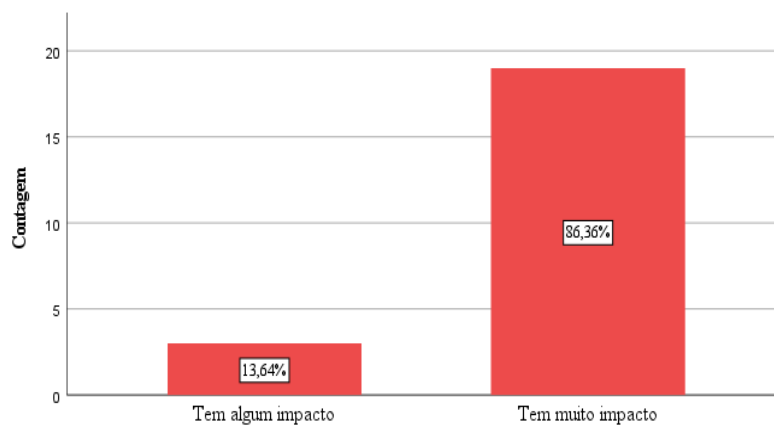
16. Classifiquem de 1 a 5 o impacto que a prática de modalidades desportivas/artísticas, de forma competitiva, tem na vida de crianças/jovens.

Fonte: Inquérito por questionário

*“Nem todos lidam bem com a competição, mas em geral eles acabam todos por ceder e irem para a competição, porque o espírito competitivo em Portugal e nos Trampolins no geral, mesmo entre clubes há uma humanidade, e eles puxam todos uns pelos outros, eles são parceiros (...) acho que essa amizade que eles criam a nível nacional é muito bom.”* Entrevista a dirigente MS.

*“Existe de certeza, de forma formativa e competitiva, uma vez que, a aprendizagem de que com esforço as coisas se tornam possíveis e de que os sonhos são coisas sérias que exigem disciplina, determinação e esforço.”* Entrevista a treinador C.

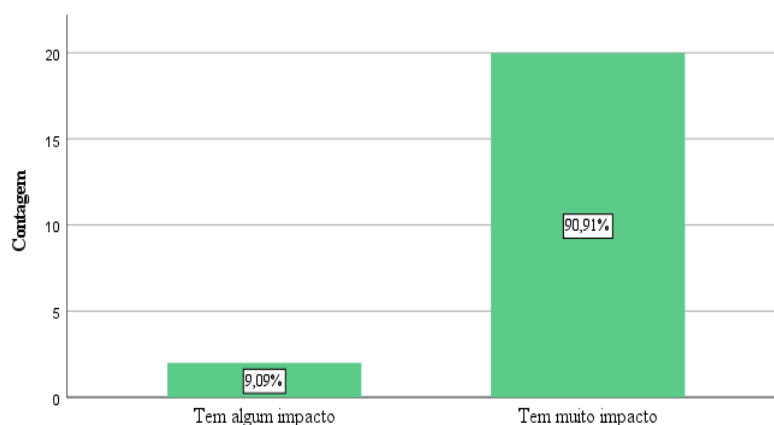
## Serviço Social no Desporto e nas Artes



17. Classifiquem de 1 a 5 o impacto que a prática de modalidades desportivas/artísticas tem no desenvolvimento social de crianças/jovens.

Fonte: Inquérito por questionário

*“Acho que sim, claramente. É um impacto que permite acrescentar algum **crescimento global e harmonioso**, porque não são só os conteúdos, não é só a escola, é também a dimensão, lá está, relacional. Todos os valores que o desporto nos transmite, contribuem para um crescimento e para um desenvolvimento harmonioso das crianças e dos jovens. (...) (Resposta à pergunta 4.2: Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?) Sem dúvida que sim, na questão das **regras, do respeito, do fair play, do espírito de sacrifício, da organização, tudo isso, acho que sim.**”* Entrevista a professor A.

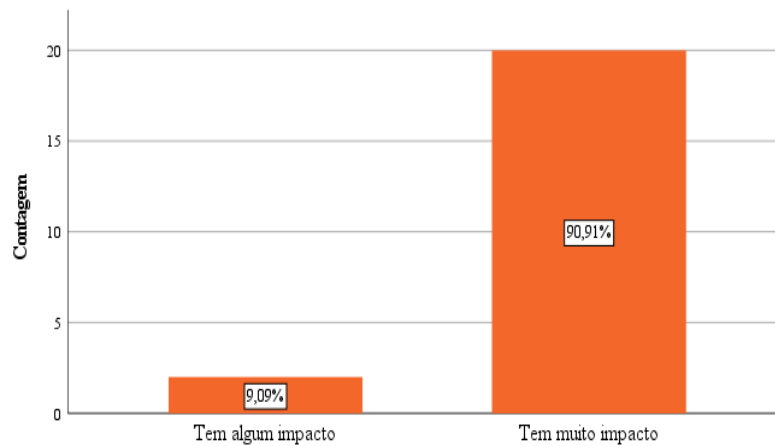


18. Classifiquem de 1 a 5 o impacto que a prática de modalidades desportivas/artísticas tem no desenvolvimento físico de crianças/jovens.

Fonte: Inquérito por questionário

*“Sim. É assim, **a parte motora** deles está a ser desenvolvida como é lógico, e depois todas as outras partes (...) **trabalho de equipa** que eles têm muita dificuldade em trabalhar em equipa, em aceitar as diferenças uns dos outros (...)”* Entrevista a professora ML.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes

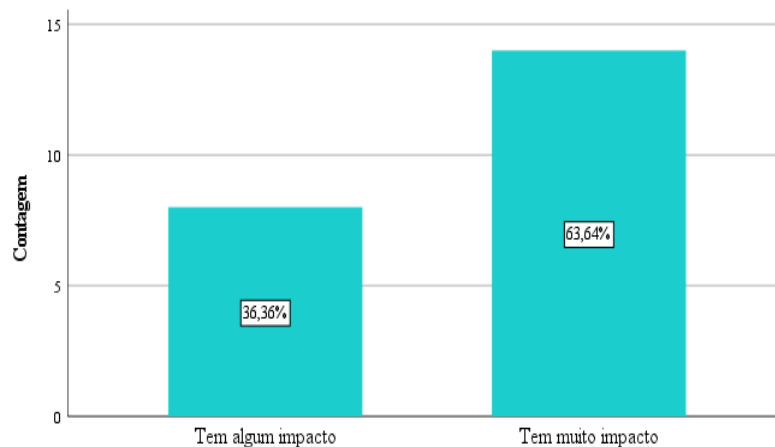


19. Classifiquem de 1 a 5 o impacto que a prática de modalidades desportivas/artísticas tem no desenvolvimento psicológico de crianças/jovens.

Fonte: Inquérito por questionário

*“Desenvolvimento de competências pessoais e sociais, melhorar a comunicação, desenvolvimento de comportamentos positivos e construtivos, promoção do respeito pela diversidade pessoal e intercultural, e desenvolvimento da disciplina, tolerância, espírito de colaboração e de ajuda.”* Entrevista a assistente social A.

*“É claro que sim, enorme. Muito rapidamente a nível de saúde é indiscutível, cientificamente provado que os benefícios são imensos, mas depois há outra área que também é muito importante que é a nível social, portanto de integração social, de desenvolvimento da personalidade, portanto é fundamental a parte da atividade desportiva quer ela seja com carácter competitivo ou lúdico, assim como da parte artística também.”* Entrevista a professora MA.



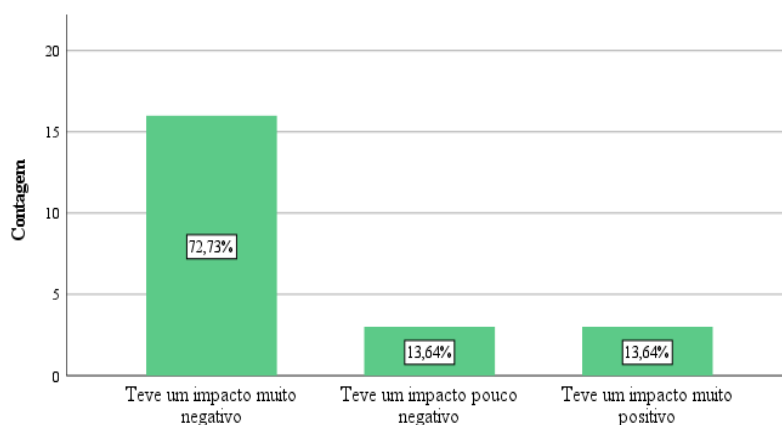
20. Classifiquem de 1 a 5 o impacto que a prática de modalidades desportivas/artísticas tem no futuro de crianças/jovens aquando adultos.

Fonte: Inquérito por questionário

“Quanto a mim é muito importante para além das atividades normais, escolares, as crianças poderem ter outros escapos (...) as **experiências sociais**, de **compreender as diferenças**, de **funcionar em grupo**, de **conhecer outras realidades**... Eu acho que é muito importante para um "know how" de uma criança.” Entrevista a assistente social S.

“Sim, para já acho que a prática desportiva (...) **disciplina as crianças**, para já porque **ajuda-nos a racionar o tempo livre** que temos (...) acho que isso é muito importante para as crianças, depois também a nível da socialização, desde cedo **conhecermos outras crianças, outros jovens e partilharmos atividades e mesmo aventuras**, vamos adquirindo estas experiências e vamos tornando-nos melhores pessoas e com outra bagagem por todos estas partilhas.” Entrevista a dirigente MV.

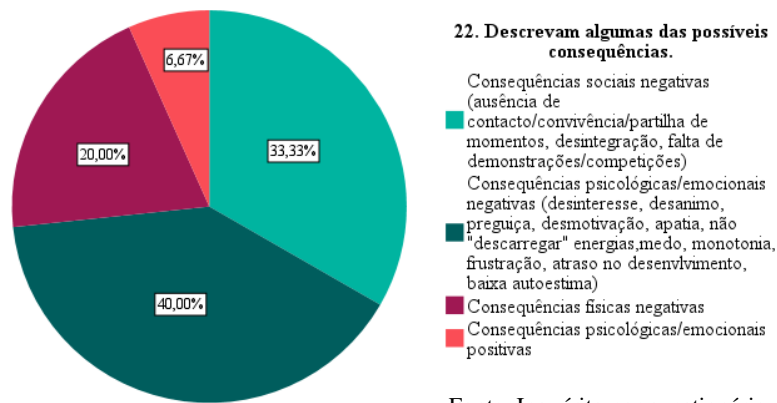
Já sobre o impacto da pandemia do Covid-19 na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens, uma clara maioria defende que existe um impacto muito negativo, como seria expectável. No entanto, houve uma família que defendeu que teve um impacto muito positivo, cuja consequência positiva se enquadrava na resiliência.



21. Classifiquem de 1 a 5 o impacto da pandemia da Covid-19 na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens.

Fonte: Inquérito por questionário

Relativamente às consequências, foram enumeradas várias consequências negativas (que foram também categorizadas devido às várias respostas dadas), tendo sido referida no parágrafo anterior a única consequência positiva apontada. As consequências enunciadas são tanto a nível social como psicológico-emocional e físico, tais como isolamento social, ausência de contacto, desintegração, desinteresse, stress, apatia, baixa autoestima, atraso no desenvolvimento, entre outras.



Fonte: Inquérito por questionário

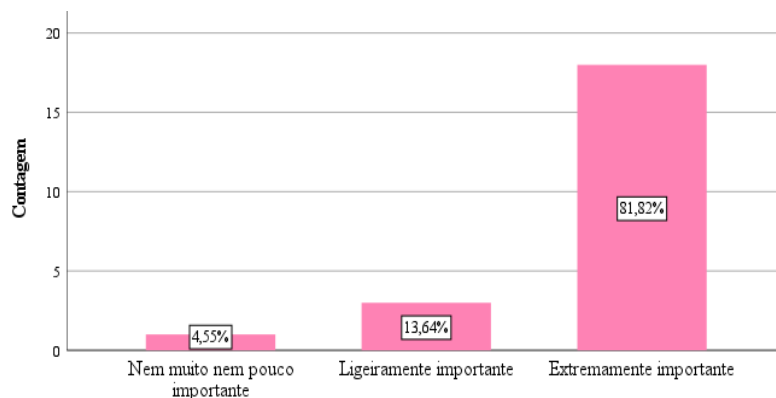
Neste tema, as opiniões dos entrevistados foram unânimes, tendo todos concordado que a pandemia da Covid-19 foi extremamente prejudicial para as crianças e jovens, tendo feito com que estas crianças e jovens perdessem em vários aspetos das suas vidas, seja a nível do seu crescimento pessoal, seja a nível social, apontando algumas consequências semelhantes às enumeradas pelos pais inquiridos, como a privação de contactos, o sedentarismo, a ausência de estímulos, rotinas, aumento de peso, entre outras, ficando também mais sujeitas a situações de perigo no caso de crianças que vivem em contextos familiares de risco.

*“Sim, em todos os aspetos. As crianças ficaram privadas de contactar com os seus pares, de fazer o que mais gostavam, deixando de ter rotinas, horários e metas. Passaram mais horas em frente a um ecrã, e não foi benéfico, para a sua saúde física e mental. Por outro lado, ao estarem afastadas do seu ambiente protetor, estiveram **mais expostas a situações de perigo**.”* Entrevista a assistente social M.

*“Sim, sim, sim e de que maneira! Foram as atividades todas suspensas e as crianças também sofreram com isso, quer dizer, já estavam dentro de casa pelas outras vicissitudes todas, até a ter aulas e ficaram também dentro de casa e privados dessas modalidades todas, desse escape. As consequências de certeza foram o **aumento de peso, limitações na mobilidade, também estados de ânimo e em termos emocionais e também de relação social**, estava aqui o resto do dia a elencar.”* Entrevista a assistente social S.

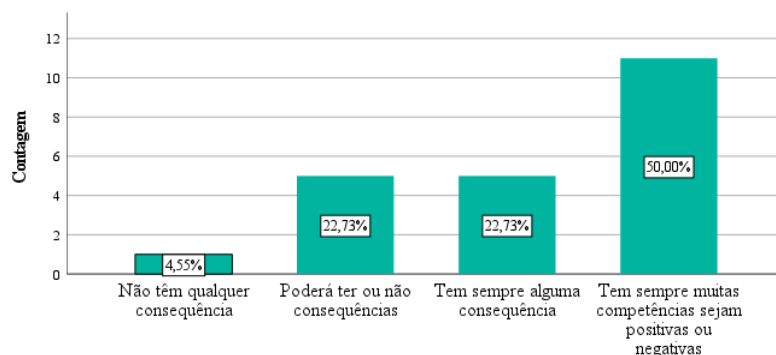
#### Categoria 4 - Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da(s) modalidade(s)

À cerca da importância do papel dos pais no incentivo à prática das modalidades, 81,82% defendeu que é extremamente importante, tendo 50% afirmado que esse acompanhamento tem sempre muitas consequências, sejam elas positivas ou negativas.



23. Classifiquem de 1 a 5 a importância que os pais podem ter ao incentivo à prática das modalidades desportivas/artísticas por parte de crianças e jovens.

Fonte: Inquérito por questionário



24. Classifiquem de 1 a 5 as consequências (positivas e/ou negativas) da atitude dos pais face ao rendimento/desempenho desportivo/artístico na/nas associação/associações.

Fonte: Inquérito por questionário

Neste tema, os entrevistados salientam o papel dos pais dos atletas que devem ser parceiros das associações, tendo uma grande importância uma vez que devem ser os maiores incentivadores dos seus filhos, que são as pessoas que vão buscar, levar, pagam a mensalidade, os equipamentos, sendo assim necessário que se unam com as associações e os respetivos filhos na promoção de um bem comum, respondendo desta forma à sexta questão de investigação sobre a importância e o impacto da família neste campo de atuação.

*“Os pais são o motor (...) assiste-se também a algumas famílias que entopem os miúdos de atividades (...) deve-se fazer ali um equilíbrio (...) acho que eles têm de ter tempo para brincar, tempo para o lazer (...) mas devem*

*também de ter alguma atividade extra, mas não entupirem, agora os pais são fundamentais para isso porque são eles que levam, são eles que vão buscar, são eles que eventualmente têm de pagar a mensalidade, para algumas famílias pode ser complicado do ponto de vista social, mas eles são fundamentais para isso. (...) assistimos a situações do pai deixar à porta do clube e vai embora ou depois o miúdo não tem quem leve a casa, quer dizer, os pais também têm de se desenvolver e isso também faz parte e é importante para a criança esse acompanhamento, o ir ao jogo, estar a ver como é que ele joga, dar os parabéns, incentivar, ou seja, numa atividade artística é exatamente a mesma coisa. (...)*

Entrevista a assistente social S.

*“(...) Deve ser a família a valorizar a importância destas atividades. Deverão estimular a responsabilidade, a autonomia, a autoestima e a confiança das crianças. A atitude dos pais face à prática destas modalidades é decisória no percurso de vida dos/as filhos/as. (...) Os pais por vezes focam-se demasiado nos resultados escolares, sobrevalorizam as notas no final do período, e por vezes temos bons alunos que têm uma ausência total de aptidões sociais.”*

Entrevista a assistente social M.

*“Os pais devem de estar presentes, sem dúvida, de uma forma articulada com os treinadores, os dirigentes e os próprios filhos, no sentido de trabalhar colaborativamente, em conjunto e não puxar a brasa, porque o meu filho é melhor ou por comparativo... mas devem de ser um papel fundamental, já que estão com um filho na modalidade, compreender os objetivos da modalidade, perceber em que é que isso contribui para o desenvolvimento dos filhos e precisamente trabalhar nesse sentido, tentado em conjunto com os outros atores, os outros intervenientes, chegar a um fim e uma concretização de um objetivo.”*

Entrevista a professor A.

Quanto aos castigos/penalizações como não ir a treinos ou ensaios, jogos, atuações, as opiniões dividem-se, no entanto, a maioria centra-se nas respostas “péssimos” (36,36%) e “maus” (13,64%), ou seja, 50% é contra este tipo de penalização, 27% tem uma posição neutra e apenas 22,73% é a favor deste tipo de castigo.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes



25. Classifiquem de 1 a 5 a sua opinião relativamente a penalizações/castigos, como por exemplo, não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação.

Fonte: Inquérito por questionário

Contudo, nas entrevistas, 90% é completamente contra este tipo de penalização, e uma entrevistada é da opinião que se os seus filhos não corresponderem com boas notas na escola poderá ir por esse caminho. Os restantes entrevistados defendem que sendo um compromisso para com a equipa, com os colegas e treinadores e sendo algo que é bom para a criança/jovem, é uma penalização que prejudica toda a equipa mas principalmente para com a criança que não pode ter esse seu momento para fazer algo que gosta, que “foge” das obrigações do dia a dia, e que tem inúmeros benefícios como já constatámos, apontando como soluções a penalização pelas coisas que as crianças gostam mas que não são bons para a sua saúde como por exemplo o telemóvel, computador, televisão, playsation.

*“Pois... isso é muito discutido... (...) essas atividades são extremamente importantes e devem de acontecer na vida da criança, mas a criança tem de compreender que, por exemplo, essas atividades não podem passar à frente do seu desempenho na escola, portanto se eu tiver que dizer “tu não estás a corresponder na escola”, desde que a criança consiga responder àquele empenho que eu estou a solicitar, não posso pedir a uma criança com dificuldades de aprendizagem que seja o melhor da sala, está bem? Isto é tudo com conta peso e medida, mas muito sinceramente, como educadora, eu acho que posso penalizar por aí.”* Entrevista a assistente social S.

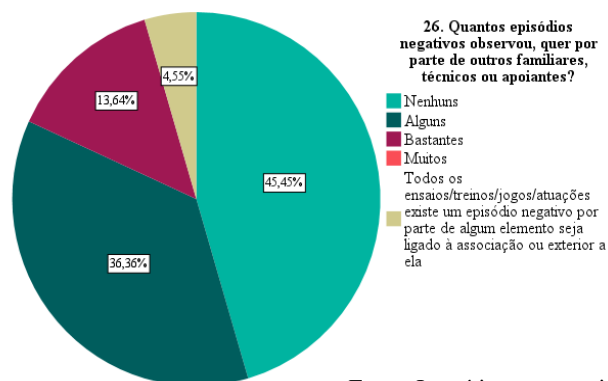
*“Eu não sou adepto disso (...) Eu acho que os miúdos devem crescentemente ter noção do compromisso e que estão a pôr em causa muitas vezes quando não atuam bem, seja numa vertente ou noutra estão a pôr em causa investimento dos pais, estão a pôr em causa colegas (...) se o miúdo se realiza através disso, ele tem é que ser motivado a ganhar responsabilidade no resto para poder prosseguir aquilo que gosta e muitas vezes, aumentando as*

*responsabilidades e até tarefas, para além daquelas que tem, para poder cumprir aquilo que tanto deseja, atividades que deseja, às vezes parece um contrassenso, mas isso pode levar a que, para que não percam efetivamente, que possam corresponder na atividade desportiva têm que cumprir também as outras tarefas e acho que é um bocadinho mais por aí do que propriamente pelo castigo, **acho que não, acho que o compromisso, a noção das regras, o valor que o grupo tem, etc, tem que assumir um bocadinho mais de importância do que no aspeto individual do castigo. Uma questão de organização, dos valores, dos compromissos de tudo isso.*** Entrevista a professor A.

*“É claro que não acho bem, porque isso é quase como dizer assim, **“portas-te mal não comes, hoje não jantas”**, não é, portanto como eu entendo que o exercício físico e a atividade artística são fundamentais na formação dos jovens, não posso conceber que se castigue com uma coisa que é fundamental para a saúde e para o desenvolvimento deles.”* Entrevista a professora MA.

*“Eu não sou muito a favor disso, porque acho que é muito importante os pais terem outras medidas, porque aí é estar a retirar a criança de um compromisso que tem, ou seja, se por um lado estão a dar um castigo para atingir um outro objetivo na vida da criança, por outro lado, estão a explicar à criança que **“ok, não atingiste este objetivo mas também não vais atingir este”**, e acabam por não conseguir definir prioridades, não ajuda mesmo no desenvolvimento da criança, ou seja, eu entendo a parte dos pais, porque muitas vezes não têm mais ferramentas e é a única arma que têm e a mais fácil, mas acho que não é a mais indicada.”* Entrevista a treinadora B.

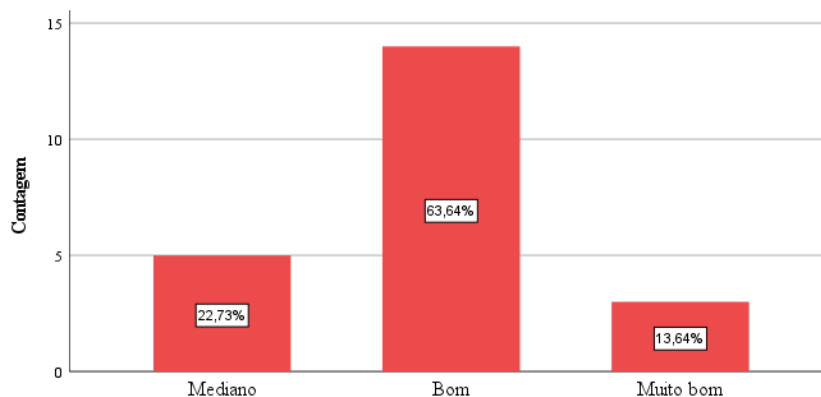
Relativamente à questão sobre quantos episódios negativos observaram, as opiniões dividem-se uma vez mais, sendo que a maioria, 54,55%, afirma ter visto já alguns episódios negativos por parte de outros familiares, técnicos ou apoiantes em momentos relacionados com a atividade desportiva/artística que praticam.



Fonte: Inquérito por questionário

### Categoria 5 – Compreender a ligação entre a prática da(s) modalidade(s) e a escola

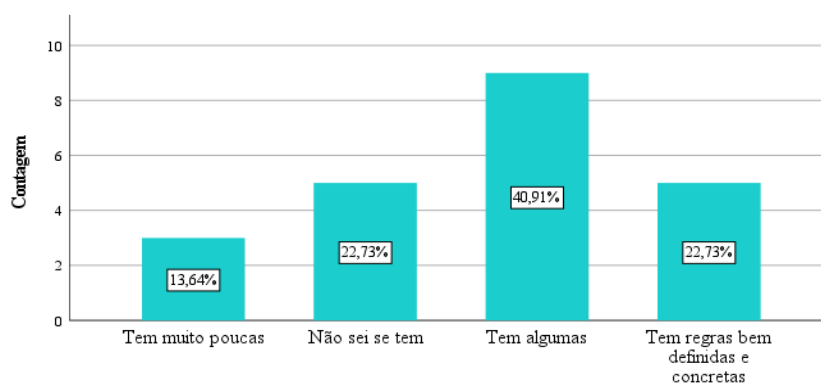
Nesta categoria começamos com uma questão que pretende compreender o nível de rendimento académico dos filhos de cada família, encontrando-se a grande maioria, 63,4% no nível “Bom”, ou seja, um nível médio alto.



27. Classifiquem de 1 a 5 o percurso escolar do seu filho/a (em caso de mais de um filho/filha escolha um valor em média face ao número de filhos/as).

Fonte: Inquérito por questionário

63,64% das famílias referiu que as associações às quais os seus filhos pertencem tem regras relacionadas com a promoção do rendimento escolar, sendo este um aspeto a valorizar.

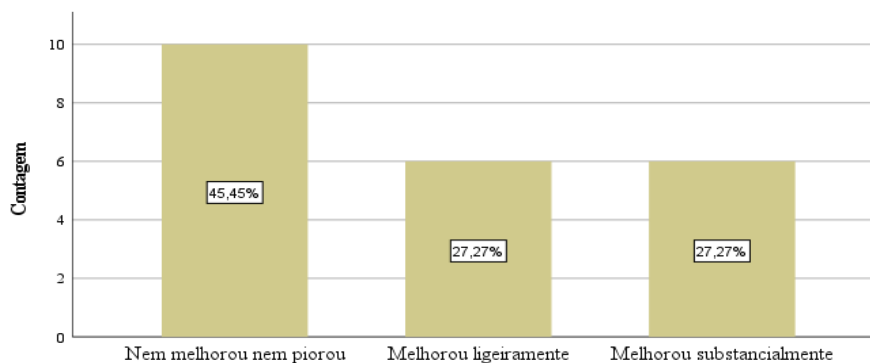


28. Classifiquem de 1 a 5 as medidas/regras que a(s) associação/associações tem/têm, para promover o rendimento/desempenho escolar.

Fonte: Inquérito por questionário

Talvez como consequência das regras anteriormente mencionadas, 54,54% afirma que o seu rendimento escolar melhorou, 27,27% ligeiramente e novamente 27,27% substancialmente, contribuindo assim para o desenvolvimento integral das crianças/jovens que integram estas associações.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes



29. Classifiquem de 1 a 5 se a prática da modalidade desportiva/artística fez/faz melhorar o rendimento/desempenho escolar (em caso de mais de um filho/a escolha um valor em média face ao número de filhos/as).

Fonte: Inquérito por questionário

Neste tema, as opiniões dos entrevistados sobre se a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar são uma vez mais uniformes, defendendo que efetivamente existe uma influência positiva no rendimento escolar das crianças e jovens que praticam essas atividades, aproveitando aquilo que aprendem e desenvolvem nas associações que frequentam para seu benefício escolar, sentindo também a necessidade de corresponder tanto na escola como na associação, respondendo assim à sétima questão de investigação relativa ao facto da inserção poderá ter consequências indiretas positivas no âmbito escolar.

*“(...) Crianças que praticam atividades estão melhor preparadas para interagir com o outro, sabem estar, partilhar, a respeitar regras, a definir e alcançar metas. (...) A realização de atividades permite à criança participar no seu ambiente circundante e protetor, que é facilitador do seu crescimento pessoal. As instituições que permitem à criança ocupar os seus tempos livres de forma saudável, complementam as aprendizagens da escola.”* Entrevista a assistente social M.

*“Pode influenciar, porque pode trazer outras dimensões, para além daquelas que são ligadas às disciplinas tradicionais. A questão de **expressão, precisamente artística, cultural, de identidade**, em relação a outras valências que os miúdos possam ter, acho que é por aí. (...)”* Entrevista a professor A.

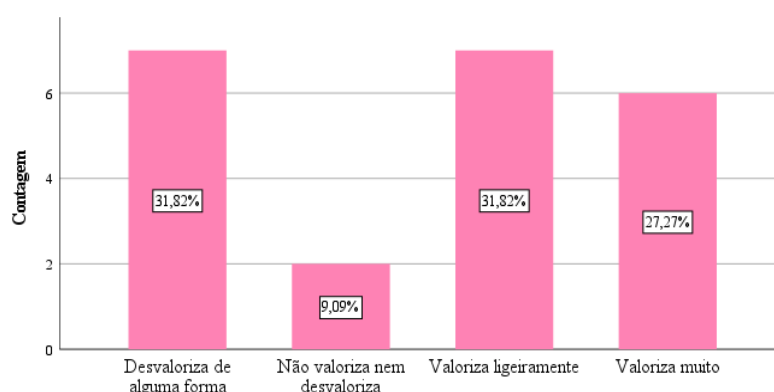
*“É fundamental, porque passam um **conjunto de regras, de desenvolvimento de alguns aspetos da personalidade** que vão contribuir muito para o **desenvolvimento cognitivo**, portanto é quase um efeito de bola de neve o aluno que pratica exercício físico e tem uma atividade artística, vai estar muito **mais disponível para aprender, vai estar muito mais motivado para aprender, portanto vai ter mais sucesso** (...) já começa a haver **muita evidência científica**”*

*de que o exercício e o sucesso escolar estão muito interligados pela estimulação de determinadas áreas do cérebro.*” Entrevista a professora MA.

*“Pela criação dos hábitos de disciplina, de esforço na perseguição dos objetivos, no adiamento da gratificação, pois os resultados só surgem após muitos meses/anos de trabalho, e pela aprendizagem da vida em sociedade.”* (Resposta à pergunta 5.2 Quais as medidas/regras que a vossa associação tem ligadas ao rendimento escolar?) *Normalmente, os ginastas mais dedicados são aqueles que têm maiores sucessos, na sua experiência social, seja na escola, seja no desporto, seja nas outras atividades para as quais dedica a sua atenção e tempo.*” Entrevista a treinador C.

*“Pronto, sabemos que a dança tem inúmeros benefícios para as crianças e para os jovens, não só a nível motor, mas a nível de socialização, porque normalmente esta atividade é feita em conjunto não é um desporto individual, por isso as crianças socializam. Ao socializarem estão a adquirir competências que depois se tornam importantes também no sucesso escolar, as crianças quando dançam ficam mais felizes, mais predispostas a aprender, e ali também aprendem técnicas de aprendizagem que depois podem reportar a nível escolar.”* Entrevista a dirigente MV.

Na última questão dentro desta categoria, as opiniões dos inquiridos dividem-se significativamente, ainda assim, a maioria defende que a escola e a sociedade valorizam a prática desportiva/artística.



30. Classifiquem de 1 a 5 se acham que a escola e a sociedade em geral desvalorizam a prática desportiva/artística.

Fonte: Inquérito por questionário

Esta questão foi colocada de forma separada aos entrevistados, assim, sobre se a escola desvaloriza a prática desportiva/artística, as respostas dividem-se. Por um lado, acham que a escola valoriza, mas que não apoia como deveria, ou então que não desvaloriza uma vez que tem a parte do desporto e das artes no desporto escolar ou em

oficinas de artes. Por outro lado, desvaloriza uma vez que não há uma verdadeira aplicação daquilo que está “no papel”, no currículo escolar, e também não existe uma articulação ou uma parceria com as associações que poderiam trazer inúmeras vantagens tanto para um lado como para o outro, mas em especial para as crianças e jovens, tal como podemos ler nas respostas dos entrevistados.

*“Sim. Não digo conscientemente, mas o nosso currículo não está desenhado de maneira a possibilitar essa abrangência, essa possibilidade, estamos ainda muito agarrados à questão das disciplinas tradicionais, digamos assim e não são criadas ainda alternativas para ir de encontro a perfis diferentes, a preferências diferentes em que as pessoas podem explorar outras capacidades e competências, que acabam por não serem exploradas no ensino mais tradicional, mais global.”* Entrevista a professor A.

*“Não, acho que a escola não desvaloriza. A escola não apoia é como deveria apoiar, mas não desvaloriza.”* Entrevista a professora MA.

*“Não, acho que não, acho que a escola valoriza (...) basta ter um clube de música, o desporto escolar, uma oficina de artes que estejam a funcionar. Tem a parte do desporto, tem a parte das artes e existem, às vezes não existem é tantos alunos inscritos. Numa dimensão como nós temos nesta escola, deveria de ser mais divulgada se calhar, **deveriam ser mais aliciados a participarem (...)**.”* Entrevista a professora ML.

*“Não penso que desvalorize, tanto é que tem estas disciplinas no seu currículo, **não consegue é ser a parceira adequada e respeitadora do muito esforço e formação que acontece nas atividades desportivas ou culturais.**”* Entrevista a treinador C.

*“Sim, sim, sim, sem dúvida que sim. Os currículos até estão bem desenhados no sentido que incluem as atividades artísticas ou desportivas, e posso-me referir, por exemplo, está estipulado e definido regras, metas de aprendizagem para as crianças na área da dança, no pré-escolar, no entanto, nós vamos verificar o que é que as educadores fazem a nível da dança e não conseguem (...) as metas estão lá, os conteúdos estão lá, está tudo muito bem definido mas depois as educadores na altura que tiraram as suas formações não tinham sequer este tipo de componente, logo agora **não conseguem desenvolver com os meninos (...)** aquilo que eu noto, é que os educadores de infância, a maioria, não consegue colmatar essas falhas.”* Entrevista a treinadora B.

Quando questionados sobre se a sociedade em geral valoriza ou desvaloriza as associações desportivas/artísticas e sobre os apoios que recebem (pergunta esta feita aos dirigentes e treinadores), no geral, os entrevistados acreditam que as associações são valorizadas, embora com pesos diferentes, ou seja, no futebol existe uma sobrevalorização face a tantas outras atividades que são desenvolvidas no país.

Inclusive, defendem que as associações não são valorizadas no que toca à importância do seu papel social e que deveriam ser muito mais apoiadas, principalmente pelo Estado e que este deveria ainda proporcionar oportunidades para crianças e jovens que vivem em contextos mais desfavorecidos integrarem estas associações, uma vez que é um direito para as crianças e um dever do Estado assegurar este direito, respondendo à última questão de investigação sobre de que forma a comunidade/sociedade e o Estado podem contribuir neste âmbito.

*“As Associações deste tipo são valorizadas na sua comunidade local, que reconhecem o mérito, o esforço e dedicação de todos os dirigentes e treinadores/professores. O poder local, dentro das suas possibilidades apoia, quer financeiramente, quer com materiais, transportes e cedência de instalações as associações. Preocupa-me, contudo, as crianças/jovens oriundos de agregados familiares mais desfavorecidos e em situação de pobreza que possam estar privados de praticar atividades/modalidades. Considero **que terão que ser definidas novas políticas/medidas de apoio às associações e famílias para que todas as crianças tenham a oportunidade de praticar atividades**. Reconheço o trabalho de responsabilidade social que as associações têm vindo a fazer, mas o **acesso à prática desportiva e cultural tem que ser sempre entendido como um direito e não depender do espírito de missão dos dirigentes, dos professores e dos sócios.**”* Entrevista a assistente social M.

*“Não, desvalorizadas não. **Muitas vezes não são é apoiadas na devida medida da contribuição para a solidariedade social e para a vivência social que elas promovem, o seu papel social não é muitas vezes devidamente reconhecido.** (...) A valorização surge a dois níveis. Ao nível da **própria associação que tem que saber promover-se e promover as suas atividades e os seus impactos sociais**, e ao nível da **própria sociedade que deve ter os seus mecanismos públicos e de divulgação pública, nomeadamente órgãos de comunicação social vocacionados para também olharem para elas e não só para aqueles fenómenos como, por exemplo, o futebol que são de fácil ligação e comunicação (...)** saberem mais*

*sobre o que é isso (...) poderem comentar de forma mais evidente e mais esclarecida, e muitas vezes passa-lhes ao lado esta necessidade de autoformação (...)*”Entrevista a treinador C.

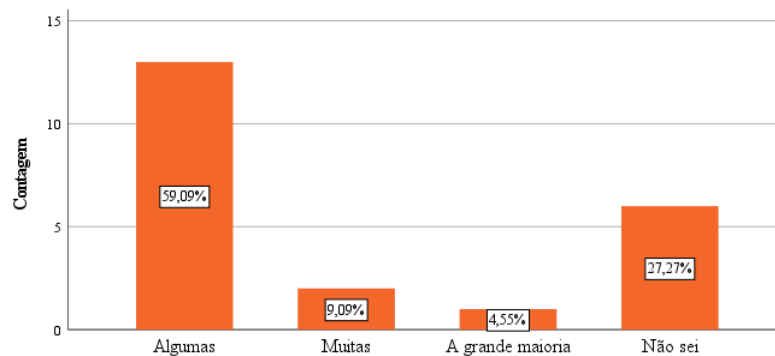
*“Sim, são desvalorizadas sem dúvida que sim, porque até mesmo as próprias autarquias, juntas de freguesia, muitas vezes podiam aproveitar os próprios recursos das associações juvenis, associações culturais e artísticas, e acabam por muitas vezes ir contratar outro tipo de serviços fora da associação (...) era uma mais-valia para todos, ou seja, acabamos por ficar para trás quando se podia aproveitar o que existe no município. (Resposta à pergunta 6.3 Indique sugestões para melhorar e valorizar a prática desportiva/artística a todos os níveis) Fazer parte de uma equipa multidisciplinar por municípios ou por concelhos onde pudéssemos dar o nosso contributo e também estar a par daquilo que são os contextos sociais, a ação social, cultural e desportiva dos municípios, sermos chamados a estar presentes, a dar o nosso contributo, a reunirmos, penso que a partir daí seria uma mais-valia.”* Entrevista a treinadora B.

*“Nós sabemos que as associações fazem o papel do estado nesta parte de promover a cultura e o desporto, sendo assim, o estado tem o dever de apoiar ao máximo estas associações que desenvolvem a cultura e o desporto (...) acho que é importante o estado e a nível local as autarquias, perceberem que é essencial o apoio a estes clubes e a estas associações. As associações não são tão valorizadas como deveriam de ser. (Resposta à pergunta 6.2 Indique sugestões para melhorar e valorizar a prática desportiva/artística a todos os níveis.) Primeiro criar mais eventos onde possa ser demonstrado o trabalho que é feito nas associações, valorizar as crianças como com uma entrega anual de um prémio, uma coisa simbólica para as crianças, para as atrair, um evento simbólico anual em que houvesse uma entrega de prémios pelas atividades (...).”* Entrevista a dirigente MV.

### **Categoria 6 – Compreender a vossa perspetiva sobre a introdução do Serviço Social nas associações**

Na primeira questão desta categoria, 59% afirma que, no seu entendimento, são algumas famílias que têm fragilidades socioeconómicas, 9% declara que são muitas e 4,55% refere que é a grande maioria, o que nos permite dizer que em 72,73% destas associações existem famílias com fragilidades socioeconómicas.

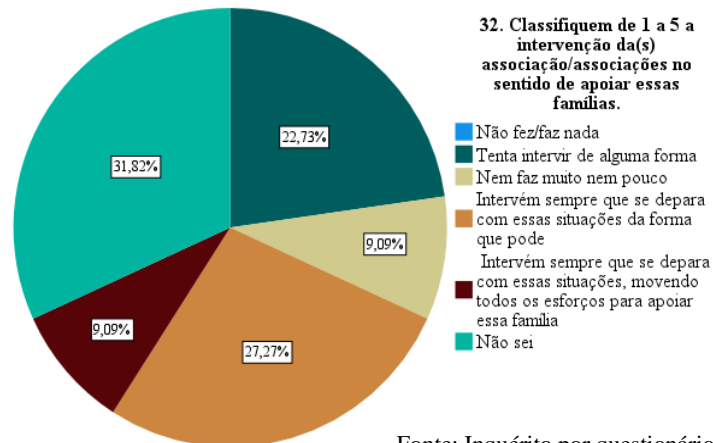
## Serviço Social no Desporto e nas Artes



31. Classifiquem de 1 a 5, o número de famílias integrantes na/nas associação/associações que, no vosso entendimento, têm fragilidades socioeconómicas.

Fonte: Inquérito por questionário

Como consequência dessa situação, a pergunta seguinte pretende conhecer a intervenção das respetivas associações. Apesar de uma grande percentagem referir não saber (31,82%), uma grande percentagem (59%) afirma que as respetivas associações intervêm efetivamente nestes casos, afirmando 22,73% que tentam intervir de alguma forma, 27,27% refere que intervêm sempre que se deparam com essas situações da forma que pode e 9,09% que intervêm sempre que se deparam com essas situações, mas movendo todos os esforços para apoiar essas famílias.



Fonte: Inquérito por questionário

Esta questão foi colocada aos treinadores e dirigentes para compreender que fizeram para apoiar atletas com dificuldades nas respetivas associações, mas também aos professores com o intuito de perceber o que a escola pode fazer nestes casos.

Apesar de terem soluções limitadas, é importante perceber que tentam todos verdadeiramente melhorar a vidas destas crianças e jovens que precisam de apoio, seja na escola ou nas associações e, nestas últimas, perceber que tentam fazer com que ninguém

deixe de praticar o seu desporto, a sua arte, por ter dificuldades financeiras ou problemas em casa.

Contudo, salienta-se o facto de que, apesar de todos darem o seu melhor para colmatar estas dificuldades, a verdade é que não têm muito poder ou ajudas superiores para criar um melhor sistema de apoio nestes casos.

*“(...) a escola criou alguns mecanismos que faz com que esses miúdos sejam sinalizados e o melhor acompanhados possível. De qualquer maneira, sabemos também que isso está muito dependente de recursos humanos e materiais também, que por sua vez também estão muito dependentes de recursos orçamentais e, portanto, não havendo esses recursos e mesmo até de autonomia também (...) (Ou seja, a escola em si só pode encaminhar os alunos?) Muitas vezes sim, há apoio tutorial específico, clubes, há tutoria sem ser específica, etc... **há uma série de mecanismos que foram criados, mas que se revelam insuficientes (...)**” Entrevista a professor A.*

*“(...) no último concelho pedagógico apresentei uma proposta de se fazer um estudo, de alguém pensar numa forma de existir um gabinete permanente, em que façam parte, **nós não temos assistentes sociais não é, mas pelo menos onde façam parte alguns professores, alguns psicólogos (...)** de maneira a que, quando se chega ao 12ºano, garantirmos que todos os alunos que queiram ir para o ensino superior, que tenham um gabinete, vá lá, uma equipa onde eles se possam dirigir e que os possa acompanhar quer na procura de bolsas, quer na procura de empregos part-time para eles poderem naqueles primeiros tempos conseguirem arranjar algum dinheiro para garantirem as propinas e as inscrições (...).” Entrevista a professora MA.*

*“É assim nós normalmente vamos estando sensíveis a essas situações, tentamos ajudar da forma que é possível, aqui este ano chegámos a fazer algumas campanhas (...) A escola para já, deveria de incentivar os nossos alunos, (...) formar aí um **grupo de voluntários em muitas áreas que precisamos no concelho (...)** escolhendo-se as áreas de acordo com a maior dificuldade que existisse aqui no concelho, e nós temos várias (...).” Entrevista a professora ML.*

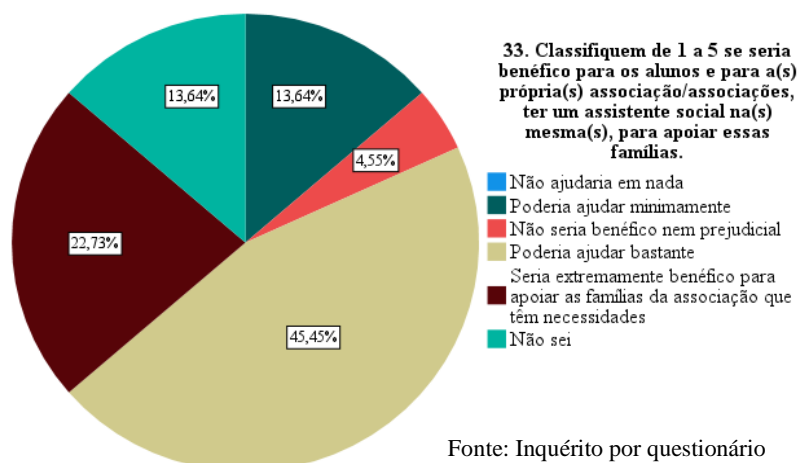
*“Os mecanismos que temos é por exemplo (...) **acautelar os custos dessas deslocações e até pedir a contribuição, que normalmente acontece das entidades dos órgãos de poder local que participam, nessas circunstâncias, de maneira a acomodar essas dificuldades, essencialmente aí, e tentar verificar se***

*no quotidiano, às vezes é preciso ou não fazer apenas compensações que sem se tornarem evidentes possam ajudar a minimizar alguns impactos que se percebem negativos (...)* (Resposta à pergunta 7.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?) *Acomodar melhor as dificuldades acrescidas na compensação académica que decorre em casa, de praticantes que para lá da escola ainda dedicam algumas horas, diariamente, à sua prática desportiva ou cultural.*” Entrevista a treinador C.

*“(...) através da CPCJ, fazer uma parceria, algo vinculado, que permitisse os casos que estão sinalizados (...) casos identificados com fracos recursos financeiros, e aí já tínhamos algo palpável para dizer “não, esta criança não paga mensalidade porque está dentro deste requisito”, já não éramos nós a decidir mas havia aqui uma base de parceria que permitia uma justificação (...) estávamos a contribuir para o desenvolvimento, estávamos a fazer enquanto associação que aquela criança pudesse ter aulas (...) entretanto também já fizemos uma série de **projetos de forma a que todas as crianças tenham acesso à dança**, por exemplo, temos os projetos de Dança Educativa em instituições (...)*” Entrevista a treinadora B.

*“(Resposta à pergunta 7.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?) Sem dúvida. (Muitos?) Sim. Dentro das associações podemos ver que sim, mas a maior parte deles, que **têm as maiores fragilidades económicas, daquilo que eu vejo, nem sequer estão no seio das associações até porque hoje em dia é raro a associação que faz um serviço gratuitamente** (...)* (Resposta à pergunta 7.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?) *Lá está, a escola pode direcionar estes casos, se perceber que a criança realmente tem um gosto especial por determinada atividade, eu acho **que deve direcioná-la para as associações e em conjunto com a associação perceber se há possibilidade de integrá-la, tal como nós fizemos com algumas crianças a custo zero para elas continuarem a fazer atividade física, haver aqui uma comunicação entre a escola e as associações para perceber se há possibilidade disso.***” Entrevista a dirigente MV.

Quanto à questão se seria benéfica a integração de uma assistencial social nas associações que apoiasse essas famílias, 45,5% defende que poderia ajudar bastante e 22,73% afirma que seria extremamente benéfico, apoiando a hipótese principal deste estudo.



Nesta questão, as opiniões dos entrevistados são uma vez mais unânimes, admitem que seria bom tanto para as associações como para as famílias a integração de uma assistente social nas associações, mas que não seria financeiramente suportável para associações com a dimensão das que participam no estudo essa contratação.

Apontam assim para soluções como parcerias e equipas multidisciplinares que fizessem uma interligação entre associações, escola e famílias que facilitariam a integração de crianças e jovens que vivem em situações desfavorecidas nas associações, apoiando-as naquilo que forem as suas carências, respondendo assim à segunda questão de investigação, sobre a perspetiva dos profissionais destas áreas sobre a ligação entre o desporto e as artes e o serviço social.

*“(…) O papel do assistente social numa associação contribuirá para a integração plena da criança/jovem no seu meio, na sua comunidade. Os assistentes sociais são agentes que podem promover a mudança na sociedade e nas condições de vida dos cidadãos com quem trabalham, pelo que o seu exercício profissional é abrangente a todas as áreas.”* Entrevista a assistente social M.

*“Sim, uma vez que em muitas situações há necessidade de trabalhar com as crianças/jovens e respetivas famílias o desenvolvimento de competências pessoais e sociais que possam não estar a ser devidamente postas em prática.”* Entrevista a assistente social A.

*“(…) Acho que a comunidade está munida de entidades desde que conjugadas com as associações em estreita ligação e devo-lhe dizer que em Salvaterra ainda não aconteceu, mas na outra Comissão aconteceu, de nós*

*promovemos reuniões e formações com as associações no sentido de lhes dizer que a CPCJ trabalha desta forma, sempre que tiverem alguma situação canalizem para nós e até explicando que pode ser uma denúncia anónima para que não haja corte (...) mas acho que identidades pequeninas, sinceramente, não vejo essa necessidade. Identidades já com uma grande dimensão, com um grande número de atletas, sim.”* Entrevista a assistente social S.

*“Sem dúvida que sim (...) **permitia também junto das diversas instituições tornar o desporto mais inclusivo**, porque inclusão não é só para as pessoas que têm deficiência, inclusão é para todos, para que ninguém fique para trás (...) inclusão a todo o nível, **ia valorizar ainda mais o papel do desporto**, **ia estabelecer pontes**, ia fazer com que os miúdos tivessem mais vivências, ia permitir **maior integração** dos miúdos e das respetivas famílias, e portanto **contribuía sem dúvida para um desenvolvimento mais harmonioso dos miúdos**.”* Entrevista a professor A.

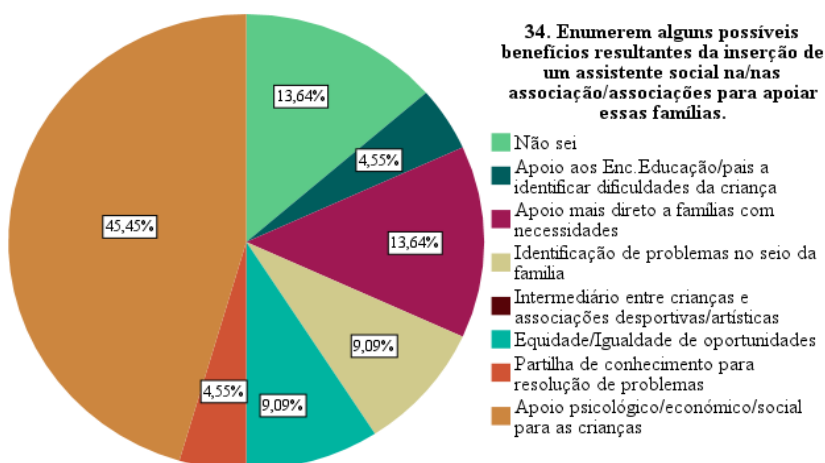
*“(...) Eu penso que as associações deveriam trabalhar muito com as escolas, aqui há três anos por ai talvez, a escola teve uma iniciativa de pedir às várias associações para irem junto das AECS e pelo menos cada associação passava por cada AEC uma duas vezes, por período... para já isto dava a conhecer as associações existem à volta (...) proporcionar que os alunos todos, aqueles que não conseguem, pelo menos têm uma experiência e acho que isto é extremamente importante (...) as associações passassem a ter aqui um papel muito mais solidário, acho que sim, claramente que beneficiava, mas neste caso.”* Entrevista a professora ML.

*“Útil é sempre, haver uma pessoa especializada numa área onde a intervenção deve de ser desejavelmente tão especializada quanto possível, de maneira a acautelar o máximo possível de circunstâncias e de impactos (...) não teríamos como corresponder devidamente também à mestria e à qualidade da prestação que essa pessoa, pudesse acrescer à associação, não haveria meios para o conseguir fazer, meios financeiros para o conseguir fazer.”* Entrevista a treinador C.

*“Sim, sim, sim. Para já porque eu acho que a área social atravessa com todas as áreas da nossa sociedade e depois é importante **o assistente social, o técnico social, faz sempre falta numa associação**, não só para este tipo de casos para fazer o elo de ligação, mas muitas vezes para ver, para assistir porque tem uma perceção diferente de um técnico de dança a dar uma aula de dança, às*

*vezes a partir de só de uma entrega de uma criança, o técnico estando presente, consegue detetar ali situações que o professor de dança não tem formação naquela área, não sabe, e consegue fazer outro tipo de estudo e intercalado com a equipa da associação, com os vários componentes da associação, acho que se consegue desenvolver projetos muitos interessantes e acho que a área social é fundamental tanto nas artes, como no desporto, como na infância, na juventude.”* Entrevista a treinadora B.

Enquanto benefícios dessa integração, agrupámos uma vez mais por categorias, sendo de destacar com 45,45% “Apoio psicológico/económico/social para as crianças”, com 13,64% “Apoio mais direto a famílias com necessidades” e com 9,09% “Identificação de problemas no seio da família” e “Equidade/Igualdade de oportunidade”.



Fonte: Inquérito por questionário

Quanto aos benefícios/vantagens da inserção de um assistente social nas associações, os entrevistados apresentaram diversas respostas, como a garantia do acesso a todas as crianças e jovens de participar nas associações, prevenção de situações de risco, promoção da mudança de comportamentos desajustados, o desenvolvimento e reforço de competências pessoais e sociais, a possibilidade de poder fazer uma intervenção mais direta com a família, entre outras, respondendo dessa forma à quinta questão de investigação, sobre quais os benefícios que essa intervenção poderá ter nas famílias dos associados.

*“Garantir o acesso a todas as crianças de participar nestas atividades, fomentar a importância da prática das atividades junto dos pais e comunidade e prevenir as situações de risco para as crianças/jovens.”* Entrevista a assistente social M.

“Promover a mudança de comportamentos desajustados, desenvolver e reforçar as competências pessoais e sociais.” Entrevista a assistente social A.

*“Bem, estar desperta para avaliar se alguma situação está fora de contexto ou se necessita de alguma intervenção ou de algum apoio, ou de algum encaminhamento para alguma das entidades locais (...) especialmente no desporto também ser mais alguém para chamar atenção para comportamentos desadequados no âmbito do desporto, o chamar nomes, que eu também já observei.”* Entrevista a assistente social S.

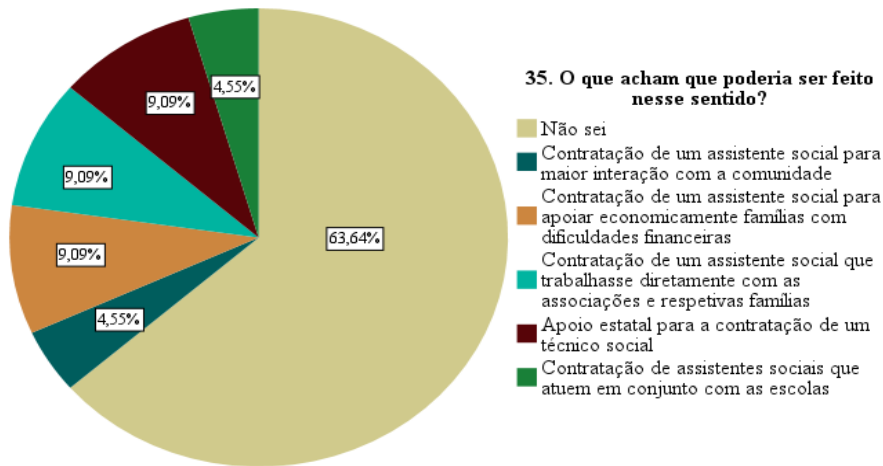
*“(...) é sem dúvida não excluir, incluir toda a gente, atuar a nível dos agregados familiares (...) acho que é fundamental e os benefícios seriam imensos.* Entrevista a professora MA.

*“Para as crianças é sem dúvida proporcionar a igualdade de oportunidades, que é o principal problema que nós encontramos aqui nas nossas associações (...) Uma técnica social para trabalhar este tipo de situações junto das escolas, junto das famílias (...) terem a part-time ou assim uma técnica que envolve-se aqui as várias associações e que pudesse trabalhar, pudesse ir perceber quem são os alunos desta entidade, quem são os meninos inscritos no andebol, as características deles, será que os amigos deles também querem? Porque é que não vêm? E a técnica neste caso é que ia fazer este serviço, fazia essa investigação com os dirigentes, “olha o que podemos fazer para estes meninos virem? Eles não têm recursos, vamos fazer isto assim, vamos fazer protocolos”, acho que era mais por aí.”* Entrevista a treinadora B.

Por último, quando questionados sobre o que poderia ser feito nesse sentido, infelizmente uma grande percentagem (63,64%) refere que não sabe e não identificou nenhuma hipótese. Contudo, as hipóteses apresentadas são com 9,09% “Contratação de um assistente social para apoiar economicamente famílias com dificuldades financeiras”, “Contratação de um assistente social que trabalhasse diretamente com as associações e respetivas famílias” e também com a mesma percentagem “Apoio estatal para contratação de um técnico social”.

Com 4,55% temos ainda as hipóteses apresentadas “Contratação de um assistente social para maior interação com a comunidade” e também “Contratação de assistentes sociais que atuem em conjunto com as escolas”.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes



Fonte: Inquérito por questionário

Contrariamente aos resultados dos inquéritos, os entrevistados apresentaram algumas soluções destacando-se as parcerias, protocolos, integração de atividades artísticas e desportivas nos planos curriculares e nos projetos educativos, e ainda a divulgação da oferta, respondendo à terceira questão de investigação que inquire de que forma o serviço social se pode inserir e intervir no desporto nas artes e se terá efetivamente um efeito real e eficaz, e paralelamente à quarta questão, sobre se as associações desportivas e culturais serão o local ideal para inserir o serviço social no desporto e nas artes performativas.

*“A integração das atividades artísticas e desportivas nos planos curriculares, nos projetos educativos, para que todas as crianças possam ter a mesma oportunidade de beneficiar das mesmas, poderia ser uma das medidas. Importa ainda reforçar a consolidação da parceria existente na comunidade local, Escola/Família/Associações, pois só haverá êxito na intervenção social se a mesma for assente num modelo de governação integrada. Há que complementar os projetos educativos com as respostas disponibilizadas pelas associações e que fazem parte da comunidade onde a criança está inserida. Este é o seu ambiente protetor e promotor de hábitos saudáveis, segurança e bem-estar.”* Entrevista a assistente social M.

*“Criação de projetos/atividades que promovam a inclusão social, a interculturalidade, o desenvolvimento da autoestima, comportamentos para saber lidar e superar as frustrações e minimizem ou suprimam situações de negligência.”* Entrevista a assistente social A.

*“Isto é muito difícil responder porque hoje em dia, num mundo cada vez mais rápido, somos a aldeia global, mas também estamos cada vez mais*

*ocupados e é muito difícil ter a questão do **associativismo** (...) é difícil ter pessoas, mas era importante que houvesse de facto, sei lá, **a nível municipal, estruturas do desporto, gabinetes de desporto, etc...** se calhar se fossem reforçadas com pessoas do serviço social a esse nível que pudessem ajudar a fazer a ponte para integrar miúdos, era muito importante, porque esse trabalho muitas vezes é feito assim pontualmente, sem um fio condutor (...) quando podiam ser horas, turmas, fosse o que fosse com pessoas integradas de um lado e do outro e que houvesse essa redezinha de apoio, por parte da Câmara, se calhar não era assim tão difícil mas também não é fácil (...) e depois há as questões políticas também.” Entrevista a professor A.*

*“(...) acho que ainda temos que percorrer um longo caminho, mas é depois de termos treinadores formados e de termos dirigentes também bem formados de certeza que eles próprios vão sentir a necessidade de ter essa ajuda, de um psicólogo, de um assistente social, se falarmos um pouco mais a nível competitivo, de um nutricionista, mas é um bocadinho utópico olhando para o associativismo desportivo cá em Portugal.” Entrevista a professora MA.*

*“Eu penso que se poderia fazer uma **parceria entre escolas e associações** (...) **estas parcerias tinham de ser estabelecidas, mais comprometidas**, porque as parcerias às vezes estabelecem-se, mas não há um comprometimento das pessoas, portanto aquilo é feito agora e a seguir acabou, deveria de haver isto, um compromisso sério, porque claramente implica que todos têm que dar o seu melhor.” Entrevista a professora ML.*

*“**Parcerias** (...) **era haver técnicos que trabalham noutras áreas, mas que também as associações podem socorrer deles para no fundo darem continuidade ao seu papel social**, porque ninguém tenha dúvida que, quer culturalmente, quer desportivamente, o papel social destas associações é demasiado importante para não serem promovidas todas as valências que a eles possam ser associadas e possam melhorar a sua intervenção social (...)” Entrevista a treinador C.*

*“**Os protocolos, as parcerias, a divulgação, equipas multidisciplinares**, ou seja, imagina tu como técnica social, não estar tudo centrado em ti porque às vezes tens uma visão completamente diferente como técnica aprendeste uma coisa, mas ouvires e perceberes a realidade lá está, dos vários clubes, porque aquilo que eu digo, não é o que o futebol diz, não é o que a natação diz, temos todos visões diferentes.” Entrevista a treinadora B.*

Foi colocada ainda uma questão relativamente a esta categoria às assistentes sociais sobre qual a importância para o serviço social deste campo de atuação, à qual todas salientaram a importância que seria esta integração para uma intervenção precoce e que permitia chegar mais diretamente às famílias, tendo um papel determinante na promoção e proteção das crianças e jovens e paralelamente desenvolver uma área subdesenvolvida no serviço social e que conseqüentemente está em falha, uma vez que cada vez mais se descobrem casos de maus-tratos, abuso de poder, abusos sexuais a atletas e artistas, onde se verifica a ausência de proteção e de um olhar técnico fundamental nesta área.

*“(…) Neste campo de atuação, terá um papel determinante ao nível da promoção e proteção da criança, contribuindo para a sua socialização e integração plena na sociedade, garantindo que todos terão a mesma oportunidade de experienciar novas práticas, novos saberes. A emergência e o agravamento dos problemas sociais poderão contribuir para o afastamento dos cidadãos das instituições e há que criar condições para inverter esta tendência (…).”* Entrevista a assistente social M.

*“Considero que a integração do serviço social nas associações poderia ser mais uma das áreas para se intervir precocemente nos problemas sociais, permitindo colmatar alguns deles e evitar que outros se transformem em situações de perigo para as crianças/jovens.”* Entrevista a assistente social A.

*“(…) é a questão de ter um olhar mais atento a situações que possam estar nos atletas ou nas suas famílias, algum eventual apoio até por parte do clube (…). As autarquias dão apoio aos clubes, por exemplo, a técnica podia desenvolver um projeto quer com a autarquia ou quer com o instituto da juventude ou outra entidade qualquer que pudesse dinamizar, por exemplo atividades (…).”* Entrevista a assistente social S.

Uma vez que não existe nenhum assistente social a trabalhar na Escola Básica e Secundária de Salvaterra de Magos, foi questionado aos professores entrevistados qual a sua opinião sobre se seria benéfica a inserção de um assistente social na escola, tendo estes concordado que seria algo fundamental para integrar uma equipa multidisciplinar que colmatasse as falhas sociais que vão identificando e que acabam por não ser exploradas e muito menos resolvidas.

*“Eu acho que sim, sem dúvida que mais um elemento com conhecimento e experiência para além daquilo que são os serviços de psicologia e orientação,*

*e para além daquilo que são os professores da educação especial, seria mais um elemento importante numa estrutura para trabalhar em conjunto, no sentido de encontrar soluções.*” Entrevista a professor A.

*“Acho que sim, era essencial e há muitas escolas que já o têm, e isso era fundamental, porque muitas vezes pensamos que é o psicólogo que faz o trabalho, mas o do assistente social é outra área, e nós precisávamos aqui da intervenção da parte social também, porque nós temos muitas carências em muitos níveis, não é só a carência económica, há as outras carências que também que são graves aqui na escola e que às vezes passam um bocadinho ao lado nas pessoas... era essencial.”* Entrevista a professora ML.

Relativamente aos benefícios/vantagens, apontam um maior conhecimento teórico e técnico, mais polivalente, um maior acompanhamento das famílias que necessitam de apoio, uma intervenção preventiva e não apenas quando já existe o perigo iminente. Como soluções para essa questão, enumeram uma maior autonomia das escolas para a contratação de técnicos sociais, uma maior articulação com as autarquias, desenvolver projetos entre as autarquias e as escolas, a criação de uma rede de apoio e de uma equipa multidisciplinar, a divulgação do que se pode fazer, entre outros.

*“Para já, um maior conhecimento técnico, maior abrangência técnica, se assim se poderá dizer a esse nível para possibilitar um acompanhamento mais abrangente, mais polivalente dos miúdos e isso iria trazer de certeza benefícios para os miúdos, diretamente, mas depois também traz para a turma, traz para a comunidade. Se queremos cada vez mais um envolvimento dos encarregados de educação, também eles se sentiriam mais acompanhados, seria mais um elo de comunicação que poderia favorecer todo este processo.”* (Reposta à pergunta 5.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito, de forma mais concreta?) *Isso, se calhar, passa por um bocadinho mais de autonomia das escolas que está um bocadinho, digamos, está prevista, mas na prática ainda não alcançou pelas razões que disse, mas também por uma maior articulação com as autarquias, com um trabalho de proximidade no sentido de facto de haver uma rede de apoio mais concreta, acho que seria isso.*” Entrevista a professor A.

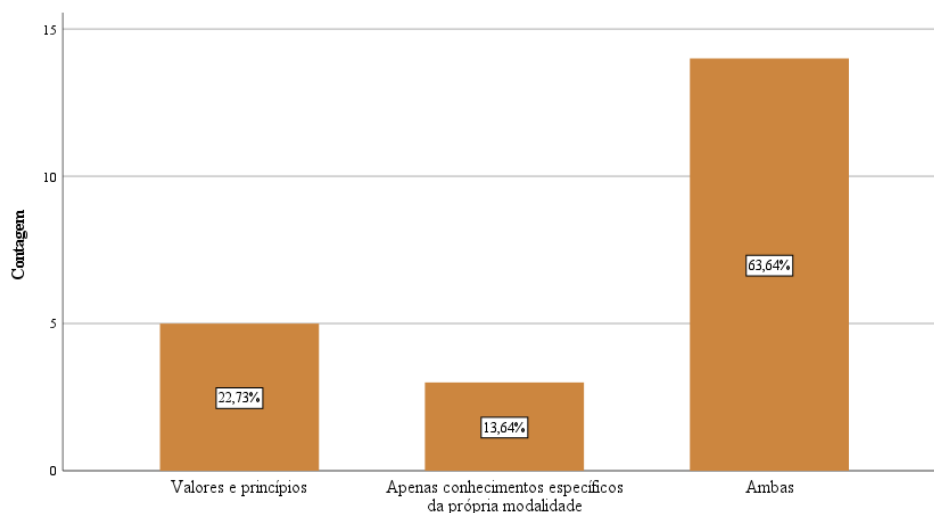
*“Para a escola é assim, os professores não têm preparação, nós muitas vezes achamos que somos psicólogos mas não somos, achamos que somos assistentes sociais mas não somos assistentes sociais e muitas vezes podemos estar a fazer uma intervenção completamente errada e isso é o medo que nós temos (...) é lógico que um assistente social numa organização que tem 1700*

*alunos é pouco, mas era uma ajuda para se sentir que ali se iria buscar, e para os alunos, mais do que para os alunos acaba por ser para as famílias, porque o aluno está ali no meio e é aquele que se quer sempre proteger, é o jovem, e ter do outro lado alguém, no fundo fazia ali a ligação entre as famílias, acho que era muito importante.* (Reposta à pergunta 5.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito, de forma mais concreta?) *É assim, eu acredito que as verbas internas das escolas nunca dão para ter o assistente social e tem-se optado por ter os psicólogos que também é uma área, mas acho que isto podia-se fazer pelas autarquias, ter um projeto com as autarquias em que elas tivessem pelo menos um assistente social que fosse colocado na escola (...) devíamos de ter alguém a fazer a intervenção um bocadinho antes, de prevenção, e essa prevenção seria na escola, por muito que elas tentem colaborar nunca é a mesma coisa, porque a partir do momento em que se faz uma sinalização para qualquer uma delas ou um pedido de ajuda estamos a ir para a outra ponta já não estamos na situação inicial.”* Entrevista a professora ML.

### **Categoria 7 – Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

A partir desta categoria, as perguntas são dirigidas às crianças/jovens de cada família, com supervisão dos respetivos progenitores.

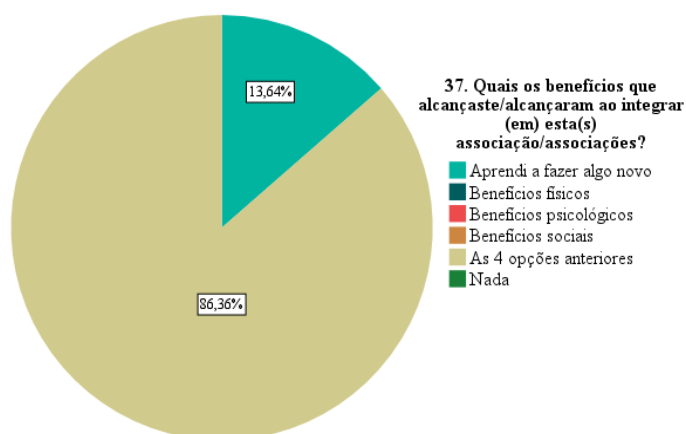
Na primeira questão, 63,64% dos inquiridos responderam que tanto são transmitidos valores e princípios como conhecimentos específicos da própria modalidade, permitindo-nos assumir uma vez mais que os ensinamentos partilhados nas associações desportivas/artísticas são muito mais que a modalidade praticada.



36. O que é ensinado/transmitido na/nas associação/associações que participas/participam?

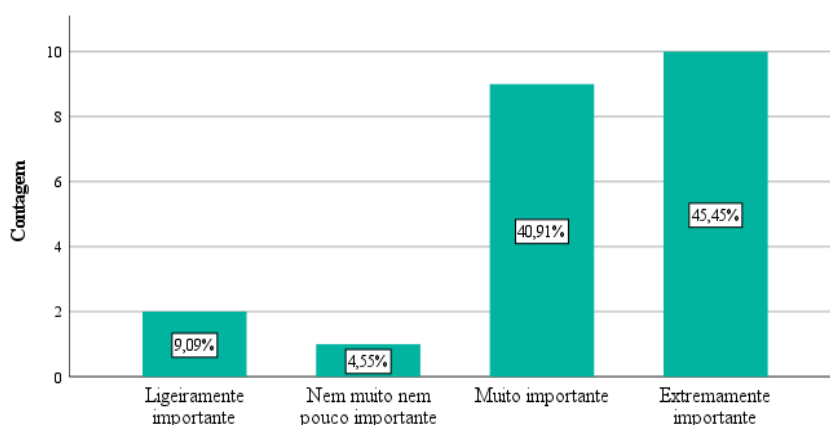
Fonte: Inquérito por questionário

Na mesma linha de pensamento, reforçando a ideia partilhada anteriormente, além de aprenderem a fazer algo novo, desenvolvem também as suas competências físicas, psicológicas e sociais.



Fonte: Inquérito por questionário

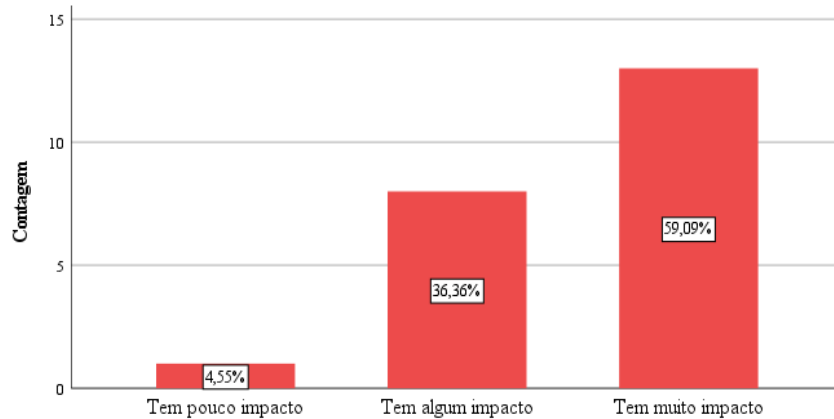
Por conseguinte, os resultados das questões relativas à importância e ao impacto para as crianças e jovens da prática desportiva/artística nas associações, são tal como nas respostas dadas pelos responsáveis parentais, a maior percentagem recai sempre nos níveis mais altos classificados como “Muito importante”, “Extremamente importante”, “Tem muito impacto”, seja de forma lúdica ou competitiva, como se podem verificar os seguintes gráficos.



Fonte: Inquérito por questionário

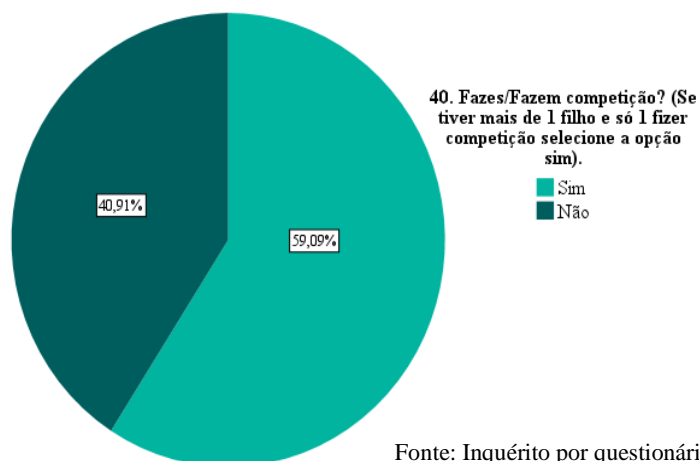
Ambos os gráficos demonstram que as crianças inquiridas sentem que a prática desportiva e artística nas associações tem efetivamente influência na sua vida e no seu desenvolvimento, tal como defendem os seus pais e os entrevistados.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes



39. Classifica/Classifiquem de 1 a 5 o impacto que a prática da(s) modalidade(s) desportiva(s)/artística(s) tem(têm na tua/vossa vida.

Fonte: Inquérito por questionário

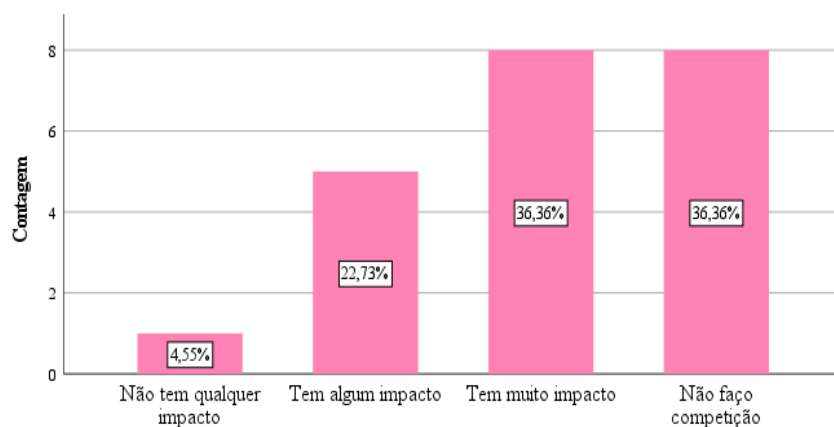


40. Fazes/Fazem competição? (Se tiver mais de 1 filho e só 1 fizer competição seleccione a opção sim).

Sim  
Não

Fonte: Inquérito por questionário

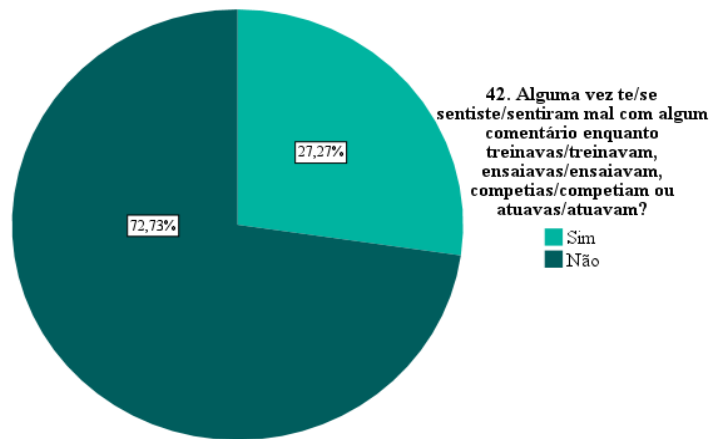
Apesar do gráfico anterior estar bastante equilibrado, no gráfico seguinte podemos verificar que, dentro daqueles que fazem competição a grande maioria sente que esta tem bastante impacto nas suas vidas.



41. Se a resposta anterior foi SIM, classifica/classifiquem de 1 a 5 o impacto que a prática da(s) modalidade(s) desportiva(s)/artística(s), de forma competitiva, tem na tua/vossa vida.

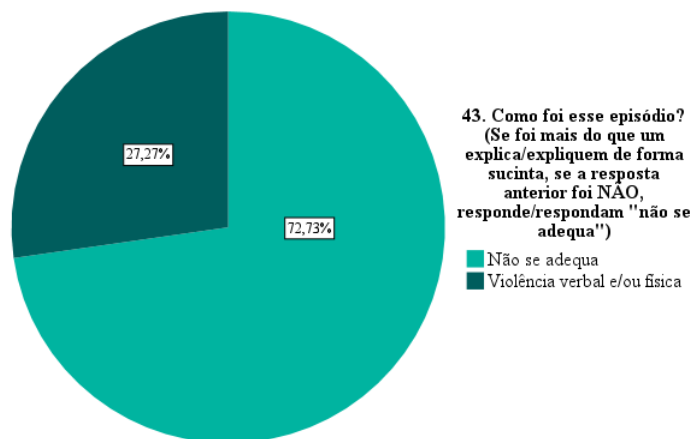
Fonte: Inquérito por questionário

Felizmente, a grande maioria das crianças/jovens refere nunca se ter sentido mal com algum comentário negativo durante um momento relacionado com a atividade na respetiva associação.



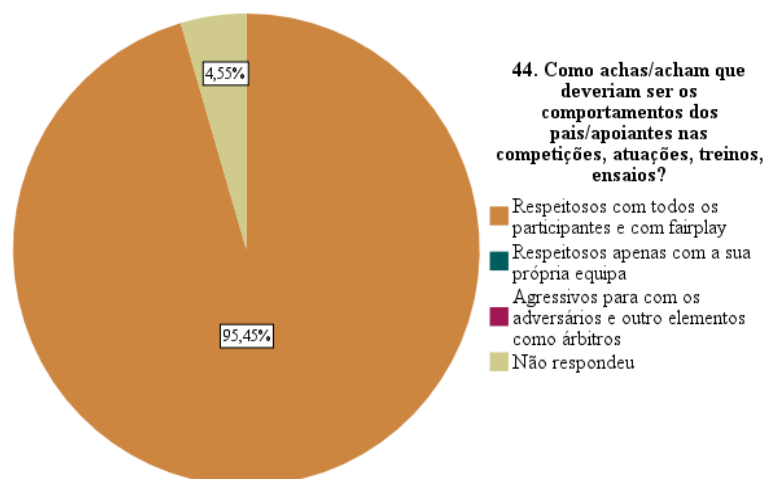
Fonte: Inquérito por questionário

Contudo, os poucos que responderam “Sim” não descreveram esses momentos, o que nos levou a restringir à resposta “Violência verbal e/ou física”, uma vez que as respostas dadas abordam ambos os tipos de violência.



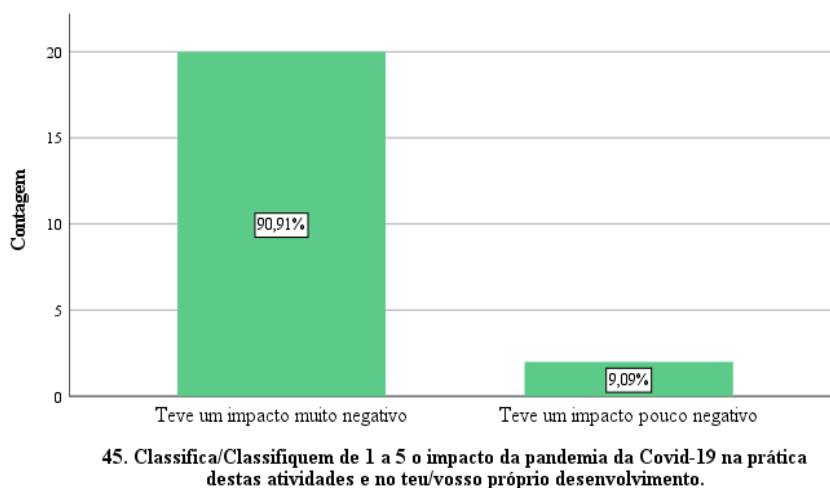
Fonte: Inquérito por questionário

Na mesma linha de raciocínio que os pais, os filhos responderam que os comportamentos dos pais/apoiantes devem ser “respeitosos com todos os participantes e com *“fairplay”*”, demonstrando assim, de certa forma, alguma maturidade psicológica.



Fonte: Inquérito por questionário

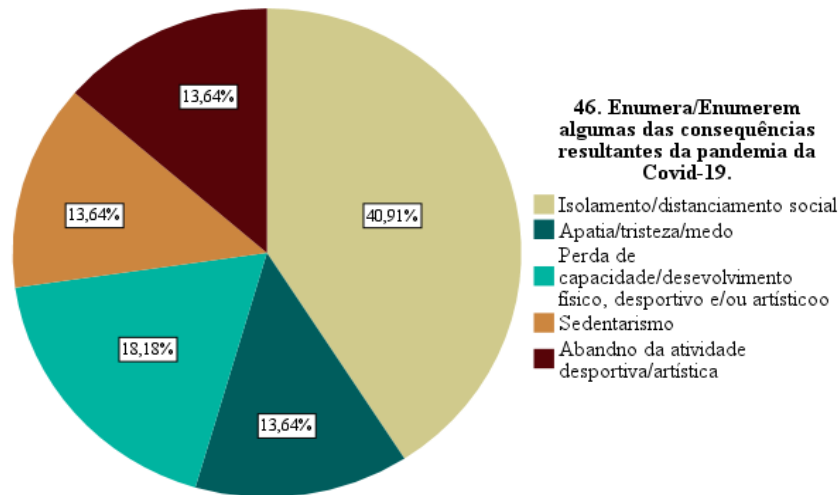
Na questão relacionada com o impacto da pandemia do Covid-19, ao contrário do que foi respondido pelos progenitores, nenhum inquirido respondeu que foi um impacto minimamente bom ou neutro, aliás, 90,91% revela que foi um impacto muito negativo.



Fonte: Inquérito por questionário

Por conseguinte, as consequências enumeradas foram diversas e por isso categorizámos as respostas dadas, tendo sido a resposta mais apontada “Isolamento/distanciamento social”, seguida pela “Perda de capacidade/desenvolvimento físico, desportivo e/ou artístico” e por fim, com a mesma percentagem de 13,64% “Abandono da atividade desportiva/artística”, “Sedentarismo” e “Apatia/tristeza/medo”.

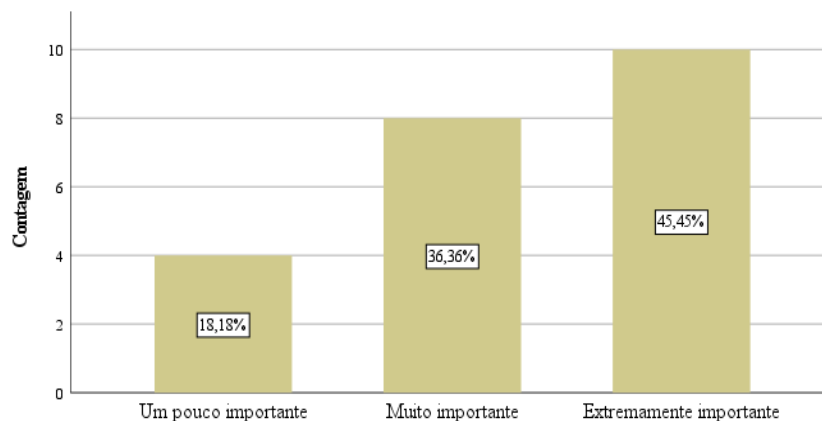
Estes resultados demonstram uma vez mais a necessidade destas crianças e jovens de, através das associações onde estão inseridas, partilharem momentos, crescerem harmoniosamente em conjunto com outras crianças.



Fonte: Inquérito por questionário

### **Categoria 8 – Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da(s) modalidade(s)**

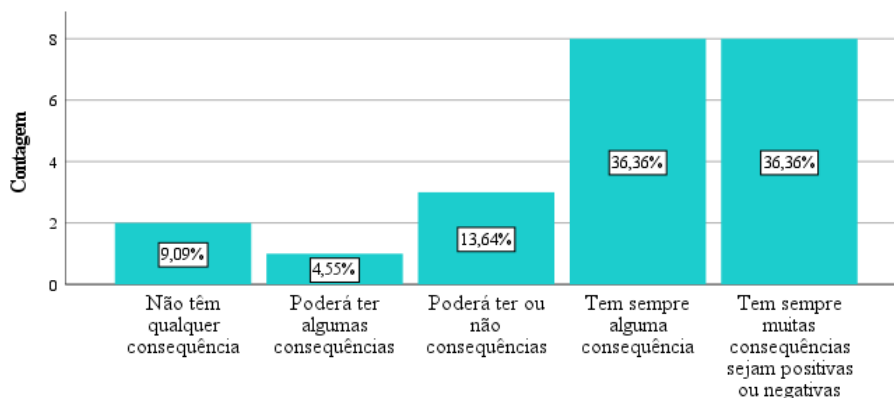
Mais uma vez, os inquiridos dão grande importância ao papel dos responsáveis parentais na prática da modalidade desportiva/artística e, por conseguinte, a grande maioria refere que a atitude dos pais face ao seu rendimento/desempenho desportivo/artístico nas respetivas associações caracteriza-se do seguinte modo: 36,36% respondem que “tem sempre alguma consequência” e com a mesma percentagem “tem sempre muitas consequências sejam positivas ou negativas”.



**47. Classifica/Classifiquem de 1 a 5 a importância do papel dos teus/vossos pais relativamente à prática da(s) modalidade(s) desportiva(s)/artística(s).**

Fonte: Inquérito por questionário

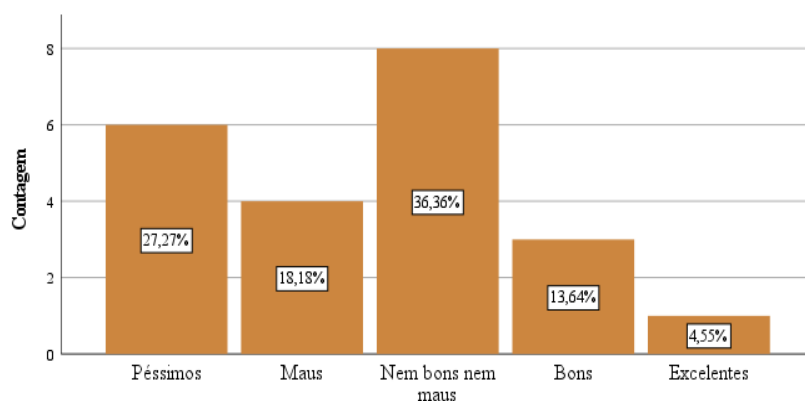
## Serviço Social no Desporto e nas Artes



**48. Classifica/Classifiquem de 1 a 5 as consequências (positivas e/ou negativas) da atitude dos teus/vossos pais face ao teu/vosso rendimento/desempenho desportivo/artístico na(s) associação/associações.**

Fonte: Inquérito por questionário

Na questão relativa às penalizações como não ir a um treino, jogo, atuação, as opiniões dividem-se bastante, estando a maioria centrada numa posição neutra com a resposta “Nem bons nem maus”, seguindo-se por uma opinião negativa através da resposta “Péssimos” com 27,27%, onde juntamente com a terceira resposta mais selecionada, “Maus” com 18,18%, fazem um total de 45,45%, permitindo-nos assumir que a opinião da grande maioria é que este tipo de penalização não é, de todo, a melhor para a grande parte dos inquiridos.

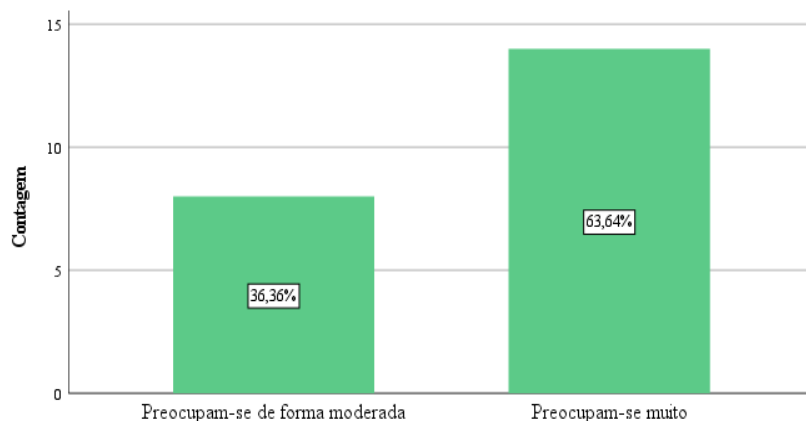


**49. Classifica/Classifiquem de 1 a 5 a tua/vossa opinião relativamente a penalizações/castigos a que possas/possam estar sujeito(s) como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação.**

Fonte: Inquérito por questionário

Por fim, quanto à posição dos pais sobre a prática das modalidades desportivas/artísticas, os filhos admitiram que estes, efetivamente, se preocupam muito, maioritariamente com 63,64%, seguindo-se a resposta “Preocupam-se de forma moderada” com 36,36%.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes

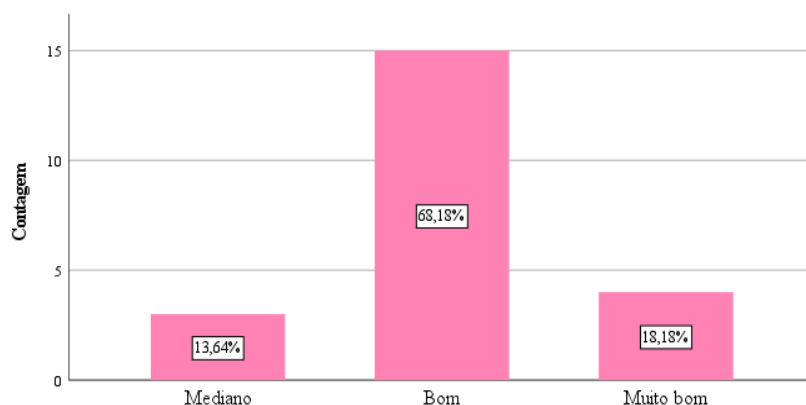


50. Classifica/Classifiquem o papel dos teus/vossos pais quanto à prática da(s) modalidade(s) desportiva(s)/artística(s).

Fonte: Inquérito por questionário

### **Categoria 9 – Compreender a ligação entre a prática da(s) modalidade(s) e a escola**

Nesta categoria que procura compreender a ligação entre a escola e a modalidade que praticam, os inquiridos assumem que, em média, o percurso escolar tem sido “Bom”, com 68,18%, permitindo-nos supor que são bons alunos.

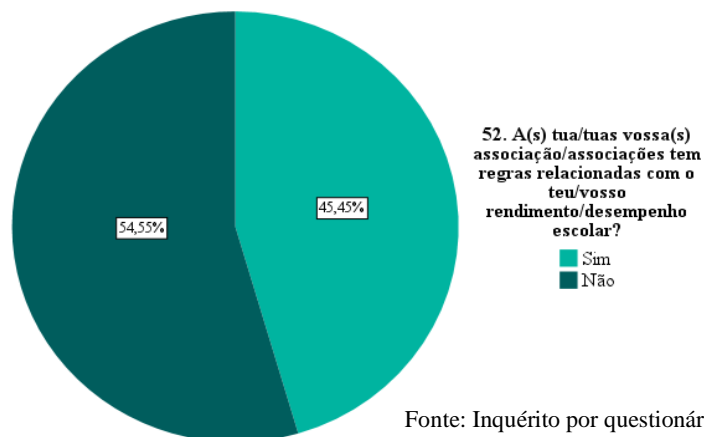


51. Classifica/Classifiquem de 1 a 5 o teu/vosso percurso escolar em média (em caso de mais de um filho/a escolha um valor em média face ao número de filhos/as).

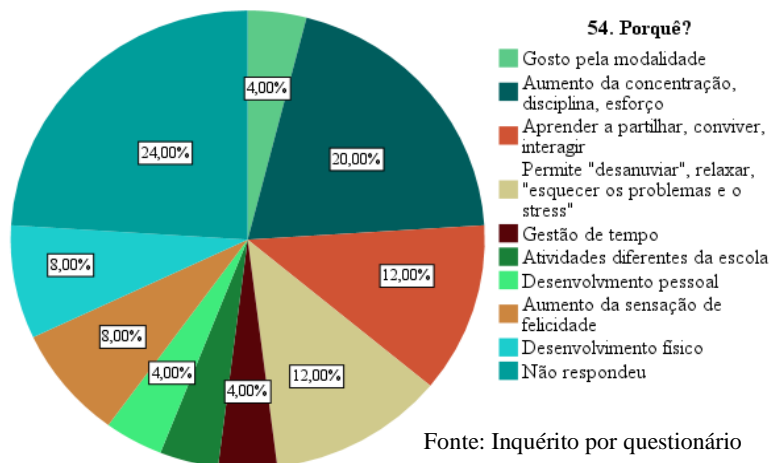
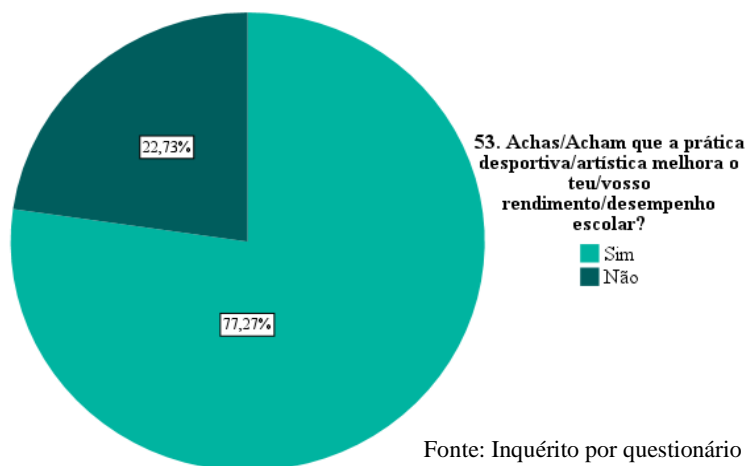
Fonte: Inquérito por questionário

Apesar de serem valores bastante aproximados, a maioria das associações às quais os inquiridos pertencem, não têm regras relacionadas com rendimento/desempenho escolar (54,55%).

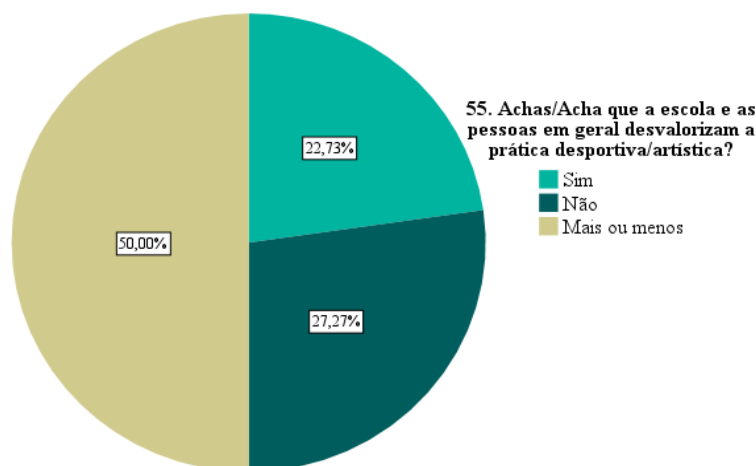
## Serviço Social no Desporto e nas Artes



Contudo, apesar de não haver essa “parceria”, 72,27% dos inquiridos admite que a prática desportiva/artística melhorou o seu rendimento/desempenho escolar. Por conseguinte, enumeraram diversas razões, como o “aumento da concentração, disciplina, esforço”, com 20%, seguindo-se com 12% “Aprender a partilhar, conviver, interagir”, com a mesma percentagem “Permite “desanuviar”, relaxar, “esquecer os problemas e o stress”, havendo ainda várias outras razões.

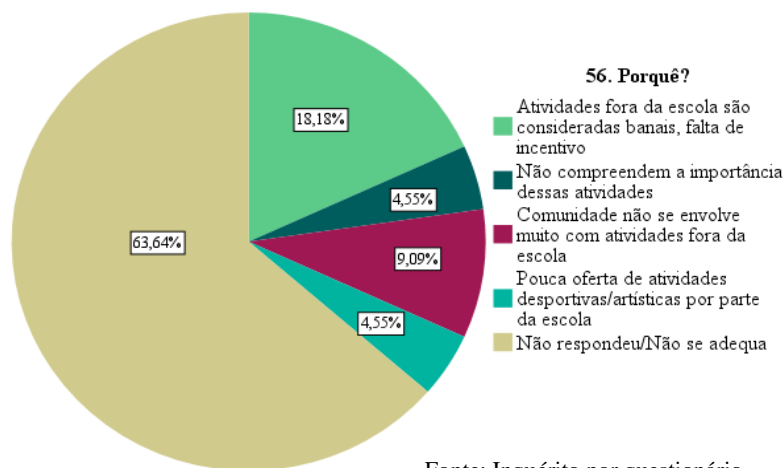


Nesta questão, a resposta mais escolhida foi uma posição neutra, não possibilitando retirar dela grandes conclusões, ainda assim, os restantes 50% têm níveis muito renhidos.



Fonte: Inquérito por questionário

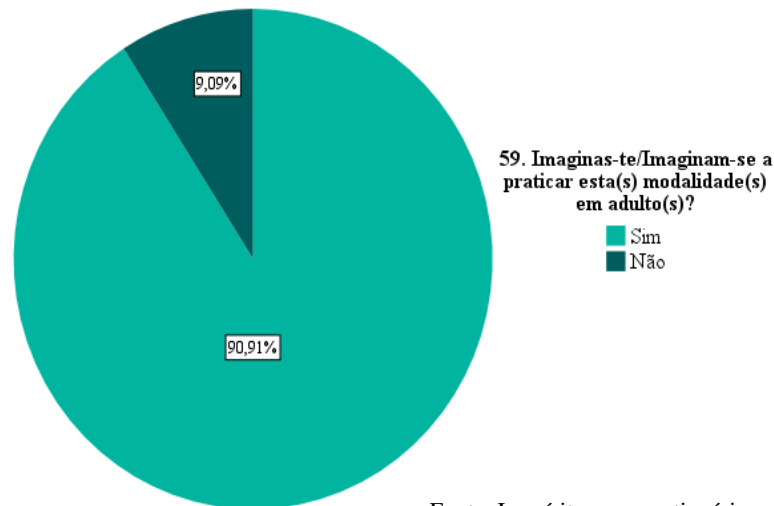
Consequentemente, as razões apresentadas espelham a neutralidade apresentada na resposta anterior, onde apresentam 63,64% dos inquiridos a resposta “Não respondeu/Não se adequa”, seguindo-se com 18,18% a resposta “Atividades fora da escola são consideradas banais, falta de incentivo” e com 9,09% “Comunidade não se envolve muito com atividades fora da escola”.



Fonte: Inquérito por questionário

### **Categoria 10 – Conhecer a perspetiva sobre o futuro ligado ao desporto, às artes e à vida saudável**

A respeito do futuro ligado ao desporto, às artes e à via saudável, todos os inquiridos acham importante a prática do desporto e da arte, bem como ter uma alimentação saudável, e 90,91% imagina-se a praticar a respetiva modalidade enquanto adulto.

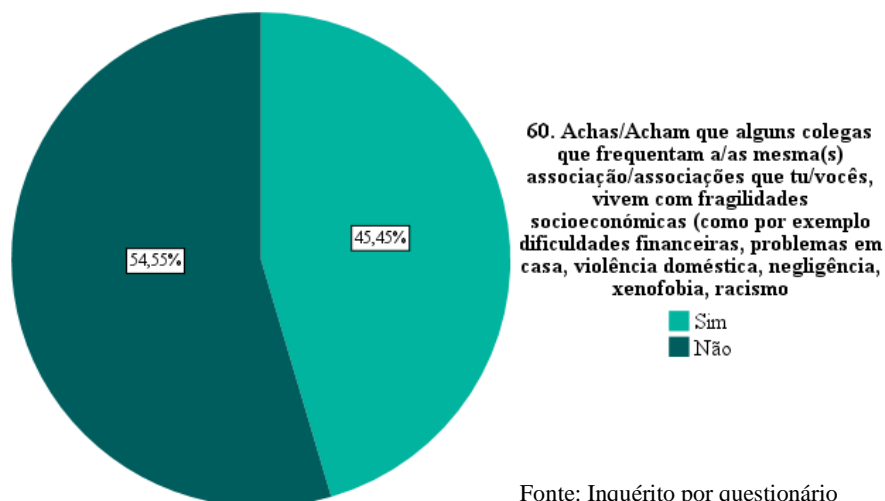


Fonte: Inquérito por questionário

### **Categoria 11 – Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do Serviço Social nas associações**

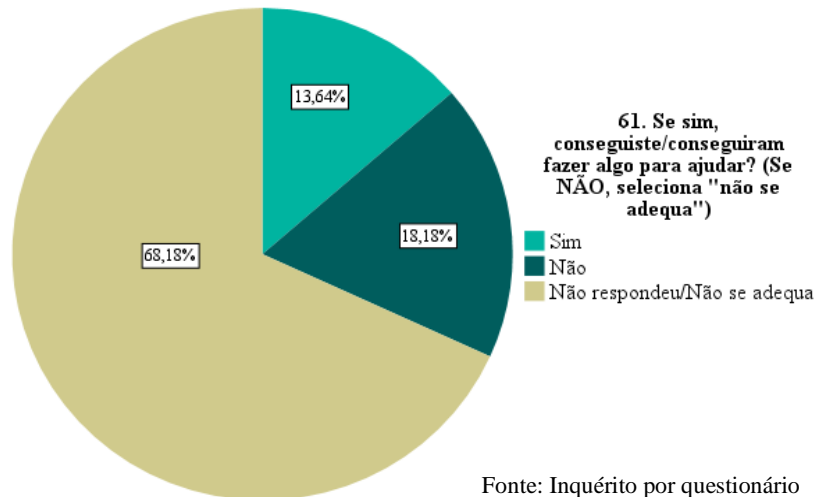
Nesta última categoria, os valores apurados são muito próximos. Contudo, a maioria não acha, ou pelo menos não se apercebeu de que alguns colegas vivem com dificuldades socioeconómicas.

Por conseguinte, as respostas na pergunta seguinte também não permitem retirar grandes conclusões, sendo a resposta mais selecionada “Não respondeu/Não se adequa”. Contudo, 13,64% conseguiu fazer algo para ajudar essas famílias que identificaram como tendo dificuldades socioeconómicas. Essa ajuda consistiu 13,64% em apoio financeiro e 9,09% em disponibilizarem-se para ajudar a família.

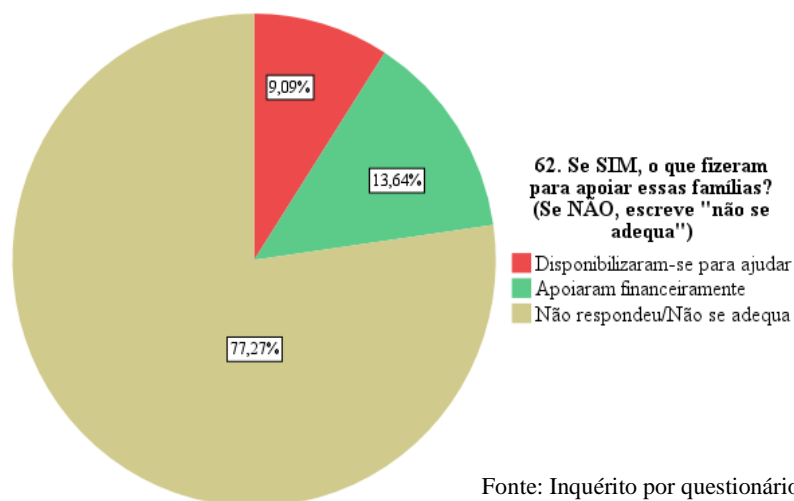


Fonte: Inquérito por questionário

## Serviço Social no Desporto e nas Artes

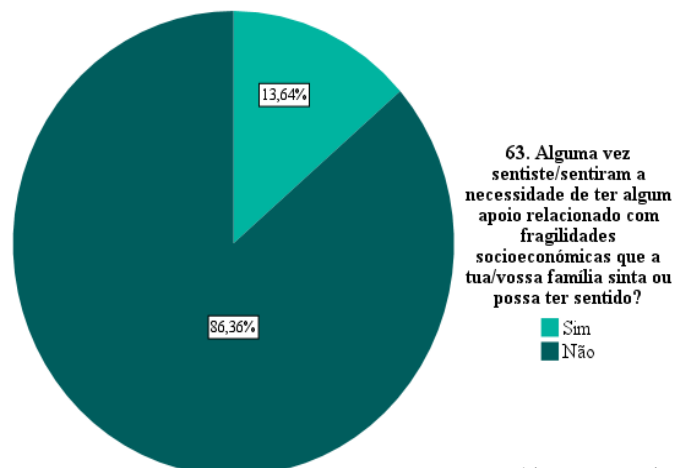


Fonte: Inquérito por questionário

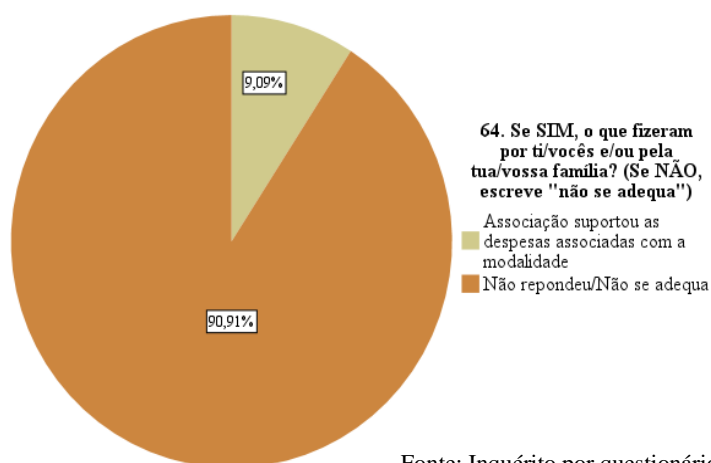


Fonte: Inquérito por questionário

Nesta questão, apenas 13,64% responderam ter sentido necessidade de ter algum apoio relacionado com fragilidades socioeconómicas no seio da sua família. Na resposta posterior, 9,09% refere que a associação, para os ajudar, suportou as despesas associadas com a modalidade.

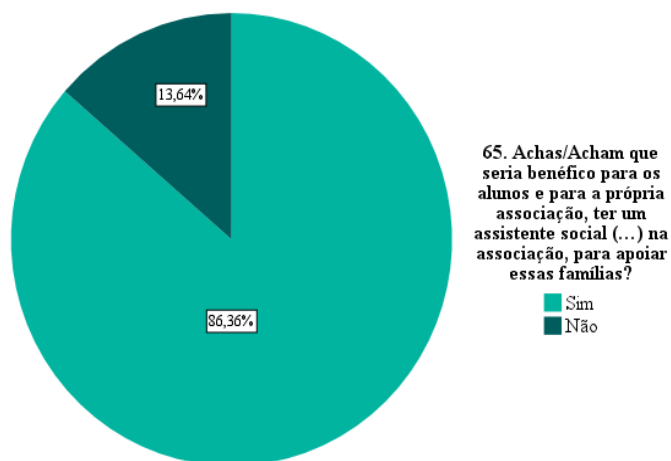


Fonte: Inquérito por questionário



Fonte: Inquérito por questionário

Quando questionados sobre se seria benéfico para os alunos e para a associação ter um/a assistente social na mesma para apoiar essas famílias, 86,36% dos inquiridos respondeu que “Sim”.

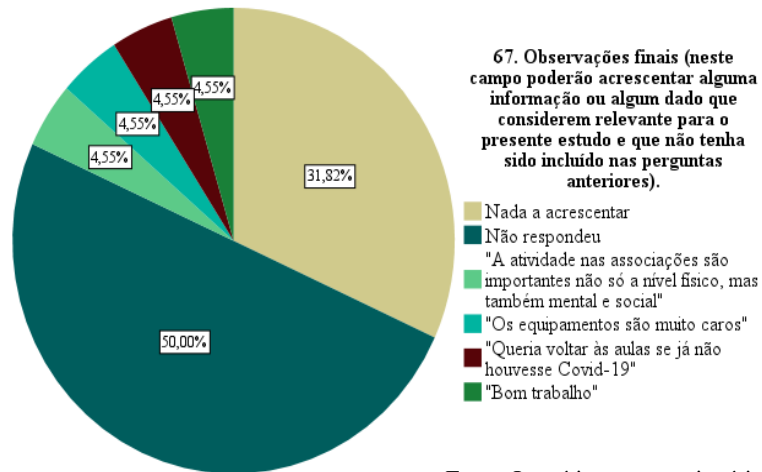


Fonte: Inquérito por questionário

Por fim, na última questão<sup>1</sup>, foram feitas algumas observações finais positivas, relativamente ao papel das associações e ao trabalho desenvolvido, e duas observações relativas ao esforço financeiro necessário, nomeadamente nos equipamentos que são muitas vezes dispendiosos e outra relativamente à vontade de voltar às aulas nas associações, quando o Covid-19 permitir.

<sup>1</sup>Nota: No questionário aplicado, estavam previstas as perguntas “66. Se sim, porquê” e “67. Quais seriam os benefícios?”, contudo por erro informático, ou humano, não foram estas as questões colocadas no formulário disponibilizado online. A pergunta nº66 que está presente no formulário não se enquadra no seguimento do inquérito e a questão nº67 deveria ser a questão nº68 onde são acrescentadas algumas observações finais dos participantes.

## Serviço Social no Desporto e nas Artes



## Capítulo IV – Conclusão

Após o desenvolvimento desta investigação, sistematiza-se de seguida os pontos forte e fracos apurados, salientando os resultados mais significativos tendo em consideração a questão de partida e as hipóteses formuladas.

Em primeiro plano, como pontos fortes desta investigação, temos o facto de ser um território no qual a investigadora está familiarizada, permitindo mais facilmente chegar aos entrevistados (como aconteceu efetivamente), a par do facto de, pela sua experiência de vida, estar diretamente envolvida nas dinâmicas da vida associativa e artística do território onde a pesquisa foi desenvolvida.

Como pontos fracos, apontamos o facto de existirem poucos estudos na área do serviço social no desporto e nas artes, e ainda o facto desta investigação ter sido desenvolvida em plena pandemia mundial, dificultando muito o contacto com as associações que tentavam voltar ao ativo e não tinham espaço nem tempo para participar nesta investigação. Paralelamente, a circunstância do inquérito ser extenso, o que dificultou a atenção e as respostas dos inquiridos.

Considerando a questão de partida deste estudo, podemos confirmar que a inserção do serviço social no desporto e nas artes performativas pode ser efetivamente um campo de intervenção no âmbito da prevenção e proteção de crianças e jovens em risco, uma vez que, como pudemos constatar, as associações desportivas e culturais são um espaço que permite a libertação de emoções e a criação de relações interpessoais para as crianças e jovens que as integram.

Consequentemente, partilham momentos, experiências, sentimentos e acabam por ver as associações como uma segunda família, uma segunda casa, a escapatória para a vida difícil que muitas delas vivem. Dessa forma, as associações representam uma entidade de primeira linha onde se podem descobrir e explorar situações de risco numa intervenção precoce e efetuar ações de prevenção e proteção que não deixem as situações de risco inicial agravarem-se e que não cheguem sequer a aparecer ou a desenvolver-se, atuando junto das famílias de forma constante.

Para isso, torna-se óbvia a necessidade de envolver técnicos de serviço social nestas associações, permitindo que exista uma avaliação técnica especializada, que faça

o papel que é necessário fazer muitas vezes nas associações, mas para o qual os técnicos e dirigentes não estão devidamente preparados e onde muitas vezes também não têm o tempo necessário para realizar essa função.

Assim, era essencial o envolvimento destes profissionais para fazer diagnósticos sociais das famílias integrantes das associações, ajudando-as nas mais diversas áreas, encontrando soluções para os mais diversos problemas, para efetuar eventuais encaminhamentos, fazer ações de sensibilização e formação para a prevenção do risco e para a promoção e proteção de crianças e jovens, seja aos técnicos, dirigentes ou às próprias famílias, para fazer uma interligação entre a escola e as associações permitindo que mais crianças e jovens integrem as mesmas e que as conheçam, e ainda criando uma rede não só entre cada associação e a escola mas com as diversas associações existentes no território através da criação de uma Rede Social para o Desporto e as Artes.

As ideias enunciadas anteriormente, seriam insuportáveis a nível financeiro para associações de pequenas dimensões que são, na verdade, aquelas que mais se deparam com famílias carenciadas e que muitas vezes tentam integrar crianças e jovens com necessidades, mas que não conseguem apoiar mais, ir mais longe. Assim, a solução passaria pela ação da autarquia, através da criação de um projeto onde seria a autarquia que contrataria uma assistente social que trabalhasse com a escola e as associações no âmbito da referida Rede Social para o Desporto e as Artes.

Apesar de ser um custo para a autarquia, seria uma efetiva aposta contra a exclusão social, na criação de oportunidades para a integração de todas as crianças e jovens do território nas associações, onde estariam também a contribuir para o aumento do número de alunos nas mesmas, e ainda no apoio social, tão importante e necessário nas associações com o perfil das que foram envolvidas no presente estudo.

Desta forma, comprovamos também as duas hipóteses de investigação, enquanto linhas orientadoras da pesquisa. Primeiramente, o facto do desporto e das artes performativas serem atividades inclusivas e promotoras de um desenvolvimento integrado de crianças e jovens, atuando como forma de prevenção do risco, uma vez que, como pudemos constatar, tanto o desporto como as artes têm benefícios tanto a nível físico, como psicológico e social, sem esquecer o reconhecimento internacional da importância para a saúde da prática desportiva e artística pela OMS, União Europeia, UNESCO, entre outras instituições internacionais.

São nestas associações que se desenvolvem diversas competências e habilidades, dando-lhes ferramentas para viver em sociedade, para o seu futuro, promovendo o seu desenvolvimento integral e onde se sentem integrados e parte ativa das associações, permitindo desenvolver um trabalho relevante no âmbito de prevenção do risco, ao serem, como referido anteriormente, entidades de primeira linha.

Quanto à segunda hipótese, sobre o facto do serviço social, inserido nas associações desportivas e artísticas, permitir uma intervenção direta com efeitos concretos, observáveis e efetivos que não são possíveis de concretizar sem essa inserção, como pudemos analisar, uma vez que não existem assistentes sociais nas associações, não é, contudo, realizada uma intervenção direta com as famílias, não sendo possível realizar diversos procedimentos como o diagnóstico, o acompanhamento social das famílias, os encaminhamentos, a procura de soluções, as ações de formação, entre outras intervenções específicas de um assistente social.

Salientamos o facto de que a família, os amigos e a escola são os vértices basilares da pirâmide que tem no topo a criança. Se um destes vértices falha, desmorona, toda a pirâmide rui. Têm, por isso, um papel fulcral e devem ser uma fonte de harmonia e equilíbrio na vida de uma criança/jovem, devendo ser precocemente apoiados quando um desses núcleos se desequilibra. Se os pais tiverem uma atitude de valorização e incentivo face à prática desportiva e artística, e tiverem noção da importância da prática de uma vida saudável e dos benefícios associados à prática das artes e do desporto, os seus filhos vão procurar essas atividades, independentemente de ser de forma recreativa ou competitiva. O estímulo dos adultos é fundamental para que as crianças e jovens conheçam esses projetos e se associem a eles.

As associações encontram-se no meio desses três vértices, pois trabalham com a família indiretamente, interagem com ela, são uma fonte de educação informal e respeitados, por vezes, mais do que a escola, havendo tanto num lado como no outro um sentido de compromisso, disciplina e responsabilidade, e ainda com os amigos, porque criam relações de amizade extremamente fortes na maioria das vezes, tal como com os amigos fora das associações.

Aquilo que as crianças desenvolvem nas associações tem um valor inqualificável, passando grande parte do seu tempo livre nesses espaços. As crianças respeitam as pessoas que integram essas associações, olham para eles como uma segunda família. As

associações têm assim um papel primordial no desenvolvimento local e uma responsabilidade social que muitas vezes não é devidamente reconhecida e valorizada.

Por fim, concluímos que, uma vez mais, o Estado não apoia como deveria quem faz o papel dele no seio da sociedade, neste caso, as associações desportivas e culturais que têm um papel cada vez mais respeitado e importante para quem as integra. É evidente que existe uma necessidade de definição de mais políticas de saúde direcionadas para crianças e adolescentes, investimentos sociais para uma melhoria do ambiente/espço urbano, uma valorização maior da prática desportiva e artística fora do contexto escolar e um maior apoio do Estado às pequenas associações.

É ainda necessário rever a questão do associativismo e do voluntariado que continua muito deficitário face ao que seria expetável e desejável na atualidade. A sociedade deve também valorizar a importância do desporto e das artes, não só na vida de crianças e jovens, mas também para outras faixas etárias. A cultura é a alma de um povo, e quando esta não é valorizada e estimulada, o povo torna-se muito mais pobre.

É necessário estimular a envolvimento do ser humano nas atividades desportivas e culturais da sua comunidade, nomeadamente nas associações e instituições que existem nela. Com esta pandemia, seria de esperar que o ser humano se tornasse melhor, mais empático e com mais compaixão pelo outro. No entanto, as pessoas tornaram-se mais egoístas, stressadas, sem paciência e mais agressivas.

Pode ser que com o “fim” da pandemia e o regresso à normalidade que nunca mais será a mesma, as pessoas reflitam e passem a viver com os ensinamentos que o confinamento e as consequências da pandemia lhes trouxeram. Assim, pode ser que nessa altura, o associativismo e o voluntariado ganhe espaço no panorama nacional e que as pessoas voltem a preocupar-se mais com o outro e a querer ter um papel mais ativo na sua comunidade, deixando o isolamento social e o investimento do seu tempo exclusivamente em atividades do foro individual.

É assim fundamental apostar nas nossas crianças e jovens e promover a sua integração nestas associações que se tornam fundamentais para o seu equilíbrio e estabilidade emocional, tendo-se comprovado o seu impacto positivo e os seus vários benefícios (a nível físico, social e psicológico), bem como a sua importância na adoção de um estilo de vida saudável e na prevenção de comportamentos de risco, inserindo-os na sociedade como cidadãos ativos, permitindo-lhes ter um futuro melhor do que aquele

em que muitos vivem, com apoio do serviço social, cuja sua inserção neste campo de atuação, pouco ou nada desenvolvido, comprovou-se ser extremamente benéfico, tanto para as crianças e jovens integrantes das associações, como para as suas famílias, para a própria associação e para a comunidade em geral.

“Por vezes, sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”

Madre Teresa de Calcutá

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia

BANDURA, Albert. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs. NJ: Prentice Hall;

BANDURA, Albert. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*. 44, 1175-1184;

BANDURA, Albert (1997), “*Self-efficacy: The exercise of control*”, New York: Freeman;

BANDURA, Albert *et al.* (2008). *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed Editora.

CALDEIRA, Luísa. (2011). *O Papel do Desporto na Promoção da Inclusão Social de Crianças e Jovens – o caso do programa “Judo na Alta de Lisboa”*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

CAMARGO, D., & Finck, s. (2010). A dança inserida no contexto educacional e sua contribuição para o desenvolvimento infantil. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, 32(32), 62-74;

CANUDO, Diogo. (2017). *Práticas artísticas para a inclusão social: o caso “O mundo à nossa volta”*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

CARVALHO, Maria. (2015). *Serviço Social com Famílias*. Lisboa: PACTOR – Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação;

Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. (2008). *Guia de Orientações para os Profissionais da Educação na Abordagem de Situações de Maus Tratos ou Outras Situações de Perigo*;

DIAZ, G., Gurgel, L., & Reppold, C. (2015). Influência da Dança na memória e atenção: uma revisão sistemática da literatura. *Ciência em Movimento - Reabilitação e Saúde*, 17(35), 29-37;

DUARTE, Luís. (2016). *A Responsabilidade Social das Organizações Estudo de Caso de Entidade do Setor Não Lucrativo: Clube de Campismo de Lisboa*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

Europeia, S.-G. d. C. d. U. (2019). *Aumentar a participação de crianças e jovens no desporto na Europa do século XXI - Debate de orientação*. Bruxelas;

FERREIRA, Jorge. (2009). *Serviço Social e Modelos de Bem-Estar para a Infância: Modus Operandi do Assistente Social na Promoção da Proteção à Criança e à Família*. (Tese de Doutoramento). Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa;

JERÓNIMO, Ana. (2017). *Economia Social e Solidária e Desenvolvimento Local: a experiência da Rede Participação Juvenil de Sintra*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

LOURENÇO, Ana. (2010). *O Invisível da Sociedade Crianças e Jovens em Risco*. (Tese de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa;

LOURENÇO, José. (2015). *Serviço Social e as Instituições Desportivas*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

MAGALHÃES, Teresa. (2005). *Maus-tratos a Crianças e Jovens*. Coimbra: Edições Quarteto;

MARIVOET, Salomé. (2016). *A inclusão social através do desporto: novos desafios na intervenção social*. Universidade Lusíada;

Ministério dos Negócios Estrangeiros. (2017). *Relatório Nacional sobre a Implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*;

MOTTA, M., Motta, S., & Liberali, R. (2012). A motivação e a autoestima de adolescentes em um projeto de dança. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 11(2), 55-67;

NEVES, Bárbara. (2015). *As Práticas Culturais Expressivas e Criativas em Contexto Associativo. O Caso do Orfeão Universitário do Porto*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

Organização Mundial de Saúde. (2001). *Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental: nova concepção, nova esperança*;

Organização Mundial de Saúde. (2006). *Constituição da Organização Mundial da Saúde*;

PALMA, Ana. (2018). *Abandono Escolar em Contextos Sociais Desfavorecidos: Desenho de um Programa de Prevenção com base numa Avaliação de Necessidades*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

PEREIRA, Sandra. (2011). “*Desperta no Desporto*”: *Contributos de um Projeto Social Desportivo nos Jovens em Situação de Risco*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

PITEIRA, Ana. (2019). *Inclusão Social de Crianças e Jovens em Risco: Capacitação para o Voluntariado*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

RIBEIRO, M., & Sani, A. (2009). Risco, Proteção e Resiliência em Situações de Violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*(6), 400-407;

TAVARES, Inês. (2016). *A Relação entre Atividades Extracurriculares de Teatro e o Desempenho Escolar*. (Tese de Mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa;

VIRELLA, Daniel, & Lynce, Nuno. (1996). Benefícios e Contra-Indicações do Desporto na Infância. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 27(3), 599-602.

## Legislação

Constituição da República Portuguesa;

Decreto-Lei nº98/2011 de 21 de setembro;

*Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto* – Lei nº5/2007 de 16 de janeiro;

*Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo* – Lei nº147/99 de 1 de setembro;

*Lei Orgânica da DGARTES* – Decreto Regulamentar nº35/2012 de 27 de março.

## Webgrafia

Direção-Geral de Saúde. (s.d.). *Direção-Geral de Saúde*. Obtido de <https://www.dgs.pt/programa-nacional-para-a-promocao-da-atividade-fisica/perguntas-e-respostas.aspx>;

Direção-Geral de Saúde. (s.d.). *Direção-Geral de Saúde*. Obtido de <https://www.dgs.pt/saude-no-ciclo-de-vida/envelhecimento-activo/conceitos.aspx>.

Federação Internacional de Assistentes Sociais, 2014. *Serviço Social*. Obtido de <https://www.eas.pt/servico-social/>;

Organização das Nações Unidas - Brasil (2016). Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial. Obtido de <https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/>;

Organização Mundial de Saúde. (2018). *Plano de Ação Global para a Atividade Física 2018-2030 - Mais Pessoas Ativas para um Mundo Mais Saudável*. Obtido de Organização Mundial de Saúde: <https://www.who.int/ncds/prevention/physical-activity/gappa/>.

## Anexos

### Anexo 1 – Quadro 1 – Questões e objetivos na entrevista aos dirigentes e treinadores

Questões	Objetivos
Apresentação da estudante, do trabalho e dos seus objetivos, pedido de colaboração e garantia da confidencialidade e da proteção dos dados	Legitimação da entrevista
Idade, sexo, habilitações literárias, profissão, anos de experiência na área, estado civil, residência no concelho ou fora deste	Caracterização sociodemográfica do entrevistado
<p>Em que associação trabalha?</p> <p>Qual a modalidade desportiva/artística praticada na associação?</p> <p>O que é ensinado/transmitido na vossa associação?</p> <p>Conte-nos o seu percurso/experiência na área.</p>	Caracterização da sua experiência profissional e da associação em que trabalha
<p>Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem?</p> <p>Se sim, qual?</p> <p>Se existe a vertente competitiva, qual o impacto que tem na vida de uma criança/jovem?</p> <p>Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?</p> <p>Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?</p>	Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem

<p>Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade?</p> <p>Quais as consequências da atitude dos pais face à prática desta modalidade?</p> <p>O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?</p>	<p>Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da modalidade</p>
<p>Como é que a prática desta modalidade pode influenciar o sucesso escolar?</p> <p>Quais as medidas/regras que a vossa associação tem ligadas ao rendimento escolar?</p> <p>Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.</p>	<p>Compreender a ligação entre a prática da modalidade e a escola</p>
<p>Como caracteriza os apoios públicos/privados que a associação recebe?</p> <p>Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê?</p> <p>Indique sugestões para melhorar e valorizar a prática desportiva/artística a todos os níveis.</p>	<p>Conhecer a opinião sobre a perspetiva da sociedade relativamente à prática da modalidade</p>
<p>Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?</p> <p>Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?</p> <p>Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?</p> <p>Quais seriam os benefícios?</p> <p>O que acha que poderia ser feito neste âmbito?</p>	<p>Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações</p>

## Anexo 2 – Quadro 2 – Questões e objetivos na entrevista às assistentes sociais

Questões	Objetivos
Apresentação da estudante, do trabalho e dos seus objetivos, pedido de colaboração e garantia da confidencialidade e da proteção dos dados	Legitimação da entrevista
Idade, sexo, habilitações literárias, profissão, anos de experiência na área, estado civil, residência no concelho ou fora deste	Caracterização sociodemográfica do entrevistado
Em que instituição trabalha? Qual a sua função na mesma? Qual o seu público-alvo?	Caracterização da instituição onde trabalha
Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte? Se sim, qual/quais? De forma lúdica e/ou competitiva? Acha que foi importante para o seu desenvolvimento?	Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida
Qual o impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial? Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade? Quais as consequências da atitude dos pais face à prática desta modalidade? O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo? Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar? Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê? Acha que a pandemia teve impacto na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?	Compreender o impacto que a prática desportiva/artística tem na vida de uma criança/jovem

## Serviço Social no Desporto e nas Artes

Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

Quais seriam os benefícios/vantagens?

O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

Qual seria a importância para o serviço social deste campo de atuação?

Compreender a sua perspetiva profissional sobre a introdução do serviço social nas associações

### Anexo 3 – Quadro 3 – Questões e objetivos na entrevista aos professores

Questões	Objetivos
Apresentação da estudante, do trabalho e dos seus objetivos, pedido de colaboração e garantia da confidencialidade e da proteção dos dados	Legitimação da entrevista
Idade, sexo, habilitações literárias, profissão, anos de experiência na área, estado civil, residência no concelho ou fora deste	Caracterização sociodemográfica do entrevistado
Qual a sua área de formação? A que níveis escolares dá aulas? Qual o seu público-alvo?	Caracterização da instituição onde trabalha
Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte? Se sim, qual/quais? De forma lúdica e/ou competitiva? Acha que foi importante para o seu desenvolvimento?	Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida
Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual? Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial? Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido? Qual deve ser o papel dos pais relativamente à prática desportiva/artística? O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo? Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar? Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.	Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem

Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

O que pode a escola fazer nesse sentido?

Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria escola, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

Quais seriam os benefícios?

O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

E nas associações desportivas/artísticas, acha que seria benéfico ter um assistente social para intervir com estas famílias? Porquê?

Quais seriam os benefícios?

O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações

## Anexo 4 – Quadro 4 – Questões e objetivos no inquérito por questionário familiar

Questões	Objetivos
Apresentação da estudante, do trabalho e dos seus objetivos, pedido de colaboração e garantia da confidencialidade e da proteção dos dados	Legitimação da entrevista
Constituição da família: idades, sexos, profissões, estado civil, ano de escolaridade, habilitações literárias, residência no concelho ou fora	Caracterização sociodemográfica dos inquiridos
<p>Quantos filhos integram associações desportivas/artísticas? 1. Todos 2. Apenas o que vai responder ao inquérito</p> <p>Porquê? 1. Os outros não têm idade 2. Os outros não querem 3. Impossibilidades económicas 4. Apenas temos 1 filho/a</p> <p>Modalidade da instituição: 1. Artística 2. Desportiva 3. Ambas</p> <p>Forma da prática: 1. Lúdica 2. Competitiva 3. Ambas</p> <p>O que é ensinado/transmitido na associação? 1. Valores e Princípios 2. Só a própria modalidade 3. Tudo 4. Nada</p>	Caracterização da sua experiência como integrante da associação

<p>Classifique de 1 a 5 o impacto que a prática da modalidade tem na vida de crianças/jovens.</p> <p>Classifique de 1 a 5 o impacto que a prática da modalidade de forma competitiva tem na vida de crianças/jovens.</p> <p>Classifique de 1 a 5 o impacto que a prática dessa modalidade terá no desenvolvimento social de crianças/jovens.</p> <p>Classifique de 1 a 5 o impacto que a prática dessa modalidade terá no desenvolvimento físico de crianças/jovens.</p> <p>Classifique de 1 a 5 o impacto que a prática dessa modalidade terá no desenvolvimento psicológico de crianças/jovens.</p> <p>Classifique de 1 a 5 o impacto que a prática dessa modalidade terá no futuro de crianças/jovens enquanto adultos.</p> <p>Classifique de 1 a 5 o impacto da pandemia na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens.</p> <p>Quais foram as consequências?</p>	<p>Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem</p>
<p>Classifique de 1 a 5 a importância do papel dos pais relativamente à prática da modalidade?</p> <p>Classifique de 1 a 5 as consequências da atitude dos pais face ao rendimento na associação?</p> <p>Classifique de 1 a 5 a sua opinião relativamente a castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação?</p> <p>Quantos episódios negativos observou por parte de familiares, técnicos, apoiantes, de 1 a 5?</p>	<p>Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da modalidade</p>
<p>Classifique de 1 a 5 o percurso escolar do seu filho/a (em caso de mais de um filho escolha um valor em média).</p> <p>Classifique de 1 a 5 as medidas/regras que a associação tem ligadas ao rendimento escolar.</p> <p>Classifique de 1 a 5 se a prática da modalidade fez/faz melhorar o rendimento escolar.</p>	<p>Compreender a ligação entre a prática da modalidade e a escola</p>

Classifique de 1 a 5 se acha que a escola e a sociedade desvalorizam a prática desportiva/artística.

Classifique de 1 a 5 a quantidade de elementos com fragilidades socioeconómicas integrantes na associação.

Classifique de 1 a 5 a intervenção da associação nesse sentido.

Classifique de 1 a 5 se seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias.

Quais seriam os benefícios?

O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações

**As próximas questões deverão ser respondidas pelos educandos, com a ajuda dos Enc. Educação que devem esclarecer as perguntas atendendo que o questionário é geral e nem todas as crianças/jovens conseguem compreender a questão corretamente**

O que é ensinado/transmitido na associação? 1. Valores e Princípios 2. Só a própria modalidade 3. Tudo 4. Nada

Quais os benefícios que alcançaste por integrares esta associação? 1. Nenhum 2. Aprendi algo novo 3. Benefícios físicos 4. Benefícios psicológicos (exemplos: maior concentração, menos stress, maior tranquilidade etc.) 5. Relações sociais (colegas, técnicos, staff) 6. As 4 opções anteriores

Classifica de 1 a 5 se achas que é importante para o teu desenvolvimento estares na associação

Classifica de 1 a 5 o impacto que a prática da modalidade tem na tua vida

Fazes competição? 1. Sim 2. Não

Sem sim, classifica de 1 a 5 o impacto da competição na tua vida

Alguma vez te sentiste mal com algum comentário enquanto treinavas/ensaiavas ou competias? 1. Sim 2. Não

Como foi esse episódio?

Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem

<p>Como achas que deveria ser o comportamento dos pais/apoiantes nesses momentos?</p> <p>Classifica de 1 a 5 o impacto da pandemia na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens?</p> <p>Quais foram as consequências?</p>	
<p>Classifica de 1 a 5 qual a importância do papel dos pais relativamente à prática da modalidade?</p> <p>Classifica de 1 a 5 quais as consequências da atitude dos pais face ao teu rendimento na associação?</p> <p>Classifica de 1 a 5 o que achas de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação? (Sendo 1. Muito mau, 2. Mau, 3. Indiferente 4. Bom e 5. Muito bom)</p> <p>Classifica o papel dos teus pais quanto ao desporto/arte (Sendo 1. Muito mau, 2. Mau, 3. Indiferente 4. Bom e 5. Muito bom)</p>	<p>Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da modalidade</p>
<p>Classifica de 1 a 5 como tem sido o teu percurso escolar</p> <p>A tua associação tem regras relacionadas com o rendimento escolar? 1.Sim 2. Não</p> <p>Achas que a prática desportiva fez-te melhorar o teu rendimento escolar? 1.Sim 2. Não</p> <p>Porquê?</p> <p>Achas que a escola e as pessoas desvalorizam a prática desportiva/artística? 1.Sim 2. Não</p> <p>Porquê?</p>	<p>Compreender a ligação entre a prática da modalidade e a escola</p>
<p>Achas importante praticar desporto/ares? 1.Sim 2. Não</p> <p>Achas importante ter uma alimentação saudável? 1.Sim 2. Não</p> <p>Imaginas-te a praticar esta modalidade em adulto? 1. Sim 2. Não</p>	<p>Conhecer a perspetiva sobre o futuro ligado ao desporto, às artes e à vida saudável</p>

Achas que alguns colegas vivem com fragilidades socioeconómicas (dificuldades financeiras, problemas em casa, violência doméstica, negligência, xenofobia, racismo)? 1.Sim 2. Não

Se sim, conseguiste fazer algo para ajudar? 1.Sim 2. Não

Se sim, o quê?

Alguma vez sentiste a necessidade de ter algum apoio nesse sentido? 1.Sim 2. Não

Se sim, o que fizeram por ti e/ou pela tua família?

Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? 1.Sim 2. Não

Se sim, porquê?

Quais seriam os benefícios?

Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações

## Anexo 5 – Pedido de colaboração às associações

Exma. Direção da Associação XXXX,

Espero que este e-mail vos encontre bem e a regressar à atividade em força.

Venho por este meio, solicitar a vossa colaboração no desenvolvimento da minha tese de Mestrado. Encontro-me a frequentar o Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, estando neste momento na fase de realização da tese.

A minha tese intitula-se “As associações desportivas e artísticas como espaços promotores do desenvolvimento e inclusão de crianças e jovens em risco. Um campo de intervenção para o Serviço Social”, e pretende estudar o impacto e a influência que as associações desportivas e/ou artísticas têm na vida de crianças e jovens, particularmente daquelas que se encontram em situação de risco, e se a inserção do serviço social nesta área poderá melhorar a situação vivida por estas famílias.

Para isso, decidi fazer o meu estudo no Município de Salvaterra de Magos, e gostaria de contar com a vossa colaboração no mesmo.

Para isso, necessito da vossa ajuda a dois níveis:

1. Preciso de entrevistar um dirigente e um treinador da Vossa instituição.
2. Que enviem este e-mail para todos os **Enc. Educação dos vossos alunos para que possam responder ao inquérito, até dia 31 de maio, que se encontra no link: XXX**

Peço, por favor, que sensibilizem os vossos Enc. Educação para a importância de responderem ao inquérito e que me atualizem do feedback geral.

Em anexo envio Declaração do orientador científico da tese de mestrado.

Sem outro assunto, fico disponível para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Com os melhores cumprimentos,

Francisca Vieira

## **Anexo 6 – Pedido de colaboração às instituições**

### **6.1 Câmara Municipal – Gabinete de Ação Social**

Exmo. Sr. Coordenador do Gabinete de Ação Social da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos,

Venho por este meio, solicitar a vossa colaboração no desenvolvimento da minha tese de Mestrado. Encontro-me a frequentar o Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, estando neste momento na fase de realização da tese.

A minha tese intitula-se “As associações desportivas e artísticas como espaços promotores do desenvolvimento e inclusão de crianças e jovens em risco. Um campo de intervenção para o Serviço Social”, e pretende estudar o impacto e a influência que as associações desportivas e/ou artísticas têm na vida de crianças e jovens, particularmente daquelas que se encontram em situação de risco, e se a inserção do serviço social nesta área poderá melhorar a situação vivida por estas famílias.

Para isso, decidi fazer o meu estudo no Município de Salvaterra de Magos, e gostaria de contar com a vossa colaboração no mesmo. Para isso, gostaria de entrevistar dois Assistentes Sociais da Câmara, necessitando que um deles seja ao mesmo tempo Técnico/a na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Salvaterra de Magos.

Em anexo envio Declaração do orientador científico da tese de mestrado.

Sem outro assunto, fico disponível para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Contacto pessoal: XXX XXX XXX.

Com os melhores cumprimentos,

Francisca Vieira

## 6.2 Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Salvaterra de Magos

Exma. Sra. Presidente da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Salvaterra de Magos,

Venho por este meio, solicitar a vossa colaboração no desenvolvimento da minha tese de Mestrado. Encontro-me a frequentar o Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, estando neste momento na fase de realização da tese.

A minha tese intitula-se “As associações desportivas e artísticas como espaços promotores do desenvolvimento e inclusão de crianças e jovens em risco. Um campo de intervenção para o Serviço Social”, e pretende estudar o impacto e a influência que as associações desportivas e/ou artísticas têm na vida de crianças e jovens, particularmente daquelas que se encontram em situação de risco, e se a inserção do serviço social nesta área poderá melhorar a situação vivida por estas famílias.

Para isso, decidi fazer o meu estudo no Município de Salvaterra de Magos, e gostaria de contar com a vossa colaboração no mesmo. Para isso, gostaria de entrevistar dois Técnicos/As Assistentes Sociais, necessitando que um deles esteja a trabalhar paralelamente na Câmara Municipal de Salvaterra de Magos.

Em anexo envio Declaração do orientador científico da tese de mestrado.

Sem outro assunto, fico disponível para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Contacto pessoal: XXX XXX XXX.

Com os melhores cumprimentos,

Francisca Vieira

## **Anexo 7 – Pedido de colaboração aos professores**

Exma. Sra. Professora XXX,

Espero que este e-mail a encontre bem.

Venho por este meio, solicitar a vossa colaboração no desenvolvimento da minha tese de Mestrado. Encontro-me a frequentar o Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre, estando neste momento na fase de realização da tese.

A minha tese intitula-se “As associações desportivas e artísticas como espaços promotores do desenvolvimento e inclusão de crianças e jovens em risco. Um campo de intervenção para o Serviço Social”, e pretende estudar o impacto e a influência que as associações desportivas e/ou artísticas têm na vida de crianças e jovens, particularmente daquelas que se encontram em situação de risco, e se a inserção do serviço social nesta área poderá melhorar a situação vivida por estas famílias.

Para isso, decidi fazer o meu estudo no Município de Salvaterra de Magos, e gostaria de contar com a sua colaboração no mesmo.

Para isso, gostaria de a entrevistar, num horário e local oportuno, para a recolha de dados para o meu estudo.

Em anexo envio Declaração do orientador científico da tese de mestrado.

Sem outro assunto, fico disponível para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Contacto pessoal: XXX XXX XXX.

Com os melhores cumprimentos,

Francisca Vieira

## **Anexo 8 – Entrevista a assistente social M**

### **1. Caracterização Sociodemográfica do/a Entrevistado/a**

1.1 Idade (em anos e meses)

*“51 e 4 meses.”*

1.2 Sexo

*“Feminino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Serviço Social.”*

1.4 Profissão

*“Assistente Social.”*

1.5 Anos de experiência na área

*“25 anos.”*

1.6 Estado Civil

*“Casada.”*

1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“Residência no concelho.”*

### **2. Caracterização da instituição onde trabalha**

2.1 Em que instituição trabalha?

*“Câmara Municipal de Salvaterra de Magos.”*

2.2 Qual a(s) sua(s) função/funções na mesma?

*“Chefe de Divisão desde 2009 e assistente social.”*

2.3 Qual o(s) seu(s) público(s)-alvo?

*“Crianças, jovens e famílias, indivíduos/famílias em situação de vulnerabilidade, idosos.”*

**3. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida**

3.1 Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte?

*“Não pratiquei desportos na minha infância.”*

3.2 Se sim, qual/quais?

Não se adequa.

3.3 De forma lúdica e/ou competitiva?

Não se adequa.

3.4 Acha que foi importante para o seu desenvolvimento? Em que sentido?

Não se adequa.

**4. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística tem na vida de uma criança/jovem**

4.1 Qual o impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Especifique.

*“A prática desportiva contribui para o desenvolvimento das competências pessoais e sociais da criança e para a promoção da sua saúde. São ainda espaços/momentos que promovem a integração e a proteção da criança/jovem.”*

4.2 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial? Porquê?

*“A prática desportiva/artística complementa o desenvolvimento biopsicossocial da criança. Incute nas crianças hábitos saudáveis, valores e regras necessárias ao seu desenvolvimento pessoal e social. Tornam-se sem dúvida melhores pessoas, mais disponíveis para as interações do seu dia a dia, estes momentos que dão prazer à criança podem converter-se em momentos de enriquecimento da sua personalidade.”*

4.3 Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade?

*“Os pais devem incentivar os seus/as suas filhos/as na prática de modalidades, quer de índole cultural, quer desportivo. Deve ser a família a valorizar a importância destas atividades. Deverão estimular a responsabilidade, a autonomia, a autoestima e a confiança das crianças.”*

4.4 Quais as consequências (positivas e negativas) da atitude dos pais face à prática desta modalidade?

*“A atitude dos pais face à prática destas modalidades é decisória no percurso de vida dos/as filhos/as. Pais que incentivam e motivam os/as filhos/as à prática de atividades, contribuirão de forma positiva para o seu desenvolvimento biopsicossocial. Os pais por vezes focam-se demasiado nos resultados escolares, sobrevalorizam as notas no final do período, e por vezes temos bons alunos que têm uma ausência total de aptidões sociais.”*

4.5 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo? Especifique.

*“O castigo a ser tomado não deve refletir-se na ida ou não aos treinos, pois poderá passar a mensagem negativa à criança de que são as idas aos treinos que estiveram na base do problema. Não há uma relação entre o ato e o castigo, pelo que a criança vai sentir culpa. Na maioria das vezes os pais entendem que ao aplicar um castigo de retirar à criança o que mais gosta de fazer poderá levá-la a repensar a sua atuação/comportamento, mas poderá ter um efeito contrário e levar a criança a castigar-se a ela própria e a desmotivar -se em relação ao que mais gosta de fazer.”*

4.6 Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar?

*“Crianças realizadas, são mais felizes e mais disponíveis para aprender. Crianças que praticam atividades estão melhor preparadas para interagir com o outro, sabem estar, partilhar, a respeitar regras, a definir e alcançar metas. É através das interações que a criança progride e cresce. A realização de atividades permite à criança participar no seu ambiente circundante e protetor, que é facilitador do seu crescimento pessoal. As instituições que permitem à criança ocupar os seus tempos livres de forma saudável, complementam as aprendizagens da escola.”*

4.7 Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê?

*“As Associações deste tipo são valorizadas na sua comunidade local, que reconhecem o mérito, o esforço e dedicação de todos os dirigentes e treinadores/professores. O poder local, dentro das suas possibilidades apoia, quer financeiramente, quer com materiais, transportes e cedência de instalações as associações. Preocupa-me, contudo, as crianças/jovens oriundos de agregados familiares mais desfavorecidos e em situação de pobreza que possam estar privados de praticar atividades/modalidades. Considero que terão que ser definidas novas políticas/medidas de apoio às associações e famílias para que todas as crianças tenham a oportunidade de praticar atividades. Reconheço o trabalho de responsabilidade social que as associações têm vindo a fazer, mas o acesso à prática desportiva e cultural tem*

*que ser sempre entendido como um direito e não depender do espírito de missão dos dirigentes, dos professores e dos sócios.”*

4.8 Acha que a pandemia teve impacto na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Sim, em todos os aspetos. As crianças ficaram privadas de contactar com os seus pares, de fazer o que mais gostavam, deixando de ter rotinas, horários e metas. Passaram mais horas em frente a um ecrã, e não foi benéfico, para a sua saúde física e mental. Por outro lado, ao estarem afastadas do seu ambiente protetor, estiveram mais expostas a situações de perigo.”*

## **5. Compreender a sua perspetiva profissional sobre a introdução do serviço social nas associações**

5.1 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

*“Tendo em conta o que respondi anteriormente, considero que esta poderá ser uma das medidas a ter em conta para garantirmos que todas as crianças/jovens tenham acesso a estas atividades e que as famílias participem ativamente no percurso desportivo/artístico dos seus filhos/suas filhas. O papel do assistente social numa associação contribuirá para a integração plena da criança/jovem no seu meio, na sua comunidade. Os assistentes sociais são agentes que podem promover a mudança na sociedade e nas condições de vida dos cidadãos com quem trabalham, pelo que o seu exercício profissional é abrangente a todas as áreas.”*

5.2 Quais seriam os benefícios/vantagens?

*“Garantir o acesso a todas as crianças de participar nestas atividades, fomentar a importância da prática das atividades junto dos pais e comunidade e prevenir as situações de risco para as crianças/jovens.”*

5.3 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“A integração das atividades artísticas e desportivas nos planos curriculares, nos projetos educativos, para que todas as crianças possam ter a mesma oportunidade de beneficiar das mesmas, poderia ser uma das medidas. Importa ainda reforçar a consolidação da parceria existente na comunidade local, Escola/Família/Associações, pois só haverá êxito na intervenção social se a mesma for assente num modelo de governação integrada. Há que complementar os projetos educativos com as respostas*

*disponibilizadas pelas associações e que fazem parte da comunidade onde a criança está inserida. Este é o seu ambiente protetor e promotor de hábitos saudáveis, segurança e bem-estar.”*

5.4 Qual seria a importância para o serviço social deste campo de atuação?

*“Os assistentes sociais constituem-se como atores das políticas públicas. O seu papel é transversal a todas as áreas de intervenção, sendo de grande importância a sua atuação na área da infância e da juventude. Trabalhar com a criança, implica trabalhar com a família, a escola, as associações, o seu bairro... Estes são os pilares fundamentais ao nível dos afetos, da educação, da socialização e proteção da criança. o risco para as crianças agrava-se à medida que as condições de existência da família são atingidas seja pela perda de referências culturais, meios económicos, desemprego, ou até mesmo pela privação da sua participação na sociedade. Cabe ao assistente social participar na definição de políticas sociais que possam apoiar as pessoas no seu todo. Neste campo de atuação, terá um papel determinante ao nível da promoção e proteção da criança, contribuindo para a sua socialização e integração plena na sociedade, garantindo que todos terão a mesma oportunidade de experienciar novas práticas, novos saberes. A emergência e o agravamento dos problemas sociais poderão contribuir para o afastamento dos cidadãos das instituições e há que criar condições para inverter esta tendência. O assistente social é o profissional de excelência para trabalhar neste campo de atuação, pelo trabalho de proximidade que desenvolve junto dos cidadãos.”*

## **Anexo 9 – Entrevista a assistente social A**

### **1. Caracterização Sociodemográfica do/a Entrevistado/a**

1.1 Idade (em anos e meses)

*“39 anos e 5 meses.”*

1.2 Sexo

*“Feminino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Serviço Social.”*

1.4 Profissão

*“Técnica Superior de Serviço Social.”*

1.5 Anos de experiência na área

*“Para além dos estágios curriculares que realizei durante a minha licenciatura, tenho 13 anos de serviço.”*

1.6 Estado Civil

*“Casada.”*

1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“Resido no concelho.”*

### **2. Caracterização da instituição onde trabalha**

2.1 Em que instituição trabalha?

*“Trabalho na Câmara Municipal de Salvaterra de Magos.”*

2.2 Qual a(s) sua(s) função/funções na mesma?

*“Atualmente exerço apenas a função de Técnica Superior no serviço de Ação Social da autarquia. Em anos anteriores fui representante da autarquia na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Salvaterra de Magos, na qual exerci igualmente a função de Presidente da CPCJ.”*

2.3 Qual o(s) seu(s) público(s)-alvo?

*“Desde os jovens aos idosos.”*

**3. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida**

3.1 Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte?

*“Sim.”*

3.2 Se sim, qual/quais?

*“Pratiquei ginástica rítmica, natação e trampolins.”*

3.3 De forma lúdica e/ou competitiva?

*“Lúdica e competitiva.”*

3.4 Acha que foi importante para o seu desenvolvimento? Em que sentido?

*“Sim, considero que foi importante, nomeadamente no que respeita a definir objetivos, a aprender a lidar com a frustração, a não desistir perante os obstáculos, assumir compromissos, ser assídua e pontual.”*

**4. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística tem na vida de uma criança/jovem**

4.1 Qual o impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Especifique.

*“Desenvolvimento de competências pessoais e sociais, melhorar a comunicação, desenvolvimento de comportamentos positivos e construtivos, promoção do respeito pela diversidade pessoal e intercultural, e desenvolvimento da disciplina, tolerância, espírito de colaboração e de ajuda.”*

4.2 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial? Porquê?

*“Sim, uma vez que a prática desportiva promove a saúde e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida.”*

4.3 Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade?

*“Os meus pais sempre me incentivaram à prática desportiva e permitiram que fosse eu a escolher as modalidades que gostaria de praticar.”*

4.4 Quais as conseqüências (positivas e negativas) da atitude dos pais face à prática desta modalidade?

*“No meu caso não identifico conseqüências negativas, pois sempre contei com o incentivo e apoio dos meus pais, permitindo desta forma que a prática desportiva fosse um momento de realização pessoal e de promoção do bem-estar físico.”*

4.5 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo? Especifique.

*“Não me recordo de os meus pais usarem esse tipo de comportamento comigo. Considero que os pais não devem aplicar castigos aos filhos recorrendo a atividades positivas, que promovam a saúde e bem-estar. Devem, antes, recorrer a situações que sabem que são prejudiciais ao seu desenvolvimento, como por exemplo, o uso excessivo do telemóvel, de jogos de consola, entre outros.”*

4.6 Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar?

*“A prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar, pois as crianças/jovens aprendem a agir seguindo orientações e regras que acabam por espontaneamente transpô-las para o contexto escolar, nomeadamente o aprender a trabalhar para atingir objetivos, o aceitar e respeitar os pares e diversidade cultural, o cumprimento de horários e pontualidade, entre outros.”*

4.7 Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê?

*“Não considero que as associações sejam desvalorizadas.”*

4.8 Acha que a pandemia teve impacto na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Sim. A pandemia e as regras sanitárias afastaram as crianças/jovens da prática das atividades desportivas/artísticas, da convivência entre pares, passando a ficar em casa todo o dia, a maioria provavelmente sem espaços exteriores e mais tempo em frente aos ecrãs ou a ver telemóvel. Os pais, por sua vez, mais tensos, em teletrabalho e sem disponibilidade para dar a atenção necessária. Afetou ainda o que respeita à socialização que faz parte do nosso desenvolvimento enquanto seres humanos.”*

## **5. Compreender a sua perspetiva profissional sobre a introdução do serviço social nas associações**

5.1 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

*“Sim, uma vez que em muitas situações há necessidade de trabalhar com as crianças/jovens e respetivas famílias o desenvolvimento de competências pessoais e sociais que possam não estar a ser devidamente postas em prática.”*

5.2 Quais seriam os benefícios/vantagens?

*“Promover a mudança de comportamentos desajustados, desenvolver e reforçar as competências pessoais e sociais.”*

5.3 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“Criação de projetos/atividades que promovam a inclusão social, a interculturalidade, o desenvolvimento da autoestima, comportamentos para saber lidar e superar as frustrações e minimizem ou suprimam situações de negligência.”*

5.4 Qual seria a importância para o serviço social deste campo de atuação?

*“Considero que a integração do serviço social nas associações poderia ser mais uma das áreas para se intervir precocemente nos problemas sociais, permitindo colmatar alguns deles e evitar que outros se transformem em situações de perigo para as crianças/jovens.”*

## **Anexo 10 – Entrevista a assistente social S**

### **1. Caracterização Sociodemográfica do/a Entrevistado/a**

#### 1.1 Idade (em anos e meses)

*“Tenho 49 anos e seis meses.”*

#### 1.2 Sexo

*“Sexo Feminino.”*

#### 1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Serviço Social.”*

#### 1.4 Profissão

*“Assistente Social. Está a fazer 3 anos de presidência da CPCJ, agora em maio no dia 18, portanto vai haver eleições agora.”*

#### 1.5 Anos de experiência na área

*“Na área da promoção e proteção já estou desde o início de 2010. Eu sou representante da segurança social e estive na equipa da assessoria técnica aos tribunais e já passei também por várias CPCJ, neste momento estou em duas. Sou presidente aqui (CPCJ Salvaterra de Magos), e sou secretária em Almeirim.”*

#### 1.6 Estado Civil

*“Divorciada.”*

#### 1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“Fora do concelho.”*

### **2. Caracterização da instituição onde trabalha**

#### 2.1 Em que instituição trabalha?

*“Na CPCJ de Salvaterra.”*

#### 2.2 Qual a(s) sua(s) função/funções na mesma?

*“Presidente.”*

#### 2.3 Qual o(s) seu(s) público(s)-alvo?

*“Crianças, jovens e famílias do concelho.”*

**3. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida**

3.1 Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte?

*“Não, desporto assim sem ser o escolar, não. A única questão ligada ao mundo artístico foi o folclore.”*

3.2 Se sim, qual/quais?

*“Tenho vários anos de folclore, desde o infantil até ao adulto, entre 12 a 14 anos.”*

3.3 De forma lúdica e/ou competitiva?

*“Só de forma lúdica.”*

3.4 Acha que foi importante para o seu desenvolvimento? Em que sentido?

*“Foi. O convívio com os colegas, o contacto também noutros concelhos, com outros colegas que íamos atuar, fomos também ao estrangeiro o que também foi importante a interligação com a população emigrante portuguesa, nomeadamente na Alemanha. Para além disso, falando como assistente social, quer seja num clube quer seja no tipo de prática que eu fiz, apercebemo-nos também da singularidade de cada um e das diferenças de cada um e aprendemos a conviver com isso. Dentro do folclore havia pessoas com mais posses, outras com menos posses, uns em que a vida era mais regular em termos familiares e sociais e outras que eram mais irregulares, e pronto, aprendemos também ali a lidar com as diferenças!”*

**4. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística tem na vida de uma criança/jovem**

4.1 Qual o impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Especifique.

*“Quanto a mim é muito importante para além das atividades normais, escolares, as crianças poderem ter outros escapos e que permitam todas essas experiências que eu relatei comigo, as experiências sociais, de compreender as diferenças, de funcionar em grupo, de conhecer outras realidades... Eu acho que é muito importante para um "know how" de uma criança.”*

4.2 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial? Porquê?

*“Acho! E aqui nesta comissão nós fomentamos também isso, porque tentamos que a criança, nomeadamente certas crianças de alguns meios, que tenham outros tipos de atividades.”*

4.3 Qual o papel dos pais relativamente à prática desportiva/artística?

*“Os pais são o motor, desde que eles sejam pequeninos, se bem que eu tenho que manifestar aqui uma opinião minha que é, assiste-se também a algumas famílias que entopem os miúdos de atividades, e eu acho que isso depois é prejudicial, nem tanto ao mar nem tanto à terra, acho que deve-se fazer ali um equilíbrio também. Eu gosto muito do Carlos Neto, mas eu acho que eles têm de ter tempo para brincar, tempo para o lazer, ou tempo para fazerem o que entenderem nem que seja estarem “esparramados” no sofá, pronto mas também tem de ter tempo para isso, mas devem também de ter alguma atividade extra, mas não entupirem, agora os pais são fundamentais para isso porque são eles que levam, são eles que vão buscar, são eles que eventualmente têm de pagar a mensalidade, para algumas famílias pode ser complicado do ponto de vista social, mas eles são fundamentais para isso. Geralmente, se calhar, não tenho aqui nenhum estudo estatístico, mas eu acho que os pais hoje já estão um bocadinho mais abertos às atividades.”*

4.4 Quais as consequências (positivas e negativas) da atitude dos pais face à prática desportiva/artística?

*“Se não temos uns pais que não são proativos em encaminhar a criança para esse tipo de práticas, se não temos uns pais envolvidos que até encaminham mas depois não vão buscar, não vão levar, eu já assisti, até porque tenho filhos e tenho um filho mais pequeno, o maior nunca teve noutras atividades não desportivas, mas o mais pequeno tem estado em atividades desportivas mas depois assistimos a situações do pai deixar à porta do clube e vai embora ou depois o miúdo não tem quem leve a casa, quer dizer, os pais também têm de se desenvolver e isso também faz parte e é importante para a criança esse acompanhamento, o ir ao jogo, estar a ver como é que ele joga, dar os parabéns, incentivar, ou seja, numa atividade artística é exatamente a mesma coisa. Os pais têm que se envolver, às vezes depois também aquilo que nós notamos é que quando há uma situação de separação ou divórcio... tudo o que estava engrenado até àquela altura quase por arte mágica sai do carril, “é porque tu não foste e porque te atrasaste”, pronto e depois há ali..., mas isso são as vicissitudes dos próprios de algumas situações aqui complicadas.”*

4.5 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo? Especifique.

*“Pois... isso é muito discutido... Eu acho que é assim, se calhar se for falar tecnicamente acho que não devem penalizar por aí, se eu for falar como mãe já falo de outra forma, porque às vezes não passa só da “ameaça”. Também compreende uma coisa, essas atividades são extremamente importantes e devem de acontecer na vida da criança, mas a criança tem de compreender que, por exemplo, essas atividades não podem passar à frente do seu desempenho na escola, portanto se eu tiver que dizer “tu não estás a corresponder na escola”, desde que a criança consiga responder àquele empenho que eu estou a solicitar, não posso pedir a uma criança com dificuldades de aprendizagem que seja o melhor da sala, está bem? Isto é tudo com conta peso e medida, mas muito sinceramente, como educadora, eu acho que posso penalizar por aí.”*

4.6 Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar?

*“Pois. Eu acho que pode ser um escape para os jovens de terem algo mais na sua vida que não só a parte escolar e conheço muitos jovens que sempre praticaram desporto até alguns federados, e que não é isso que influencia no empenho deles. Agora indo um bocadinho à pergunta de trás, desde que o foco, por exemplo dos pais, consiga ver que aquele foco é importante, o da escola é o mais importante e que eles podem conciliar as duas coisas, desde que tenham vontade conseguem conciliar tudo.”*

4.7 Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê?

*“Se formos olhar para o mundo futebol, acho que são híper, mega valorizadas, se formos olhar para todas as outras são desvalorizadas. (E pela sociedade em geral?) Acho que... claro que a sociedade também valoriza outras modalidades, mas eu acho que por exemplo os pais que tenham filhos numa outra modalidade conseguem valorizar aquela modalidade, mas na forma geral o futebol ainda impera no nosso país, pronto infelizmente que eu acho que há tantas atividades e que não se devia só cingir ao futebol.”*

4.8 Acha que a pandemia teve impacto na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Sim, sim, sim e de que maneira! Foram as atividades todas suspensas e as crianças também sofreram com isso, quer dizer, já estavam dentro de casa pelas outras vicissitudes todas, até a ter aulas e ficaram também dentro de casa e privados dessas modalidades todas, desse escape. As consequências de certeza foram o aumento de peso, limitações na mobilidade, também estados de ânimo e em termos emocionais e também de relação social, estava aqui o resto do dia a elencar.”*

**5. Compreender a sua perspetiva profissional sobre a introdução do serviço social nas associações**

5.1 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

*“Eu acho que associações com uma grande dimensão, sim. Nas mais pequenas vou-lhe ser sincera até pelo meu contacto com as mesmas. Acho que a comunidade está munida de entidades desde que conjugadas com as associações em estreita ligação e devo-lhe dizer que em Salvaterra ainda não aconteceu, mas na outra Comissão aconteceu, de nós promovemos reuniões e formações com as associações no sentido de lhes dizer que a CPCJ trabalha desta forma, sempre que tiverem alguma situação canalizem para nós e até explicando que pode ser uma denúncia anónima para que não haja corte, porque vejamos, é uma associação desportiva, vai sinalizar o “João”, e o “João” depois vai saber que a sinalização veio da associação, o que faz o pai do “João”? Tira-o. E nós não queremos penalizar o “João” queremos é salvaguardá-lo, então, permitir e dizer isso às entidades, “atenção temos aqui a questão da denúncia anónima que para nós funciona exatamente da mesma forma, portanto podemos conjugar, vocês ligam-nos, nós colocamos como denúncia anónima de forma a que o “João” continue com a atividade desportivas e nós a acompanhar a situação”, pronto, mas acho que identidades pequeninas, sinceramente, não vejo essa necessidade. Identidades já com uma grande dimensão, com um grande número de atletas, sim.”*

5.2 Quais seriam os benefícios/vantagens?

*“Bem, estar desperta para avaliar se alguma situação está fora de contexto ou se necessita de alguma intervenção ou de algum apoio, ou de algum encaminhamento para alguma das entidades locais, por exemplo pode ser uma questão económica, por exemplo, acho que há muitas crianças que não usufruem de atividades desportivas porque os pais depois não tem capacidade para pagar as cotas e avaliações médicas e os equipamento e tudo isso, portanto a assistente social também dentro dessa coletividade poderia ajudar, quanto mais não fosse no encaminhamento, pronto basicamente é isso, encaminhamento e ter olho mais aberto e saber como é que por exemplo, pode fazer uma sinalização à Comissão ou com quem é que pode no meio entrar em contacto, dar alguma orientação também à família, por exemplo, vemos muitos pais onde não há regras, limites... Até e especialmente no desporto também ser mais alguém para chamar atenção para comportamentos desadequados no âmbito do desporto, o chamar nomes, que eu também já observei.”*

5.3 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“Nos clubes pequenos, portanto, essas parcerias se calhar temos feito muito pouco. Nós técnicos temos se calhar feito muito pouco e há necessidade de um maior investimento, chegar a essas entidades, a essas coletividades, ponto número 1. Claro que essas coletividades por vezes já têm pessoas bem formadas e já conseguem também aperceber-se que na comunidade há essas respostas, que poderia ser feito maior dinâmica de interligação entre os técnicos da comunidade e os parceiros, de maneira a que a coletividade saiba que se não tiver técnico, se for um apoio económico ou se for um apoio alimentar saiba qual é o parceiro na comunidade que possa responder, se for uma situação de perigo a quem pode solicitar apoio, mas eu acho que o trabalho está mais do nosso lado técnicos e entidades parceiras e não nas coletividades.”*

5.4 Qual seria a importância para o serviço social deste campo de atuação?

*“É um bocadinho o que eu disse há bocadinho, é a questão de ter um olhar mais atento a situações que possam estar nos atletas ou nas suas famílias, algum eventual apoio até por parte do clube, também pode ser o clube, pode isentar uma família de cotas porque a família está a passar por uma questão difícil ou então encaminhamento para os parceiros da comunidade. Eu acho que aí também, ainda dizia outra coisa. Por exemplo aí também, as autarquias e falo mais do mundo do futebol, não só, mas pronto. As autarquias dão apoio aos clubes, por exemplo, a técnica podia desenvolver um projeto quer com a autarquia ou quer com o instituto da juventude ou outra entidade qualquer que pudesse dinamizar, por exemplo atividades, mesmo que não fossem tanto do âmbito daquela atividade desportiva mas de outras, por exemplo, uma colónia de férias na praia e que houvesse um projeto qualquer, ou uma entidade, ou um parceiro até privado que pudesse financiar isso com miúdos mais carenciados do clube, por exemplo. Ou quando vão, por exemplo, no futebol por vezes vão a minicampeonatos, por exemplo os mais pequeninos vão a minis campeonatos, isso é pago, às vezes estão uma semana ou um fim-de-semana prolongado, isso é pago, tem de se pagar o alojamento, às vezes as refeições, a inscrição, portanto e algumas dessas coisas os pais têm que arranjar, portanto o técnico também poderia apoiar a esse nível ou encaminhar, ou fazer um projeto, qualquer coisa do género. (E acha que no serviço social é um campo de intervenção muito desenvolvido ou não?) Não, não, pelo menos eu não tenho conhecimento. No desporto, não sei se clubes como o Benfica, o Sporting e o Porto tem algum técnico, não faço a menor ideia. (Seria útil desenvolver?) Eu acho que sim num grande clube? Eu acho que sim. Claro que aqui a visão do social e depois a clubística, depois às vezes pode chocar um bocadinho, porque o clube o que é que quer? É competitividade e é quem seja o melhor e depois isso vai colidir um bocadinho com aquilo que são os objetivos do serviço*

*social não é, que tem muito mais a ver com o desenvolvimento pessoal, mas pronto, mas eu acho que em certos, se calhar, escalões, acho que faz muito sentido. (E seria uma área boa também para desenvolver para o próprio serviço social em si, ficaria mais rico, não?)  
Sim, sim!”*

## **Anexo 11 – Entrevista a professor A**

### **1. Caracterização Sociodemográfica**

1.1 Idade (anos e meses)

*“53 anos e 2 meses.”*

1.2 Sexo

*“Masculino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Geografia ramo de Formação Educacional.”*

1.4 Profissão

*“Professor de Geografia do 3º ciclo e secundário.”*

1.5 Anos de experiência profissional

*“28 anos.”*

1.6 Estado Civil

*“Casado.”*

1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“Fora do concelho.”*

### **2. Caracterização da instituição em que trabalha**

2.1 Qual a sua área de formação?

*“Ensino.”*

2.2 A que níveis escolares dá aulas?

*“3º ciclo e secundário.”*

2.3 Qual o seu público-alvo?

*“Crianças e jovens”.*

### **3. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida**

3.1 Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte?

“Sim!”

3.2 Se sim, qual/quais?

“Ténis.”

3.3 De forma lúdica e/ou competitiva?

“As duas.”

3.4 Acha que foi importante para o seu desenvolvimento?

*“Muitíssimo importante, porque esta modalidade permitiu um autocontrolo grande, o fair play, a questão de dependermos de nós próprios. É um desporto individual e, portanto, dependemos de nós próprios, da organização e da autodisciplina para podermos conciliar estudos e competições, e em termos relacionais também, muito importante, porque isso fez com que conhecêssemos outras realidades, outras terras, outras gentes, outros costumes, outras perspetivas e isso contribui para a nossa formação enquanto pessoas humanas.”*

#### **4. Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

4.1 Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual (quais)?

*“Acho que sim, claramente. É um impacto que permite acrescentar algum crescimento global e harmonioso, porque não são só os conteúdos, não é só a escola, é também a dimensão, lá está, relacional. Todos os valores que o desporto nos transmite, contribuem para um crescimento e para um desenvolvimento harmonioso das crianças e dos jovens. Acho que sim.”*

4.2 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?

*“Sem dúvida que sim, na questão das regras, do respeito, do fair play, do espírito de sacrifício, da organização, tudo isso, acho que sim.”*

4.3 Qual deve ser o papel dos pais relativamente à prática desportiva/artística?

*“Os pais devem de estar presentes, sem dúvida, de uma forma articulada com os treinadores, os dirigentes e os próprios filhos, no sentido de trabalhar colaborativamente, em conjunto e não puxar a brasa, porque o meu filho é melhor ou por comparativo... mas devem de ser um papel fundamental, já que estão com um filho na modalidade, compreender os objetivos da modalidade, perceber em que é que isso*

*contribui para o desenvolvimento dos filhos e precisamente trabalhar nesse sentido, tentado em conjunto com os outros atores, os outros intervenientes, chegar a um fim e uma concretização de um objetivo.”*

4.4 Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.

*“Sim. Não digo conscientemente, mas o nosso currículo não está desenhado de maneira a possibilitar essa abrangência, essa possibilidade, estamos ainda muito agarrados à questão das disciplinas tradicionais, digamos assim e não são criadas ainda alternativas para ir de encontro a perfis diferentes, a preferências diferentes em que as pessoas podem explorar outras capacidades e competências, que acabam por não serem exploradas no ensino mais tradicional, mais global.”*

4.5 Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar?

*“Pode influenciar, porque pode trazer outras dimensões, para além daquelas que são ligadas às disciplinas tradicionais. A questão de expressão, precisamente artística, cultural, de identidade, em relação a outras valências que os miúdos possam ter, acho que é por aí. É um cadinho no seguimento da questão anterior.”*

4.6 Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Sim teve! Eu acho que teve claramente, primeiro de uma forma lata porque atingiu-nos a todos e todos ficamos confinados, etc, depois por questão de socialização, depois por questão de risco e de proximidade e de manipulação de instrumentos, de corpos, etc, etc. E isso realmente limitou muito, e as pessoas ficaram algo “castradas” se assim se pode dizer.”*

4.7 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?

*“Eu não sou adepto disso, isso vem no seguimento da intervenção dos pais e dos treinadores. Eu acho que os miúdos devem crescentemente ter noção do compromisso e que estão a pôr em causa muitas vezes quando não atuam bem, seja numa vertente ou noutra estão a pôr em causa investimento dos pais, estão a pôr em causa colegas... podem pôr uma série de coisas em causa, mas eu acho que o castigo não vai resolver, porque se o miúdo se realiza através disso, ele tem é que ser motivado a ganhar responsabilidade no resto para poder prosseguir aquilo que gosta e muitas vezes, aumentando as responsabilidades e até tarefas, para além daquelas que tem, para puder cumprir aquilo que tanto deseja, atividades que deseja, às vezes parece um contrassenso, mas isso pode levar a que, para que não percam efetivamente, que possam corresponder na atividade desportiva têm que cumprir também as outras tarefas e acho que é um bocadinho mais*

*por aí do que propriamente pelo castigo, acho que não, acho que o compromisso, a noção das regras, o valor que o grupo tem, etc, tem que assumir um bocadinho mais de importância do que no aspeto individual do castigo. Uma questão de organização, dos valores, dos compromissos de tudo isso.”*

## **5. Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações**

5.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

*“Sim, sim... muitos, muitos. Sim, somos um meio um bocadinho carenciado.”*

5.2 Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

*“Diretamente é apoiar atendendo ao decreto 54 e essas coisas todas, é apoiar o melhor possível com as medidas universais, se detetar alguma discrepância é tentar sinalizar junto da direção de turma, junto dos serviços de psicologia, orientação e educação especial, e depois é trabalhar um bocadinho em conjunto com as diretrizes que daí surgiram, basicamente diretamente é isso.”*

5.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?

*“Enquanto professor, a escola criou alguns mecanismos que faz com que esses miúdos sejam sinalizados e o melhor acompanhados possível. De qualquer maneira, sabemos também que isso está muito dependente de recursos humanos e materiais também, que por sua vez também estão muito dependentes de recursos orçamentais e portanto, não havendo esses recursos e mesmo até de autonomia também, porque as diretrizes da tutela, de quem manda, também são muitas vezes apesar da propalada, como é que eu hei de dizer, não é independência, mas autonomia das escolas, etc... na realidade, depois disso ainda não foi atingido, até porque isso leva realmente a exigências financeiras grandes, etc... e as coisas acabam por depois saber um bocadinho a pouco porque não há esses recursos humanos e materiais, acho que sim.” (Ou seja, a escola em si só pode encaminhar os alunos?) “Muitas vezes sim, há apoio tutorial específico, clubes, há tutoria sem ser específica, etc... há uma série de mecanismos que foram criados, mas que se revelam insuficientes, há o apoio do Gabinete de Psicologia, orientação, etc... os professores de educação especial que também fazem esse acompanhamento, mas cada vez mais acho que todos temos noção da necessidade de uma educação inclusiva, mas se calhar já se tem mais noção do que tinha, mas para passar à prática há grandes constrangimentos e dificuldades, acho que sim.”*

5.4 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria escola, ter um assistente social na mesma, para intervir junto destas famílias? Porquê?

*“Eu acho que sim, sem dúvida que mais um elemento com conhecimento e experiência para além daquilo que são os serviços de psicologia e orientação, e para além daquilo que são os professores da educação especial, seria mais um elemento importante numa estrutura para trabalhar em conjunto, no sentido de encontrar soluções.”*

5.5 Quais seriam os benefícios?

*“Para já, um maior conhecimento técnico, maior abrangência técnica, se assim se poderá dizer a esse nível para possibilitar um acompanhamento mais abrangente, mais polivalente dos miúdos e isso iria trazer de certeza benefícios para os miúdos, diretamente, mas depois também traz para a turma, traz para a comunidade. Se queremos cada vez mais um envolvimento dos encarregados de educação, também eles se sentiriam mais acompanhados, seria mais um elo de comunicação que poderia favorecer todo este processo.”*

5.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito, de forma mais concreta?

*“Isso, se calhar, passa por um bocadinho mais de autonomia das escolas que está um bocadinho, digamos, está prevista, mas na prática ainda não alcançou pelas razões que disse, mas também por uma maior articulação com as autarquias, com um trabalho de proximidade no sentido de facto de haver uma rede de apoio mais concreta, acho que seria isso.”*

5.7 E nas associações desportivas/artísticas, acha que seria benéfico ter um assistente social para intervir junto destas famílias? Porquê?

*“Sem dúvida que sim, porque podiam ser, mas lá está os recursos económicos são fundamentais, porque isso permitia também junto das diversas instituições tornar o desporto mais inclusivo, porque inclusão não é só para as pessoas que têm deficiência, inclusão é para todos, para que ninguém fique para trás, para aqueles que têm menos recursos socioeconómicos, eventualmente para alguns que tenham algumas, vá, menos eficiência em termos locomotores, ou de outros problemas que tenham, mas pronto é inclusão, inclusão a todo o nível, ia valorizar ainda mais o papel do desporto, ia estabelecer pontes, ia fazer com que os miúdos tivessem mais vivências, ia permitir maior integração dos miúdos e das respetivas famílias, e portanto contribuía sem dúvida para um desenvolvimento mais harmonioso dos miúdos.”*

5.8 Quais seriam os benefícios?

(Resposta inserida na pergunta anterior).

5.9 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“Isto é muito difícil responder porque hoje em dia, num mundo cada vez mais rápido, somos a aldeia global, mas também estamos cada vez mais ocupados e é muito difícil ter a questão do associativismo e do contributo das pessoas, que cada vez têm menos tempo, têm mais solicitações, às vezes não é só culpa delas mas mesmo os produtos, todos têm cada vez mais necessidade de descansar, mas também são produtos que são vendidos e consumidos sem as pessoas darem conta, desde as redes sociais às Netflix's, que eu acho muito bem e é espantoso, tenho pena de não poder estar um bocadinho mais, mas tudo isso contribui para que as pessoas tenham menos tempo, sejam mais individualizadas e mais fechados, apesar de mais redes sociais as pessoas acabam por conviver menos, e até agora com o Covid, convivem mais se calhar numa coisa de modas e de exemplos só para seguir aquilo que é giro e que está na tendência e tal, do que propriamente genuinamente, acho eu, mas isso ia fazer com que, é difícil ter pessoas que estejam disponibilizadas, isso acontece mais quando há filhos e as pessoas envolvem-se mais quando há filhos, com as taxas de natalidade a descer, é complicado, com o envelhecimento cada vez está mais na ordem do dia, ainda ontem saiu um estudo da Fundação Gulbenkian que mostra, que Portugal está num beco, numa encruzilhada danada, as pessoas é que não sabem não se fala, porque daqui a uns anos vamos ficar com 8 milhões de habitantes, em 2060, e se calhar 66% de idosos e a quantidade de pessoas que vai passar por ti também, que vai ter que passar pela segurança social para os mais novos e para os imensos idosos, vai ser muito complicado e só se consegue ser mais competitivo se nós conseguirmos maior produtividade, mas qualificados, com mais qualificação que é para o valor acrescentado ser maior, que é para a economia crescer mas a aposta também não tem sido essa, portanto estamos aqui numa encruzilhada. Mas posto isto, voltando atrás aqui ao associativismo, por estas razões todas, é difícil ter pessoas, mas era importante que houvesse de facto, sei lá, a nível municipal, estruturas do desporto, gabinetes de desporto, etc... se calhar se fossem reforçadas com pessoas do serviço social a esse nível que pudessem ajudar a fazer a ponte para integrar miúdos, era muito importante, porque esse trabalho muitas vezes é feito assim pontualmente, sem um fio condutor, mas por carolice, dos dirigentes, treinador porque vai ali, conhece aquele e vem cá ao treino, quando podiam ser horas, turmas, fosse o que fosse com pessoas integradas de um lado e do outro e que houvesse essa redezinha de apoio, por parte da Câmara, se calhar não era assim tão difícil mas também não é fácil, as estruturas são muito pesadas nas Câmaras Municipais, há serviços independentemente*

*das Câmaras Municipais que são, mas estas são o reflexo um bocadinho, na minha perspetiva, atenção, daquilo que é a tradicional função pública, da instalação das pessoas, dos hábitos enraizados, de muitos e muitos anos de serviço e da lentidão das coisas e isso não ajuda com que as coisas tenham mais dinâmica, e depois há as questões políticas também.”*

## **Anexo 12 – Entrevista a professora MA**

### **1. Caracterização Sociodemográfica**

1.1 Idade (anos e meses)

*“54 anos e 1 mês.”*

1.2 Sexo

*“Feminino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Educação Física, ramo Educacional.”*

1.4 Profissão

*“Professora de Educação Física.”*

1.5 Anos de experiência profissional

*“32 anos de experiência.”*

1.6 Estado Civil

*“Casado.”*

1.7. Residência no concelho ou fora deste

*“Dentro do concelho.”*

### **2. Caracterização da instituição em que trabalha**

2.1 Qual a sua área de formação?

*“Ciências do Desporto e Educação Física.”*

2.2 A que níveis escolares dá aulas?

*“Secundário.”*

2.3. Qual o seu público-alvo?

*“Jovens.”*

### **3. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida**

3.1 Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte?

*“Sim.”*

3.2 Se sim, qual/quais?

*“Pratiquei voleibol inicialmente e depois andebol. Voleibol dos 10 aos 20 anos, 10 anos e o andebol dos 20 aos 25/26 anos, 5/6 anos.*

3.3 De forma lúdica e/ou competitiva?

*“Competitiva.”*

3.4 Acha que foi importante para o seu desenvolvimento?

*“Sem dúvida, primeiro porque tive da parte de um treinador, tive a sorte de ter uma pessoa que foi fundamental na minha formação e na minha orientação até em termos profissionais. Depois, em termos da saúde, da integração social, foi fundamental.”* (Acha que influenciou também para a dirigir para a área da educação física?) *“Sem dúvida, sem dúvida, esse treinador de voleibol foi a pessoa que me orientou na escolha profissional, pronto foi assim um mentor.”*

#### **4. Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

4.1 Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual (quais)?

*“É claro que sim, enorme. Muito rapidamente a nível de saúde é indiscutível, cientificamente provado que os benefícios são imensos, mas depois há outra área que também é muito importante que é a nível social, portanto de integração social, de desenvolvimento da personalidade, portanto é fundamental a parte da atividade desportiva quer ela seja com carácter competitivo ou lúdico, assim como da parte artística também.”*

4.2 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?

*“Fundamental, toda a gente.”*

4.3 Qual deve ser o papel dos pais relativamente à prática desportiva/artística?

*“O papel dos pais deve de ser permitir a prática o mais diversificada possível no início, de maneira que as crianças tenham um leque vasto de experiências, para depois numa fase seguinte poderem optar por aquelas que se sentem melhor, gostam mais, portanto, mas é principalmente de orientação.”*

4.4 Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.

*“Não, acho que a escola não desvaloriza. A escola não apoia é como deveria apoiar, mas não desvaloriza.”*

4.5 Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar?

*“É fundamental, porque passam um conjunto de regras, de desenvolvimento de alguns aspetos da personalidade que vão contribuir muito para o desenvolvimento cognitivo, portanto é quase um efeito de bola de neve o aluno que pratica exercício físico e tem uma atividade artística, vai estar muito mais disponível para aprender, vai estar muito mais motivado para aprender, portanto vai ter mais sucesso, além dos mecanismos a nível cognitivo, que também já começam a estar não digo cientificamente, mas já começa a haver muita evidência científica de que o exercício e o sucesso escolar estão muito interligados pela estimulação de determinadas áreas do cérebro.”*

4.6 Acha que a pandemia teve impacto na prática destas atividades e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Completamente, completamente. Toda a nossa sociedade vai ter que fazer um esforço muito grande para recuperar estes jovens, que quer do primeiro confinamento quer no segundo ficaram em casa sem fazer absolutamente nada, uma atividade muito sedentária, muito ligada à televisão aos jogos de computador, portanto estamos todos a investir muito, estou a falar aqui na escola, mas é uma questão a nível social que todos vamos ter de nos preocupar, porque os danos nos adultos são consideráveis, mas nos jovens acho que estão, não direi irreparáveis, mas temos mesmo de investir muito nos jovens por causa destes dois confinamentos.”*

4.7 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?

*“É claro que não acho bem, porque isso é quase como dizer assim, “portas-te mal não comes, hoje não jantas”, não é, portanto como eu entendo que o exercício físico e a atividade artística são fundamentais na formação dos jovens, não posso conceber que se castigue com uma coisa que é fundamental para a saúde e para o desenvolvimento deles.”*

## **5. Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações**

5.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

*“Sim. É assim, no secundário nós se calhar não temos um número muito elevado de alunos com dificuldades socioeconómicos, mas é um número considerável.”*

5.2 Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

*“É assim, nós tentamos enquanto diretores de turma, e eu sou diretora de turma, fazemos uma caracterização da turma anualmente, e tentamos verificar se existe alguma alteração em termos do agregado familiar de um ano para o outro, se algum dos pais entrou numa situação de desemprego ou de emprego precário e encaminhamos para os serviços de ação social, todas essas situações que vamos detetando. São dois assistentes técnicos que fazem parte do gabinete de ação social escolar da escola.”*

5.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?

*“É assim vou te ser muito sincera, eu no último pedagógico, no último conselho pedagógico apresentei uma proposta de se fazer um estudo, de alguém pensar numa forma de existir um gabinete permanente, em que façam parte, nós não temos assistentes sociais não é, mas pelo menos onde façam parte alguns professores, alguns psicólogos que para além de se preocuparem com estas questões de carências económicas que nós muitas vezes tentamos resolver, dando a refeição, dando um pequeno-almoço ou dando um lanche aos jovens, mas também para preocupar-se um pouco mais além que é fazer um estudo de alguns alunos que tenham muitas boas notas e que nós sabemos que não vão para o ensino superior por carências económicas e então pronto, eu lancei a ideia, ficou de alguém pensar numa forma de se acompanhar esse alunos desde cedo de maneira a que, quando se chega ao 12ºano, garantirmos que todos os alunos que queiram ir para o ensino superior, que tenham um gabinete, vá lá, uma equipa onde eles se possam dirigir e que os possa acompanhar quer na procura de bolsas, quer na procura de empregos part-time para eles poderem naqueles primeiros tempos conseguirem arranjar algum dinheiro para garantirem as propinas e as inscrições, portanto é uma situação que me preocupa e que inclusivamente fiz essa proposta no último pedagógico.”*

5.4 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria escola, ter um assistente social na mesma, para intervir junto destas famílias? Porquê?

*“Pronto, acho que sim é integrar esta tal equipa, este tal gabinete era fundamental.”*

5.5 Quais seriam os benefícios?

*“Era mesmo isto de em todas as situações de carências, quer económica que de outra ordem, poder conjuntamente com, por exemplo, a psicóloga e mais alguns professores da escola, poder atuar junto das crianças, dos jovens e das próprias famílias, porque é uma dificuldade que nós às vezes temos, nós identificamos a situação, mas depois não temos com agir dentro do agregado familiar.”*

5.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito, de forma concreta?

*“Eu acho que era fundamental, criar uma equipa multidisciplinar, dar-se-lhe um nome qualquer mas que acompanhasse desde cedo, isto também tem muito haver com a minha experiência, porque eu por exemplo este ano, detetei que na minha direção de turma de 12ºano tenho uma aluna que está nessa situação, que é uma das melhores alunas da turma e que o agregado familiar não tem qualquer hipótese de lhe garantir a frequência no ensino superior, e a miúda estava em situação de desistir, portanto ela já tinha cruzado os braços e já tinha interiorizado “não, eu não vou para o ensino superior” e, portanto, isso é que não pode acontecer. Tem de haver esta divulgação de que há alguma coisa a fazer, apesar de ser difícil e de nós sabermos que as bolsas são poucas e são baixas e que não abrangem o número de alunos que deviam de abranger, mas temos que criar alguma esperança nestes alunos e é isso que eu acho que é fundamental. E neste caso trata-se até de a aluna não saber que existe, portanto ela nunca pôs a hipótese de concorrer a uma bolsa, achou sempre... isto porque as expectativas dos pais, quando são baixas, quando são pais poucos escolarizados, que não têm qualquer tipo de expectativa em relação ao futuro dos filhos, os próprios pais também não lhes passam este tipo de informação, é lógico que se fosse uma família se calhar mais escolarizada, com mais informação, se calhar os próprios pais diziam, “não, tu vai à luta, vamos tentar, nós procuramos, vamos ver os que há de bolsas”, quando os pais não têm esta perspetiva, os miúdos ficam ainda mais desprotegidos.”*

5.7 E nas associações desportivas/artísticas, acha que seria benéfico ter um assistente social para intervir junto destas famílias? Porquê?

*“Nas associações desportivas, é lógico que num modelo ideal acho que sim, agora acho que as nossas associações ainda estão num patamar, tão, tão, tão abaixo que se calhar ainda há outras coisas que eu acho prioritários como a formação dos dirigentes e a formação dos treinadores que ainda não estão naquele patamar que eu considerava que deveria de estar e portanto, acho que é fundamental, só que tendo em conta a realidade do associativismo desportivo em Portugal, pelo menos naquilo que eu conheço, parece que ainda estamos um bocadinho longe de lá chegar a esse ponto.”*

5.8 Quais seriam os benefícios?

*“É como os da escola, é sem dúvida não excluir, incluir toda a gente, atuar a nível dos agregados familiares, porque hoje em dia qualquer associação cobra uma cota, uma mensalidade e muitas vezes há um miúdo que desaparece que deixa de ir e pronto a gente fica sem saber, deixou de ir porque não gostou, porque se desinteressou, porque... e às vezes é só porque lá em casa não há condições para garantir o pagamento e às vezes*

*não é por uma questão económica, não há incentivo em casa para dizer que é importante ele ir, e portanto acho que é fundamental e os benefícios seriam imensos.*

5.9 O que acha que poderia ser feito neste âmbito, de forma concreta?

*“Pronto, nesse âmbito é como eu disse, acho que ainda temos que percorrer um longo caminho, mas é depois de termos treinadores formados e de termos dirigentes também bem formados de certeza que eles próprios vão sentir a necessidade de ter essa ajuda, de um psicológico, de um assistente social, se falarmos um pouco mais a nível competitivo, de um nutricionista, mas é um bocadinho utópico olhando para o associativismo desportivo cá em Portugal.”*

## **Anexo 13 – Entrevista a professora ML**

### **1. Caracterização Sociodemográfica**

1.1 Idade (anos e meses)

*“49 anos e 8 meses.”*

1.2 Sexo

*“Feminino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Ensino, variante Matemática e Ciências.”*

1.4 Profissão

*“Professora de 2º ciclo de Matemática e Ciências.”*

1.5 Anos de experiência profissional

*“25 anos de experiência.”*

1.6 Estado Civil

*“Casada.”*

1.7. Residência no concelho ou fora deste

*“Dentro do concelho.”*

### **2. Caracterização da instituição em que trabalha**

2.1 Qual a sua área de formação?

*“Matemática e Ciências.”*

2.2 A que níveis escolares dá aulas?

*“2º ciclo.”*

2.3. Qual o seu público-alvo?

*“Crianças e jovens.”*

### **3. Compreender o impacto que a prática desportiva/artística teve na sua vida**

3.1 Na sua infância/juventude praticou algum desporto/arte?

*“Sim, desporto.”*

3.2 Se sim, qual/quais?

*“Futebol.”*

3.3 De forma lúdica e/ou competitiva?

*“As duas, perdíamos sempre, com o Belenenses então era o pior.”*

3.4 Acha que foi importante para o seu desenvolvimento?

*“Sim, a parte social claramente que é importante o convívio, a competitividade que se joga ali, também a partilha que tem de existir sempre nos jogos coletivos, principalmente por ser um jogo coletivo, acho que ajudou até mais tarde para a profissão porque temos de trabalhar e partilhar muito.”*

#### **4. Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

4.1 Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual (quais)?

*“Sim. Uma das áreas que agora temos de desenvolver é sempre muito a parte da criatividade, e eu acho que é por aí, é uma das capacidades que tem de ser desenvolvida e acho que não há nada que consiga desenvolver tanto como a parte das associações que existem a trabalhar com eles, seja desporto seja outra forma lúdica.”*

4.2 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?

*“Sim. É assim, a parte motora deles está a ser desenvolvida como é lógico, e depois todas as outras partes que já associei também enquanto estive essa atividade, a parte do trabalho de equipa que eles têm muita dificuldade em trabalhar em equipa, em aceitar as diferenças uns dos outros, em perceber que se cada um deles estiver a jogar no que quer que seja, a trabalhar sozinho não dá o mesmo resultado do que a soma de todas as partes, pronto. E acho que isso é extremamente importante num jogo, no que quer que seja.”*

4.3 Qual deve ser o papel dos pais relativamente à prática desportiva/artística?

*“Eu sei que os pais deveriam incentivar os filhos na prática do desporto, seja o desporto seja numa área artística, sabemos é que infelizmente nem todos os pais têm capacidades monetárias para os ter lá não é, mas penso que deve de ser daí porque se nós enquanto pais não os motivarmos eles nunca vão quer fazer nada. Eles acomodam-*

*se a estar com um jogo ou com um computador em casa não é, e penso que era aí que os pais devem tentar incentivá-los porque quando eles chegam aqui, e nós notamos no segundo ciclo isso, eu falo muito no individualismo deles, porque efetivamente eles são muito individualistas, eles não sabem trabalhar a pares, não sabem partilhar e isso nota-se, se eles nunca tiveram essa experiência, logicamente vão ter dificuldade.”*

4.4 Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.

*“Não, acho que não, acho que a escola valoriza. Valorizar a escola valoriza, basta ter um clube de música, o desporto escolar, uma oficina de artes que estejam a funcionar. Tem a parte do desporto, tem a parte das artes e existem, às vezes não existem é tantos alunos inscritos. Numa dimensão como nós temos nesta escola, deveria de ser mais divulgada se calhar, deveriam ser mais aliciados a participarem, acho que é um bocadinho isso.”*

4.5 Como é que a prática desportiva/artística pode influenciar o sucesso escolar?

*“O sucesso é feito disto tudo, eu costumo dizer que o todo é mais do que a soma de todas as partes e ela não pode estar desgarrada. O sucesso dos alunos, quanto a mim, depende de eles conseguirem fazer um bocadinho de tudo e, logicamente, se nós não prepararmos os alunos com tudo o que existe um bocadinho à volta, eles não estão preparados para a sociedade que temos hoje em dia. Muitas vezes achamos que nós vamos dar (a matéria) porque ele vão precisar no futuro, mas não sabemos qual é a profissão que eles vão ter, porque daqui a 20 anos as profissões são aquilo que nós não sabemos, é a incerteza, a imprevisibilidade e eu penso que a criatividade quando trabalham com a arte, quando trabalham com desporto, desperta-os para isso mesmo, para a incerteza, para a imprevisibilidade das coisas que vem por aí e é um bocadinho isso, e logicamente um aluno que está preparado para isso não vai ter dificuldades, até pode ter muita dificuldade agora aqui, no 5º ano, no 6º, no primeiro ciclo, mas de certeza que quando chegar ao 12º ele vai estar preparado, e quando chegam à faculdade é quando eles já estão preparados para o que ali está, porque não têm medo dos desafios, se calhar alguns de vocês mais velhos acabam por dizer isso, não tiveram tanto medo dos desafios porque os vossos pais vos deram bagagens, a escola deu, mas os pais também proporcionaram esses momentos, para vocês lá fora terem outras coisas e chegarem ali não pararam, entraram em associações, entraram em tudo sem receios.”*

4.6 Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Aí teve. A atividade deles parou por completo, as crianças especialmente os mais pequenos, eu falo desta faixa etária que eu estou. Eles passaram a estar*

*completamente agarrados a um computador, o desporto ficou para segundo plano, os pais também tinham receio até de os deixar sair para a rua para andarem de bicicleta, outros vivem num apartamento e não podem estar a sair... claramente que existiu e nem todos os pais e nem todas as associações tiveram, ou seja, saíram um bocadinho fora da caixa e foram proporcionar-lhes os momentos à distância, algumas conseguiram fazer, mas outras não, e isso parou como é lógico. “*

4.7 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?

*“Eu sou contra eles não irem... acho que esse não é o castigo. Não concordo nada com esse castigo, porque isso é algo que ele vai descarregar energia, vai recuperar do dia, vai tudo isso. Penso é que tudo o que eles tiverem lá fora deve de articular muito bem com a escola e deve de haver aqui uma ligação, eles perceberem que o sucesso deles também é reconhecido lá ou que o mau trabalho deles aqui, que eles lá também sabem, até pode haver um “castigo” dentro da própria instituição, não faz este jogo, ou não joga todo eu estou a imaginar o futebol que eles são muito assim, mas deveria haver uma ligação muito maior entre as instituições de desporto e artísticas e a própria escola.”*

**5. Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações**

5.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

*“Sim, aumentaram bastante com a pandemia.”*

5.2 Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

*“É assim nós normalmente vamos estando sensíveis a essas situações, tentamos ajudar da forma que é possível, aqui este ano chegámos a fazer algumas campanhas e está a decorar outra, mas fiz junto com os colegas dos 2º ciclo, fizemos uma campanha de Natal de angariação de alimentos, forneceu-se a cinco famílias mas que correspondeu a 10 alunos da escola carenciados que foram identificados, sem ninguém saber mas pela escola foram identificados, e foi-lhes entregue na portaria sem identificação de ninguém, que ninguém tinha de saber, mas foi entregue a essas famílias, e isso é extremamente importante para quem recebe mas também para quem dá. Isto só para veres um bocadinho, à pouco tempo tive um aluno que vive numa situação carenciada e eu cheguei à escola e ele disse-me que tinha reparado num menino, agora quando entrámos no 3º período, que estava a ter dança, porque eles têm dança no 5ºano à tarde à quarta-feira, que na dança levava uma mochila de pré-escolar... “sim era um menino de 5ºano mas a mochila era tão pequenina a professora não pode fazer nada por isso?” disse-me ele, e eu disse “então vamos aqui pensar”... falámos todos na turma, e é uma turma péssima a*

*minha! Mas então vamos lá pensar o que podemos fazer e foi interessante ver... surgir dali ideias! No dia a seguir tínhamos a mochila na sala, que um dos alunos trouxe, tínhamos um estojo cheio de canetas para entregar, no outro dia veio outra mochila... ou seja, isto desencadeia neles este espírito de solidariedade e acho que é isto que é importante é eles perceberem também.”*

### 5.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?

*“A escola para já, deveria de incentivar os nossos alunos, começar pelos mais velhos e depois indo para os mais novos, formar aí um grupo de voluntários em muitas áreas que precisamos no concelho e acho que o voluntariado está cada vez mais valorizado, e a maior parte dos jovens não tem noção do que isso é valorizado no nível do trabalho, da faculdade... ter aqui um grupo de voluntariados, escolhendo-se as áreas de acordo com a maior dificuldade que existisse aqui no concelho, e nós temos várias, temos as crianças mas também temos a outra faixa etária de opostos e que as duas precisam, por um lado as crianças por outro lado os idosos, e são pequenos gestos. Eu acho que temos jovens com imensa boa vontade e com vontade de fazer coisas boas, era aproveitar e de certeza que surgem deles ideias muito boas. O voluntariado é claro, eu acho, uma das coisas que a escola deveria puxar um bocadinho, porque o voluntariado tocava um bocadinho em tudo, quem sabe não há aí uma empresa que possa reconstruir uma casa-de-banho que alguém esteja a precisar, e felizmente nós em Salvaterra até estamos a assistir a aparecer voluntários a fazer esse tipo de coisas já, mas incentivar isso aqui na escola acho que era importante.”*

### 5.4 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria escola, ter um assistente social na mesma, para intervir junto destas famílias? Porquê?

*“Acho que sim, era essencial e há muitas escolas que já o têm, e isso era fundamental, porque muitas vezes pensamos que é o psicólogo que faz o trabalho, mas o do assistente social é outra área, e nós precisávamos daqui da intervenção da parte social também, porque nós temos muitas carências em muitos níveis, não é só a carência económica, há as outras carências que também que são graves aqui na escola e que às vezes passam um bocadinho ao lado nas pessoas... era essencial.”*

### 5.5 Quais seriam os benefícios?

*“Para a escola é assim, os professores não têm preparação, nós muitas vezes achamos que somos psicólogos mas não somos, achamos que somos assistentes sociais mas não somos assistentes sociais e muitas vezes podemos estar a fazer uma intervenção completamente errada e isso é o medo que nós temos, até mesmo o intervir junto daquela família, posso estar a fazer de uma forma errada, pode não ser o caminho certo, e isso*

*era importante, traz uma mais valia claramente para os professores que os deixaria mais tranquilos ou pelo menos alguém que fosse tendo ali, por exemplo, “devemos agir assim numa situação destas” ou “podemos tentar por aqui” ou trocar ideias, porque é lógico que um assistente social numa organização que tem 1700 alunos é pouco, mas era uma ajuda para se sentir que ali se iria buscar, e para os alunos, mais do que para os alunos acaba por ser para as famílias, porque o aluno está ali no meio e é aquele que se quer sempre proteger, é o jovem, e ter do outro lado alguém, no fundo fazia ali a ligação entre as famílias, acho que era muito importante.”*

5.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito, de forma concreta?

*“É assim, eu acredito que as verbas internas das escolas nunca dão para ter o assistente social e tem-se optado por ter os psicólogos que também é uma área, mas acho que isto podia-se fazer pelas autarquias, ter um projeto com as autarquias em que elas tivessem pelo menos um assistente social que fosse colocado na escola, é pela autarquia nem que fosse um projeto, mas estes projetos implica que alguém tenha vontade, que vá para a frente e que apresente, acho que era uma mais valia, porque nós também não temos muitas assistentes sociais, estão a trabalhar onde praticamente? A gente olha por aí vemos é nas CPCJ, nós aqui vamos vendo, é a CPCJ, no núcleo de intervenção, ou seja, parece que está sempre na ponta... porque a intervenção deles já é no final e devíamos de ter alguém a fazer a intervenção um bocadinho antes, de prevenção, e essa prevenção seria na escola, por muito que elas tentem colaborar nunca é a mesma coisa, porque a partir do momento em que se faz uma sinalização para qualquer uma delas ou um pedido de ajuda estamos a ir para a outra ponta já não estamos na situação inicial.”*

5.7 E nas associações desportivas/artísticas, acha que seria benéfico ter um assistente social para intervir junto destas famílias? Porquê?

*“Se as associações passassem a ter um papel mais voluntário, não digo voluntariado porque as associações não podem viver do voluntariado, mas que existisse por exemplo um fundo que lhes permitisse que elas fizessem esse voluntariado, claro que fazia sentido. Eu penso que as associações deveriam trabalhar muito com as escolas, aqui há três anos por ai talvez, a escola teve uma iniciativa de pedir às várias associações para irem junto das AECS e pelo menos cada associação passava por cada AEC uma duas vezes, por período... para já isto dava a conhecer as associações existem à volta, também é importante dar, seja uma associação desportiva, um rancho folclórico, seja o artesão que está num sítio qualquer e vai e divulga a sua atividade, por um lado ao divulgar a sua atividade também tem a outra valência que é, proporcionar que os alunos todos, aqueles que não conseguem, pelo menos têm uma experiência e acho que isto é*

*extremamente importante, é dar-lhes a conhecer aquilo que eles não conhecem, alguns porque não têm hipótese e isso é o que eu acho que era aqui importante, se as associações passassem a ter aqui um papel muito mais solidário, acho que sim, claramente que beneficiava, mas neste caso.*

#### 5.8 Quais seriam os benefícios?

*“Se nós queremos cativar os nossos alunos para a escola, por exemplo se estamos a pensar aqui no sucesso escolar, o sucesso escolar depende de muitos fatores e um deles é a motivação que têm de ter, se essa motivação viesse dessas associações acho que era pegar e trazer, porque senão... os miúdos estão fartos de ter aulas de português, aulas de matemática em “autocarro”, como nós dizemos, continua tudo em “autocarro”, agora este ano até se percebe porque nós estamos em tempo de pandemia, mas continuamos a ter uma escola do século passado, ou seja, tudo em “autocarro”, e que o professor ali à frente a explicar, logicamente que é isso que eu acho é vir a associação que traz outras coisas aos miúdos vai trazer sucesso, porque eles vão despertar o interesse pela escola. Estava-me a lembrar do “Clube dos Poetas Mortos” que tinha um bocadinho a ver com isso, que foi exatamente fazer o reverso da moeda e eles tentarem perceber. Nós não estamos numa zona de muita delinquência, se a gente pensar, achamos sempre que estamos mal mas não estamos, e vocês que estão agora a ver os contextos percebem, o nosso contexto social é completamente diferente de uma grande cidade, nós não estamos a pensar em Lisboa ou no Porto aqui, mas mesmo assim temos muitos jovens que se calhar tinham que se motivar e ver algum interesse na escola e eu acho que era por aí que eles poderiam ir e até mostrar porque alguns deles até andam, no futebol, outros andam na dança, todos gostam de mostrar e a escola aí é que falta um bocadinho, é momentos que a escola mostre o que os nossos alunos fazem e eles aí vão gostar, porque muitas vezes até são maus alunos que têm essas atividades, mas se eles tiverem aqui o tempo de mostrar eles vão ajustar-se, é um estímulo.”*

#### 5.9 O que acha que poderia ser feito neste âmbito, de forma concreta?

*“Eu acho que é sempre as parcerias que devem-se incentivar com as escolas, com tudo, porque eu penso que nós ganhamos com essas parceiras, nós escola, porque vão trazer sucesso aos nossos alunos e as associações vivem também desses alunos, desses jovens, se eles tiverem sucesso aqui também vão ter lá com certeza e acaba por ser uma mais-valia, acaba por ser por aqui. Eu penso que se poderia fazer uma parceria entre escolas e associações, não tinha de ser individualmente com cada uma, mas poder-se-ia fazer, perceber o que é que cada uma tem para oferecer e se elas têm para oferecer a escola não tem espaço para elas oferecerem? Não tem umas horas para proporcionar*

*aos nossos alunos? E tentar que eles aqui sejam “agarrados” na parte da motivação pelas associações, porque é muito mais fácil ir por aí, “vou ao desporto, mas posso também ir às artes”. (E acha que poderia ser o assistente social o interlocutor?) Poderia ser, era a pessoa que mais facilmente poderia aqui moderar isso. O Ministério este ano implementou nas escolas, a nossa não tem isso há muito, as mentorias, que a gente às vezes imaginamos um bocadinho a mentoria entre o adulto e a criança e não tem de ser, pode ser entre pares, mas pode ser externo e o mentor ser externo, alguém estar disponível para ouvir aquela criança, ou para o ajudar quer seja num conteúdo escolar, quer seja numa área mais social dele, era essencial e às vezes é isso. Eu penso que estamos repartidos, aqui no contexto e vamos falar aqui no nosso que estamos em Salvaterra, claramente que não existe ainda a ligação entre associações dentro das escolas, e estas parcerias tinham de ser estabelecidas, mais comprometidas, porque as parcerias às vezes estabelecem-se, mas não há um comprometimento das pessoas, portanto aquilo é feito agora e a seguir acabou, deveria de haver isto, um compromisso sério, porque claramente implica que todos têm que dar o seu melhor.”*

## **Anexo 14 – Entrevista a treinador C**

### **1. Caracterização Sociodemográfica**

#### 1.1 Idade (anos e meses)

*“59 anos e 10 meses.”*

#### 1.2 Sexo

*“Masculino.”*

#### 1.3 Habilitações literárias

*“Mestrado em Psicologia Educativa e três licenciaturas em Administração Escolar, Educação Física, Psicologia Educativa.”*

#### 1.4 Profissão

*“Professor de Educação Física e Treinador de Ginástica e Trampolins.”*

#### 1.5 Anos de experiência na área

*“34 anos.”*

#### 1.6 Estado Civil

*“Casado.”*

#### 1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“No concelho.”*

### **2. Caracterização da sua experiência profissional e da associação em que trabalha**

#### 2.1 Em que associação trabalha?

*“No Clube de Trampolins de Salvaterra, Clube de Futebol Estevense e Federação de Ginástica de Portugal.”*

#### 2.2 Qual a modalidade desportiva/artística praticada na associação?

*“Trampolins.”*

#### 2.3 O que é ensinado/transmitido na vossa associação?

*“Formação de base em ginástica, trampolins e formação geral em valores e em Humanidade.”*

2.4 Conte-nos o seu percurso/experiência na área.

*“Comecei como ginasta até aos juniores, após a licenciatura iniciei o treino de trampolins como treinador e como professor de Educação Física, em simultâneo, basicamente.”*

**3. Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

3.1 Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual?

*“Existe de certeza, de forma formativa e competitiva, uma vez que, a aprendizagem de que com esforço as coisas se tornam possíveis e de que os sonhos são coisas sérias que exigem disciplina, determinação e esforço.”*

3.2 Se existe a vertente competitiva, qual o impacto que tem na vida de uma criança/jovem?

*“Aprender a dar valor ao seu esforço, ao esforço que desenvolveu e a respeitar o esforço que os outros, igualmente, põe na sua atividade. É no fundo, aprender o seu papel no seio dos papéis dos outros todos.”*

3.3 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?

*“Completamente, porque o facto de terem de ser permanentemente confrontados com as suas vulnerabilidades e as suas expectativas, torna-os melhores conhecedores de si próprios e valorizam a existência dos outros, colegas e adversários.”*

3.4 Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Muito, ao retirar o contacto com o grupo, não conseguiu resolver uma das grandes vertentes do desporto que é a valorização de si no seio dos outros, ou seja, a alterestima ficou por trabalhar, restou só a autoestima a qual já é tão hipervalorizada que fica prejudicado o ginasta ou o jovem, por via disso. Desequilíbrio para um lado, para o lado da autoestima, portanto, que já é tão desequilibrada em termos de discurso público, familiar, e até escolar, em detrimento da alterestima, da heteroestima, que a prática regular do desporto promove e desenvolve.”*

**4. Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da modalidade**

4.1 Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade?

*“É o papel dos pais em qualquer disciplina que comece, necessariamente, muito cedo. Muitas vezes eles cumprem as expectativas dos pais do que pode ser uma modalidade formativa e saudável que promova o seu desenvolvimento global. Os alunos, os ginastas, começam muito jovens, jovens demais para saberem isso tudo, por isso verdadeiramente os pais são os grandes responsáveis por eles estarem na disciplina, dada a idade muito jovem destes praticantes que muitas vezes começam aos 5/6 anos esta prática.”*

4.2 Quais as consequências da atitude dos pais face à prática desta modalidade?

*“Os pais são os entes significativos destes jovens, portanto, os primeiros a quem eles querem corresponder no cumprimento das expectativas é aos pais, são os pais, mais do que os treinadores ou colegas, isso surge depois mais à frente na carreira.”*

4.3 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?

*“É uma má escolha, por parte dos pais, porque no fundo estão a utilizar algo em que normalmente se sentem confortáveis, responsáveis, capazes, bem-sucedidos para os castigar em detrimento daqueles comportamentos e situações onde eles, realmente, estão a ser menores em termos de versão pessoal.”*

## **5. Compreender a ligação entre a prática da modalidade e a escola**

5.1 Como é que a prática desta modalidade pode influenciar o sucesso escolar?

*“Pela criação dos hábitos de disciplina, de esforço na perseguição dos objetivos, no adiamento da gratificação, pois os resultados só surgem após muitos meses/anos de trabalho, e pela aprendizagem da vida em sociedade.”*

5.2 Quais as medidas/regras que a vossa associação tem ligadas ao rendimento escolar?

*“Normalmente, os ginastas mais dedicados são aqueles que têm maiores sucessos, na sua experiência social, seja na escola, seja no desporto, seja nas outras atividades para as quais dedica a sua atenção e tempo.”*

5.3 Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.

*“Não penso que desvalorize, tanto é que tem estas disciplinas no seu currículo, não consegue é ser a parceira adequada e respeitadora do muito esforço e formação que acontece nas atividades desportivas ou culturais.”*

**6. Conhecer a opinião sobre a perspetiva da sociedade relativamente à prática da modalidade**

6.1 Como caracteriza os apoios públicos/privados que a associação recebe?

*“A nossa atividade, decorrendo num meio pequeno e em virtude de ter resultados de nível mundial, tem uma aceitação, um respeito da comunidade muito elevado que é gratificante verificar.”*

6.2 Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê?

*“Não, desvalorizadas não. Muitas vezes não são é apoiadas na devida medida da contribuição para a solidariedade social e para a vivência social que elas promovem, o seu papel social não é muitas vezes devidamente reconhecido.”*

6.3 Indique sugestões para melhorar e valorizar a prática desportiva/artística a todos os níveis.

*“A valorização surge a dois níveis. Ao nível da própria associação que tem que saber promover-se e promover as suas atividades e os seus impactos sociais, e ao nível da própria sociedade que deve ter os seus mecanismos públicos e de divulgação pública, nomeadamente órgãos de comunicação social vocacionados para também olharem para elas e não só para aqueles fenómenos como, por exemplo, o futebol que são de fácil ligação e comunicação. Os autores e atores desta apresentação pública, desta divulgação, deveriam ser pessoas mais cuidadosas na procura do esclarecimento do que acontece e não simplesmente andar à procura das informações óbvias e evidentes que algumas disciplinas, algumas modalidades desportivas facultam por saberem que são de fácil aceitação, ou seja, terem cuidado de se informarem melhor sobre o que acontece. Se naquela localidade, ou numa determinada zona geográfica, se desenvolve ginástica, andebol, judo, kempo, dança contemporânea, saberem mais sobre o que é isso e se não sabem perguntam, e se perguntarem passam a poderem comentar de forma mais evidente e mais esclarecida, e muitas vezes passa-lhes ao lado esta necessidade de autoformação, porque é mais fácil falar de coisas que aparentemente toda a gente sabe, porque nós vamos a um estádio com 50 mil pessoas e todas elas são treinadores credenciados e o mais engraçado é que, a maior parte delas, até conhece pessoalmente a mãe do árbitro, o que ainda é mais estranho.”*

**7. Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações**

7.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

*“Apercebo-me quando tal acontece, porque de alguma forma há evidências que o demonstram, temos mecanismos para, digamos, apoiar e acomodar essas dificuldades de forma a que tenham um menor impacto possível na prática desses ginastas, onde se identificam essas fragilidades. Não temos muitos, temos alguns, uma vez que está inserida no meio onde também existem essas desigualdades, algumas delas são acomodadas por nós, de forma a que possam ter o menor impacto na sua prática.”*

7.2 Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

*“Os mecanismos que temos é por exemplo, normalmente, eles têm contribuições mensais ou regulares, para a atividade que desenvolvem e por exemplo não as terem, quando existem, no nosso caso, deslocações para todo o país e até para fora do país, acautelar os custos dessas deslocações e até pedir a contribuição, que normalmente acontece das entidades dos órgãos de poder local que participam, nessas circunstâncias, de maneira a acomodar essas dificuldades, essencialmente aí, e tentar verificar se no quotidiano, às vezes é preciso ou não fazer apenas compensações que sem se tornarem evidentes possam ajudar a minimizar alguns impactos que se percebam negativos, quer em termos alimentares, quer em termos de descanso, que em termos até de perspetiva e expectativa dos seus familiares que, muitas vezes, estão muito desajustadas daquela que é a realidade que nós perseguimos que é a formação de homens e mulheres para a sociedade.”*

7.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?

*“Acomodar melhor as dificuldades acrescidas na compensação académica que decorre em casa, de praticantes que para lá da escola ainda dedicam algumas horas, diariamente, à sua prática desportiva ou cultural.”*

7.4 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

*“Útil é sempre, haver uma pessoa especializada numa área onde a intervenção deve de ser desejavelmente tão especializada quanto possível, de maneira a acautelar o máximo possível de circunstâncias e de impactos, mas não me parece que não tenhamos até à data conseguido interpretar corretamente a possibilidade de ter um impacto favorável e positivo quando identificamos dificuldades especiais mas, naturalmente que a participação de um especialista numa área específica é sempre uma mais valia numa valência que só torna benéfico essa intervenção. Não vejo verdadeiramente é como numa associação como por exemplo a nossa que só se dedica a este tipo de atividade e que tem uma margem de funcionamento muito estrita, muito diminuída em termos de capacidade de sair da sua esfera de funcionamento, dado, principalmente nos casos da nossa*

*participação internacional, os grandes custos que essa participação internacional acrescenta às dificuldades quotidianas das direções, por exemplo, conseguir ter forma de integrar de com valia profissional alguém nesta área, porque não teríamos como corresponder devidamente também à mestria e à qualidade da prestação que essa pessoa, pudesse acrescentar à associação, não haveria meios para o conseguir fazer, meios financeiros para o conseguir fazer.”*

#### 7.5 Quais seriam os benefícios?

*“O mais ajustado conhecimento e funcionamento da família com o funcionamento da associação, ou seja, a possibilidade de que as expectativas e as possibilidades estivessem devidamente acomodadas, porque estavam não só identificadas mas também trabalhadas no sentido de poderem concorrer para os efeitos que se desejam, porque se as famílias e a associação estiverem melhor associadas e mais afinadas em termos de objetivos e em termos de forma de proceder e de entender os procedimentos que estão em curso, naturalmente os resultados teriam de ser também mais favorecidos, mais subidos.”*

#### 7.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“Parcerias, ou seja, haver a possibilidade, não de cada associação, cada disciplina, porque nós não temos nenhum clube suficientemente eclético onde estão integradas, por exemplo, numa terra como a nossa, as várias modalidades e algumas delas com grande sucesso e impacto local, junto da juventude local não estão todas numa só associação, digamos que a forma de conseguir que isto numa terra pequena como a nossa, pudesse promover o sucesso individual de todas estas disciplinas individualmente foi trabalhar separadamente, porque em conjunto provavelmente algumas seriam canibalizadas por outras, eventualmente, ou esse pode ser o receio, nomeadamente até quando existem disciplinas como o futebol e, portanto, que têm gastos e custos tão elevados que também têm permanentemente saídas, muita gente a trabalhar e, portanto, têm custos muito grandes e portanto acabavam por absorver muitos dos esforços que outras disciplinas, outras modalidades, conseguiriam. Qual é que seria, portanto, a possibilidade, era não sendo esse o tecido social em que as associações se movem, ou seja, cada associação quase que trata do seu assunto desportivo da sua modalidade desportiva, a grande estratégia poderia ser ou que todas tivessem acesso a um serviço que se estabelecesse a nível regional, local ou através do município ou da freguesia que organizava esse serviço para que as organizações pudessem socorrer dele. Nós no fundo temos algumas estruturas locais de concertação social, digamos, de coordenação dos esforços de várias associações em prol das circunstâncias sociais que vão sendo*

*identificadas, nomeadamente as mais frágeis, de maior fragilidade e de maior dificuldade é, digamos, um embrião, agora para a questão cultural e desportiva, exclusivamente, o que está a acontecer é que é pedido a essas associações que colaborem neste esforço, e a ideia era também fazer ao contrário que era ser pedido à estrutura de apoio social, com técnicos de intervenção social, de ação social, que existem nestas estruturas criadas regionalmente e conselhiamente para dar resposta a essas fragilidades e identificar e dar respostas mais consistentes a essas fragilidades, contar com elas também para ajudar a resolver estas pequenas questões que se identifiquem e que possam ser melhoradas por via dessa intervenção social, portanto, não era cada associação ter um técnico nesta área, era haver técnicos que trabalham noutras áreas mas que também as associações podem socorrer deles para no fundo darem continuidade ao seu papel social, porque ninguém tenha dúvida que, quer culturalmente, quer desportivamente, o papel social destas associações é demasiado importante para não serem promovidas todas as valências que a eles possam ser associadas e possam melhorar a sua intervenção social, eu penso que eram essencialmente essas as questões.”*

## **Anexo 15 – Entrevista a treinadora B**

### **1. Caracterização Sociodemográfica**

1.1 Idade (anos e meses)

*“35 anos e 8 meses.”*

1.2 Sexo

*“Feminino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Animação Cultural e Educação Comunitária.”*

1.4 Profissão

*“Professor de Dança.”*

1.5 Anos de experiência na área

*“Professora de Dança há 12 anos.”*

1.6 Estado Civil

*“Divorciada.”*

1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“No concelho.”*

### **2. Caracterização da sua experiência profissional e da associação em que trabalha**

2.1 Em que associação trabalha?

*“Associação Grupo de Dança Dream Dancing.”*

2.2 Qual a modalidade desportiva/artística praticada na associação?

*“Dança e também a vertente de Dança Educativa e Expressão Físico-Motora.”*

2.3 O que é ensinado/transmitido na vossa associação?

*“Não só a técnica de dança, mas também questões de associativismo, formação cívica, cidadania participativa.”*

2.4 Conte-nos o seu percurso/experiência na área.

*“O meu percurso tem sido positivo, uma vez que através da dança consegui ampliar outros conhecimentos e entrar noutras vertentes quer na área de animação quer na área social desenvolvendo assim projetos úteis para a comunidade.”*

**3. Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

3.1 Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual?

*“Sim, sem dúvida que sim. No seu desenvolvimento, as crianças que praticam a modalidade de dança educativa, têm um desenvolvimento mais harmonioso, porque através da dança conseguem desenvolver muitas outras competências.”*

3.2 Acha que a vertente competitiva tem impacto na vida de uma criança/jovem?

*“Na nossa associação não temos essa vertente, não é essa a nossa prioridade, mas eu acredito que sim, que a vertente competitiva torne a criança ou o jovem com outras características fundamentais para a sua personalidade e no futuro enquanto pessoa.”*

3.3 Acha que a prática da modalidade é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?

*“Sim, sim.”*

3.4 Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Sim, sem dúvida que sim. Não só nesta atividade, mas em geral quebrou o ritmo das atividades tanto as crianças como toda a gente, sentiram-se um pouco perdidas e agora é muito importante encontrar estratégias para conseguir voltar a chamar as crianças e os jovens para a prática desta e de outras atividades.”*

**4. Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da modalidade**

4.1 Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade?

*“Eu acho que por norma, os pais apoiam as crianças nas atividades que desenvolvem e sem dúvida que nas aulas de dança isso é visível, é uma atividade que requer as suas aulas técnicas e depois é necessário o acompanhamento e o envolvimento dos pais para vários espetáculos e, portanto, acho que eles na sua grande maioria são bastantes participativos.”*

4.2 Quais as consequências da atitude dos pais face à prática desta modalidade?

*“Normalmente, as atitudes são sempre bastantes positivas, os pais acabam por apoiar de uma forma geral e isso depois reforça a que a criança se sinta à vontade no próprio relacionamento da associação e da família, sente-se bem integrada. No entanto, é importante os pais consciencializarem-se da parte técnica, e por vezes alguns comentários um bocadinho mais relacionados com a componente técnica podem desmotivar a criança e interferir no próprio desenvolvimento da atividade.”*

4.3 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?

*“Eu não sou muito a favor disso, porque acho que é muito importante os pais terem outras medidas, porque aí é estar a retirar a criança de um compromisso que tem, ou seja, se por um lado estão a dar um castigo para atingir um outro objetivo na vida da criança, por outro lado, estão a explicar à criança que “ok, não atingiste este objetivo mas também não vais atingir este”, e acabam por não conseguir definir prioridades, não ajuda mesmo no desenvolvimento da criança, ou seja, eu entendo a parte dos pais, porque muitas vezes não têm mais ferramentas e é a única arma que têm e a mais fácil, mas acho que não é a mais indicada.”*

**5. Compreender a ligação entre a prática da modalidade e a escola**

5.1 Como é que a prática desta modalidade pode influenciar o sucesso escolar?

*“Através da responsabilidade, as crianças que praticam dança na nossa associação, na sua grande maioria, 100% neste momento acho que é 100%, constituem também a vertente artística, logo têm uma responsabilidade de andar na associação não só para aprender enquanto unidade singular, mas também como grupo, ou seja, elas desenvolvem um trabalho de grupo que é apresentado posteriormente ao público, ou seja, isto desenvolve um sentido de responsabilidade na criança, “eu não ando ali só para aumentar as minhas capacidades enquanto pessoa, mas tenho de contribuir para o desenvolvimento da associação, para o desenvolvimento do grupo e para o desenvolvimento dos nossos espetáculos”, tem de haver um compromisso, isto faz com que este sistema de compromisso seja adquirido logo desde muito cedo e que depois traz outras vantagens a nível da escola, que acaba a criança por a partir daqui aumentar o seu sentido de responsabilidade, de trabalho em equipa.”*

5.2 Quais as medidas/regras que a vossa associação tem ligadas ao rendimento escolar?

*“Não temos.”*

5.3 Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.

*“Sim, sim, sim, sem dúvida que sim. Os currículos até estão bem desenhados no sentido que incluem as atividades artísticas ou desportivas, e posso-me referir, por exemplo, está estipulado e definido regras, metas de aprendizagem para as crianças na área da dança, no pré-escolar, no entanto, nós vamos verificar o que é que as educadoras fazem a nível da dança e não conseguem, muitas vezes umas não conseguem porque não tem formação para tal, outras não conseguem porque não têm sequer meios nem nunca tiveram capacidade para desenvolver este tipo de atividades, ou seja, as metas estão lá, os conteúdos estão lá, está tudo muito bem definido mas depois as educadoras na altura que tiraram as suas formações não tinham sequer este tipo de componente, logo agora não conseguem desenvolver com os meninos, e acontece que ir buscar estes recursos fora, por vezes é muito caro e as escolas contornam a situação, e acaba por esta vertente artística passar ao lado. Eu estou-me a referir ao pré-escolar que é a área que eu trabalho mais e é mais concreta, é o que eu tenho conhecimento é que estão lá as metas, eu acredito que no 1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo, também haja qualquer coisa relacionada com as artes e com a dança, mas pronto, aí eu ainda não estou muito inteirada do que é que os professores conseguem fazer com eles, se calhar até há professores de educação física que alguns até conseguem colmatar melhor essas falhas, agora aquilo que eu noto, é que os educadores de infância, a maioria, não consegue colmatar essas falhas.”*

**6. Conhecer a opinião sobre a perspetiva da sociedade relativamente à prática da modalidade**

6.1 Como caracteriza os apoios públicos/privados que a associação recebe?

*“São escassos, são muito poucos porque a nível da dança, para já, as candidaturas são processos cada vez com mais requisitos, cada vez mais elaborados e para desenvolver um projeto e dança, a professora ou está a dar aulas de dança ou está a fazer a concessão destes projetos, porque isto requer muita coisa e não é fácil, e depois, para além de toda a trabalhadeira que dá fazer a concretização dos projetos, o panorama final é que candidatamo-nos 50 instituições público-privadas e depois só 10 é que têm acesso, ou seja, isto faz com que haja uma desmotivação geral para candidaturas, porque até achamos tudo muito interessante, temos as ideias e tudo muito estruturado mas depois os apoios são muito poucos.”*

6.2 Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê?

*“Sim, são desvalorizadas sem dúvida que sim, porque até mesmo as próprias autarquias, juntas de freguesia, muitas vezes podiam aproveitar os próprios recursos das associações juvenis, associações culturais e artísticas, e acabam por muitas vezes ir contratar outro tipo de serviços fora da associação, estou-me a lembrar, por exemplo, do Dia Mundial da Criança, os municípios muitas vezes comemoram esse dia, o que eles vão contratar são empresas de fora para insufláveis, para contar histórias, para fazerem atividades desportivas, quando podiam dar um apoio às próprias associações do município e serem eles em conjunto a desenvolver este tipo de atividades, era uma mais-valia para todos, ou seja, acabamos por ficar para trás quando se podia aproveitar o que existe no município.”*

6.3 Indique sugestões para melhorar e valorizar a prática desportiva/artística a todos os níveis.

*“Fazer parte de uma equipa multidisciplinar por municípios ou por concelhos onde pudéssemos dar o nosso contributo e também estar a par daquilo que são os contextos sociais, a ação social, cultural e desportiva dos municípios, sermos chamados a estar presentes, a dar o nosso contributo, a reunirmos, penso que a partir daí seria uma mais-valia.”*

## **7. Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações**

7.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

*“Muitos.”*

7.2 Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

*“Por acaso nesse caso concreto, eu já cheguei em anos a entrar em contacto com a CPCJ de Salvaterra de Magos, já para aí há uns 6/7 anos, o que é que acontecia, tinha lá meninos que queriam ir dançar, iam às aulas de experimentação e quando aquilo passava a pagar desistiam, pura e simplesmente não tinham dinheiro e depois é uma situação um bocadinho controversa que é, ou deixas andar e fechas os olhos, mas acaba por ser injusto para os que andam a pagar, ou não sabes muito bem o que hás de fazer, e o que é que eu na altura fiz, estabeleci um contacto com a presidente da CPCJ da altura, mas não deu em nada, para tentar perceber se conseguíamos através da CPCJ, fazer uma parceria, algo vinculado, que permitisse os casos que estão sinalizados, as crianças terem acessos, sinalizados obviamente não pode ser o filho de uma médica e de um advogado a ter acesso à dança gratuita, mas se calhar casos identificados com fracos recursos financeiros, e aí já tínhamos algo palpável para dizer “não, esta criança não*

*paga mensalidade porque está dentro deste requisito”, já não éramos nós a decidir mas havia aqui uma base de parceria que permitia uma justificação, e aqui é assim em termos de associação o que é que ganhávamos, zero, mas em termos de apoio social por um lado ganhávamos por outro perdíamos, estávamos a contribuir para o desenvolvimento, estávamos a fazer enquanto associação que aquela criança pudesse ter aulas, mas na altura não deu nada. Eu nunca mais pensei nisso, agora com essa pergunta eu lembrei disso, que já tínhamos tentado fazer isso, depois entretanto também já fizemos uma série de projetos de forma a que todas as crianças tenham acesso à dança, por exemplo, temos os projetos de Dança Educativa em instituições, em que sabemos que somos das associações a praticar o preço mais baixo que é, nós cobramos 5€ por mensalidade tanto na dança como na expressão físico-motora, qualquer outra associação não cobra menos de 10€ pelo menos daquilo que eu sei, daquilo que tenho falado e dos estudos que há sobre isso, as atividades é tudo 10€, nós aqui tentamos 5€ para isso mesmo, é uma política para que todos possam, e mesmo assim muitos ficam à parte nem conseguem esses 5€.”*

### 7.3 O que a escola pode fazer nesse sentido?

*“Parcerias, muitas parcerias com estes tipo de associações que estão disponíveis para colmatar estas dificuldades, mas que muitas vezes as escolas não está recetiva, por exemplo, temos os agrupamentos que uns anos querem outros não querem, mesmo aqui na nossa zona, por exemplo, o agrupamento de Marinhais tem sido sempre impecável, deixa-nos ir dar lá aulas a troco de zero, eles não ganham nada com isso, quem é que ganha, são as crianças que podem ter essa atividade gratuita ficam lá mais um bocadinho no final das aulas, o agrupamento de Salvaterra nem sempre é fácil, mas também temos tido já alguns anos conseguimos dar lá as aulas e temos tido sucesso com elas, só este ano por causa do COVID é que não, mas é difícil lá entrar, é muito difícil, as instituições públicas estão muito fechadas a este tipo de situações, não sei se é por causa dos custos, porque quer queiramos que não isto tem um custo para os pais e muitas vezes essa questão do custo pode levar a que os agrupamentos fiquem a pensar, será que vale a pena, sem querer estão a fazer discriminação, porque uns podem outros não, agora aqui é a questão, vamos proibir os que podem por causa dos que não podem?”*

### 7.4 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

*“Sim, sim, sim. Para já porque eu acho que a área social atravessa com todas as áreas da nossa sociedade e depois é importante o assistente social, o técnico social, faz sempre falta numa associação, não só para este tipo de casos para fazer o elo de*

*ligação, mas muitas vezes para ver, para assistir porque tem uma perceção diferente de um técnico de dança a dar uma aula de dança, às vezes a partir de só de uma entrega de uma criança, o técnico estando presente, consegue detetar ali situações que o professor de dança não tem formação naquela área, não sabe, e consegue fazer outro tipo de estudo e intercalado com a equipa da associação, com os vários componentes da associação, acho que se consegue desenvolver projetos muito interessantes e acho que a área social é fundamental tanto nas artes, como no desporto, como na infância, na juventude.”*

#### 7.5 Quais seriam os benefícios?

*“Para as crianças é sem dúvida proporcionar a igualdade de oportunidades, que é o principal problema que nós encontramos aqui nas nossas associações, na verdade a maioria quer, mas eu vejo agora pelas AECS, “tu és a Babá das Dream Dancing, gostava tanto de lá andar mas a minha mãe não deixa”, ou seja, para muitas crianças é um sonho ir para as Dream Dancing, e se calhar é um sonho e para além disso elas pensam e os pais pensam que aquilo até é muito caro, mas o que é que era preciso aqui? Uma técnica social para trabalhar este tipo de situações junto das escolas, junto das famílias, explicar “olhe a sua filha quer, há esta atividade”, não só na dança, mas “olhe a dança é x, a ginástica é x, o futebol é x, vá, experimente”, é importante, não só a dança, não tem que ser só a dança, eu falo na dança por causa dos projetos que tenho vindo a desenvolver acho que era importante neste sentido, estou aqui a falar um bocadinho pelas outras associações, porque é o que eu acho, mas acho que era importante, até mesmo, se calhar não se fazia sentido, quer dizer faz porque a gente tem sempre muitas ideias na Dream, mas em associações que não trabalham muito a área social, se calhar o futebol, o andebol, mas terem a part-time ou assim uma técnica que envolve-se aqui as várias associações e que pudesse trabalhar, pudesse ir perceber quem são os alunos desta entidade, quem são os meninos inscritos no andebol, as características deles, será que os amigos deles também querem? Porque é que não vêm? E a técnica neste caso é que ia fazer este serviço, fazia essa investigação com os dirigentes, “olha o que podemos fazer para estes meninos virem? Eles não têm recursos, vamos fazer isto assim, vamos fazer protocolos”, acho que era mais por aí.”*

#### 7.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“Os protocolos, as parcerias, a divulgação, equipas multidisciplinares, ou seja, imagina tu como técnica social, não estar tudo centrado em ti porque às vezes tens uma visão completamente diferente como técnica aprendeste uma coisa, mas ouvires e perceberes a realidade lá está, dos vários clubes, porque aquilo que eu digo, não é o que o futebol diz, não é o que a natação diz, temos todos visões diferentes.”*

## **Anexo 16 – Entrevista a dirigente MV**

### **1. Caracterização Sociodemográfica**

1.1 Idade (anos e meses)

*“31 anos e 11 meses.”*

1.2 Sexo

*“Feminino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Licenciatura em Educação Física e Desporto.”*

1.4 Profissão

*“Neste momento técnica da CPCJ de Salvaterra de Magos e Presidente da Associação Grupo de Dança Dream Dancing.”*

1.5 Anos de experiência na área

*“Nas Dream Dancing há 11 anos.”*

1.6 Estado Civil

*“União de facto.”*

1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“No concelho.”*

### **2. Caracterização da sua experiência profissional e da associação em que trabalha**

2.1 Em que associação trabalha?

*“Associação Grupo de Dança Dream Dancing.”*

2.2 Qual a modalidade desportiva/artística praticada na associação?

*“Dança.”*

2.3 O que é ensinado/transmitido na vossa associação?

*“Então para além da parte desportiva acho que esta associação tem um forte cariz familiar de entreatajuda, espírito de entreatajuda, de companheirismo.”*

2.4 Conte-nos o seu percurso/experiência na área.

*“Então, comecei nesta área desde muito pequenina, começámos por fazer coreografias a nível da escola, entretanto a coisa começou-se a tornar um bocadinho mais a sério, até formarmos a associação, depois aos pouquinhos a associação foi crescendo, foi a primeira associação de dança no concelho e isso também foi um fator para termos muitas crianças na altura principalmente as meninas que não tinham tanta resposta a nível desportivo no concelho, gostam mais de dançar normalmente, e desde logo tivemos uma grande adesão, foi crescendo. Comecei por praticar a dança a nível muito amador e para ocupar os tempos livres, depois achei que devia de levar esta situação um bocadinho mais a sério e acabei por tirar a Licenciatura em Educação Física e Desporto e acredito que tenha sido impulsionado por pertencer a esta associação, por gostar de dança, por gostar de desporto, mas acho que se talvez a decisão tenha sido por tentar evoluir um bocadinho nesta área. Depois de estar licenciada desde sempre trabalhei na associação como professora e também fazendo parte dos órgãos sociais da associação. Dei aulas de fitness, Hip Hop e dança educativa. A dança educativa e o fitness foi logo desde 2010 até 2021 e o Hip Hop foi para aí 2 anos depois (2012).”*

### **3. Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

3.1 Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual?

*“Sim, para já acho que a prática desportiva, e falando um bocadinho no meu caso que faço desporto desde muito pequenina, acho que disciplina as crianças, para já porque ajuda-nos a racionar o tempo livre que temos, porque para além dos tempos livres, temos o tempo para fazer os trabalhos de casa, para estudar, e logo desde muito cedo começamos a gerir esse tempo, quanto mais cedo começarmos a prática desportiva, mais cedo começamos a perceber que temos de gerir o tempo de forma a termos tempo para os nossos tempos livres, para os nossos hobby, atividades desportivas culturais, etc, e para a escola, e acho que isso é muito importante para as crianças, depois também a nível da socialização, desde cedo conhecermos outras crianças, outros jovens e partilharmos atividades e mesmo aventuras, vamos adquirindo estas experiências e vamos tornando-nos melhores pessoas e com outra bagagem por todos estas partilhas.”*

3.2 Acha que a vertente competitiva tem impacto na vida de uma criança/jovem?

*“É um “pau de dois bicos” na minha opinião, a vertente competitiva pode-se demonstrar uma mais-valia para a criança ir ultrapassando objetivos, ir delimitando*

*objetivos e ir se ultrapassando a si própria para os conseguir atingir. Por outro lado, pode-se tornar limitadora, porque quando a competição é feita a alto nível pode tornar-se limitadora na medida em que a criança deixa de ter tempo e foca-se de tal forma na competição, que deixa de ter tempo para brincar e para fazer as coisas que são próprias de criança.”*

3.3 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?

*“Acho que cada caso é um caso, acho que se for bem dirigida e se os pais e os treinadores derem um apoio de forma a que a criança consiga gerir bem sim, se não houver esse apoio pode-se tornar até má para o desenvolvimento psicossocial.”*

3.4 Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Sem dúvida, limitou para além da prática desportiva, que é fundamental nos jovens, limitou a interação social, fez com que as crianças ficassem viciadas em ecrãs e menos despertas para o mundo.”*

**4. Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da modalidade**

4.1 Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade?

*“Os pais devem motivar e tentar arranjar estratégias para acompanhar, por muito que seja difícil nos dias de hoje os pais acompanharem as crianças, mas é importante que este acompanhamento seja feito para a criança se sentir protegida também nesta área e para se sentir motivada, porque o que acontece muitas vezes com as crianças é que os pais levam-nas às atividades, a criança anda lá um ou dois dias, uma ou duas semanas vá lá, e acaba por não gostar ou haver desmotivação e os pais muitas das vezes os pais tiram “ah afinal não gostou” acho que deve haver um incentivo por parte dos pais, que devem de mostrar às crianças que a prática da atividade física seja ela qual for tem benefícios para saúde, e incentivar, claro que se a criança não gostar tentar optar por outras atividades, mas sempre motivando, para além disso, e tendo em conta do que foi a minha formação, há estudos que comprovam que quanto maior for o leque de atividades que dermos a uma criança na infância melhor, portanto, devemos incentivar a fazer atividades e a não desistir, mas deixá-la experimentar um leque de atividades, não só para ela perceber realmente qual gosta mais, mas também para desenvolver as suas capacidades motoras, porque sabemos que cada atividade, cada desporto, desenvolve certas e determinadas capacidades e a criança na infância*

*deve desenvolver todas elas, passando por vários desportos, várias atividades, consegue desenvolver a amplitude de todas as atividades.”*

4.2 Quais as consequências da atitude dos pais face à prática desta modalidade?

*“Em relação à dança, muito particularmente, temos aqui um problema que é, apesar das mentalidades terem vindo a evoluir neste campo, ainda há muito o estigma de que a dança é para as meninas logo limita, muitos pais ainda limitam a participação dos filhos na dança por serem rapazes, mas mesmos assim temos visto uma melhoria, mas se olharmos para a nossa associação vemos que cerca de 90% da associação é do sexo feminino, portanto os pais são os principais intervenientes e responsáveis na decisão dos filhos e tem de partir deles a motivação para os filhos praticarem este tipo de atividades.”*

4.3 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?

*“Acho mal, acho que temos de “castigar” com aquilo que não é bom para a criança, que eles gostam mas que não seja bom, sendo o desporto bom para eles, para mim que é como se fosse a escola, é um dever que eles têm ir à escola, é um dever terem de ir fazer a atividade que eles escolheram, portanto se temos de castigar, então vamos castigar por aquilo que não é um dever, que eles fazem como hobby, como tempos livres, mas aqui foi um compromisso, aqui é um compromisso que eles têm também com o clube, com os colegas com quem treinam, com quem fazem as atividades e portanto neste ramo também não podem falhar e acho que é isso que devemos inculcar neles.”*

**5. Compreender a ligação entre a prática da modalidade e a escola**

5.1 Como é que a prática desta modalidade pode influenciar o sucesso escolar?

*“Pronto, sabemos que a dança tem inúmeros benefícios para as crianças e para os jovens, não só a nível motor, mas a nível de socialização, porque normalmente esta atividade é feita em conjunto não é um desporto individual, por isso as crianças socializam. Ao socializarem estão a adquirir competências que depois se tornam importantes também no sucesso escolar, as crianças quando dançam ficam mais felizes, mais predispostas a aprender, e ali também aprendem técnicas de aprendizagem que depois podem reportar a nível escolar.”*

5.2 Quais as medidas/regras que a vossa associação tem ligadas ao rendimento escolar?

*“Não tem nenhuma.”*

5.3 Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.

*“Acho que pode valorizar mais ainda, acho que tem vindo a ser feito um caminho nesse processo de valorização, mas acho que ainda se podia fazer mais neste aspeto de motivar as crianças à prática desportiva e acho que podia haver um interlocutor entre as escolas e as associações e clubes locais, de forma a encaminhar estas crianças para as atividades físicas.”*

**6. Conhecer a opinião sobre a perspetiva da sociedade relativamente à prática da modalidade**

**6.1 Como caracteriza os apoios públicos/privados que a associação recebe?**

*“Nós sabemos que as associações fazem o papel do estado nesta parte de promover a cultura e o desporto, sendo assim, o estado tem o dever de apoiar ao máximo estas associações que desenvolvem a cultura e o desporto. Na nossa associação, especificamente, como somos uma associação juvenil e somos a única no concelho, conseguimos ter apoios que outras associações não conseguem por não serem juvenis, temos o apoio do IPDJ que é fundamental para o desenvolvimento das nossas atividades, aliás sem ele era impossível e principalmente neste tempo de pandemia era impossível continuarmos com a associação de pé, por isso é muito importante manter esta associação com este carácter juvenil, para conseguirmos usufruir destes apoios, se bem que estes apoios não caem do céu, é preciso muito tempo de candidaturas, muito tempo a realizar as candidaturas, a pôr tudo no papel aquilo que é projetado na associação, são procedimentos muito burocráticos mas que acabam por trazer benefícios, portanto, exigem muito dos dirigentes porque passam muito tempo a fazer este tipo de projetos e candidaturas, mas depois há um retorno financeiro que é bastante positivo, para além disso, temos um apoio do município, não só nas instalações onde desenvolvemos as atividades, que é o pavilhão municipal, mas também a nível financeiro, algo que anualmente nos é dado, um apoio financeiro por parte da autarquia que eu considero que poderia ser maior, tendo em conta a importância da atividade física, e há aqui uma coisa que não sei se mais à frente haverá esta pergunta que é mais relacionada com o associativismo, que é, na minha opinião, cada vez mais as pessoas se ligam menos a clubes, a associações, tudo o que é um trabalho voluntário as pessoas estão cada vez menos dispostas a fazê-lo. Se não houver um apoio para realizar estes trabalhos por parte do estado e da câmara, as pessoas sentem-se cada vez menos motivadas a participar, porque vêem-se sem meios para desenvolver as atividades que querem desenvolver, portanto acho que é importante o estado e a nível local as autarquias,*

*perceberem que é essencial o apoio a estes clubes e a estas associações. As associações não são tão valorizadas como deveriam de ser.”*

6.2 Indique sugestões para melhorar e valorizar a prática desportiva/artística a todos os níveis.

*“Primeiro criar mais eventos onde possa ser demonstrado o trabalho que é feito nas associações, valorizar as crianças como com uma entrega anual de um prémio, uma coisa simbólica para as crianças, para as atrair, um evento simbólico anual em que houvesse uma entrega de prémios pelas atividades, mas normalmente isso está muito direcionado para a competição, normalmente essas coisas são feitas para quem compete e não para aqueles que fazem isto de uma forma lúdica, mas o simples facto de participarem numa associação, acho que já é motivo para premiar essas crianças e devia de ser feito.”*

## **7. Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações**

7.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

*“Sem dúvida. (Muitos?) Sim. Dentro das associações podemos ver que sim, mas a maior parte deles, que têm as maiores fragilidades económicas, daquilo que eu vejo, nem sequer estão no seio das associações até porque hoje em dia é raro a associação que faz um serviço gratuitamente, porque também é impensável não se consegue pagar a técnicos, sem termos um valor, uma mensalidade, seja o que for, portanto pelo menos aqui em Salvaterra eu não conheço nenhuma atividade que seja gratuita e estas crianças que vivem com maiores dificuldades claro que os pais põe estas atividades para último plano e ficam privadas de usufruírem das mesmas.”*

7.2 Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

*“Neste âmbito a associação já teve vários casos que soube que havia crianças que não tinham possibilidades e facilitou a participação destas crianças a custo zero na associação.”*

7.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?

*“Lá está, a escola pode direcionar estes casos, se perceber que a criança realmente tem um gosto especial por determinada atividade, eu acho que deve direcioná-la para as associações e em conjunto com a associação perceber se há possibilidade de integrá-la, tal como nós fizemos com algumas crianças a custo zero para elas*

*continuem a fazer atividade física, haver aqui uma comunicação entre a escola e as associações para perceber se há possibilidade disso.”*

7.4 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

*“Sim, sem dúvida e até podia ser esse assistente social que tem as noções das dificuldades das famílias que deveria fazer esta ponte, sim.”*

7.5 Quais seriam os benefícios?

*“Porque lá está, é o assistente social que está mais dentro da questão social do concelho e consegue perceber quais são as crianças que necessitam e estando a trabalhar diretamente com as associações, a perceber quais são as associações que estão dispostas a receber, e também fazer um bocadinho de sensibilização destas associações e clubes para perceberem esta situação e para desenvolverem métodos para receber essas crianças.”* (E quais seriam os benefícios dessa ligação?) *“A associação ia ter mais alunos que é sempre benéfico, uma associação quantos mais alunos tiver melhor, e para a criança, claro para a criança ainda seria o benefício maior que iria usufruir de um serviço para além de uma ligação com outras crianças.”*

7.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“A parceria, sim.”*

## **Anexo 17 – Entrevista a dirigente MS**

### **1. Caracterização Sociodemográfica**

1.1 Idade (anos e meses)

*“45 anos e 5 meses.”*

1.2 Sexo

*“Feminino.”*

1.3 Habilitações literárias

*“Sou técnica certificada de contas”*

1.4 Profissão

*“Técnica certificada de contas.”*

1.5 Anos de experiência na área

*“Contabilidade 10 anos e no Clube 16 anos.”*

1.6 Estado Civil

*“Casada.”*

1.7 Residência no concelho ou fora deste

*“Residência no concelho.”*

### **2. Caracterização da sua experiência profissional e da associação em que trabalha**

2.1 Em que associação trabalha?

*“No Clube de Trampolins de Salvaterra como dirigente.”*

2.2 Qual a modalidade desportiva/artística praticada na associação?

*“Ginástica de trampolins.”*

2.3 O que é ensinado/transmitido na vossa associação?

*“Para além da técnica especializada de ginástica, a formação deles pessoal, a forma de saber lidar com muitas circunstâncias, nestas associações também nunca se lida apenas com a parte técnica, lida-se também com o lado humano que é muito importante.”*

2.4 Conte-nos o seu percurso/experiência na área.

*“Eu entrei neste clube, até porque a minha filha foi para os Trampolins e a direção anterior cessou atividade e acabei por entrar e foi começando, foi gradual e era necessário, era preciso coisas e eu fui andando, fui andando e então aqui estou. Tava nos órgãos sociais logo inicialmente, e fui para dirigente 2 ou 3 anos depois se calhar, não me recordo.”*

**3. Compreender o impacto que a prática da modalidade tem na vida de uma criança/jovem**

3.1 Existe impacto da prática desportiva/artística na vida de uma criança/jovem? Se sim, qual?

*“Acho, sem dúvida nenhuma. Já temos tido vários exemplos dessa circunstância. Às vezes conseguimos ver jovens a entrar degradados emocionalmente em certas circunstâncias e que começam a ter uma perspetiva diferente da vida e as verem que há muito mais para além do que aquilo que eles estavam habituados até ali.”*

3.2 Acha que a vertente competitiva tem impacto na vida de uma criança/jovem?

*“Existe a vertente competitiva. Nem todos lidam bem com a competição, mas em geral eles acabam todos por ceder e irem para a competição, porque o espírito competitivo em Portugal e nos Trampolins no geral, mesmo entre clubes há uma humanidade, e eles puxam todos uns pelos outros, eles são parceiros e eu acho que isso é muito importante porque hoje em dia vê-se no futebol aquelas rivalidades horríveis e portanto aqui não há esse rivalidade, seja Sporting, seja Benfica, seja CTS, seja CTE, eles trocem todos uns pelos outros e eu acho que essa amizade que eles criam a nível nacional é muito bom.”*

3.3 Acha que é importante para o seu desenvolvimento biopsicossocial?

*“Sim, sem dúvida nenhuma. Lá está, porque muitos deles chegam retraídos e acabam por ganhar horizontes diferentes, amizades e a perceber exatamente que conseguem ter outras expectativas de vida e por aí conseguem perceber que não precisam de estarem fechados, conseguem fazer amizades e há amizades ali que são para toda a vida sem dúvida nenhuma.”*

3.4 Acha que a pandemia teve impacto na prática desta atividade e no desenvolvimento das crianças/jovens? Se sim, em que sentido?

*“Teve, teve sem dúvida nenhuma! Acho que esta pandemia foi má para toda a gente, mas o desporto deveria de ter continuado, porque de alguma forma é mais fácil*

*controlar em plena pandemia um grupo de ginastas, ou qualquer outro tipo de atletas, desde que seja com controlo mesmo que eles não tivessem tantos treinos como tinham, mas mais disciplinados e com mais segurança, eu penso que isto teria sido mais fácil para eles, para lidarem com o dia a dia, porque hoje em dia eu acho que eles já se perderam um bocado em relação à escola, em relação a tudo, acabaram por perder um bocado os horizontes porque o nosso corpo acomoda-se às coisas e é muito bom estar em casa, mas eles também gostam e sentem falta, e eu acho que isto lhes fez muita falta, as amizades os treino... de tudo.”*

#### **4. Compreender o papel dos pais/cuidadores no âmbito da prática da modalidade**

4.1 Qual o papel dos pais relativamente à prática desta modalidade?

*“Verdadeiramente são os nossos primeiros parceiros, porque sem os pais era impossível os miúdos poderem treinar, poderem ir para os treinos porque lá está, como o “C” disse, eles começam desde muito pequenos, e ou tem alguém que os leve, e que os traga e que espere muitas vezes, há pais que chegam a ir ficam à espera uma hora e meia, ou depois vêm, exige muita parceria por parte dos pais, sem dúvida nenhuma.”*

4.2 Quais as consequências da atitude dos pais face à prática desta modalidade?

*“Os pais muitas vezes, são tão parceiros que às vezes esquecem um bocado que são só parceiros, não são treinadores e, portanto, acabam por baralhar um bocado e fazer algumas pressões naquelas cabeças, mas eles acabam por aprender a lidar com isso e com os pais sem dúvida nenhuma.”*

4.3 O que acha de castigos como não ir a um treino/ensaio/jogo/atuação/espetáculo?

*“São castigos que nunca concordei, verdadeiramente. Acontecem, ainda hoje acontecem muito, porque muitas vezes eles estão no castigo e depois vão para casa para o Facebook, para aqui para acolá, portanto não estão a ser castigados propriamente dito, é só por não irem ao treino, e faz-lhes falta aquela mitologia e aquelas regras.”*

#### **5. Compreender a ligação entre a prática da modalidade e a escola**

5.1 Como é que a prática desta modalidade pode influenciar o sucesso escolar?

*“Isso é um bocado como o “C” diz, normalmente eles quando são disciplinados, são disciplinados num lado e no outro e lá está, por isso há bocado ter dito, dos ginastas entrarem na escola e colocarem tudo completamente ao contrário e de repente aprendem*

*a ter uma disciplina diferente e acabam por olhar também para os colegas que são parceiros e para a disciplina, e passam a ter outra disciplina também na escola.”*

5.2 Quais as medidas/regras que a vossa associação tem ligadas ao rendimento escolar?

*“Nós não aplicamos medidas, eu sei que há associações que “se não tiveres boas notas não podes vir aos treinos”, muito pelo contrário, os próprios treinadores têm muito esse cuidado também de falarem com eles, e de arranjar uma parceria com os pais de maneira a ceder e dos pais também terem uma espécie de “psicólogo” por parte dos nossos treinadores sem dúvida nenhuma.”*

5.3 Acha que a escola desvaloriza a prática desportiva/artística? Exemplifique.

*“Não, não propriamente. Acho que podiam ser mais parceiros, acho que podiam aproveitar as associações locais e podiam fazer mais parcerias, era bom para a escola, era bom para os miúdos e era muito importante.”*

## **6. Conhecer a opinião sobre a perspetiva da sociedade relativamente à prática da modalidade**

6.1 Como caracteriza os apoios públicos/privados que a associação recebe?

*“Eu acho que nós recebemos da medida daquilo que é possível às entidades, sem dúvida nenhuma. Claro que temos despesas e coisas muito acrescidas, porque temos muitas provas no estrangeiro e são provas de apuramento, portanto nem sequer podemos dizer, não devemos de pôr os miúdos em apuramento e agora “conseguiste o apuramento agora não podes ir porque não temos dinheiro”, não se pode fazer estas coisas e portanto aí, lá está, recebemos na medida do que é possível, porque nós também temos a ideia de que eles fazem aquilo que é realmente possível e pronto, agora é só passar a pandemia para nós também pudermos começar a fazer os saraus e essas coisas todas, de maneira a poder facilitar esse tipo de angariação de fundos, sem dúvida nenhuma.”*

6.2 Acha que as associações deste tipo são desvalorizadas? Se sim, por quem e porquê?

*“Não eu não acho que somos desvalorizados, eu acho que as pessoas que nos conhecem, que gostam de nós, quando as coisas correm bem é tudo muito bonito e às vezes quando as coisas correm mal, mas isso acontece em tudo na vida, não é só nas associações, não é só neste tipo de trabalho. Mas em geral, eu acho que as pessoas gostam muito de nós e vê-se isso porque quando vamos a campeonatos para aqui ou para acolá eles estão sempre a torcer por nós, estão sempre a desejar-nos boa sorte, estão do nosso lado sem dúvida nenhuma.”*

6.3 Indique sugestões para melhorar e valorizar a prática desportiva/artística a todos os níveis.

*“Eu penso que aquela história das parcerias entre as escolas, poderia ser muito importante porque eles têm sempre pelo menos uma tarde livre, e essa tarde livre o desporto escolar acaba por ser fechado dentro das paredes da escola enquanto as associações podem conseguir conciliar um bocado disso através dos sítios onde há treinos, no nosso caso temos algo específico, nós precisamos dos trampolins mas há as danças, há o judo, há outro tipo de modalidades que podiam todos, de uma forma podia haver uma escolha e eles podiam passar por isso tudo.”*

## **7. Compreender a sua perspetiva sobre a introdução do serviço social nas associações**

7.1 Apercebe-se de que alguns alunos vivem com fragilidades socioeconómicas?

*“Sim, já tivemos situações sim. Eu acho que está mais ao menos equilibrado sim, há dificuldades, há carências maiores que são visíveis assim a olho nu e há outras que no dia a dia vamos nos apercebendo sem dúvida.”*

7.2 Se sim, o que fez/faz nesse âmbito ou o que gostaria de ter feito?

*“Nós tentamos sempre fazer de várias vertentes, como o “C” já disse no pagamento da contribuição mensal não pagam, quando vamos para as competições tentamos sermos nós a suportar e tentamos fazer este tipo de “jogo”, porque se eles vão para competições externas é porque se apuraram, é porque têm esse valor e, portanto, não devem ficar só porque não podem pagar.”*

7.3 O que pode a escola fazer nesse sentido?

*“Nesse sentido não há muito que a escola possa fazer, porque... quer dizer podem fazer na parte escolar, mas essa parte também esta toda pensada, em relação a treinos e isso é mais difícil a escola trabalhar diretamente, a tal parceria acabava por resolver um bocado disso tudo, era um bocado disso.”*

7.4 Acha que seria benéfico para os alunos e para a própria associação, ter um assistente social na mesma, para intervir com estas famílias? Porquê?

*“Ser, seria, mas lá está, financeiramente isso nunca seria suportável, a ideia que o “C” deu acabou por ser muito boa, porque se houvesse um núcleo que pudesse abranger todas as associações, nós somos tantos, era muito mais fácil de se calhar gerir, e calcular muitas das situações que aparecem, sem dúvida nenhuma.”*

7.5 Quais seriam os benefícios?

*“Seria benéfico para todos nós, os clubes acabariam por ter um apoio extra, apesar dos clubes hoje em dia organizarem-se todos a partir desse meio porque todos nós temos de nos organizar, para as famílias em si e mesmo para os próprios miúdos.”*

7.6 O que acha que poderia ser feito neste âmbito?

*“A tal situação, acabei por dizer tudo na mesma. Exatamente haver esse tal núcleo era muito importante se calhar.”*